



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE POS-GRADUAÇÃO EM ENSINO FILOSOFIA E HISTÓRIA
DA CIÊNCIA

JOHN ERLITON SIMÃO DOS SANTOS

HISTÓRIAS DE VIDA: EXPERIÊNCIAS, MEMÓRIA E VOZ DE
TRÊS PROFESSORAS, PIONEIRAS NO CURSO DE BIOLOGIA DA
UEFS.

Salvador- BA
2022

JOHN ERLITON SIMÃO DOS SANTOS

**HISTÓRIAS DE VIDA: EXPERIÊNCIAS, MEMÓRIA E VOZ DE
TRÊS PROFESSORAS, PIONEIRAS NO CURSO DE BIOLOGIA DA
UEFS.**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia/Universidade Estadual de Feira de Santana, como requisito para obtenção do título de Doutor em História das Ciências.

Orientador: Prof. Dr. Juan Manuel Sánchez Arteaga

Coorientadora: Prof^a. Dr^a. Indianara Lima Silva

Linha de Pesquisa: História das Ciências.

Salvador- BA
2022

Dados internacionais de catalogação-na-publicação

SIBI/UFBA/Faculdade de Educação – Biblioteca Anísio Teixeira

Santos, John Erliton Simão dos.

Histórias de vida : experiências, memória e voz de três professoras, pioneiras no Curso de Biologia da UEFS / John Erliton Simão dos Santos. - 2022.

242 f. : il.

Orientador: Prof. Dr. Juan Manuel Sánchez Arteaga.

Coorientadora: Prof.^a Dr.^a Indianara Lima Silva.

Tese (Doutorado) - Universidade Federal da Bahia. Programa de Pós-Graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências, Salvador, 2022.

Programa de Pós-Graduação em convênio com a Universidade Estadual de Feira de Santana.

1. Mulheres na ciência - História. 2. Professoras de Biologia - Vida intelectual. 3. Universidade Estadual de Feira de Santana. 4. História de vida. I. Sánchez Arteaga, Juan Manuel. II. Silva, Indianara Lima. III. Universidade Federal da Bahia. Programa de Pós-Graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências. IV. Universidade Estadual de Feira de Santana. V. Título.

CDD 500.82 - 23. ed.

Elaborado por Maria Auxiliadora da Silva Lopes- CRB-5/1524¹

¹ Resolução nº 184, 29 de setembro de 2017, do Conselho Federal de Biblioteconomia, que torna obrigatório a indicação do nome e do registro profissional do bibliotecário nas fichas catalogadas sob sua responsabilidade



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO, FILOSOFIA E HISTÓRIA DAS CIÊNCIAS

Faculdade de Educação – FACED
Avenida Reitor Miguel Calmon, s/n, Campus Canela, 40110-100, Salvador – Bahia – Brasil
Fone: (71) 3283-7262/7264 | E-mail: ppgefhc@ufba.br

PARECER

A Tese **HISTÓRIAS DE VIDA: EXPERIÊNCIAS, MEMÓRIA E VOZ DE TRÊS PROFESSORAS, PIONEIRAS NO CURSO DE BIOLOGIA DA UEFS**, de autoria de John Erliton Simão dos Santos, é um valioso trabalho acadêmico, que traz contribuições de grande interesse para a história das ciências baianas, a história das mulheres nas ciências brasileiras, assim como para a história da Univ. Estadual de Feira de Santana. Devido ao rigor do trabalho de transcrição das histórias orais, ao rigor da pesquisa em fontes secundárias e da análise e às contribuições historiográficas da Tese para a compreensão da história das mulheres pioneiras na pesquisa biológica na UEFS, o trabalho realizado por John cumpre com sobrados méritos os requisitos de inovação, e qualidade da investigação atribuíveis a uma tese de doutoramento. Por conseguinte, a banca é unânime em considerar o trabalho de John como apto a passar neste exame. John deverá realizar as modificações indicadas pela banca antes de entregar o texto definitivo ao repositório institucional, especificamente no ponto relativo à trazer um maior diálogo com as histórias transcritas na análise e fazer uma revisão da escrita de gênero ao longo da tese.

CONCLUSÃO

X APROVADO (Art. 98, parágrafo 1º, do REGPG/UFBA)

<p>LOCAL SALVADOR</p>	<p>DATA 07/10/2022</p>	<p>ASSINATURA DA BANCA EXAMINADORA</p> <p> Dr. Juan Manuel Sánchez Arteaga</p> <hr/> <p>Dr. JUANMA SANCHEZ ARTEGA (Orientador)</p> <p> DR. INDIANARA SILVA (Co-orientadora)</p> <hr/> <p> Dra. CLAUDIA ALENCAR SEPULVEDA (Examinadora interna)</p> <p><small>Documento assinado digitalmente gov.br KATEMARI DIOGO DA ROSA Data: 12/10/2022 09:11:00-0300 Verifique em https://verificador.itl.br</small></p> <hr/> <p>Dra. KATEMARI DIOGO ROSA (Examinadora Interna)</p>
---------------------------	----------------------------	---

		<p> Dr. MARCO BARZANO (Examinador Interno)</p> <hr/> <p> Dr. MURILENA PINHEIRO ALMEIDA (Examinadora Externa)</p> <p><small>Documento assinado digitalmente gov.br IOLE MACEDO VANIN Data: 01/12/2022 09:57:12-0300 Verifique em https://verificador.itl.br</small></p> <hr/> <p>Dra. IOLE MACEDO VANIN (Examinadora Externa)</p>
--	--	--

“Antes da chegada há caminhos, andanças, barreiras, encontros e despedidas. Há lugares, experiências que só a memória é capaz de visitar e tornar vivas as histórias/vozes que nutrem esta pesquisa”.

RESUMO

Esta tese se constitui na elaboração de documentos textuais, que revelam a trajetória, nas Ciências Biológicas, de três professoras pioneiras do Curso de Biologia da Universidade Estadual de Feira de Santana- UEFS. Corroborando com a rede de divulgação e visibilidade das histórias de mulheres na Ciência através de narrativas relacionadas com o ato de partilhar mecanismos de resistência e colocar em evidência seus legados, que tendem a ser invisibilizados ao longo do processo histórico do curso e da universidade. Foram construídos textos, a partir de informações coletadas durante as entrevistas, que apresentam informações sobre a inserção das professoras na Biologia e suas contribuições na produção intelectual, assim como na administração de diversos setores da UEFS, tendo como suporte teórico/metodológico Meihy (2005) e Meihy e Holanda (2011). Em seguida, busquei as características comuns e o conjunto de questões uniformes que atravessam as histórias das professoras, por meio de uma análise coletiva de suas vidas, tendo como suporte metodológico (STONE, 2011). Foram colocados em discussão os imperativos que as conduziram para a Biologia, o contexto da formação acadêmica, a trajetória de pioneirismo na UEFS e os enfrentamentos de gênero vivenciados, em diálogo com a literatura que favorece a análise de estruturas históricas e que ainda perpassam a vida das mulheres na Ciência. Para a interpretação e análise das histórias, me apoiei em (MELO, 2009) que indica o olhar para as narrativas, pensando também as possíveis ferramentas de poder, implícitas nas falas das professoras, que as moldam e apoiam seus discursos.

Palavras chave: 1. Mulheres na ciência - História. 2. Professoras de Biologia - Vida intelectual. 3. Universidade Estadual de Feira de Santana. 4. História de vida

ABSTRACT

This thesis is a textual document preparation, that reveal the trajectory, in Biological Sciences, of three pioneer professors of the Biology degree at Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS. Ratifying the dissemination and visibility network of women's stories in Science, through related narratives of sharing tolerance mechanisms actions and putting in evidence the legacy, struggle and coping with sexism, that were unattainable throughout the historical process of both the degree and university. Therefore, contents were constructed from data collected during interviews, which presented knowledge about the introduction of professors in Biology and their contribution to intellectual property as well as to several administration sectors at UEFS, since its establishment, being the proposed procedures by Meihy (2005) and Meihy e Holanda (2011) the theoretical and methodological support. In the second part of the thesis, I looked for the common characteristics and the set of uniform questions that cross the teachers' stories, through a collective analysis of their lives, using methodological support (stone, 2011). The imperatives that led them to Biology, the context of academic training, the pioneering trajectory at UEFS and the gender confrontations they experienced were discussed, in dialogue with the literature, which favors the analysis of historical structures and still permeates the lives of women. women in science. For the interpretation and analysis of the stories, I relied on (MELO, 2009) who indicates the look at the narratives, also thinking about the possible tools of power, implicit in the teachers' speeches, which shape and support their discourses.

Keywords: 1 Women in Science- History. 2 Biology Teachers – Life Intellectual. 3 State University of Feira de Santana. 4Life Story

LISTA DE SIGLAS

ADUFS- Associação dos Docentes da Universidade Estadual de Feira de Santana;

AFES- Associação Feirense dos Estudantes Secundaristas;

BSCS - Biological Sciences Curriculum Study;

CAPES Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoas do Ensino Superior;

CEPLAC- Centro de Pesquisa da Lavoura Cacaueira;

CECIBA Centro de Ensino de Ciências da Bahia;

CFE- Conselho Federal de Educação;

CNPQ- Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico;

CONSAD- Conselho de Administração;

CONSEPE- Conselho Superior de Ensino Pesquisa e Extensão;

CONSU- Conselho Universitário;

COPAESC- Comissão Permanente de Acesso ao Ensino Superior;

CUCA Centro Universitário de Cultura e Arte;

BSCS -Biological Sciences Curriculum Study;

DERBA- Departamento de Estradas e Rodagens da Bahia;

IBDF- Instituto Brasileiro de Defesa Florestal;

IMF/UFBA- Instituto de Matemática e Física da Universidade da Bahia;

INEP- Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa Educacionais;

FAPEX- Fundação de Apoio à Pesquisa e à Extensão;

FBB- financiamento pela Fundação Banco do Brasil;

FEEFS- Faculdade Estadual de Educação de Feira de Santana;

FFLC- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências;

FOPROP- Fórum Nacional dos Pró-Reitores de Pesquisa e Pós-Graduação das Instituições de Ensino Superior Brasileiras;

LAP- Laboratório de Animais Peçonhentos;

LAPH Laboratório de Animais Peçonhentos e Herpetologia LAPH;

LAMVER- Laboratório de Morfologia Comparada dos Vertebrados;

LDB- Lei de Diretrizes e Bases da Educação;

LGBTQIAPN+- Lesbica, Gay, Bissexual, Transexual Transgenero e Travesti, Quee, Intersexual, A gênero, Pansexual, Gênero Neutro e outros a mais;

MEC- Ministério de Educação;

MP- Módulo Prático;

MT- Módulo Teórico;

MZFS- Museu de Zoologia da UEFS;

NEHO-USP Núcleo de Estudos em História Oral da Universidade de São Paulo;

ONU- Organização das Nações Unidas;

PAFOR- Programa Nacional de Formação de Professores da Educação Básica;

PIBID Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência;

PROEX- Pró-Reitoria de Ensino, Pesquisa e Extensão;

ProGrad- Proreitoria de Graduação;

SBB- Sociedade Brasileira de Botânica;

SBPC- Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência;

UBA- Universidade da Bahia;

UCSal Universidade Católica de Salvador;

UEFS Universidade Estadual de Feira de Santana;

UFBA -Universidade Federal da Bahia;

UFPE- Universidade Federal de Pernambuco;

UFRP- Universidade Federal Rural de Pernambuco;

UFRJ Universidade Federal do Rio de Janeiro;

UFRRJ- Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro;

UNEB Universidade do Estado da Bahia;

USP Universidade de São Paulo;

SUMÁRIO

1 - ESTABELECENDO O PERCURSO DA PESQUISA	11
2 - CAMINHOS METODOLÓGICOS	16
2.1-A HISTÓRIA ORAL COMO METODOLOGIA DE PESQUISA	16
2.2 - ENTREVISTA E A PRODUÇÃO DOS DADOS	19
2.3- TRANSFORMANDO ORALIDADE EM ESCRITA	24
2.4- AS COLABORADORAS DA PESQUISA	29
2.5 - LUGAR DE FALA E EMPATIA	33
2.6- TRAVESSIA DAS HISTÓRIAS <i>TRANSCRITADAS</i> EM ANÁLISE	35
3-A INSERÇÃO DE TRÊS PROFESSORAS DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA NAS CIÊNCIAS BIOLÓGICAS.	40
3.1- AS MOTIVAÇÕES PARA INGRESSAR EM UMA UNIVERSIDADE	44
3.2- O CONTEXTO DA FORMAÇÃO DOCENTE/CIENTÍFICA ENTRE OS ANOS DE 1964 A 1985	54
3.3-NO NASCER DA UEFS, BROTA O PIONEIRISMO FEMININO NA BOLOGIA.	71
3.4- VIOLÊNCIA DE GÊNERO AO LONGO DO PROCESSO	85
CONCLUSÃO	105
REFERENCIAS	110

APÊNDICE A: GIZÉLIA VIEIRA DOS SANTOS/ 1-“MINHA CABEÇA ESTÁ TÃO RUINZINHA, NÃO CONSIGO LEMBRAR DAS COISAS, MAS VOU TE CONTAR O QUE AINDA RESTA DE MEMÓRIA”. 118

1.1-“A MINHA VIDA PROFISSIONAL ESTAR ATRELADA A DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA” 126

1.2-“TUDO QUE APARECIA NA UNIVERSIDADE DIZIAM ASSIM, COLOCA GIZÉLIA, AÍ FUI ASSUMINDO VÁRIOS CARGOS DE LIDERANÇA” 126

1.3-“MESMO QUANDO DECIDI ME DEDICAR A PESQUISA, FUI CONDUZIDA A LARGAR TUDO PARA GERIR A UNIVERSIDADE” 140

1.3.1-“Passei A Ocupar Espaço Na Pro Reitoria Depois Retornei Para O Colegiado Até Me Aposentar” 145

APÊNDICE B: MARIA CELESTE COSTA VALVERDE/ 1-“DEUS SABE QUANTO TRABALHEI E LUTEI PARA MANTER MEUS SENTIMENTOS E SONHOS...VENCI” 152

1.1-“MINHA VIDA NA UEFS FOI ACONTECENDO AO ACASO, AS OPORTUNIDADES APARECIAM E ME AGARRAVA À ELAS” 159

1.1.1-“Durante A Trajetória, Surgiram Barreiras Que Me Fizeram Mudar O Percurso” 167

1.2- “A DOR ME FEZ DOUTORA” 171

1.2.1-“Como Doutora Minha História Tomou Outro Rumo” 182

1.3-“O CONHECIMENTO SÓ É VÁLIDO SE FOR PARA TODOS” 186

1.4-“QUANDO ENTREI NA UNIVERSIDADE TINHA UM SONHO E 190
ANTES DE ME APOSENTAR REALIZEI”

**APÊNDICE C: CLEIDE MÉRCIA SOARES DA SILVA PEREIRA/ 1-“É 196
MUITA HISTÓRIA QUE TENHO PARA CONTAR, VOU TE
REVELANDO O QUE VEM NA MEMÓRIA”**

1.1-“FOI DIFÍCIL CONCILIAR FAMÍLIA, TRABALHO E CARREIRA 203
ACADÊMICA, TIVE QUE FAZER ESCOLHAS”

1.2-“COM RELAÇÃO A LIDERANÇA, ACREDITO QUE TENHO UMA 210
GRANDE HISTÓRIA”

1.2.1- “Há De Se Cuidar Do Broto Para Que A Vida Nos Dê Flores E Fruto” 215

1.2.2- Por Tudo Que Passei Na Vida, Me Tornei Corajosa E Enfrentei Os 223
Problemas Com Sabedoria

1.2.3-“Não Me Limitei Em Assumir Cargos No Âmbito Do Curso De Biologia, 227
Fui Além”

1.3-“TIVE FRAGILIDADE NA PRODUÇÃO CIENTÍFICA E POR VÁRIOS 236
MOTIVOS NÃO SOU ESSA MULHER COM VÁRIAS PUBLICAÇÕES”

1. - ESTABELECENDO O PERCURSO DA PESQUISA.

O trabalho no campo de gênero e a posterior aproximação com a história das mulheres na Ciência e com o objeto de estudo desta tese, não surgiram de uma hora para outra. Os meus caminhos formativos vivenciados durante o curso de Licenciatura, o Mestrado e as experiências em sala de aula, como professor, foram imprescindíveis para evolução profissional docente e de pesquisador.

Estas experiências enaltecem o valor e o significado da constante (re)construção da identidade investigativa sobre gênero e sexualidade no campo da Educação e da Ciência. Também me conduziram à encontros que me fizeram (re)inventar e acessar os múltiplos sentidos de mim e as variadas compreensões de mundo e corpos dos sujeitos dotados de singularidades e histórias de vida. Para tanto, foi fundamental mobilizar e articular os saberes técnicos, pedagógicos e metodológicos para estabelecer a prática docente que motivou e motiva o interesse pelo campo teórico/prático de minhas investigações.

Partindo da Licenciatura em Ciências Biológicas onde analisei a concepção de estudantes do Ensino Médio da Rede Pública de Ensino sobre conceitos de gênero, sexualidade e homossexualidade (SANTOS, 2011). Por meio deste trabalho, entrei em contato com as representações simbólicas experimentadas por jovens de 15 à 18 anos sobre as identidades de gênero e sexuais assim como, discuti a contribuição da Escola e da Ciência na construção destas representações.

Nesta direção, passei a refletir sobre os imperativos culturais que segregam e definem os papéis assumidos por homens e mulheres na formação de biólogos/as nas práticas docentes e no Ensino de Ciência. Como exemplo, na dissertação abordei as narrativas de estudantes do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal da Bahia-UFBA, pertencentes ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID - acerca de suas experiências pedagógicas e a formação atravessada pelas questões de gênero (SANTOS, 2016). Com isso, passei a me debruçar sobre as experiências como agente da formação no curso de Biologia diante de alguns exemplos que revelam a segregação de gênero, seja na pesquisa, sala de aula, nas práticas laboratoriais e/ou de campo.

Ao longo das práticas de pesquisa e ensino, foi possível notar avanços nas conquistas de direitos pelas mulheres. Mas, ainda há problemáticas, que exigem aquisições investigativas e embates, a exemplo, dos argumentos historicamente e culturalmente sustentados por exercícios patriarcais que permitem com que nós homens, estejamos em posição hierárquica, em relação as mulheres em tantas estruturas sociais.

Com o desenvolvimento de trabalhos no campo do gênero tenho refletido sobre o olhar androcêntrico e das relações de poder que ainda edificam a minha “masculinizada” visão da Ciência, e portanto, assumo a não neutralidade de meus posicionamentos e entendo que embora tenha buscado caminhos metodológicos e apoio aos processos de desconstrução da visão androcêntrica que edifica meu corpo e meu entendimento sobre o mundo, pode escapar aqui, discursos que historicamente me conduziram a gozar dos privilégios masculinos, em uma sociedade sexista e excludente.

Nesse contexto, afirmo que esse texto é também um exercício de re/construção enquanto homem, professor e pesquisador que se desafia, aprende, se projeta em um processo de mudança e que aceita as críticas possíveis nessa atividade tão necessária na busca por uma Ciência mais justa, onde se possa imperar a equidade de gênero.

O lugar de onde vejo ou falo², determina minha visão e discurso no mundo e sobre o mundo. Portanto, aparecem nessa pesquisa meus argumentos a partir do lugar de homem cis, branco, historicamente privilegiado, professor, gay, que se apoiou aos estudos feminista na Ciência, em uma tentativa de remover lentes enviesadas e estrategicamente pautadas em ações excludentes. Vinculado a um projeto que oferece crítica reflexiva sobre as práticas de dominação e as partes desiguais de privilégio e subjugação no fazer científico.

Essa minha aproximação aos saberes no campo de gênero e a formação, quanto a atuação docente na área da Biologia elevaram o interesse investigativo pelas problemáticas enfrentadas pelas mulheres na Ciência. Me desloquei da área de Pesquisa em Ensino para área de História da Ciência, em direção a literatura e aos movimentos investigativos que abordam as questões de gênero e as vivências das mulheres no cenário científico.

² Entende-se lugar de fala sob a ótica de Djamila Ribeiro (2017). Discutida na seção desta tese - Lugar de fala e empatia.

Desde quando passei a me interessar pela História da Ciência, mesmo antes de pensar esta tese, me vieram alguns questionamentos, gerados pela minha aproximação com os estudos de gênero: Quando se trata da construção do conhecimento científico, quais histórias me foram contadas? Quem possui a autoria das suas narrativas? Como docente, o que ensino e o que não ensino sobre a História da Ciência?

Até recentemente me era apresentado, um modelo de Ciência onde apenas homens brancos, heterossexuais e cisgêneros eram elaboradores do conhecimento, seja na escola, nos livros didáticos, jornais, filmes, na graduação e até mesmo na disciplina de História da Ciências na pós-graduação. Este fato possibilitou a construção, em meu imaginário, de uma história marcada, exclusivamente, pela presença masculina, o que me tornou um replicador de tais informações durante as práticas docentes. Diante da trajetória acadêmica voltada aos estudos de gênero, passei a me inquietar e motivar essa investigação. Que mudaram a minha visão sobre a História da Ciência, como atuo em minhas práticas na sala de aula ao abordar o conteúdo científico escolar e como me posiciono enquanto professor de Biologia.

Para obter mais respostas aos meus questionamentos, passei a verificar periódicos como a Revista Brasileira de História da Ciência. Onde me deparei com trabalhos que têm a presença quase exclusiva dos homens, tanto como personagens ou construtores das narrativas. Mesmo as pesquisas realizadas por mulheres, apresentam como objeto de estudo, em sua maioria, a vida e ou as descobertas masculinas. Nessa história, os homens brancos, são os mais exaltados, e ganharam destaque no cenário nacional e internacional.

Penso que essa hegemonia científica masculina, se trata de uma relação de poder que assume categorias simbólicas, históricas e políticas, promove hierarquização entre os sexos e não pode ser vista como consequência naturalizada e irreversível. Parte daí a inquietação em questionar como essa situação pôde ser consolidada e o alerta em fortalecer narrativas de grupos que foram historicamente desautorizados, no sentido epistêmico. Embora tenha as mulheres como grupo de investigação deste trabalho, sinalizo a necessidade do fortalecimento de trajetórias que foram e são inviabilizadas no fazer científico como os/as negros/as, pessoas LGBTQIAPN+ e tantas outras.

Não é a minha pretensão, negar a importância da figura masculina cisgênero, branca e heterossexual nas práticas científicas. Sinalizo a necessidade em problematizar sobre os lugares confortáveis e de privilégios ocupados por estes e em trazer para discussão outros

agentes que contribuíram e contribuem para o desenvolvimento da Ciência. Assim, como questionar a visão universalizada nas práticas científicas, pautada em viés androcêntrico cisgênero e branco que gera as barreiras históricas enfrentadas pelos sujeitos subalternizados.

Com isso, pensar sobre a gênese dos problemas que tornou a história das mulheres, interesse desta pesquisa, associada ao longo processo de invisibilização e exclusão que resulta na falta de oportunidades para construir carreiras científicas com as mesmas condições que nós homens. Isso significa atentar para os mecanismos que elaboram os estereótipos de gênero e os discursos sexistas que cooperam, historicamente, socialmente e politicamente para que as mulheres tenham maiores dificuldades em desenvolverem seus talentos e sigam seus interesses pela Ciência.

Diante das condições apresentadas até aqui, traço uma discussão sobre como três mulheres, professoras e biólogas, se tornaram pioneiras do Curso de Biologia da Universidade Estadual de Feira de Santana-UEFS, mesmo diante das barreiras de gênero e da hierarquização epistemológica masculina. Associado a construção de uma rede de divulgação e visibilidade de suas histórias, através de diversas narrativas relacionadas com o ato de partilhar processos de resistência e colocar em evidência seus legados, lutas e enfrentamentos ao sexismo na referida unidade de ensino.

Para isso, me fundamentei na metodologia da História Oral que me deu suporte para não utilizar os trechos da vida das professoras, ou parte de suas falas para responder perguntas, pelo contrário, as suas histórias completas têm esta função. Atendendo aos procedimentos metodológicos, foram construídos documentos textuais que revelam as trajetórias, na Biologia, das professoras Gizélia Vieira dos Santos, Maria Celeste Costa Valverde e Cleide Mércia Soares da Silva Pereira. Com o interesse na constituição das carreiras científica e profissional destas mulheres que compõem o grupo das primeiras professoras do Departamento de Ciências Biológicas- DCBio, da UEFS.

O resultado final, foi três textos, onde cada um deles revela a história, a voz, a memória e as experiências das professoras enunciadas por elementos que compõem suas trajetórias de vida. Para a construção destas narrativas, a minha voz, a do pesquisador, foi direcionada pela oralidade posta nas entrevistas, para apresentar informações que circundam o que foi anunciado pelas educadoras.

Em seguida, passei a analisar, coletivamente, as histórias de vida das professoras a partir do olhar diagnóstico sob as narrativas, que foram criadas no primeiro momento, tendo como suporte teórico/metodológico a Prosopografia Sociológica ou Biografia Coletiva (STONE, 2011).

A partir do olhar diagnósticos para as narrativas da educadora foi possível discutir sobre as motivações que as levaram a ingressar em universidade, o que as impulsionaram a se interessar pela carreira em biologia, ao invés de outra área, como foi o acesso ao nível superior, rompendo com os papéis social e culturalmente designados a mulheres, no período.

Por esse caminho, também foi analisado a relação entre a carreira acadêmica das professoras com as modificações na visão do papel social das mulheres, assim como outros fatos importantes do desenvolvimento da sociedade em um contexto da Ditadura Militar. Elucidando suas conquistas, participação e pioneirismo no desenvolvimento de pesquisas, no gerenciamento e estruturação da universidade e nos pensamentos que refletem os diferentes olhares e perspectivas para o fazer no curso de biologia da UEFS.

Em meio as discussões me movi em direção aos estudos sobre a participação das mulheres na Ciência e discuti sobre as carreiras, obras e sobre os obstáculos, ocasionados pelos estereótipos de gênero, que Gizélia, Celeste e Cleide tiveram que enfrentar ao longo da vida acadêmica e profissional

O trabalho, assim como muitos outros que abordam a história das mulheres na ciência é um mecanismo importante para que pudesse questionar as violências sofridas pelas professoras no contexto acadêmico, abordar as suas histórias de luta e sucesso na edificação do curso de Biologia e da própria UEFS, denunciar os mecanismos de invisibilização de suas contribuições para a referida instituição e fortalecer a rede de divulgação da potencialidade feminina na construção da Ciência.

Até porque, assim, como Gizélia, Cleide e Celeste, muitas cientistas mulheres existiram e existem, como: Hipátia de Alexandria, Maria Margaretha Kirch, Barbara McClintock, Rosalind Franklin, Emmy Noether, Lisa Meitner, Jocelyn Bell Burnell, Chien-Shiung Wu, Bertha Lutz, Graziela Maciel Barroso, El-Hashemite, Marcelle Soares Santos, Sabrina Pasterski, Sonia Dietrich, dentre outras, que trouxeram e trazem contribuições

relevantes para a Ciência e Sociedade, embora a História tenha se encarregado de ocultá-las.

2 - CAMINHOS METODOLÓGICOS.

2.1- A HISTÓRIA ORAL COMO METODOLOGIA DE PESQUISA.

Para a produção do corpus desta pesquisa ancorei-me na metodologia da História Oral, cabendo ressaltar, que existem diversos manuais e muitos/as pesquisadores/as que discutem e aplicam esta metodologia em suas pesquisas, como Alberti, Verena (2004, 2013), Ferreira, Marieta e Amado, Janaina (2006), Ferreira, Marieta; Fernandes, Tania e Alberti, Verena (2000), Viscardi, Cláudia e Delgado, Lúcia (2006). Encontrei muitos trabalhos e estratégias para a utilização da história oral como metodologia, em meio a tantas possibilidades optei por construir as reflexões da tese a partir dos pressupostos de Meihy, José (1996, 2005, 2010); Meihy, José e Holanda, Fabiola (2011) e Portelli, Alessandro (1996, 1997, 2010). Porque a abordagem metodológica proposta pela autora e autores comunga com as estratégias pretendidas para a realização da pesquisa.

A aproximação com José Carlos Sebe Bom Meihy³ me conduziu às publicações da Revista Oralidades em variadas edições, que me levaram a teses, dissertações e livros que tomam Meihy como referência. Percebi que estava diante de uma produção muito distinta daquelas que costumeiramente lia: são trabalhos que apresentam narrativa viva, autêntica, com relatos instigantes, ricos, comoventes, narrados pelos/as construtores/as da própria história. Concluí que precisava proporcionar essa mesma emoção e realidade em meu trabalho, assim, passei a seguir os procedimentos, propostos por Meihy, utilizados no Núcleo de Estudos em História Oral da Universidade de São Paulo (NEHO-USP) e apresentados ao longo deste texto.

³ José Carlos Sebe Bom Meihy é professor aposentado do Departamento de História da Universidade de São Paulo e coordenador do Núcleo de Estudos em História Oral (NEHO-USP) e um dos precursores da moderna história oral no Brasil, além de ser um dos idealizadores da Associação Brasileira de História Oral (ABHO).

Ao explicitar o “como fazer” o projeto de História Oral, Meihy e Holanda (2011) definem quatro maneiras de ser desenvolvido o trabalho, a depender do objeto e dos seus objetivos propostos: (1) História Oral de Vida, (2) História Oral Testemunhal, (3) Tradição Oral e (4) História Oral Temática.

A História Oral de Vida consiste na narrativa da experiência de vida de uma pessoa cuja trajetória é significativa para a compreensão de eventos, períodos e de práticas culturais e históricas. Essa história é registrada e analisada num esforço para explicitar interações entre percursos individuais e processos coletivos, o que também possibilita construir a história coletiva.

A História Oral Testemunhal incide sobre a narrativa de pessoas sobre as suas vivências, mas, que estejam relacionadas a dramas ou traumas coletivos, como a guerra, a seca, abusos sexuais, dentre outros.

A Tradição Oral consiste num estudo muito próximo da Etnografia, que busca detalhar o cotidiano de um grupo, os seus mitos, rituais e visão de mundo, dando ênfase à história e às práticas sociais de comunidades específicas, bem como à sua cadeia de transmissão.

A História Oral Temática almeja o esclarecimento de um ou mais temas específicos, definidos como foco central da pesquisa. De acordo com Meihy e Holanda (2011, p. 40) na história oral temática pretende-se, mesmo considerando que seja narrativa de um fato, que ela “busque a variante considerada legítima de quem presenciou um acontecimento ou que pelo menos dele tenha alguma variante que seja discutível ou contestatória”. Há, ainda como uma das características da História Oral Temática a necessidade de hipótese central a ser testada durante as entrevistas.

Dentro das possibilidades de trabalhar a História Oral que propõem Meihy e Holanda (2011), adotei a História Oral de Vida e tomei as entrevistas como o epicentro da pesquisa, além de serem a força maior de minhas preocupações. Por meio delas, as professoras narram suas vidas a partir de determinados assuntos, previamente estabelecidos e revelam uma história que reflete experiências ao longo de suas trajetórias.

Sendo assim, a História Oral é aqui considerada como um conjunto de técnicas e procedimentos que orientam o planejamento e o desenvolvimento da pesquisa: as entrevistas, o processo de transformar o oral em escrito e a validação do documento produzido (MEIHY, 1996). Se apresenta como uma potente alternativa para a

compreensão das problemáticas de gênero, individuais e coletivas, vividas pelas educadoras no contexto da pesquisa; acessa suas memórias, culturas e identidades; gera possibilidades interpretativas sobre suas experiências e revela discursos geralmente ocultados nas análises históricas (PORTELLI, 2010).

Para Pollak (1989), a História Oral se opõe à "Memória Oficial", no caso a memória nacional e privilegia a análise dos grupos excluídos. Deste modo, deve ser vista como uma provocação intencional e, portanto, um ato político (MEIHY, 2011).

A História Oral que adoto é tida como um recurso para compreender a vida social sob um olhar histórico (GARNICA, 1998), através de conversas com as professoras sobre suas experiências vividas, suas memórias e, principalmente, pelo impacto que estas lhes causam (PORTELLI, 1997).

Essa perspectiva de História Oral explora as relações entre memórias, experiências, narrativas e texto, redefinindo as relações entre passado-presente, onde a narrativa é construção localizada das educadoras (HOLANDA E MEIHY, 2006), ela não é apenas a parte que auxiliou a construção do documento, somente a parte procedimental, mas toda a articulação que se compreende desde a elaboração do projeto até a construção de uma interpretação própria (MEIHY, 2006).

Bem mais do que outras formas de arte verbal, adoto a História Oral como estratégia metodológica por se tratar de um gênero multivocal, resultado do trabalho comum de uma pluralidade de autores/as em diálogo. Por ser capaz de conectar-se a testemunhos que têm o sentimento de uma experiência única e intransmissível, o que contribui para o alargamento das possibilidades de conhecimentos (PORTELLI, 2010).

A alocação da História Oral está carregada de ação, de força, de resistência, num discurso contaminado, não neutro e repleto de subjetividade enunciada ocasionalmente como produção de "verdade". Nesta direção, busquei não apenas os fatos, mas também a maneira como as educadoras os sentem, os interpretam e como revelam-se construtoras de si e de suas histórias na memória subjetiva do narrado (PORTELLI, 1996).

O desenvolvimento da História Oral autoriza estas mulheres e tantas outras a se tornarem porta-vozes da vida privada. A nós os/as pesquisadores/as, na falta de testemunhos escritos, é incentivado a busca da memória e do testemunho oral para apreender o vivido,

permitindo uma gama de estudos e perspectivas de análises e construindo novas concepções historiográficas (PERROT, 1989).

Com a negação às mulheres, até recentemente, ao acesso do espaço público, lugar de excelência da História, torna-se uma difícil tarefa chegar até as fontes sobre suas vidas, ou até mesmo produzi-las. Resgatar suas memórias pluralizadas, fragmentadas e utilizá-las como objeto e fonte de análise oportuniza o penetrar no mundo do imaginário e do simbólico. Com isso, torna-se possível revelar e compreender os vínculos sociais, as identidades individuais e coletivas de suas histórias, dificilmente encontrados nos documentos iconográficos (FIORUCCI, 2010).

A apropriação das memórias de mulheres cientistas contribui para exibir problemas ocultos, trazer ao centro do debate suas condições, estimular revisões epistemológicas que indicam outros caminhos e possibilidades de narrar e (re)constituir as suas histórias. Para isso, é fundamental que enquanto pesquisadores/as estejamos sensíveis as subjetividades e as opressões de gênero que circunstanciam as experiências femininas, em uma sociedade que, ainda, reproduz as estratégias patriarcais de dominação.

2.2- ENTREVISTA E A PRODUÇÃO DOS DADOS.

A História Oral é uma metodologia de pesquisa que consiste em realizar entrevistas gravadas com pessoas que podem testemunhar sobre acontecimentos, instituições, modos de vida e vários outros aspectos da história contemporânea, com diferentes direcionamentos e estratégias de utilização.

Me aproximo de uma História Oral que se preocupa com outras dimensões do conhecimento e se diferencia daquela que é gerada por estudos de temas, análises estruturais e de um tipo de trabalho com entrevista que usa as pessoas como mero “objeto” fragmentado para servir ao projeto (HOLANDA E MEIHY, 2006). Adoto a abordagem metodológica que redimensiona o papel das mulheres que narraram as suas histórias,

colocando-as como colaboradoras⁴, não mais como simples geradoras de informações (MEIHY, 2005).

A narrativa das entrevistadas é o núcleo documental principal do trabalho, onde a preocupação com a constituição desse corpus narrativo exige de mim uma postura diferenciada diante destas pessoas que se dispuseram a contribuir com a pesquisa. Mais do que a mudança de sujeito-objeto para sujeito-sujeito, pratico a colaboração, onde as professoras se transformaram em colaboradoras, porque são elas que dedicaram um tempo de suas vidas a me ceder suas narrativas e posteriormente autorizaram o documento final por mim produzido (HOLANDA E MEIHY 2006).

Para a elaboração do documento final que compõe esta tese adotei as orientações procedimentais estabelecidas por Meihy (2005) e Meihy e Holanda (2011) e, portanto, foi necessário realizar as etapas operacionais desde o primeiro contato com as professoras até a finalização do escrito: pré-entrevista, entrevista propriamente dita e pós-entrevista.

A pré-entrevista corresponde a preparação na qual foram feitos os primeiros contatos e aproximações com as entrevistadas, além de ser o momento em que expliquei o projeto de pesquisa e os processos que exigiam colaboração. Essa etapa foi realizada com a professora Maria Celeste na universidade.

Com as outras duas docentes, Gizélia Vieira e Cleide Mércia mantive esse primeiro contato por telefone, já que no período da atividade estávamos com impossibilidade de manter diálogo presencial, por conta da pandemia ocasionada pela Covid-19. As três entrevistadas foram bastante receptivas e se dispuseram a narrar suas histórias e colaborar com o trabalho em todos os momentos necessários.

Também não foi possível acontecer as entrevistas presencialmente. Para não prejudicar o andamento da pesquisa e nem alterar por completo a atmosfera das conversas com as professoras, me conectei com as professoras através do WhatsApp, aplicativo multiplataforma de mensagens e chamada de voz, em que tinham maior familiaridade. As entrevistas aconteceram nos dias e horários pré-estabelecidos pelas colaboradoras através

⁴ O Conceito de Colaborador/a, estabelecido por Meihy (1990: 22; 1996a: 53), propõe reposicionamento do/a entrevistado/a, que deixa de ser informante, ator social ou objeto de pesquisa e passa a ser a pessoa que aceitará ser entrevistada, ocupando papel preponderante na pesquisa, sem os quais a mesma não seria viabilizada, interferindo na feitura do texto em todos os seus estágios.

de chamada de voz por se sentirem mais confortáveis. Toda a conversa foi realizada, se utilizando a função viva voz, o que permitiu ser gravada por um aplicativo de gravação de voz de um outro aparelho smartphone e posteriormente transcrita para o computador.

Nas entrevistas, o ponto central do estudo e a primeira etapa construída em colaboração, as entrevistadas se expressaram, retomando situações pessoais como sentimentos, sonhos e desejos. Interessante dessa estratégia tomada é que as colaboradoras se sentiram bem à vontade nos seus lares, muitas vezes descreviam o ambiente que se encontravam, deitadas na cama, na cozinha tomando um chá ou até mesmo no quintal mexendo nas plantas. O que deu a elas confiança para relatar problemas, apontar dores, emoções, muito riso e também momentos que tivemos que pausar por um instante, em um silêncio que relevava um choro contido.

Atendendo aos procedimentos específicos da História Oral de Vida, foi permitido que as colaboradoras tivessem maior liberdade de dissertar sobre suas vivências pessoais, pois “quanto mais contam a seu modo, mais eficiente serão seus depoimentos” (MEIHY, 2002: 131). Isso garantiu o espaço para que suas histórias fossem encadeadas segundo seus desejos e condições, levando-se em consideração, não apenas as informações contidas nos relatos, mas o próprio modo de narrar.

Para isso, foi fundamental estabelecer um diálogo aberto ao aconchego, à confiança e ao respeito, deixar que as colaboradoras assumissem a participação efetiva nessa conversação para que pudessem fluir suas experiências e o modo particular de narrar suas vidas, sem direcionamentos marcantes e imposição de temporalidade, como propõem (HOLANDA E MEIHY, 2006). Assim, as entrevistas foram tomadas como uma técnica que estabeleceu a comunicação entre mim e as entrevistadas, permitiu obter informações e criar documentos como recomenda Caldas (1999: 99).

A entrevista trata de revelar eventos desconhecidos e traz à luz experiências da vida cotidiana (PORTELLI, 1997: 31). Nessa perspectiva o percurso das entrevistas, enveredado pela literatura e documentos escritos, auxiliou na compreensão do passado através das memórias das professoras e na construção de suas narrativas históricas, permitindo estabelecer o paralelo entre suas trajetórias vivida, revisitadas e expressas por intermédio da oralidade.

O acesso a oralidade teve como suporte fontes escritas documentais, na perspectiva de uma abordagem multidimensional, conforme Justino de Magalhães (1996). Com isso, os liames entre as memórias e as experiências das três colaboradoras ao longo de suas trajetórias científicas, foram construídos através das entrevistas, com base em fontes escritas como seus currículos lattes. Durante o período das entrevistas as colaboradoras foram também convidadas a reverem fotos, documentos e objetos que ajudassem reviver momentos de suas histórias que pudessem ser relatos. As professoras Gizélia e Cleide Mércia preferiram falar o que vinham em suas lembranças, sem auxílio de materiais, já a professora Celeste, reuniu fotos de momentos vividos, como as pesquisas em campo ou atividade do mestrado e doutorado. Muitas vezes se amparou nos registros fotográficos para confirmar a veracidade de suas palavras.

Considerando que as narrativas não são neutras e que estão repletas de sentidos e fatores geradores, as entrevistas, além de declinar sobre as fontes escritas, foi criado um roteiro fundamentado no estudo teórico tendo como referência pesquisadoras em história das mulheres na Ciência. O uso do estudo teórico foi necessário para identificar situações de gênero vivenciadas por mulheres no contexto científico e auxiliou na compreensão das condições vividas pelas mulheres desta pesquisa. Sendo assim, a entrevista, além de atender as informações disponíveis nos documentos, trouxe, para o debate, experiências das professoras tangenciadas pelas questões de gênero identificadas por mim na literatura.

Para delinear essa investigação, dar suporte a análise e construir uma rede de significados sobre a participação das professoras na ciência, em meio as violências de gênero que sofreram e ou combateram, tomei como referência, experiências vivenciadas por mulheres no ambiente científico, a seguir e que ajudaram a conduzir a entrevistas:

(a) Relação intelectual com os homens; (b) Carreira científica atrelada ao marido e/ou orientador; (c) Espaços negados por serem mulheres; (d) cargos ocupados e ou negados; (e) Produções invisibilizadas por serem mulheres; (f) Carreira e possibilidade de abandono; (g) Restrição ao acesso à carreira científica; (h) Estruturação social em torno dos interesses e do poder masculino; (i) Cisão entre a esfera pública (dirigida para e pelos homens) e a esfera privada (dirigida para e pelas mulheres); (j) Dissociação entre o saber considerado científico do senso Comum; (k) O casamento e a carreira científica; (l) a maternidade/ os filhos e outras preocupações, tradicionalmente associadas à condição feminina; (m) A cultura da ciência e os modos de se compreender o que é ciência; (n) A

pressuposição tradicionalmente aceita que embasa a cultura profissional/ A conquista do mercado de trabalho e as tarefas de casa; (o) o assédio moral e sexual em laboratórios, salas de reunião e demais espaços; (p) as maneiras particulares de fazer ciência/ construção dos instrumentos e interesse por certos tipos de objetos; (q) reconhecimento na ciências e o duplo esforço; (r) lugar de fala em reuniões e tomada de decisões; (s) segregação territorial ou horizontal, (concentração de mulheres em determinadas áreas); (t) Segregação Hierárquica, (redução do percentual de mulheres a cada degrau da carreira); (u) Efeito Matilda, (repressão e negação sistemática das contribuições de mulheres cientistas em pesquisas, cujo trabalho comumente é atribuído aos seus colegas homens); (v) Fenômeno teto de vidro que se refere às barreiras invisíveis, (barreira da diferença e barreira de oportunidade) focadas nas estruturas, que impediriam um grupo de pessoas de avançar para os postos mais altos da carreira); (w) Fenômeno firewall (as barreiras criadas por pessoas que definem as regras de acesso e quem não pode entrar de maneira discriminatória).

A aproximação de tais experiências e suas subjetividades contribuiu no direcionamento das entrevistas e favoreceu a análise de estruturas históricas que ainda perpassam a vida das mulheres na Ciência, como naturalizações das relações hierárquicas masculinas. O que implica na compreensão de como as professoras se firmaram e se projetaram diante dos intemperes exigidos em uma carreira científica, tendo que se deparar com algumas das barreiras de gênero listadas acima. Muitas vezes, precisando provar que eram boas o suficiente para realizar determinadas tarefas. Com isso, assumiram papéis múltiplos não só nos espaços científicos como em tantos outros ambientes sociais, que envolveram conflitos, escolhas e levaram à construção de uma potente história no e do DCBio e Universidade Estadual de Feira de Santana.

Para melhor estabelecer uma sequência durante as entrevistas, o roteiro foi dividido em três blocos que representam os momentos da vida das professoras delimitados pela pesquisa. O primeiro refere-se à **Inserção Na Ciência**, que direcionou aos interesses pela área científica como campo de estudo e inclinações sobre as experiências que as conduziram para carreira na Biologia. O segundo bloco, **Contexto De Liderança**, levou às práticas que firmaram à identidade como líderes e pesquisadoras responsáveis por diversos setores do Curso de Biologia da UEFS e fora da instituição. O terceiro momento, **As Produções Intelectuais**, movimentou-se acerca dos aspectos vivenciados nas práticas acadêmicas de pesquisa e como seus saberes permearam o campo teórico que atuaram.

Embora tivesse um roteiro e perguntas que orientaram as entrevistas, as professoras falaram livremente, sem interrupções, sobre suas histórias, acerca do que foi interrogado. Essa liberdade de narrar em torno de uma determinada pergunta ou tema é definido por Calda (1999), como “cápsula narrativa”. A partir da organização e redefinição destas capsulas narrativas que as histórias verbalizadas foram transformadas em escrita.

2.3 - TRANSFORMANDO ORALIDADE EM ESCRITA

Após a realização das entrevistas, passei para a fase subsequente denominada de pós-entrevista. Esta etapa refere-se a organização e tratamento das informações, e compreende, de acordo com Meihy (2005) e Meihy e Holanda (2011), em transcrição, textualização e *transcrição* do texto que, posteriormente, passou por conferência/validação pelas entrevistadas que cederam uma carta de cessão, para que fossem publicadas suas histórias e por fim o arquivamento.

A transcrição é a passagem do áudio para o papel, que exigiu a escuta minuciosa de todo o conteúdo por algumas vezes, para só assim, realizar a escrita rigorosa da entrevista com todos os seus erros, repetições e incompreensões, incluindo as perguntas. Foram mais de vinte horas de áudio transcritas em centenas de laudas, que precisou de cuidado e sensibilidade, porque não se tratava apenas de palavras ditas, mas da história que as professoras quiseram contar com seus lapsos temporais, esquecimentos, idas e vindas de ideias e informações.

Após a transcrição do material gravado passei para textualização, etapa na qual ocorre a identificação do tom vital da entrevista, ou seja, a frase que dá essência e que sintetiza o que as narradoras queriam dizer (MEIHY 2005). O tom vital é uma parte da fala das colaboradoras que indica do que se trata a narrativa, uma frase que revela o conjunto de informações sobre o que é dito. Utilizei o tom vital como título e subtítulos da narrativa ao longo do texto.

No momento da textualização, minha voz foi suprimida ao anular as perguntas. Com isso, dei ênfase a fala das narradoras e as respostas passam a constituir todo o texto, em primeira pessoa e com personagem único. Durante esta etapa, a narrativa recebeu uma pequena reorganização para se tornar mais clara, ocorreu a rearticulação da entrevista de

maneira a fazê-la compreensível e literariamente agradável. Constatou desta tarefa a reorganização do discurso, obedecendo à estruturação requerida para o texto escrito e estabeleci o corpus, isto é, a soma de assuntos que constituíam o argumento (MEIHY, 1991:30).

É de se considerar que a textualização não é a simples eliminação das perguntas e da voz do/a entrevistador/a, mas a “inclusão na dialogicidade do texto”, (CALDAS 1998:41). Também, não pode ser compreendida como mera correção de gramática, apagamento das repetições, junções de temas iguais que se repetem na fala, reordenamento temporal da narrativa em ordem cronológica, apenas, mas a transformação da entrevista em texto coerente e vivo. Essa transformação exigiu sensibilidade em relação ao que as colaboradoras almejaram comunicar, e para isso, foi necessário mediar a comunicação sem apagar as marcas da oralidade e as características identificadoras em suas falas (HOLANDA E MEIHY, 2006).

As colaboradoras apresentaram esquecimento quanto a ordem de alguns fatos e nomes de pessoas envolvidas nos processos narrados. Para sanar as dúvidas, cruzei as informações cedidas por elas e certifiquei em documentos como relatórios e dados disponíveis no site da UEFS e do Departamento de Biologia, seus currículos lattes e de outras pessoas apresentadas em suas histórias.

Meihy (1996; 2010) e Meihy e Holanda (2011), ao mencionarem a transformação do oral em escrito, apontam para os cuidados que devemos ter, pois se trata de dois códigos de linguagem distintos. Para chegar mais próximo do que as professoras expressaram, o autor e a autora recomendam um processo que denominam de *transcrição*, onde passei a construir um texto que abarcou o que foi dito pelas narradoras, durante a entrevista, mas também, o não dito, refletido em momentos de silêncios.

A *transcrição*, trata-se de aspecto estruturante da composição do documento em História Oral que trabalho, ou seja, a elaboração do produto final a ser analisado e publicitado sem perder a essência do que foi verbalizado, ao ponto de as colaboradoras identificarem no material escrito as suas histórias. Este é o momento no qual se atua no depoimento, invertendo-se a ordem de parágrafos, retirando ou acrescentando-se palavras, frases e realizando-se o que Meihy e Holanda (2011), chamam de “teatro de linguagem”.

A teatralização do que foi dito e do não dito, teve como objetivo a construção de um novo texto, realizado por mim, mas que traz a sensação da entrevista (MEIHY, 1991). O que possibilitou indicar o mundo de sensações provocadas pelo contato entre mim e as entrevistadas. O que não ocorreria reproduzindo-se o que foi dito, palavra por palavra, em um emaranhado de informações desconexa.

Sendo assim, a *transcrição* não foi somente a produção de um texto ou apenas uma das etapas da entrevista, mas todo o processo desde a elaboração do projeto ao texto final (CALDAS, 1999: 74) foi a busca radical pelas colaboradoras e por suas experiências, pois ao me colocar em diálogo com elas, com as histórias integrais, vislumbrei mais e melhor as possibilidades de interpretação, e dimensionei a importância do assunto que tratei a partir de suas falas (HOLANDA E MEIHY, 2006).

Durante a realização do trabalho me aproximei do sentido e da intenção original do que foi dito nas entrevistas, por isso, me atentei diretamente a colaboração das professoras e ao que queriam comunicar. Nesse sentido, as entrevistadas foram agentes no processo, sendo partícipe das etapas da pesquisa desde a pré-entrevista até o texto final, na medida em que tiveram a possibilidade de acrescentar algo de suas histórias que lembraram posteriormente, alteraram e vetaram elementos do documento final produzido que estavam distantes do que realmente quiseram narrar (MEIHY E HOLANDA 2011).

Sendo assim, o texto final não é uma mera apresentação do que que foi narrado durante as entrevistas porque ao transformar a oral em escrito, não há como não interferir e modificar a fala das narradoras. Até porque, suas histórias não podem ser o desenrolar tranquilo e linear de uma narrativa apenas, mas o revelar dos diferentes rastros políticos, culturais e sociais sob o caráter necessariamente retrospectivo e subjetivo da memória, em relação aos fatos revisitados e revividos.

Uma história construída por narradoras e pesquisador, de modo que aquilo que perguntado teve interferência no dito e não dito. Ou seja, não há um sujeito único, mas uma construção múltipla sob diversos pontos de vista (PORELLI, 1997). Que coloca no centro as fontes orais, valoriza as narrativas e, com isso, torna os eventos secundários em relação aos significados, uma vez que as fontes orais carregam em si a subjetividade das colaboradoras.

Para isso, foi importante o momento de calar e ouvir os testemunhos, o esplendor e a fragilidade da existência que por muito tempo esteve silenciada pela dominação epistêmica masculina. Sendo necessário ouvir o apelo do passado para construir narrativas preenchidas no tempo agora, pela palavra viva, rememorativa e por histórias que ressignificam o presente e transcende o lugar confortável da tradição dominante, sem cair em uma definição dogmática de “verdade”.

A narrativa da professora Gizélia Vieira do Santos encontra-se no apêndice A. Resultante das entrevistas que foram realizadas entre treze a vinte e seis de agosto de dois mil e vinte, em cinco momentos, com duração total de três horas e quarenta e seis minutos, que originou um documento transcrito de sessenta e cinco laudas. Atendendo os procedimentos metodológicos da pesquisa, toda informação cedida foi *transcrita*, originando um texto final, de trinta e quatro laudas, por mim elaborado. Como já foi mencionado, a coleta de dados se deu por chamada de voz no WhatsApp, por conta da pandemia que impossibilitou a realização da atividade presencialmente e seguindo um roteiro pré-elaborado. A colaboradora apresentou dificuldade em falar por muito tempo, então todas as entrevistas tiveram duração inferior a uma hora, atendendo o seu pedido. Os episódios apresentados pela professora narram o caminho que a direcionou para a universidade, acerca da ação docente na Rede Básica de Ensino e posterior atividade no Nível Superior. Gizélia Vieira também relata como se tornou professora da UEFS e sobre sua vasta atuação como líder em diversos setores da instituição. Onde pôde contribuir com a implantação das modalidades Licenciatura e Bacharelado em Biologia e posteriormente as Pós-Graduações, em especial a de Botânica. Fato que a manteve ligada a universidade, apresentando dificuldades em seguir a carreira acadêmica e o envolvimento na pesquisa e produção de conhecimento científico.

A narrativa da professora Maria Celeste Costa Valverde está no Apêndice B. Origina-se das entrevistas realizadas entre março a agosto de 2020, durante seis encontros, num total de nove horas e quarenta e quatro minutos de gravação e um documento originário de noventa e sete laudas. Diferente de Gizélia que optou por encontros seguidos na mesma semana, Celeste preferiu que fossem com maior tempo de intervalo entre eles. Após os tratamentos necessários, resultou-se um texto final de quarenta e quatro laudas que transcorre sobre como foi conduzida para a biologia enquanto campo profissional, relatando a sua vida como professora, pesquisadora e divulgadora da ciência na UEFS, perpassando os caminhos trilhados na pós-graduação, as mudanças de percurso na

instituição e a relação familiar nesse contexto, a qual envolve a maternidade e os cuidados com as filhas.

A última narrativa que se apresenta é identificada no apêndice C. Um texto final que se origina do documento de cento e treze laudas, transcrito a partir de seis entrevistas, com duração de dezesseis horas e trinta e dois minutos, entre os dias oito a vinte e sete de julho de 2020, com a professora Cleide Mércia Soares da Silva Pereira. Durante as entrevistas a colaboradora Cleide falou sobre o interesse pelos conteúdos escolares e o contato com a natureza que lhe direcionou para a biologia. No início de toda entrevista, Cleide descrevia o local que se encontrava, geralmente no quintal de casa, diante de suas plantas, ou no sofá da sala, onde repousava o corpo e exercitava a mente, um dos motivos para que as entrevistas com ela tenham durado maior tempo. Durante suas falas trazia lembranças das conquistas e desafios como gestora em diversos setores do curso de biologia e da universidade. Ela também traz as dificuldades enfrentadas por ser mulher, mãe e esposa, assim como as limitações em se engajar na produção científica e das escolhas que teve que fazer diante de tantas exigências e tarefas como mulher, mãe e gestora.

Os textos, sobre a vida das colaboradoras, somente, puderam ser publicizado após a validação e da carta de cessão, onde as professoras autorizaram formalmente o uso do material produzido. Pois, Meihy (1996), chama a atenção de que para se manter a essência do narrado, vale a obrigatoriedade da validação do texto final por parte das professoras. A validação tem um papel importante, pois, é o meio pelo qual, atesto que não há uma escrita divergente com o depoimento apresentado na entrevista, e para isso, as colaboradoras reconhecem as suas histórias no material escrito. A validação serviu também para verificar se estão de acordo com os elementos textuais que incrementei em suas histórias.

Holanda e Meihy (2006), consideram que esta maneira cuidadosa de realizar o trabalho e a apresentação integral das narrativas torna-se imprescindível para a História Oral, que se compromete com a comunidade pesquisada. E me convidou a repensar acerca de meus investimentos como pesquisador, preocupado com os fatos que constituem a história, mas sobretudo, com quem a constrói.

Atendendo por completo a responsabilidade com as colaboradoras e os procedimentos propostos por Meihy (2005) e Meihy e Holanda (2011), assumo ainda o compromisso de

devolução dos frutos do trabalho. Então, as narrativas não serviram, apenas, para a elaboração desta tese e depois foram engavetadas, elas foram impressas e entregues a cada uma das professoras. Além disso, o corpo total da tese será disponibilizado no acervo da Biblioteca Central e na Biblioteca do Colegiado do curso de Biologia da UEFS, assim como no Programa de Pós-Graduação em História e Filosofia das Ciências, para possíveis consultas.

A devolução do que foi produzido reflete o empenho com as professoras, confere legitimidade as experiências vividas por estas mulheres que predispuseram colaborar com a pesquisa e propõem uma História Oral e um fazer científico que ultrapassam os muros acadêmicos, capazes de gerar novas conjunturas epistêmicas.

2.4 - AS COLABORADORAS DA PESQUISA

As narradoras e histórias que constituem esta tese são unidades qualitativas, cuja escolha foi orientada pela relação com o tema estudado, a partir da posição que ocupam, do significado de suas experiências e da possibilidade de fornecerem depoimentos significativos para o trabalho (ALBERTI, 2013).

Além disso, os desígnios operacionais e os caminhos trilhados para a realização desta pesquisa, teve relação com questões pessoais, de experiências que compartilho com minha “comunidade de destino” (HOLANDA E MEIHY 2006), conceito estabelecido por Meihy (1996), para designar não só o universo ou grupo que estudo, mas aquilo que identifica as professoras, o motivo e os traços que as reúnem em características afins. E que se apresenta como a maior instância que tornou as educadoras agentes da investigação colaborativa.

A minha “comunidade de destino” foi formada por cinquenta e quatro docentes, entre atuantes e aposentadas que fizeram parte do Departamento de Ciências Biológicas- DCBIO, da Universidade Estadual de Feira de Santana- UEFS, desde sua implantação até o início das buscas de dados para esta tese. De acordo com informações apresentadas no site do Colegiado de Biologia, acessado em novembro de dois mil e dezenove.

A impossibilidade de ouvir todas as cinquenta e quatro professoras se colocou como obstáculo intransponível, com isso, o grupo foi delimitado a partir de um recorte, atendendo os critérios propostos por Meihy (1996). Restringi meu público às docentes que constituíram o DCBio/UEFS, na primeira década de sua implantação. Usei esse critério de restrição, pelo interesse em histórias de vida que auxiliassem na compreensão do nascedouro da Universidade e do curso de Biologia da referida instituição, fato que não alcançaria se me debruçasse sobre as histórias de professoras mais recentes.

Esta menor parcela de docentes pertencente ao universo estudado foi definida pelos padrões gerais da “comunidade de destino” e denominada por Meihy (1996), de “colônia”. Quinze docentes compuseram a colônia do estudo, ou seja, fizeram parte do quadro funcional do referido departamento nos dez primeiros anos de funcionamento, entre 1982 a 1992, de acordo com informações coletadas no site do DCBio/UEFS em novembro de dois mil e dezenove. Sendo elas: Maria Cristina de Oliveira Menezes, primeira professora nomeada para o DEBio-UEFS, Eneida de Moraes Marcílio Cerqueira, Maria da Graça Cardoso de Matos, Maria Aparecida Paim de Cerqueira, Nora Ney Santos Alves, Helena Maria Lima da Silva, pertencentes a área de Biologia Geral. Lúcia Menezes de Miranda Castro, Maria Celeste Costa Valverde, Iraci Gomes Bonfim, Cleide Mércia Soares da Silva Pereira, na área de Zoologia. Iara Cândido Crepaldi, Katia Nogueira Borges, Ivone Matos de Cerqueira, Olga Leocádia Carneiro, Gizélia Vieira dos Santos, na área da Botânica e Ecologia.

Como esta primeira divisão ainda era considerada ampla pela impossibilidade temporal e espacial na realização do trabalho, tornou-se necessário “uma subdivisão da “colônia” para definir a amostra estudada a partir de parâmetros que decidiram sobre quem deveria ser entrevistada ou não. Meihy (1996), define esta amostra de “rede” e não sugere divisão estatística para definir as pessoas que são entrevistadas, mas uma escolha cuidadosa de colaboradores/as que ocupam papel preponderante na pesquisa, sem as quais a mesma não seria viabilizada (HOLANDA E MEIHY, 2006).

O autor e a autora discutem que não há uma homogeneidade dos componentes da amostra, e nesse sentido, utilizei alguns critérios que definiu as docentes que participaram do processo colaborativo, levando em conta atributos relevantes para o presente trabalho. Atuação no território de estudo até a aposentadoria; pioneirismo no desenvolvimento de atividades acadêmicas e científicas; prática como líder/gestora em espaços

científicos/acadêmicos, dentro ou fora da Universidade; produção intelectual em pesquisa e divulgação científica; currículo lattes existente; formação em Biologia ou afins; que fossem pós-graduadas e que se predispusesse a narrar suas trajetórias.

Algumas das Quinze docentes que formaram a “colônia” foram transferidas para Universidade do Estado da Bahia -UNEB, como por exemplo, Katia Nogueira Borges e Olga Leocádia Carneiro. Outras, atuaram concomitantemente em instituições como a Secretaria de Educação Básica da Bahia, Universidade Federal da Bahia- UFBA e Universidade Católica do Salvador -UCSal, ou, como a professora Ivone Matos de Cerqueira seguiu outro campo de conhecimento, hoje atua na área da Psicologia.

A maioria das professoras foram aprovadas em concurso público para docente da instituição apenas graduadas, exigência mínima no período. Algumas não conseguiram fazer mestrado, seguir carreira na pesquisa, nem exercer liderança nos espaços acadêmicos e científicos e algumas não eram biólogas de formação.

Com esses critérios consegui restringir as professoras para um número significativo e viável para a realização da pesquisa, mas foi preciso levar em conta a disponibilidade e interesse destas mulheres em narrarem suas histórias.

Com isso, atenderam aos critérios e se voluntariaram a colaborar com a pesquisa as três professoras que têm suas histórias na tese: Gizélia Vieira dos Santos, Maria Celeste Costa Valverde e Cleide Mércia Soares da Silva Pereira.

Gizélia Vieira dos Santos, mulher que se considera parda, foi a segunda filha de seus pais, nasceu em 1942 em um pequeno distrito do município baiano de Entre Rios. Estudou a vida inteira em escola pública e sem muita aptidão para a área de exatas, decidiu cursar História Natural na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências – FFLC em 1964. Iniciou a vida docente na rede básica, ainda na graduação, se formou em 1967 e se tornou professora acadêmica em 1974 na Universidade Católica de Salvador UCSal. Logo, Gizélia também se tornou professora da UEFS em 1977 onde esteve a frente de diversas atividades até se aposentar. A professora Gizélia não casou, não teve filhos/as e dedicou sua vida integralmente a gestão acadêmica na univesidade, o que impossibilitou o seu crescimento acadêmico. A Mesma realizou o mestrado e teve que concluir as pressas para retornar a gerir a UEFS.

Nascida em 1964 na cidade de Feira de Santana, Maria Celeste Costa Valverde é uma mulher branca originária de uma família de classe média. Devido aos aspectos religiosos da família, estudou o ensino básico em instituições católicas e entrou na Universidade Católica de Salvador (UCSAL) para cursar Ciências Biológicas, concluindo a graduação no ano de 1977. Ainda no segundo ano de faculdade Celeste passou a lecionar na rede básica de ensino, mas seu interesse era atuar no nível superior, então se tornou professora da UEFS em 1982. Durante sua trajetória na universidade, implantou dois laboratórios de pesquisa e teve forte influência na divulgação científica até se aposentar. Casou-se, teve duas filhas, realizou mestrado e doutorado na UFRJ, o que implicou no afastamento da família para progredir da carreira.

Primeira filha de seus pais, baiana de nascimento, Cleide Mercia Soarea da Silva Pereira chegou ao mundo em Vitória da Conquista, terceira maior cidade do Estado da Bahia, no dia vinte e oito de julho de mil novecentos e cinquenta e sete. Devido aos conflitos e separação dos pais e as mudanças de cidade, teve uma trajetória escolar pouco conturbada, concluindo o ensino médio com idade elevada, após a conclusão do curso técnico em contabilidade. Apesar das dificuldades, foi aprovada em seu primeiro vestibular em Ciências Biológicas, na Universidade Federal da Bahia – UFBA em 1979 e concluiu a graduação em 1985. Cleide nunca quis ser professora primária, iniciou sua experiência docente no nível superior, na UCSAL como estagiária, na UFBA e UEFS como substituta. Logo se tornou professora efetiva da UEFS no ano de 1987, onde se dedicou na gerência acadêmica até sua aposentadoria. Cleide é uma mulher branca que se casou, teve duas filhas, chegou a fazer mestrado na própria universidade com receio de se afastar da família.

As três professoras são mulheres, biólogas que tiveram um longo tempo de atuação profissional, vínculo histórico com o curso de Biologia e a UEFS e suas trajetórias apresentam contribuições acentuadas para a pesquisa. São docentes aposentadas que se inseriram na Ciência entre as décadas de sessenta e setenta, possuem mais de trinta anos de experiência profissional, desenvolvendo projetos de pesquisa, produzindo conhecimento nas áreas de Botânica e Zoologia, atuando na graduação e assumindo cargo de liderança em laboratórios de pesquisa, no Colegiado do curso, DCBio-UEFS e na Pró-Reitora de Pesquisa.

Suas trajetórias narradas nesta pesquisa, apresentam alguns momentos vividos em outras Universidades baianas como a UCSal e a UFBA, tanto como estudantes quanto docente e têm uma relação direta com a UEFS, que é a mais antiga Universidade estadual da Bahia. Local onde Gizélia, Celeste e Cleide se consolidaram enquanto professoras, pesquisadoras, líderes e cooperaram com os processos de edificação do curso de biologia, um dos primeiros da instituição.

2.5- LUGAR DE FALA E EMPATIA COM AS MULHERES

Para situar a minha posição no diálogo que estabeleci nesta pesquisa, e o olha durante a análise, tomei o lugar de fala, um conceito defendido pela filósofa, feminista, escritora e acadêmica, Djamila Ribeiro, que tem ganhado destaque no campo teórico feminista brasileiro. Para esta discussão mantive contato com a sua obra “O que é lugar de fala?”, publicada em 2017, onde a autora aponta possibilidade de ampliar o entendimento acerca do conceito, a partir dos estudos da teoria do ponto de vista feminista⁵. Sua hipótese é que é possível pensar o lugar de fala como estratégia para refutar a visão universal de mulher e de homem e promover uma multiplicidade de vozes.

De acordo com Ribeiro (2017), o lugar de fala é o mesmo que nosso local social e a maneira que nos posicionamos e enxergamos o mundo, envolvendo a compreensão acerca das categorias gênero, raça, sexualidade e classe. O conceito refere-se, portanto, a categorias sociais e não naturais que nos autorizam, enquanto grupo, o acesso a lugares de poder ou subalternização.

Importante entendermos que todos/as nós temos lugar de fala e podemos nos expressar sobre qualquer tema. Por exemplo, posso teorizar sobre a realidade vivenciada pelas mulheres, só que a partir do local social hierárquico de poder que ocupo enquanto homem. Isso rompe com a visão essencialista de que somente indivíduos subalternizados devem

⁵ Para teoria do ponto de vista feminista a experiência de ser mulher se dá de forma social e historicamente determinada pela opressão sexista dada pela posição que as mulheres ocupam numa matriz de dominação onde raça gênero e classe social interceptam-se em diferentes pontos. Ver SANDRA HARDING (1993).

falar dos processos discriminatórios e responsabiliza os sujeitos favorecidos pelos esquemas de privilégio a pensarem o local hierárquico que ocupam e, também, criarem estratégias de enfrentamento às desigualdades e ações reparatórias.

Com isso, Ribeiro (2017), nos faz pensar o lugar de fala, sobretudo, como uma postura ética, evidenciando a importância de reconhecermos o lugar de onde falamos para problematizarmos as questões de pobreza, racismo, homofobia e sexismo. Esta é uma potente estratégia para questionar a legitimidade dos grupos localizados no poder, romper com hierarquias instituídas pelo regime de autorização discursiva, ou seja, do direito dado apenas aos indivíduos que possuem o poder discursivo válido e o domínio sobre a verdade.

Kyrillos (2018), em um ensaio sobre a obra de Ribeiro (2017), nos convida a pensar o lugar de fala na ciência e a forma como ela se constituiu enquanto espaço de saber e poder a partir da modernidade. Isso envolve considerar como os grupos de indivíduos, a exemplo das mulheres, foram afastados de lugares de poder, incluindo o campo acadêmico e a Ciência, na medida em que acessar conhecimento e participar de sua produção é um ato de poder.

Sobe a lógica, me posicionei nesta tese como alguém que detém os privilégios da masculinidade e que produz, em termos de lócus social, impactos diretamente na constituição dos espaços subalternizados, ocupados pelas mulheres em um mundo científico profundamente sexista.

Nessa direção, tornei o conceito de empatia proposto por Krznaric (2015), como uma atividade indispensável para traçar este diálogo e a compreendo como um ideal que tem o poder tanto de transformar nossas vidas quanto de promover profundas mudanças sociais. Esforcei-me, portanto, em fazer um trabalho de “outrospeção”, de olhar o lugar vivido e sentido pelas professoras do curso de Biologia da UEFS, com esforço em compreender seus sentimentos e perspectivas. Portanto a empatia com a mulheres foi aqui entendida como uma regra metodológica proposta por Pollak (1997), que reabilita a periferia e a marginalidade (Pollak,1989).

Trabalhar sob esta ótica impulsionou a aproximação e o esforço em visitar suas experiências vividas e levar em conta a compreensão do local de privilégio histórico oferecido a mim, enquanto homem, nos cenários sociais. Por isso, trouxe para o debate a

construção das minhas concepções ao adentrar neste universo tão necessário de ser investigado e discutido. Para pensar a história de vida das professoras, veiculada aos valores que reforçaram as “verdades”, determinaram as normas e condutas a serem assumidas no cotidiano da universidade e corporificaram os interesses, emoções e razões que interferiram nas suas trajetórias.

Assim, na escrita a seguir não falei por elas, muito menos cedi espaço para que suas vozes fossem ouvidas, mas, dialoguei com o testemunho sensível daquilo que elas viveram. Pois, ouvir as professoras, no contexto da pesquisa foi, especialmente, valorizá-las em suas palavras e me responsabilizar, como pesquisador, pelo vínculo formado neste encontro, em que cada uma delas se apossou de suas histórias e subjetividades. Mas, antes de se colocar diante da análise, convido você a rolar as páginas e ler as histórias vivas e pulsantes das colaboradoras que se encontram no final do trabalho, nos apêndices A, B e C.

2.6- TRAVESSIA DAS HISTÓRIAS *TRANSCRITADAS* EM ANÁLISE

Passo a apresentar a análise das narrativas das educadoras, a partir do olhar diagnóstico acerca do que foi produzido na transcrição. Portanto, no texto a seguir, depositei a minha interpretação e posicionamento repleto de historicidades, vivências e o olhar imerso à prática, com suas cegueiras e lentes específicas interligadas às memórias e vozes das entrevistadas, mas também ao silêncio e ao não dito. Pois o ato de não dizer indica informações valiosas, que devem ser consideradas.

Busquei nas Histórias das colaboradoras Gizélia Vieira dos Santos, Maria Celeste Costa Valverde e Cleide Mércia Soares Pereira as características comuns e o conjunto de questões uniformes que atravessam suas histórias, por meio de um estudo coletivo de suas vidas. Porque a memória individual destas mulheres sofre influência da coletividade, dos grupos aos quais se identificam, fazem parte e que compartilham as mesmas vivências. Nesse sentido, suas histórias individuais não foram tomadas como particulares e únicas,

pois se trata de uma elaboração psíquica, desenvolvida a partir de contato com a sociedade (HALBWACHS, 1990).

Por essa direção, tomei como suporte teórico/metodológico a Prosopografia Sociológica ou Biografia Coletiva para essa análise. Os vários tipos de informações sobre as entrevistadas foram então justapostos, combinados e examinados, em busca de variáveis significativas, com o objetivo de encontrar correlações entre suas histórias e de muitas outras mulheres que viveram e vivem no contexto das ciências, mais especificamente a biologia (STONE, 2011).

A trajetória de cada uma destas mulheres foi vivida coletivamente, localizada num determinado contexto cultural, histórico e social, mas também foi uma construção singular e específica, com particularidades de cada uma delas. Por isso, é necessário entender que realizei a análise grupal, das histórias de vida de mulheres específicas, com trajetórias individuais, que devem ser considerados e respeitados.

Para analisar os discursos que permeiam as narrativas de Gizélia, Celeste e Cleide, me aproximei da Análise Crítica do Discurso que aponta para uma investigação, não apenas das práticas discursivas, mas das técnicas e estruturas sociopolíticas que apoiam estas práticas. Ou seja, me debrucei sobre as narrativas das professoras pensando também nas possíveis ferramentas de poder, implícitas em suas falas, que as moldaram e apoiaram seus discursos.

Por esse caminho foi posto em discussão os pressupostos que autorizam a edificação e a operacionalização do discurso que produziram as relações sociais de poder sobre as três educadoras, assim como as mudanças nessas relações, através das formulações de propostas para exercer ações de contrapoder e contra-ideologia, como estratégia de resistência às opressões sociais sofridas (MELO, 2009).

Nessa direção foram pensadas as conjeturas que sustentaram os discursos que controlaram os corpos e as ações das colaboradoras e, sobretudo, os mecanismos de contrapoder que se apropriaram ao longo de suas histórias para transformar as suas realidades e de muitas outras mulheres que viveram e vivem no contexto acadêmico em que estiveram inseridas.

Como sugere Melo (2009), a linguagem foi pensada como o fio central para dominação de um grupo sobre outro, mas, também utilizada pelos agentes subalternizados como

mecanismo de resistência e mudanças estruturais de poder em oposição às estratégias do discurso dominante e universalizado. Condizendo com a proposta de embate ao reducionismo, na direção da produção de saberes corporificados e localizados, propostos por Haraway (1995), a qual me aproximei para o desenvolvimento deste trabalho.

As narrativas das educadoras, não constituem apenas um mero registro neutro, pelo contrário, trata-se de uma provocação intencional e, portanto, um ato político (MEIHY, 2011). Que privilegia a análise de grupos excluídos, marginalizados e das minorias, como as mulheres, e ressalta a importância de memórias subterrâneas, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas (POLLAK, 1989).

Os três textos, que se encontra nos apêndices, revelam o pulsar das entrevistas, as falas das professoras que foram transcritas, textualizadas e *transcriadas*. Mas, também o silêncio, o não dito, por ter sido esquecido ou escolhido esquecer, pois se tratam de fatos e acontecimentos que as colaboradoras preferiram deixar guardados para si, em suas lembranças.

Pode ser observado, nas histórias *transcriadas*, que alguns dos acontecimentos, são mais abordados por uma das professoras, outros atravessam o narrar das três. Elas escolheram o que narrar e como narrar, evidenciando as lembranças sobre determinados quesitos, já outras permaneceram nas zonas de sombra, silêncios, "não-ditos" (POLLAK, 1989).

Em muitos momentos optaram por se calarem, se deixaram levar pela emoção, pelo "esquecimento" ou pelo o que não queriam ou não se sentiam confortáveis em dizer, refletido em momentos de silêncio, ou o desviar do assunto. Com isso, muitas informações nem se que foram apresentadas.

Por isso, o silêncio, o não dito e os motivos que levaram as educadoras se calarem, as respirações profundas, as pausas e o desviar do assunto quando relatavam suas dores e as pressões sofridas, também são importantes para esta pesquisa. Pois se trata de condições que embora não tenham sido reveladas em palavras, sinalizam como se sentiam diante de determinadas situações vividas no contexto acadêmico.

Sobre esse aspecto Pollak (1989), aponta a existência de uma fronteira entre o dizível e o indizível, o confessável e o inconfessável. O autor ainda nos fala que muitas lembranças proibidas, indizíveis ou vergonhosas são zelosamente guardadas em estruturas de

comunicação informais e passam despercebidas pela sociedade englobante. Sob essa ótica, podem existir razões bastante complexas que motivaram o silêncio das professoras, como os momentos de sofrimento ou situações ambíguas e passíveis de gerar mal-entendidos.

Nesse sentido, apareceram alguns testemunhos e declarações, que elas se optaram por não estarem nas histórias *transcriadas*. Escolheram ocultar informações que foram anunciadas durante a coleta de dados, mas que foram retiradas do texto final durante a validação. Pois sentiram à vontade de compartilhar durante as falas como um desabafo de suas dores, de feridas que foram reabertas e revisitadas, mas preferiram não tornarem públicas, nesse trabalho.

Tomando como referência Pollak (1989), penso que essas mulheres compartilham lembranças que consideram “comprometedoras” e preferiram guardar em silêncio, ao invés de se arriscar a um mal-entendido sobre uma questão tão grave, ou até mesmo de reforçar a consciência tranquila. Para o autor, essa atitude ainda pode ser reforçada pelo sentimento de culpa, oculto no fundo de si mesmas, como lembranças traumatizantes, que esperam o momento e local propício para serem expressas.

Por essa ótica, sinalizo a importância de ter realizado a validação como propõem Meihy (2005) e Meihy e Holanda (2011), e não simplesmente me apossar dos dados como produto inteiramente da pesquisa, sem levar em conta a autorização das colaboradoras para a publicação das histórias *transcriadas*.

Ainda sobre o silêncio das professoras, penso que se calaram, não apenas por questão de escolha, mas porque assim foram exigidas a vida inteira, pois o silêncio feminino em muitos casos foi e ainda é “obrigatório”. As colaboradoras deixaram de falar sobre certos assuntos porque em muitos momentos foram ensinadas que é preciso calar-se para evitar problemas, calar-se porque mesmo berrando, gritando não foram ouvidas pelos seus pares, em reuniões de departamento, pelos seus pais e maridos em suas próprias casas. Porque suas vozes foram “apagadas” pelas marcas do tempo, pelo sistema opressivo de uma sociedade marcada pelas matrizes de poder masculino-patriarcal que permeiam suas vidas e provocam o memoricídio de suas histórias.

Em oposição aos discursos silenciadores, em decorrência do memoricídio feminino, produzi textos, atendendo as indicações de Meihy (2005) e Meihy e Holanda (2011), e

fui além do que é proposto pelo autor e pela autora e me debrucei sobre as narrativas das três professoras, na busca de experiências que refletem as suas vozes e que provocam enfoque crítico sobre suas trajetórias científicas/acadêmicas.

Levando em consideração as críticas sobre a ciência que se instituiu como um constructo humano, influenciada por questões sociais, culturais e históricas, implicadas em fatores econômicos e políticos, em meio a relações de poder, onde são evidenciados os conflitos entre os grupos dominantes e subalternizados.

O fazer científico, sob esse aspecto, não pode ser visto como um conjunto de conhecimentos em si, desconectados das instâncias em que são produzidos, pois está localizado num tempo e num espaço, determinados pela classe social, gênero, raça, orientação sexual e tantas outras estruturas sociopolíticas (SILVA E RIBEIRO, 2012).

Por esse caminho Haraway (1995), propõe o desenvolvimento de saberes localizados/corporificados, e trata a ciência como uma construção contingente e parcial que se constitui nas relações entre os diversos pontos de vista, de variados sujeitos, responsáveis pelo conhecimento e pela maneira em que é fabricado.

Fundamentado nas ideias de Haraway e no movimento feminista, busquei a construção de um conhecimento situado, parcial, crítico, apoiado na possibilidade de redes de conexão e mergulhado em um nascente sentimento de subjetividade, atuação histórica coletiva. Em oposição as produções de conhecimento que por muito tempo, estiveram centradas na visão masculinizada e relacionada com a busca de tradução, convertibilidade, mobilidade de significados e universalidade.

Evidenciando a crítica e o questionamento à ciência comprometida com a narrativa androcentrada, onde as mulheres passaram séculos invisibilizadas, vivendo experiências e histórias ajustadas por abordagens sexistas, que as deram e ainda as oferecem dificuldades no cenário científico.

Assim, penso que a presença das mulheres na ciência está atrelada a uma estrutura social, cultural e cientificamente elaborada pela diferença de gênero que sustenta os mecanismos de opressão em que nós homens ainda somos beneficiados por diferentes contextos. Pois, se as mulheres foram historicamente impedidas de fazer ciências, muitas não foram reconhecidas pelos seus esforços, são restritas em algumas áreas de conhecimento, dentre

várias outras questões, é também por conta do lugar que somos colocados/as e nos compreendemos como homens e mulheres ao longo da história.

3- A INSERÇÃO DE TRÊS PROFESSORAS DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA NAS CIÊNCIAS BIOLÓGICAS.

É discutido, nesse momento, sobre os mecanismos presentes na introdução das professoras no curso de biologia, associada ao movimento que possibilitou com que as moças pudessem prestar os exames do Ensino Superior. Também é posto em discussão os conflitos gerados pelos anos de exclusão das mulheres nos espaços científicos e acadêmicos e sua recente introdução neste ambiente.

Tomando a biologia para essa discussão, vemos que esta apresenta uma longa história de presença e exclusão das mulheres. Até a primeira metade do século XVIII, a botânica, por exemplo, era considerada uma ciência feminina, mas a sua profissionalização, que ocorreu principalmente na segunda metade do século XIX, a transformou radicalmente (OSADA E COSTA 2006). Esse processo levou o fim das atividades realizadas pelas mulheres em seus lares ou laboratórios privados, gerando uma experiência cruel para as botânicas (Landes, 2005). Pois essas mulheres que se dedicaram à ciência ilustrando importantes livros de introdução e de divulgação científicas foram “expulsas” e não tiveram suas competências reconhecidas (HTEIR 1997).

A exemplo de Maria Elizabeth Jacson, cujo livros introduziram uma geração de rapazes e moças à botânica no Século XVIII, Agnes Ibbetson que publicou dezenas de artigos sobre fisiologia vegetal em revistas científicas do início do século XIX ou Elizabeth Kent, escritora britânica do século XIX sobre assuntos botânicos e hortícolas. Mas, no entanto, os nomes dessas três mulheres desapareceram quase completamente das histórias da botânica e da cultura científica, assim como muitas outras (HTEIR 2005).

De acordo com Osada e Costa (2006), a única forma de participação dessa nova ciência, institucionalizada em meados do século XIX, era através do ensino em universidades, em que as mulheres eram proibidas de frequentar o que as afastou por um longo período do

fazer científico. Só para ter uma ideia, no Brasil, as primeiras escolas superiores foram criadas a partir de 1808 (LUBISCO e VIEIRA, 2019), mas só apenas em 1879, com a Reforma Leôncio de Carvalho, que passou a permitir o ingresso de mulheres nestas instituições. No entanto, a separação por sexo no ensino secundário impossibilitou com que a maioria das alunas pudessem realizar os exames de admissão às faculdades.

Ao atentarmos aos fatos, podemos perceber os indícios de que a trajetória das mulheres no contexto educacional está associada com o movimento de sua inserção na ciência, onde hoje se constata participação mais efetiva.

Para Marcílio (2005) esse processo passou por mudança proeminente quando Berta Lutz, uma das mais importantes cientistas brasileiras liderou o movimento sufragista aqui no Brasil e conseguiu a abertura do Colégio D. Pedro, escola normal oficial para moças em 1922. Influenciada pelo movimento feminista que lutava pela abertura das universidades às mulheres inglesas, na segunda metade do século XIX.

Esse advento foi de extrema importância na história da educação e da ciência brasileira já que permitiu com que as jovens pudessem prestar os exames do Ensino Superior, uma vez que as escolas normais para moças não as preparavam para os exames de latim, gramática e filosofia. (MARCÍLIO, 2005).

A significativa chegada das mulheres aos espaços de construção da ciência tem revolucionado a maneira e o que é produzido de conhecimento, em um ambiente que foi historicamente moderado nos moldes patriarcais, com viés androcêntrico e que até recentemente era frequentado quase que exclusivamente pelos homens. O que tem tornado a ciência e os campos universitários um cenário de diversos conflitos incitados, principalmente, pelos questionamentos feitos pelos movimentos feministas aos seus padrões masculinizantes e excludentes.

De acordo com Souza e Sardenbeg (2013), desde os anos 1960 que as mulheres em várias partes do mundo, sobretudo nos países de capitalismo avançado, vêm se organizando como um grupo e criticando a forma positivista, androcêntrica de fazer ciência. As críticas realizadas por grupos feministas aos padrões rígidos e universalizados de fazer ciências têm convidado a construção de um projeto de ciência alternativo e democrático, com múltiplas falas, atores e sujeitos.

A significativa presença das mulheres na ciência sugere o afrouxamento da exclusão vivida por muito tempo, mas, outros problemas ocasionados pelas diferenças de gênero ainda são frequentes. Pois as relações de poder e subjugação sobre seus corpos se modificam e se ajustam ao longo do tempo e de acordo a cada ambiente (VANIN, 2008). Nessa lógica o patriarcado ganha novas estruturas e vai se constituindo, ao longo da história, se adequando aos contextos sociais, políticos e econômicos de cada sociedade onde esteve e está presente. Por isso, a discussão acerca dos processos de exclusão feminina não se esgota, ainda não foi alcançado a equidade por direitos entre homens e mulheres nos espaços públicos.

A saída das entrevistadas do núcleo familiar patriarcal para estudar em uma universidade, por exemplo, representa a ruptura com o discurso oficial sobre o papel feminino, que idealizava as mulheres apenas como uma boa mãe e uma boa esposa. Seus espaços deixaram de estar circunscritos ao lar, mas continuaram a sofrer violências que não foram superadas, ou outras formas de agressões que surgiram como estratégias de articulação e reestruturação do patriarcado. Pois permaneceram ligadas a certas obrigadoriedades e seus corpos foram vigiados, regulados, punidos, por se encontrarem presas aos vínculos amorosos, sociais, políticos, dentre tantos outros que constroem a imagem social da mulher.

Por esse caminho, o contexto com maior presença das mulheres na ciência, a exemplo da biologia, provoca outros enfrentamentos. Pois, assim como há o empoderamento e a luta feminina por espaço nos campos científicos, existe também a rearticulação dos sistemas que as regulam e as limitam nesse novo ambiente ocupado.

Portanto, é necessário pensarmos que não é apenas pelo direito de ter a presença na ciência que as mulheres lutam, as suas reivindicações consistem na consolidação de outros direitos e o rompimento de condições desvantajosas, claramente relatadas nas narrativas das educadoras. Como o direito por espaço, de não serem assediadas, de serem mães e terem uma carreira proeminente, de não serem julgadas pelas suas pesquisas, pelos seus comportamentos, pela roupa que vestem. Buscam o direito de assumir lideranças sem terem que se adequar aos padrões masculinizantes de poder, de terem condições para serem competitivas na produção de conhecimento, de serem reconhecidas pelos trabalhos desenvolvidos e tantas outras questões que foram relatadas ao longo das entrevistas.

Esse é um jogo em que as mulheres continuam na busca pela emancipação e independência, pois ainda não conquistaram seu empoderamento nas diferentes áreas da sociedade e continuam sofrendo com a desigualdade e com as violências moral, psicológica, sexual e física, que interferem diretamente nos papéis ocupados nos ambientes científicos como apontam (LOURO, 1995; SOUZA, 2014; SILVA, 2012 E 2014; SCHIEBINGER 2001; SCOTT, 1995; SILVA E RIBEIRO, 2011 E 2012), o que também é identificado ao longo das histórias das colaboradoras desta pesquisa.

Percebe-se, entretanto, que esse cenário vem sendo transformado ao longo dos anos, pois as mulheres passaram formar e reformular seus espaços sociais de maneira ativa neste processo de mudança. Seguindo a um movimento que permite saírem da invisibilidade de suas dores e violência sofridas para o mundo com maiores possibilidades de denúncias, conquistas e representação em diversos setores.

As histórias de Gizélia Vieira, Celeste Valverde e Cleide Mércia, representam a luta destas mulheres por emancipação e a crítica aos padrões civilizatórios da ciência. Nos contam sobre o movimento de mulheres que passaram a “invadir” os centros acadêmicos e científicos do país a partir da década de sessenta, os quais tomo como elementos para análise. Para isso, foco nos pontos de encontro, as continuidades e discontinuidades que revelam experiências semelhantes, ainda que vividas de formas distintas por cada uma delas.

Ao submergir às histórias me deparei com práticas atravessadas por relações de poder e saber, mas também de contrapoder e contraideologia que construíram e modificaram as experiências das professoras e que moldaram os caminhos traçados ao longo de suas trajetórias. Encontrei processos de subjetivação, como os medos, perspectivas, afetividades, superação, decisões, lugares, tempos, as vivências relacionadas à natureza, a origem familiar, as subversões diante da determinações sociais como o casamento, a maternidade, o não quererem ser professoras primárias, as dificuldades com as disciplinas exatas, questões econômicas, a presença da família e docentes que entusiasmaram a qual carreira seguir, as dificuldades e conflitos vividos na graduação, dentre tantas outras atividades que cruzaram as suas vidas.

Em suas falas, as docentes revisitaram, pela memória, as diversas experiências cotidianas, produzidas e mediadas pela linguagem e expuseram os significados de si, de suas vidas, das pessoas que conviveram, quanto dos ambientes onde passaram, revelando suas

identidades, em um complexo jogo narrativo, estabelecendo suas posições nos espaços ocupados (LARROSA, 1996). Indicando como foram construídas enquanto filhas, garotas interioranas movidas pelos sonhos, mulheres, biólogas, professoras, mães, esposas, dentre tantas outras. Ecoando as dores, as dificuldades, os sucessos, conquistas, propagando os discursos e as práticas que constituíram seus múltiplos papéis.

Assim, as narrativas traduzidas, *transcridas*, analisadas e discutidas, foram construídas por muitas vozes, pois se tratam de mulheres múltiplas, que comungaram características e compartilharam entre si e com muitos outros corpos femininos, experiências que atravessaram suas vidas no contexto científico e tantos ambientes que estiveram presentes.

Dentre as maneiras de externar o que foram e são ao longo de suas vidas, as entrevistadas permitiram que sobressaíssem as mulheres e professoras que narraram suas trajetórias e contaram como romperam com as estruturas de poder para se inserirem em um curso de graduação, como se tornaram pioneiras no curso de biologia da UEFS e como construíram uma história de superação, diante das barreiras e violências de gênero vivenciadas.

3.1 AS MOTIVAÇÕES PARA INGRESSAR EM UMA UNIVERSIDADE

Para a análise das narrativas, apresentadas neste tópico, busquei os significados sobre a entrada das colaboradoras na universidade e debati sobre os discursos que produziram suas experiências e as posicionaram enquanto sujeitos. O estudo direcionou para as interposições discursivas que revelaram as motivações para ingressarem nas ciências biológicas ou história natural ao invés de outra área, como foi o acesso à universidade e como romperam com os papéis social e culturalmente designados as mulheres, ao saírem do seio familiar para morar em outra cidade e cursar a graduação, por exemplo.

Em um contexto, em que as mulheres eram direcionadas para o casamento, o cuidado com o lar e a atuação profissional à docência nas séries iniciais, mas que também passava por transformações com o processo de redemocratização do ensino e as mudanças na

imagem social da mulher que apresentaram maiores possibilidades para que Gizélia, Celeste e Cleide pudessem adentrar na universidade.

As histórias que compõem esta pesquisa trazem experiências implicadas na constituição das entrevistadas como cientistas e mulheres que compartilharam características incomuns, sendo uma delas a maneira que se projetaram e contaram sobre os mecanismos que interferiram na escolha profissional.

Não escapa ao/a observador/a atento/a, a constatação de que os eventos e processos presentes nas histórias *transcriadas*, evidenciaram a escolha profissional como uma decisão construída a partir de motivos pessoais, mas que também foram atravessados por incentivos de pessoas próximas que se constituíram como referência. Além das questões econômicas refletidas no desejo de libertação financeira com a possibilidade de inserção no mercado de trabalho, entre outros aspectos, que se configuraram como condições de possibilidade para o ingresso na universidade.

Ao adentrar nas narrativas que revelam as trajetórias das professoras, o/a leitor/a logo perceberá que elas iniciaram as suas falas alertando que são mulheres constituídas por um percurso histórico e apresentaram a necessidade de firmar suas origens como um fio sedutor para toda trajetória. Elas reportaram às vivências na infância e adolescência, destacando a identificação com a natureza, a vida simples e tranquila em uma cidade do interior, para justificarem a escolha profissional.

Gizélia Vieira: *“Também acho que o contato com a natureza tenha me influenciado a querer estudar estas coisas. Tinha uma vida mais ligada ao campo do que outro tipo de atividade que pudesse me levar para outro caminho”*. Cleide Mércia: *“Hoje compreendo que tive, desde cedo, uma certa tendência a seguir essa área, sempre fui muito curiosa em relação a natureza, aos animais e as plantas. Meu olhar investigativo era aguçado, tendo maiores preferências pelas ciências no ensino fundamental”*. Maria Celeste: *“Fui crescendo e vendo que almejava, alguma coisa que me colocasse junto à vida. Optei por cursar Biologia, pois encontrava maior facilidade em observar os fenômenos da natureza⁶”*.

As marcas de determinadas brincadeiras ligadas ao meio rural, vividas na infância também emergiram em suas falas. As entrevistadas consideraram que o brincar com

⁶ Por ser um estudo coletivo, os trechos apresentados são retirados das narrativas das três professoras em pontos em que revelam situações semelhantes. Em alguns momentos uso falas únicas, por não ter aparecido nas entrevistas das demais ou para trazer questões individuais de cada uma destas mulheres.

animais, as folhas e frutos, foram aspectos importantes nas suas escolhas profissionais em função da vocação para algo que estava associado com a natureza.

De tantas experiências as quais reviveram e revisitaram em suas lembranças, ficaram em proeminência os elementos relacionados as atividades escolares que marcaram suas vidas e foram fundamentais na escolha da profissão.

O período relatado foi caracterizado pelo estabelecimento da ordem patriarcal a qual ainda recente, moldava a educação feminina no Brasil, cujo currículo diferenciava-se do masculino. Onde o ensino para as moças voltava-se para o aprimoramento de habilidades domésticas como a costura, o bordado e a cozinha em escolas destinadas só para elas (ALMEIDA, 1996).

No momento em que as entrevistadas adentram o ambiente escolar, o pensamento para a formação das moças, estava aliado a necessidade de preencher uma lacuna ocasionada pela falta de profissionais para lecionar nas séries iniciais. As jovens, nesse cenário, se tornavam professoras e abraçavam o magistério como possibilidade para transitar entre o mundo privado de seus lares e o mundo público dos homens, no mercado de trabalho (MELNIKOFF E MELNIKOFF, 2014).

A busca das mulheres pelo espaço público das salas de aula, associada as representações sociais que lhes eram impostas, geraram uma atmosfera favorável a mão de obra barata. Com a baixa capitalização da profissão docente os homens partiram em direção à outras profissões o que provocou a maior contingência de mulheres assumindo o papel da docência, gerando nesse contexto, a concepção da educação enquanto cuidado e prática feminina (ALMEIDA, 1996; MELNIKOFF, R; MELNIKOFF, E, 2014). A educação escolarizada, como veiculadora desses pressupostos sugeria o magistério como vocação⁷ a qual as entrevistadas foram influenciadas a seguir.

Maria Celeste: *“As moças da época faziam magistério ou pedagógico para serem professoras do primário, mas eu não tinha vocação alguma para tais costumes: que eram se casar e se tornar professora primária”*. Gizélia Vieira: *“Minha irmã, quando ela concluiu o ginásio foi fazer o Pedagógico ou Magistério, mas eu não fui, porque não queria ser professora primária”*.

⁷ O conceito de vocação foi uma importante estratégia para induzir as mulheres a escolher as profissões menos valorizadas socialmente (BRUSCHINI e AMADO, 1998).

Ao narrar suas histórias as educadoras apontaram situações que exibiram a construção vocacional do magistério enquanto prática feminina a qual foram seduzidas a seguir. Por diversos momentos Celeste, Gizélia e Cleide falaram que foram direcionadas a atender as exigências sociais sobre seus corpos e que determinavam os papéis a serem cumpridos, sendo uma delas o de serem professoras nas series iniciais.

Elas discorreram sobre a resistência e o não interesse pela docência na educação básica e como passaram a trilhar outros caminhos que as levaram a uma carreira acadêmica, devido as condições de suas famílias e as mudanças na imagem social da mulher naquele contexto. Porém, as três entrevistadas se tornaram professoras e duas delas chegaram a lecionar na educação básica no, início de suas carreiras.

Não é o intuito aqui, examinar com profundidade as questões que envolvem a profissão docente e sobre os mecanismos de feminização do magistério, fato que exigiria reflexões específicas sobre os significados da educação, bem como uma discussão ampla sobre as demandas vinculadas às atividades docentes. Busquei, apenas sinalizar o contexto no qual viviam as entrevistadas e os processos que as afastaram da carreira no magistério nas séries iniciais, mas que as conduziram para uma graduação em licenciatura, que as tornaram professoras

Observa-se na narrativa da professora Gizélia que no segundo ano de graduação passou a dar aula de Ciências no Ensino Básico. Logo após a conclusão da graduação, foi aprovada no concurso público para professora da Educação Básica do Estado, passando a ensinar também a disciplina de biologia por um longo período em escolas públicas e particulares até se dedicar exclusivamente ao Ensino Superior.

Celeste também seguiu o caminho da docência no Ensino Básico nos primeiros anos de faculdade, assim com Gizélia, foi aprovada em concurso público do Estado da Bahia, ensinou em escola particular e em cursinho preparatório para o vestibular e logo passou a se dedicar apenas a Universidade, que era seu objetivo principal.

A professora Cleide, foi a que apresentou maior desinteresse pela educação, principalmente o Ensino Básico. Logo que entrou na universidade optou pelo bacharelado, modalidade que não era ofertada no período em que Gizélia e Celeste se Graduaram. Cleide queria fazer pesquisa e não ser professora. Como não conseguia

estágios na universidade passou a estagiar em laboratórios particulares e seu destino, assim como de suas colegas de profissão, foi à docência.

Embora houvessem cursos universitários cada vez mais ocupados pelas mulheres, muitos deles continuavam a conduzir as moças para a docência ou a enfermagem. Com isso, a esfera pública havia aberto a possibilidade da existência feminina, mas em ambientes bastantes restritos o que repercute até os dias atuais. As concentrando em determinadas áreas e sendo bastantes restritas em outras.

Ainda sobre a educação como elemento de formação e que conduziu as professoras na carreira, pode-se dizer que a Constituição de 1946 refletiu o processo de redemocratização do país, defendendo a educação como um direito de todos. O que gerou a atmosfera para a criação de Universidades Federais em todo território brasileiro, entre as décadas de cinquenta e setenta, tornando mais viável a introdução das colaboradoras no cenário acadêmico (LUBISCO e VIEIRA, 2019).

No ambiente escolar as entrevistadas foram conduzidas a cursar o científico, destinado para quem pretendia adentrar em uma faculdade, ou o curso técnico que preparava para o mercado de trabalho, sendo moldadas e direcionadas ao amadurecimento de qual carreira seguir, já com a ideia que iriam continuar a formação em uma graduação. Os elementos estruturais de como a educação foi sendo articulada as afastavam das disciplinas exatas, o que revelaram o desinteresse e dificuldades em seguir áreas ligas aos conhecimentos exatos de maior preferência masculina. Das três professoras, apenas Cleide declarou que tinha interesse e facilidade pelas disciplinas que envolviam cálculos durante as séries iniciais, mas o curso técnico que optou por seguir, posteriormente, não a estimulou a aproximação com estes conteúdos. Inclusive, biologia, química e física não fizeram parte da grade curricular, como pode ser evidenciado em trechos das falas das professoras, a seguir.

Gizélia Vieira: *“Sempre fui muito ruinzinha para as disciplinas da área de exatas, não entedia muito bem a matemática, física e química”*. Maria Celeste: *“As meninas tinham dificuldades nas áreas de ciências exatas”*. Cleide Mércia: *“Quando fui para o ensino médio não tive biologia, física e química”*.

Embora a educação passasse a ser ofertada para garotos e garotas em um único ambiente, seguindo o mesmo currículo, os aspectos culturais e sociais presentes como a masculinização dos conteúdos exatos, possibilitaram uma disparidade no ensino e as

experiências vividas, de uma certa forma, interferiram nas escolhas profissionais. Segundo o relato das professoras os meninos demonstravam maiores pretensões para a medicina, o direito, a engenharia e as meninas preferiam as ciências humanas ou algo ligado enfermagem ou biologia.

A fala das colaboradoras revelou a existência dos padrões socialmente construídos que evidenciam as construções sociais de gênero e corroboram com a divisão sexista nas produções científicas. Os papéis masculinos e femininos delimitados por estes padrões induziram e continua influenciando as mulheres a não gostarem de matemática e as empurram para áreas com componentes biológicos, as humanidades ou outras disciplinas como menor status e conseqüentemente com menores remuneração, como a docência (VELHO E LEÓN 1998).

Nessa circunstância a biologia surgiu como uma profissão possível para as colaboradoras associado a facilidade e gosto pelos conteúdos escolares da disciplina ciências, transformados em interesse por essa área com espessa participação feminina.

Atualmente a biologia apresenta uma significativa participação feminina, seja nos cursos de graduação ou pós-graduação, diferente do que acontece em outras áreas científicas como a física, a matemática e a tecnologia que apresentam restrições mais expressivas à participação das mulheres (GROSSI *ET AL*, 2016).

As informações presentes no trabalho realizado por Grossi *et al* (2016), mostram que de acordo com o banco de dados da CAPES, a maioria das mulheres brasileiras que defenderam seus doutorados entre os anos de dois mil e dois mil e treze são da área da biologia, diferente da engenharia que apresenta os menores números.

A biologia se tornou um ambiente com menor presença masculina e propiciou para as mulheres, motivo que possivelmente tenha interferido nas escolhas das entrevistadas por essa área. Tais questões estão relacionadas com os sistemas de construção de “verdades”, atravessadas por determinados discursos, profundamente implicados com relações de poder que regulam as representações sobre mulheres e homens na sociedade.

Existe, portanto, uma esfera social e cultural acerca dos papéis que devem ser assumidos por corpos masculinos e femininos que vão mediando de maneira camuflada os caminhos que homens e mulheres devem seguir.

Com isso, a escolha das professoras pela biologia não esteve isenta de fatores externos que as direcionaram para essa área. Por exemplo, quando se trata de aspectos ajustados nas interações com elementos que contribuíram na decisão em cursar uma graduação, as colaboradoras se remetem aos/as professores/as de biologia como causadores/as de efeitos nas suas vidas, no que diz respeito à identificação com a área do conhecimento e como motivadores/as para a escolha profissional.

Os lugares que viveram, as condições econômicas, a cor da pele, a quais famílias pertenciam, também foram agentes reguladores dos corpos e das decisões das colaboradoras, que autorizaram o acesso a um curso universitário. É importante refletirmos que esses mecanismos são também os que impediram que muitas outras mulheres não fossem autorizadas a acessar uma formação acadêmica, no período.

Pode ser notado que em todos os casos, suas mães e seus pais possuíam no máximo, a formação primária, o que implicou a titulação universitária algo novo no seio daquelas famílias. Outra questão a ser problematizada é a condição econômica. Por serem de classes média baixas, não tinham a universidade como destino, por ser frequentada por pessoas de maior poder aquisitivo, na época. Consequência das influências de uma educação elitista implantada no país que em sua origem atendia apenas filhos de aristocratas da colônia e se perpetuou ao longo dos anos.

Nesse sentido, as entrevistadas afirmaram que não tinham uma referência ou exemplo a seguir, ninguém do núcleo familiar havia adentrado em uma universidade, sendo elas as primeiras ou até mesmo as únicas a seguirem uma carreira acadêmica.

Maria Celeste: *“Meus pais deixaram-me a escolha livre por qual profissão seguir, o que me garantiu grande tranquilidade”*. Cleide Mércia: *“Painho comprava livros, estudava muito e me mostrava como se tratava as partes do dente, mas não exigiu qual profissão deveria seguir”*. Gizélia Vieira: *“Meus pais não influenciaram nem me obrigaram a nada. Eles gostavam muito de ler, mas não tinham curso superior, só o primário, então não chegou a interferir na vida de nenhum filho, cada um fez o que bem entendeu”*.

Talvez, por isso, tenham relatado que não houve a participação da família em suas decisões sobre qual carreira seguir. O que é um tanto contraditório, já que alguns dos elementos que emergem das narrativas, mostram a presença marcante da família, especialmente dos seus pais ou padrinho, indicando outros cursos a serem seguidos, que não a biologia.

Ao longo da entrevista, enfatizaram o incentivo para que seguissem carreira em áreas como medicina ou odontologia, possivelmente pelo status profissional que estes cursos significavam, ou até mesmo por serem os mais conhecidos: Indicando que a escolha profissional teve influência das representações sociais e criam condições para problematizarmos os significados atribuídos a determinadas profissões, especialmente o status que algumas delas possuem.

Isso me faz pensar que talvez as educadoras não tenham sofrido influência dos pais para cursarem biologia, possivelmente por ser uma área nova, pouco conhecida, que estava se estruturando e ainda não era oficialmente regulamentada como profissão. As entrevistadas afirmaram que pouco sabiam sobre sua existência como profissão e só tiveram maior compreensão da área após adentrarem à universidade.

Os relatos apresentados também mostram a influência das relações das entrevistadas com seus irmãos e irmãs. Por exemplo, o pai de Celeste queria que seu filho tivesse estudado e se tornado médico, mas com o desinteresse pelo estudo e tendo a filha mais velha seguido matrimônio e os caminhos do marido, coube a filha mais nova atender o desejo do pai em cursar uma faculdade. Já Gizélia fez parte de uma realidade diferente, onde todos os seus irmãos e todas as suas irmãs cursaram uma graduação. E Cleide tem seu destino influenciado pela separação da irmã quando ainda pequenas, que a motivou sair de casa e cursar a graduação em uma outra cidade, onde passaram a viver juntas novamente.

Ao falarem como foi sendo construído os caminhos que as levaram para uma carreira universitária, também sinalizaram as estruturas sociais e mecanismos de poder que as edificaram enquanto mulheres, refletidas na adequação exigida, mas também nas práticas de enfrentamento do que era socialmente imposto.

Suas falas nos expõem que muito antes de pensarem em uma carreira ou qual caminho seguir, seus corpos foram moldados e direcionados a cumprir determinadas exigências, que mantinham os papéis tradicionais de mulher no espaço doméstico. Pois, ao falar das suas histórias como professoras e cientistas, esteve implicado a condição feminina.

Cleide Mércia: *“Minha mãe me ensinou a costurar, alinhar, pregar botão, fazer bainha e a cozinhar, me preparando para ser dona de casa”*. Maria Celeste: *“Minha mãe, cumpriu o papel de mãe e doméstica, que naquela época era o de criar os filhos”*.

Em muitos momentos as professoras apresentaram discursos relacionados ao papel social da mulher, como uma obrigação feminina, “advinda da sua natureza”. Revelando um jogo discursivo que estabeleceu a rígida divisão do mundo masculino e feminino a partir das diferenças biológicas, onde as mulheres foram localizadas no campo do privado, ligado as funções maternas e reprodutoras. Para Louro (1995) e Scott (1995) a educação doméstica é uma estrutura discursiva que mantém com clareza os limites entre estes dois mundos, o destinado aos homens e o pertencente as mulheres.

As falas das professoras mostraram como a força destes discursos foi sendo transmitida de geração a geração, onde a elas, cabiam a reprodução, o cuidado com a casa, os/as filhos/as e esposo, como um exemplo a ser seguido⁸. Em um processo de adequação aos padrões socioculturais do silêncio e como consequência da separação dos espaços de atuação entre público/masculino e privado/feminino.

Porém, as ferramentas de poder que estabeleciam os limites entre estes dois mundos têm sofrido fortes embates, sobretudo pelas mudanças sociais em direção a induzir as mulheres a adentrarem no mercado de trabalho com mais frequência e terem autotomia financeira. Como resultado da atuação dos movimentos feministas que deflagraram uma série de denúncias sobre o lugar secundário ocupado pela mulher há anos na sociedade, sustentado pelas diferenças biológicas entre os sexos (SCOTT, 1995).

Esse cenário motivou mudanças na vida das entrevistadas como pode ser visto em suas narrativas. Embora tenham sido incitadas pela figura de mulher cuidadora a qual suas mães estiveram confinadas, também foram encorajadas por elas, a buscarem novos mecanismos para não viverem as mesmas situações de subjugação e dependência que estiveram acometidas.

Cleide Mércia: *“Ao mesmo tempo que fui direcionada para uma vida doméstica, minha mãe também me estimulava a estudar para me dar bem na vida, ter uma profissão e uma vida menos difícil”*. Gizélia Vieira: *“Queria ser independente, ter meu dinheiro”*. Maria Celeste: *“ Queria algo que garantisse uma carreira que me desse independência e sustento ”*.

⁸ Refiro-me ao fato das entrevistadas serem conduzidas a constituírem um núcleo familiar que apresenta a relação heterossexual, ou seja, a figura do pai, filhos/as e da mãe responsável por cuida-los/as, vivido no contexto das histórias narradas. Nas relações homoafetivas apresentam outras estruturas que tendem a romper com determinadas estratégias de poder e surgem outras, mas que não cabem ser discutidas nesse trabalho.

Os resultados encontrados indicaram que as entrevistadas receberam estímulos, especialmente de suas mães, para estudarem e se adequarem as novas cobranças que surgiram como o mercado de trabalho, cada vez mais ocupado pelas mulheres.

A dedicação aos estudos foi vista como uma tática para livrar-se da dependência econômica que colocavam as mulheres, como suas mães, nas condições que estavam. Sendo essa, portando, uma motivação consciente que as impulsionaram a construir uma carreira acadêmica, e assim, vivenciarem outras conjunturas que fugiam do que estavam predeterminadas.

O pensamento de estudar e serem bem-sucedidas, surgiu, juntamente, com a compreensão de que eram capazes de superar a relação de dependência que viviam, para que pudessem ocupar espaços que iam de encontro aos poderes que as construíam como mulheres para casar e serem donas de casa, apenas.

Com isso, desafiaram a estrutura social vigente que ditavam e normatizavam as regras sociais e buscaram romper com os padrões que estabeleciam papéis rígidos e bem definidos sobre seus corpos. Passaram a não atender aos ensinamentos que as governavam, exclusivamente, ao lugar social e subjetivo de administradora do lar, frágil, dependente, maternal, responsável pela educação das filhas.

Maria Celeste: *“Para mim é um orgulho, porque fui de encontro as regras que determinavam que as mulheres de minha época deveriam seguir os mesmos destinos, indo um pouco além de meu tempo, nesse sentido”*. Cleide Mércia: *“Nós mulheres passamos a vida toda tendo que lutar conta uma imposição que nos é dada, tive que correr atrás de uma profissão, estudar para poder diluir um pouco isso”*.

Tomando decisões que eram dificilmente aceitáveis na cultura da época, como o fato de não querer casar ou depender financeiramente do marido. Atribuindo-se características de mulheres à frente do seu tempo, capazes de saírem cedo do interior para buscarem melhores condições de vida na capital, se interessando por atividades como política e a universidade.

Considerando os fragmentos até aqui elucidados e me aproximando dos saberes proferidos por (Hall, 1987), identifico elementos que oferecem informações sobre os significados que constituíram o papel social das entrevistadas como uma construção sócio-histórica, constantemente transformado na interação com o mundo e as pessoas que viveram, onde se se transformaram a partir das relações de conflitos.

Implicando a afirmação de que os papéis assumidos pelas professoras ao longo de suas trajetórias foram instâncias dinâmicas, formados e transformados continuamente em relação às formas pelas quais foram representadas ou indagadas nos sistemas culturais que as rodeavam, sendo, portanto, definidos historicamente por aspectos culturais.

Nessa direção, aproximo dos saberes proferidos por Melo, (2009) para pensar que as entrevistadas viveram situações de rupturas com as conjunturas e relações de poder a partir de estruturação de contra poder e contra ideologia, que implicaram no direcionamento para uma carreira acadêmica.

E com isso, é fundamental olharmos para a inserção destas mulheres na universidade, não dependente de suas características individuais, apenas, mas também de fatores micro e macroestruturais, de acontecimentos sociais, culturais, históricos, bem como econômicos e políticos (SILVA, 2012). Que foram atravessados por determinados discursos, carregados de saberes e poderes, que produziram efeitos nas suas escolhas profissionais.

Assim, observa-se nas histórias, que as professoras ao entrar nos cursos de biologia ou história natural, foram influenciadas por pessoas e acontecimentos, pelo o cenário político, cultural, social e científico. Assim como, os aspectos pessoais, sociais e culturais, muitos deles relacionados a vivência das entrevistadas com família e escolas, na infância e adolescência, no interior da Bahia e que geraram suas movimentações em direção a carreira acadêmica.

3.2 O CONTEXTO DA FORMAÇÃO DOCENTE/CIENTÍFICA ENTRE OS ANOS DE 1964 A 1985

Foram abordados, aqui, elementos que foram fundamentais para o fortalecimento nos papéis assumidos e vivenciados pelas professoras nos cursos de História Natural ou Biologia nas décadas de sessenta, setenta e meados dos anos oitenta, no cenário científico baiano, em um contexto de ditadura militar, que lhes ensinaram modos de pensar e atuar

com relação à ciência e implicaram na constituição como mulheres, professoras e cientistas⁹.

Nesse sentido, foi posto em discussão experiências, contextualizadas com a história da sociedade, na direção de tecer uma rede discursiva sobre os acontecimentos que as conduziram na carreira acadêmica/científica, como a migração do interior para a capital baiana, associado aos mecanismos de controle de seus copos. Assim como a atuação feminina na esfera pública como a luta armada e o protagonismo na biologia baiana.

A trajetória das professoras Gizélia, Cleide e Celeste na graduação é significativa para a compreensão de fatos ocorridos nos anos de 1964 a 1985 e das práticas culturais do período sob um olhar histórico (GARNICA, 1998). Ao relatarem sobre suas vidas durante a formação acadêmica/científica, narraram suas experiências vividas, suas memórias e, principalmente, o impacto que estas lhes causaram (PORTELLI, 1997).

Através de conversas, durante as entrevistas, falaram sobre duas décadas que marcaram a história social e política da sociedade brasileira, que interferiram em setores como educação, a ciência e provocaram constantes transformações no papel tomado pelas mulheres.

As três professoras forneceram pistas sobre suas memórias, culturas e identidades que geraram possibilidades interpretativas sobre suas experiências e revelaram discursos geralmente ocultados nas análises históricas (PORTELLI, 2010). De fatos que atravessaram suas vidas em um período que a sociedade brasileira foi: fortemente influenciada pela ditadura militar, que modificou a perspectiva política e cultural do país e foi responsável por reformas educacionais em todos os níveis de ensino. Nesse contexto foi também observado o início do feminismo no Brasil, associado a mudança da imagem sociopolítica da mulher e a maior participação feminina nos espaços públicos, diretamente relacionado a esta mudança na perspectiva feminina, encontrou-se a migração de moças das cidades do interior da Bahia ou de outros estados para a capital baiana em busca de formação acadêmica. Ainda tem como destaque no período vivido

⁹ As professoras nasceram e entraram na universidade em períodos diferentes, como pode ser verificada em suas histórias *transcritas*: Gizélia Vieira do Santos, nascida em 1942, adentrou no Curso de História Natural, entre 1964 a 1967; Maria Celeste Costa Valverde, Nascida em 1954, vivenciou o curso de Biologia nos anos 1974 a 1977 e Cleide Mércia Soares da Silva Pereira, Nasceu em 1957 e cursou Biologia entre os anos 1979 a 1985. O que representa duas décadas distintas, que coincidem com o período que ocorreu a ditadura militar no Brasil.

pelas educadoras na graduação o processo de controle e vigilância que enfraqueceu a autonomia universitária e reduziu os orçamentos das mesmas, sendo um dos motivos que provocaram as manifestações estudantis contra o regime. Se destacando a luta pela institucionalização de várias profissões como a Biologia e as ações para interiorização do ensino superior baiano com o surgimento da primeira Universidade fora da capital, espaço onde Gizélia, Celeste e Cleide trouxeram grandes contribuições como docentes, gestoras, pesquisadoras ou divulgadoras do saber científico, em atividades de extensão.

As colaboradoras cederam informações que nos permitem observar que suas vidas na graduação coincidem com o período da Ditadura Militar no Brasil, marco histórico do país que influenciou a formação acadêmica de cada uma delas. O/a leitor/a pode observar nas narrativas que em 1964, Gizélia Vieira dos Santos entrou no curso de História Natural na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências- FFLC e a conclusão da Graduação de Cleide Mércia Soares da Silva Pereira na Universidade Federal da Bahia –UFBA foi no ano de 1985. Anos que marcam o início e o fim do regime militar¹⁰. A entrevistada Celeste Costa Valverde, por sua vez, se graduou em Biologia na Universidade Católica de Salvador – UCSal em 1977.

As Colaboradoras exibiram em suas entrevistas, experiências compartilhadas que ajudaram na compreensão acerca do cenário acadêmico científico da UFBA e UCSal, sobretudo para mulheres. Mas, também extrapolaram as práticas acadêmicas e deixaram escapar traços de memória sobre o período militar que se apresentaram como feridas abertas, perdurando um debate sem precedentes e que expuseram, principalmente, a subjetividade do fato histórico narrado.

Importante considerar que as experiências das professoras na graduação e a relação com a ditadura militar foram diferentes e resultante dos distintos momentos do período vivenciado. Gizélia relatou um momento de apreensão e “passividade” dos estudantes logo que a ditadura foi instaurada, reflexo da “operação limpeza” que determinou a prisão de todas as lideranças civis e estudantis, consideradas potencialmente subversivas nos primeiros meses do regime (BENEVIDES, 2009).

¹⁰ Se trata de informações que surgiram ao longo da investigação e que foi observado durante a análise, portanto, não foi motivo para a escolha das professoras como colaboradora nesse trabalho, então a discussão sobre o período emerge dos dados.

Gizélia: *Passamos por momentos bem interessantes nessa nossa vida dentro da Faculdade, foi tempo da revolução e tiveram muitas ocasiões que ficávamos apreensivos com a situação. {...} nessa época a gente não era politizado para discutir currículo, sobre a graduação, nem sabia que existia mestrado, doutorado, essas coisas todas. Tudo vinha de cima para baixo e os alunos não se metiam em nada.*

Já Cleide exibiu uma construção singular e específica de sua visão sobre o momento em que houve forte participação dos/as estudantes que deflagraram greves na universidade e como passaram a agir de maneira subversiva ao regime militar. Trazendo destaque para seu engajamento no movimento, nas manifestações de rua, desde seu primeiro semestre, e os conflitos com a polícia, em uma abordagem que indica a construção de sua identidade política. Experiências que contribuiram para os ambientes galgados em sua história na universidade enquanto docente, sobretudo nos cargos de liderança e de sua participação na Associação dos Docentes da Universidade Estadual de Feira de Santana / ADUFS, no final de sua carreira.

Cleide: *Logo no primeiro semestre tivemos greve de estudantes que fechou a Universidade. Não tive uma formação política na minha vida familiar, nem no colégio, mas me agreguei com muita facilidade ao movimento, entrei nessa revirada, ia para as ruas com a estudantada. Estávamos atravessando o período da ditadura.*

A colaborada nos trouxe informações sobre as articulações estudantis do final dos anos setenta e início dos anos oitenta, que cooperaram para destituir o regime autoritário. Cleide adentrou a universidade nos anos finais da ditadura, quando os movimentos sindicais e estudantis ganharam força contra o sistema político vigente, com relevante participação feminina. Ao falar de seu engajamento político, movido pelos coletivos jovens da UFBA, trouxe um momento importante de sua vida, atrelada a história da sociedade, protagonizada pelo movimento estudantil, durante todo período militar.

Para além da esfera organizativa, o período foi marcado por lutas estudantis envolvendo secundaristas e universitários contra a política educacional do governo, a cobrança abusiva de anuidades, a repressão policial, marcada pela violência, invasão às faculdades e prisão de professores/as. Se destacou, no período, os protestos a favor do ensino de qualidade, pela liberdade cultural de expressão, pela democratização ao acesso à universidade, por mais verbas para o ensino, que foram cortadas gradualmente ao longo das duas décadas, em que o país foi governado pelos militares (BRITO, 2009).

O movimento estudantil jamais deixou de atuar, oficialmente ou clandestinamente a favor de suas pautas políticas e sociais. Na Bahia, essa reorganização, após a “Operação Limpeza” se deu a partir do movimento secundarista, tendo como importante referência de mobilização estudantil secundarista o Colégio Central. Um dos primeiros e mais tradicionais colégios públicos a ser fundado no estado da Bahia e no Brasil, criado pelo Decreto Imperial n. 33, de março de 1836 (BENEVIDES, 2009).

De acordo com Benevide (2009), o Colégio Central desde a década de 50 era considerado abrigo da inquietação estudantil. Ganhou a fama de um estabelecimento de ensino politizado com pluralidade ideológica e social tanto do seu corpo docente quanto discente, o que ajudou a fomentar o debate político e intelectual no ambiente de sala de aula e fora dela. Foi nesse contexto que a professora Gizélia formou sua identidade política, inicialmente como estudante na década de 50 e logo após como professora no final da década de 60.

Durante as entrevistas a professora Gizélia apontou que seu perfil politizado teve como marco inicial, justamente, a sua atuação no Colégio Central, por meio das greves em que esteve presente e que contribuiu para a atuação em diversos ambientes na vida profissional. Segundo a professora Gizélia, essa sua postura, inclusive, foi pauta de discussão sobre um possível impedimento de assumir a liderança do Departamento de Biologia em 1982, por ser notada como subversiva.

Gizélia apontou a sua construção política e atuação no movimento grevista enquanto docente do Colégio Central, que foi referência no embate ao regime militar e aos projetos de governo que corrompiam os princípios educacionais que acreditava, mas, não chegou a relatar sua atuação no movimento estudantil como a professora Cleide Mércia.

Cleide trouxe detalhes do embate com a polícia durante manifestação estudantil que tinha como ponto marcante de concentração a Praça Castro Alves. Cenário da história narrada pela professora e espaços de denúncia da crise universitária, cuja bandeira principal era: “liberdades democráticas e melhores condições de vida”. E contava com apoio de participantes de vários grupos como associações profissionais, artistas, políticos, estudantis egressos das guerrilhas e também de vários partidos de esquerda, igreja e representantes de bairros da periferia de Salvador (ESPIÑEIRA, 2009).

Cleide: *“fizemos muita manifestação no Campo Grande. Como o movimento era muito forte, a Polícia Militar colocava cordas atravessadas para a gente cair. Sempre gostei de esporte, resolvi saltar a corda, tropecei e caí, o medo subiu para a cabeça, achei que iam me pegar, mas consegui levantar e dei outra carreira. Muita gente foi pega, teve amigos meus que pularam de viaduto, era uma loucura”*.

Dentre as conquistas do movimento estudantil durante o regime militar se destacou a institucionalização de algumas profissões. A exemplo da biologia, a qual a professora Cleide, ainda na graduação, fez parte do movimento para seu reconhecimento, juntamente com milhares de estudantes e profissionais da área, através de campanha nacional, no ano de 1979. Em meio as lutas e manifestações, no dia três de setembro a profissão que investiga a vida passou a ter respaldo legal, com a sanção de Lei Federal nº 6.684.

Cleide Mercia: *Quando a profissão de biólogo foi reconhecida por lei, era estudante e participei desta luta. No dia que o processo ia ser julgado, nós fizemos uma campanha nacional onde cada biólogo e estudante de Biologia enviaram um telegrama para os deputados da câmara e os senadores.*

Todos estes acontecimentos narrados pelas professoras, coincide com os vinte e um anos de domínio militar, em um tempo marcado pelo terror desenvolvido e praticado pelo regime político ditatorial que interferiu diretamente em diversos âmbitos da sociedade e em suas trajetórias acadêmica e social.

O golpe civil-militar de abril de 1964 representou a vitória de um modelo político autoritário que ocorreu através de atos institucionais. Ações estas, que comprometeram o Estado de Direito e ganharam forças no fim dos anos sessenta e início dos setenta, no período denominado de anos de chumbo (ESPIÑEIRA, 2009; IVO 2009)

O estado burocrático autoritário, foi autor de várias formas de repressão, atingiu partidos políticos, as universidades, os sindicatos e distintas coligações que eram oposição a esse regime, como os grupos estudantis (ESPIÑEIRA, 2009). E mesmo as mobilizações sindicais mais articuladas foram seriamente comprometidas (IVO, 2009)

Na Bahia, parte da militância que se concentrava na capital se deslocou para Feira de Santana na busca de apoio junto ao prefeito da cidade, Francisco Pinto, que criou resistência ao regime, mas logo foi impedido pela rápida ação da repressão, que ocupou as principais cidades do interior baiano (IVO, 2009).

De acordo com Ivo (2009), dirigentes sindicais e estudantis, professores, jornalistas e políticos, como o prefeito Francisco Pinto, ocuparam as celas da instalação militar. Dias (2009), aponta ainda que outros prefeitos baianos como Virgildásio Senna em Salvador, Murilo Cavalcante em Alagoinhas e José Pedral em Vitória da Conquista, também somaram a tantos outros que viveram a experiência da perseguição, da cassação e do dano aos direitos políticos. Devido ao posicionamento favorável às reformas de base do presidente João Goulart e a tentativa de aproximação de alguns deles com os movimentos populares.

Estes episódios ocorreram em meados dos anos sessenta, quando Gizélia cursava a graduação em História Natural. A Professora deixou evidente em sua narrativa o medo e as incertezas devido a instauração do regime em seus anos iniciais e os diversos conflitos em que a universidade e muitas cidades baianas, especialmente Salvador, foram palco.

De acordo com informações cedidas pela professora Gizélia, nesta ocasião da cena política nacional, foram criadas as licenciaturas de primeiro grau ou licenciaturas curtas em 1964, devido à falta de professores/as e pela necessidade de profissionais com formação generalista para atender o primeiro grau de ensino.

O Conselho Federal de Educação – CFE, instituiu as chamadas licenciaturas curtas pelo parecer 81/65, estabeleceu o currículo mínimo e a duração para estes cursos, sendo reconhecido pelo Ministério da Educação seis anos após sua criação, através do Decreto 66.477 de 23 de abril de 1970.

As licenciaturas curtas foram propostas pelo Conselheiro Newton Sucupira que em seu parecer sobre a sua criação, argumentou sobre a necessidade de um/a professor/a polivalente para atender as demandas exigidas pelo ciclo ginasial. Esta figura do/a professor/a com formação global se justificava sob vários aspectos: (1) o/a professor/a ginasial não havia de ser um/a especialista; (2) do ponto de vista pedagógico formativo o ideal seria que, no primeiro ciclo, o/a mesmo/a mestre se ocupasse de várias matérias e (3) porque contribuiria para resolver o problema da falta de professores/as. (SUCUPIRA, 1964, p. 111).

Aparecem nos dados informações de que a licenciatura curta em ciência ganhou ênfase no período devido a implantação da disciplina obrigatória ciência ginasial que exigiu mais profissionais docentes para atuar na área. Ainda se observa nos dados que nesse momento

as mulheres passaram a ocupar as salas de aula nos cursos de formação de professores/as de ciência e se tornaram o maior número.

Sobre este aspecto as três entrevistadas afirmaram que a suas turmas eram majoritariamente ocupadas por mulheres. Seja como alunas ou no quadro docente, os homens eram bem poucos, afirmando o pioneirismo feminino nos cursos de formação em ciência e posteriormente na biologia baiana, área que até hoje é predominante feminina. O que também pode ser confirmado em trabalhos como (GROSSI *et al*, 2016).

Neste trecho da narrativa a professora Celeste traz a importante abordagem de como a presença feminina contribuiu para o seu interesse e a busca por novos conhecimentos na biologia. Assim como ao longo de sua trajetória, influenciou na vida de muitas garotas biólogas e sobre a rede de mulheres que alavancou, sobretudo, a zoologia baiana e, mais especificamente, a herpetologia, em uma equipe só de mulheres.

Na ocasião, Cleide aponta a importância da corrente feminina que a motivou na universidade, a exemplo de Maria da Glória Sampaio Gomes, professora de fisiologia animal, posteriormente colega de profissão na docência superior, com quem teve várias experiências e que a conduziu para o estágio na área, juntamente com as professoras Gislaire Vieira do Santos e Angélica Maria Araújo Correa.

A partir dos dados podemos dizer que a biologia baiana, nos seus anos iniciais, era predominante feminina e um dos motivos atrelado a este fator, foi o advento da “feminilização” da educação e a obrigatoriedade da disciplina, mencionada acima, que conduziram as mulheres aos cursos de formação de professores/as em uma área científica. Esse pode ser compreendido como um dos indícios para explicar os motivos da maior presença feminina na formação universitária em ciência na época, sinalizada por Gizélia, Cleide e Celeste.

Pois, a necessidade de profissionais docentes para assumir a disciplina ginásial e oferecer aos/as jovens e crianças os primeiros contatos com o saber científico da área se tratava de uma problemática de caráter pedagógico. Nesse sentido, a maior representatividade feminina nos cursos de formação de professores/as em ciências, pode ter provocado aberturas para que as moças passassem a construir a carreira acadêmica na biologia, se perpetuando até os dias atuais. Não sendo esse, necessariamente, o único motivo.

A vasta criação de universidades no país, na década de 1930, e a consequente obrigatoriedade das Faculdades de Filosofia na sua constituição também representou um marco histórico da entrada das mulheres na universidade como apontam Passos (1999); Trigo (1994) e Souza e Sardenbeg (2013).

Passos (1999), traz argumentos de que os cursos da Faculdade de Filosofia, como a história natural, eram permitidos as mulheres por ofertarem um ensino que não as desviavam para uma profissão e, portanto, não ameaçavam às funções a elas destinadas, que era de ser mãe e esposa.

O curso de história natural, surgiu no Brasil na cidade São Paulo, em 1934 na Faculdade de Filosofia, que depois resultou na Universidade de São Paulo- USP. Na Bahia o curso de história natural passou a ser ofertado em 1946, ano em que ocorreu a fundação da Universidade da Bahia a partir da fusão das Faculdades de Medicina, Direito, Ciências Econômicas e Filosofia, as Escolas de Odontologia e Farmácia e a Escola Politécnica da Bahia (LUBISCO e VIEIRA, 2019).

De acordo com Souza e Sardenberg (2013), a partir 1950 ocorreu a expansão educacional no Brasil, proporcionando um aumento significativo das oportunidades de acesso à escola, sendo as mulheres o grupo mais beneficiado. A inserção feminina nos cursos de graduação, muito deles voltados a educação ou as ciências humanas, foi intensificada nesse período, associado a crescente admissão das mulheres no mundo do trabalho com menor valorização. Mas, somente a partir dos anos 1960 que as brasileiras começaram a ter presença, de fato, no ensino superior.

Também nos anos 1960 as mulheres, principalmente as americanas e francesas, passaram a se organizar como um grupo e a criticar a maneira positivista e androcêntrica de fazer ciências, trazendo importantes contribuições para a mudança de paradigmas das teorias pós-modernas e suas propostas desconstrutivistas. Surgiu a partir destas críticas uma proposta alternativa e democrática de ciência que leva em consideração as múltiplas falas, os múltiplos atores e sujeitos, com perspectivas de análises sociais concretas, opondo-se ao modelo cartesiano de verdades universais (SOUZA E SARDENBEG, 2013).

Atrelado a isso, ocorreu o salto paradigmático para as mulheres aqui no Brasil na década de 1960, pois foi um momento em que iniciou a reconfiguração da imagem social do feminino. As mulheres iniciaram a reestruturação do papel de mãe, responsável pelo lar,

pela procriação, de filha dedicada e passaram a invadir o espaço público masculino, longe dos padrões esperados pela sociedade (ROVAI, 2013).

A mudança da condição feminina no país, na década de sessenta, e que se intensificou após o fortalecimento do feminismo nos anos setenta, também influenciou no acesso das mulheres nos cursos de formação. Provocando a saída de maior número de moças do ambiente privativo de seus lares e passando a ocupar espaços públicos como as universidades, a política e o mercado de trabalho.

Nas histórias das três educadoras, aparecem por diversas vezes discursos que refletem essa mudança na condição feminina que as influenciaram na busca pelos questionamentos da obrigatoriedade em casar, ter filhos/as, os conflitos com o pai e o interesse em sair de casa, por exemplo.

Os anos que antecederam a instauração do regime militar marcaram a transformação da condição feminina no Brasil e também geraram conflitos de concepção ideológica até mesmo entre grupos femininos e que interferiram diretamente na vida das educadoras e em suas escolhas. Enquanto algumas mulheres lutavam pela emancipação, outras se articularam politicamente, ganharam visibilidade na esfera pública, com demandas que se destinavam a manutenção das suas condições de seres privados (SANTANA, 2009).

De acordo com Motta (2002); Simões (1985), pouco antes do nascedouro da ditadura militar aqui no Brasil, mais especificamente no ano de 1963, muitas mulheres que prezavam por valores morais cristãos como a família, a pátria e a religião apontavam o comunismo como uma filosofia que negava suas crenças e aos pilares sociais.

Sendo assim, muito dessas mulheres, pertencentes as classes mais altas da sociedade, aderiram à campanha de desestabilização das políticas do presidente da época, João Goulart, por considerarem de postura comunista. Estas mulheres então se instituíram politicamente através da Marcha da Família, organizada com base na manutenção de suas condições de mães, donas de casa e esposas exemplares, bem como buscou preservar o lugar social a elas destinado no seio familiar (SANTANA, 2009).

Em condições de seres privados, passaram a ganhar espaço político destacado na sociedade brasileira e a ocuparem a primeira página de noticiários políticos em consequência da promoção de atividades em praças públicas, com ampla cobertura nas

rádios (SIMÕES, 1985). Que foi fundamental na legitimação das ações das Forças Armadas diante da necessidade de uma intervenção militar (SANTANA, 2009).

Como pode ser identificado no trabalho de Ediane Lopes de Santana (2009), na Bahia, após o golpe civil-militar, as mulheres baianas de classe média se articularam em apoio ao novo regime a exemplo da comissão de professoras que prestaram homenagem ao General Manoel Mendes Pereira, comandante da VI região militar.

Estas mulheres, acreditavam que o regime militar representava o fortalecimento da democracia brasileira e a manutenção dos padrões morais e religiosos que as mantinham nos espaços privados como boas mães e donas de casa. Com isso, se lançaram na esfera pública a partir de sua condição de seres privados para lutar contra o comunismo, em função das ameaças que este proporcionava, em especial, às famílias cristãs.

Santana (2009), argumenta que para estas mulheres, cabiam a elas saírem às ruas para cumprir o seu papel em resguardar os pilares que garantiam a manutenção da sociedade cristã e conservar os locais destinados para os homens e para as mulheres, definidos a partir das diferenças biológicas e da naturalização das relações de poder entre os gêneros.

Embora este grupo de mulheres tenha batalhado para manter o estado de subalternidade nos espaços privados, suas ações e demandas as trouxeram para o cenário político, social e construíram uma rede de visibilidade feminina. Fato que interessa essa investigação, pois contribuiu para a modificar da arquitetura sócio-política, com a figura da mulher ocupando espaços, até então, frequentado, quase que exclusivamente, pelos homens.

Durante a ditadura militar muitas mulheres também se destacaram pela resistência ao sistema político autoritário e as relações de poder contra os seus corpos, pautados em viés androcêntricos. Discordando de suas condições de subalternas e privadas, entraram na luta por igualdade e liberdade, se tornaram seres públicos e insurgiram-se contra os sistemas culturais e políticos construídos a partir da hierarquização nas relações sociais entre homens e mulheres.

Aqui na Bahia, por exemplo, Marie Hélène Russi e Jurema Valença lideraram um grupo de estudantes, basicamente secundaristas que, durante as movimentações estudantis de 1968, já atuavam organizadamente. Durante a luta armada nos anos de chumbo, muitas mulheres também se destacaram como as irmãs Chantal Russi e Marie Hélène Russi que

coordenaram a base guerrilheira na cidade de Alagoinhas, localizada a pouco mais de cem quilômetro da capital baiana. Lúcia Murat¹¹ carioca que participou da linha de tiro no Rio de Janeiro, se deslocou para Salvador e atuou na mais rigorosa clandestinidade, fazendo contatos, inclusive, com outras organizações armadas em atuação na cidade (SOUZA, 2009).

A participação das mulheres na luta armada foi território para o desabrochar do feminismo no Brasil nos anos setenta. Entusiasmado por diversos fatores como o impacto do feminismo internacional e as mudanças efetivas na situação da mulher no país que vinham ocorrendo desde os anos sessenta. Nessas circunstâncias, em 1975 a Organização das Nações Unidas- ONU declarou oficialmente o ano internacional da mulher produzindo o cenário para início do movimento feminista no Brasil, ainda fortemente motivado pela luta política contra o regime militar (SARTI, 1998).

A presença das mulheres na luta armada representou a transgressão com o que era designado a elas na época. Pegando em armas e tendo êxito nesta prática, assumiram um comportamento sexual que questionava a virgindade e a instituição do casamento e negavam o lugar tradicionalmente a elas atribuído (SARTI 1998). Essa tomada de ações implicou não apenas em se colocar contra a ordem política vigente, mas também a tradicional hierarquia de gênero e reconstruíram sua identidade contra os estigmas criados pela memória hegemônica do estado militar.

Além das mulheres que pegaram em armas houve a participação daquelas que atuaram dentro de casa, acolhendo pessoas, escondendo objetos e documentos e exerceram tarefas fora da organização, expandindo ideais, levando mensagens para membros dos grupos clandestinos ou circulando entre a cadeia e as famílias, dentre tantas outras atividades não devidamente exploradas pela historiografia (ROVAI, 2013). Estas Mulheres também se lançaram no mundo político e colaboraram para a construção identitária da mulher nos anos sessenta e na década de 1970 e tiveram papel fundamental em ações na luta pela anistia.

O momento em que as educadoras estiveram na graduação foi atravessado por rupturas nos padrões sociais que foram fundamentais para suas inserções nos espaços públicos como o mercado de trabalho e os cursos universitários. Em um marco importante na

¹¹ Hoje, Lúcia é cineasta e dirigiu um sensível documentário sobre mulheres torturadas pela ditadura Que Bom Te ver Viva e o filme, Doces Poderes Souza (2009).

trajetória educacional, científica e social feminina, que por um lado mostra exclusão e violações sofridas e por outro, a resistência e luta para modificar e conquistar, pouco a pouco, os espaços ao longo de suas trajetórias.

Com isso, Gizélia, Celeste e Cleide, mesmo diante das problemáticas de gênero e dos variados atravessamentos que as conduziam para o casamento e serem mulheres do lar, exclusivamente, puderam adentrar a universidade na capital baiana e seguir uma carreira profissional como docentes universitárias. Pois encontraram um contexto favorável para ocupar os espaços públicos, mais do que as mulheres que as antecederam.

Para Sarti (1998), ainda que de forma excludente, a expansão do mercado de trabalho e do sistema educacional movimentada pela modernização do país, acompanhada da efervescência cultural de 1968, gerou novas oportunidades para as mulheres. Sobretudo, impactou o mundo privado com novos comportamentos afetivos e sexuais relacionados ao acesso à métodos anticoncepcionais e ao recurso às terapias psicológicas e à psicanálise, que reformularam as condições femininas.

Nas narrativas das colaboradoras, sobretudo a de Gizélia, também são evidenciados os aspectos político-pedagógicos do período que contribuíram para inserção das mulheres nos campos acadêmicos, tendo destaque as reformas educacionais tanto no ensino superior quanto no secundarista, que alteraram profundamente sua organização. De acordo com Thiago Rodrigues Nascimento (2012), o regime militar apresentou mudanças no cenário educacional baseadas nos princípios de racionalidade técnica, eficiência e produtividade. Com isso, se buscou o máximo de resultado com o mínimo dispêndio, valorização dos aspectos quantitativos em detrimento dos qualitativos do ensino e favorecimento da participação privada nas atividades de ensino.

Os dados evidenciam fatos sobre a reforma universitária ocorrida em 1968, que segundo Giraldelelli Jr (1990), foi implantada através da Lei 5540/68, em vinte e oito de novembro, com o advento da ditadura militar, como uma das principais mudanças ocorridas no campo da educação, principalmente, no ensino superior. Cujo objetivo era minimizar a crise educacional no país, modernizar e democratizar a educação, a fim de que fossem esquecidos os modelos tradicionalistas da época, pois o Brasil era considerado atrasado em relação a outros países nos quais haviam ocorrido essa reforma.

De acordo com informações narradas pela professora Gizélia, na reforma de sessenta e oito foram elaborados novos estatutos e regimentos que transformaram o curso de História Natural, ofertado desde 1946, para o curso de Ciências Biológicas no ano de 1969. No mesmo ano, graças à Lei nº 1.254, de 1950, instituiu-se o Sistema Federal de Ensino Superior e a Universidade Federal da Bahia passou a ter a denominação que se tem hoje (LUBISCO e VIEIRA 2019).

Devido a Reforma Universitária de sessenta e oito, no ano de 1970 as condições para “o ingresso feminino no ensino superior passaram a ser as mesmas que os homens” o que aumentou consideravelmente o número de mulheres nos cursos universitários (PASSOS, 1997). Porém, as barreiras sociais e os anos de exclusão as levaram a continuarem ocupando os cursos de menor prestígio e de menor interesse masculino, a exemplo da história natural e da licenciatura em biologia, escolha das colaboradoras.

No ano de 1968 também foi registrado o surgimento da pós-graduação na UFBA, quando foram implantados os cursos de mestrado em química e ciências humanas (MARQUES, 2010). De acordo com Junior e Bittar (2004), só no início da década de 1970, que algumas raras universidades públicas e confessionais, já se encontravam estruturadas com pós-graduação, compostas pelos cursos de mestrado e doutorado. Nessa circunstância, passou também a ocorrer a criação dos departamentos e abordagem distinta entre o ensino e pesquisa, tendo os cursos de graduação tanto o Ciclo Básico como a Especialização Profissional.

Dialogando com essa informação, Gizélia relata sobre a ausência de professores/as com pós-graduação em sua formação na década de sessenta e Cleide evidencia um momento em que muitos/as professores/as se afastaram para o mestrado e doutorado entre as décadas de setenta e oitenta. Narrativas estas, que nos permitem compreender os avanços da educação e da pesquisa ao longo de duas décadas.

Gizélia: *“embora o curso não houvesse a evolução que nos encontramos atualmente, tive professores bons. Não tinham aquela formação de mestrado e doutorado, mas eram pessoas com um conhecimento muito profundo”*.

Cleide: *“O Instituto de Biologia estava capacitando o quadro docente, com isso os professores em todas as áreas, Genética, Botânica, Zoologia e Ecologia estavam se afastando para as pós-graduação”*.

Nessa conjuntura ocorreu a interiorização do ensino superior na Bahia que resultou na implantação da Faculdade Estadual de Educação de Feira de Santana- FEEFS, a primeira instituição de ensino superior do interior da Bahia, segundo as narrativas das professoras e (FONTES, 2016). Que teve o projeto de fundação articulado à lógica de expansão educacional ocorrida no Brasil, a partir do final dos anos sessenta e passou então a desafogar a demanda sobre o ensino superior, destinada a formar professores/as, antes existente apenas na capital baiana. Acontecimento este, que atravessou o período em que as educadoras estavam na graduação, mas que também representou o início da atuação profissional na docência superior de Gizélia e subsequente de Celeste e Cleide.

Para além de traçar o convite para essa discussão, as experiências das educadoras apresentaram importantes dados sobre o processo de migração de jovens que saíam das cidades do interior da Bahia ou de outros estados para cursar a graduação na capital baiana.

É nessa conjunção que as colaboradoras entraram na graduação. Em um período marcado pela repressão provocada pelo regime militar, mas também, pela metamorfose social das mulheres que saíam do casulo de seus lares e voavam em direção a direitos, até então negados, como a educação. Em um cenário que apresentou possibilidades para que jovens interioranas partissem de suas casas para mora na capital e cursar uma graduação.

Celeste: “Naquela época, era muito mais complicado uma moça interiorana sair de casa para tentar a vida em outra cidade, mas minha mãe sempre me incentivou, meu pai confiava em mim e me dava todo apoio[...] quase todas as minhas colegas eram moças do interior que se deslocou para estudar na capital”.

Mesmo com a movimentação para a interiorização do ensino superior na cidade de Feira de Santana, no final da década de sessenta, a migração de jovens do interior baiano para capital não foi interrompida, como pode ser constatado nos dados. A Faculdade Estadual de Educação de Feira de Santana- FEEFS ainda estava em fase inicial, se articulando para ser reconhecida e oferecia poucos cursos, o que não tornava tão atrativa, principalmente para quem tinha condições de investir nos estudos em Salvador.

As histórias das colaboradoras comprovam esse movimento de garotas para os cursos universitários na capital baiana, mas especificamente a narrativa de Celeste que relatou a sua saída da cidade de Feira de Santana em 1974, juntamente com colegas do científico.

O mesmo aconteceu com Gizélia e Cleide que, em situações distintas, migraram do interior baiano para Salvador em busca de estudos. As falas das professoras indicam que a partir da década de sessenta houve uma forte circulação de moças para a capital, em busca de formação acadêmica, impulsionadas pelas mudanças nas condições femininas ocorridas no período. Importante considerar que não foi encontrado trabalhos que tratem desse movimento e esse fenômeno se apresenta como um potente campo para trabalhos historiográficos futuros.

Ao relatarem a ida para universidade, as colaboradoras também apontaram as complicações para as garotas do interior tentarem a vida em outra cidade. Na narrativa de Celeste escaparam discursos atrelados aos mecanismos de controle sobre os corpos femininos que para atender as normas sociais, deviam ser vigiados e “adestrados”. Para Celeste morar em outra cidade foi necessário que seu corpo fosse “cuidado”, “protegido” e controlado pelos olhares de uma senhora que oferecia condições de vigilância esperada pela família.

Celeste: “Meus pais deixaram me mudar para Salvador porque fui com Salete, minha amiga e colega no científico, que no mesmo ano que eu, ingressou no meio acadêmico, na capital. E poruqe fomos morar na pensão de Dona Judite, em um quarto alugado só para nós duas”.

Assim também aconteceu com outras moças, apontadas na narrativa de Celeste e também nas vidas de Gizélia e Cleide. O que possibilita afirmar que embora as mulheres tivessem conquistado o direito de ocupar os espaços públicos, a maneira em que seus corpos eram vistos nesses ambientes condizia a um sistema de controle e diferia das condições encontradas pelos homens. O que refletia na baixa procura feminina pelos cursos universitários, não havendo o problema da alta concorrência nos vestibulares, como relatam as professoras.

Era um período que a biologia estava se estruturando, o curso era voltado para o ensino da ecologia, botânica e zoologia e ainda não era uma profissão reconhecida. Pouco se conhecia de química, bioquímica ou de biologia molecular, que passou ter mais destaque após o conhecimento da molécula do DNA, a qual Gizélia relata sobre as discussões na universidade, acerca de sua descoberta, no período.

A vida da professora Gizélia na graduação esteve associada a introdução de conhecimento que legitimou a biologia molecular, em meados do século XX e apresentou três marcos relevantes, sendo o primeiro deles o descobrimento da estrutura de DNA em 1953. A ciência que promoveu o desenvolvimento de projetos genomas, apresentou ainda como eixo estruturados as técnicas de RNA recombinante a partir de 1970 e as novas técnicas e equipamentos que, após um tempo, automatizaram o processo de sequenciamento do genoma de organismos vivos desde 1995 (OSADA e COSTA 2006).

Referindo-se ao contexto acadêmico das colaboradoras era um curso com abordagem teórica e poucas aulas práticas, o que faz entender que a formação na área era voltada, quase que exclusivamente, para os conteúdos presentes nos escassos livros existentes. As professoras narraram, alguns lapsos de memória, as vivências durante a universidade, trazendo destaque para as poucas experiências práticas, com o professor de botânica ou zoologia, que influenciaram em suas carreiras.

Embora o curso de formação de professores/as de ciência tivesse ganhado destaque no período e a reforma universitária tendido a valorização da ciência como mecanismo de controle e desenvolvimento econômico, as universidades ainda apresentavam restritos ambientes voltados para pesquisa.

O/a leitor/a pode ver essas informações, claramente na narrativa de Gizélia que reclamou da ausência de aulas práticas e pesquisa durante a graduação nos anos sessenta; nas falas de Celeste que se queixou da escassa pesquisa, da inexistência de laboratório na UCSAL e a necessidade de manter aproximação com poucos/as professores/as que iniciavam a pesquisa na UFBA, no intuito de ter algum contato com estudos práticos em meado de setenta.

No final dos anos setenta e início dos oitenta, a situação da pesquisa na UFBA, na área da biologia, obteve melhora por conta dos/as professores/as que se afastaram para o mestrado e doutorado, de acordo com falas da professora Cleide. Mas, esta pequena mudança na produção científica não favoreceu a sua formação como pesquisadora, pois, teve dificuldade em se enquadrar aos padrões exigidos para ocupar as poucas vagas destinadas para estudantes bolsistas nos laboratórios.

Esse contexto da escassez de atividade científica na formação das professoras interferiu diretamente na construção profissional e nos direcionamentos tomados no

desenvolvimento da UEFS. Gizélia e Cleide trilharam um caminho mais voltado a gerência acadêmica e, principalmente, assumindo as demandas curriculares e pedagógicas, durante décadas, já Celeste buscou, por conta própria, atuar também na pesquisa. Mas, independentemente dos caminhos traçados, a tríade feminina se cruzou por diversos momentos, apresentando uma longa trajetória de pioneirismo na universidade, sendo elas responsáveis pela fundação e desenvolvimento do curso de biologia, na instituição, abordado a seguir.

3.3 –NO NASCER DA UEFS, BROTA O PIONEIRISMO FEMININO NA BOLOGIA.

A trajetória das professoras Gizélia Vieira, Celeste Valverde e Cleide Mércia, implica o narrar do surgimento e desenvolvimento do curso de biologia e da UEFS. Estas mulheres, apesar de terem histórias de vida diferentes, estiveram com outras mais, à frente de diversas atividades e comungaram de um ideal: a consolidação e manutenção de uma universidade pública e de qualidade no sertão baiano. Nesse sentido, discuti, como estas professoras se tornaram pioneiras em diversos setores da universidade e de que maneira contribuíram para o nascedouro e desenvolvimento do curso de biologia e da referida instituição.

As histórias da tríade feminina que compõe essa pesquisa quebram paradigmas e trazem informações sobre o parto da primeira universidade pública no interior baiano, dos primeiros passos à vida autônoma do curso de biologia, com suas mudanças de modalidades, com a elaboração e modificação do currículo, a implantação do primeiro laboratório de pesquisa e dos programas de pós-graduação, a qual foram responsáveis. As professoras falam também sobre a suas participações no surgimento dos departamentos, das pró-reitorias e tantos outros eventos que permitem a compreensão sobre o desenvolvimento pedagógico e científico da biologia e da UEFS.

O narrar das educadoras comunga com os dados fornecidos pela autora Ana Maria Fontes dos Santos (2016) que em sua obra “Uma Aventura Universitária no Sertão Baiano” apresenta as várias disputas sociais e políticas que solidificaram o nascedouro da instituição na cidade de Feira de Santana.

De acordo com Ana Fontes (2016) houve uma resistência imposta ao interior do estado em se tratar da implantação da educação universitária por ser considerado espaço que abrigaria imensas limitações cognitivas. Contudo, a cidade de Feira de Santana reunia condições socioeconômicas e culturais para implantação de uma universidade, cujo projeto de fundação articulava à lógica de expansão educacional ocorrida no Brasil, a partir do final dos anos 1960.

O nascedouro da UEFS se deu em um panorama em que as instituições universitárias, foram alvo de críticas e formulação de propostas, de reforma ou transformação. Nesta conjuntura a educação, em geral, adotou como um de seus objetivos incorporar o processo de industrialização, a ampliação e expansão do sistema de ensino em todos os níveis, inclusive o superior e incentivar ao ingresso do capital e da tecnologia estrangeiros no Brasil.

Este foi o momento oportuno para o interior baiano angariar uma universidade. Pois até então o ensino superior se concentrava na capital baiana, na UFBA, local onde Gizélia e Cleide se graduaram e na UCSal, onde a professora Celeste obteve o grau de licenciada em biologia.

Além do que se apresenta acima, outros impactos políticos e culturais sustentaram argumentos para interiorização do ensino superior baiano pleiteado pela cidade de Feira de Santana. Como nos apresenta Fontes (2016), Feira de Santana(a) era desde o século XIX a maior e mais próspera cidade do interior da Bahia;(b) Tornou-se a mais populosa cidade interiorana do estado baiano;(c) Ingressou no cenário industrial de sustentação da economia baiana com a criação o Centro Industrial Subaé (CIS) através da Lei municipal nº690 de 14 de dezembro de 1969, associado com o milagre econômico, incitado pelo governo do presidente General Médici. (d) A facilidade de comunicação com a capital possibilitou um movimento artístico e teatral que colocou Feira de Santana no círculo cultural que agitava os principais centros urbanos do país; (e) Recebeu forte apoio da sociedade organizada (igreja católica, evangélicas, a maçonaria, o comércio, a indústria, representação da câmara de vereadores e alguns políticos da região) que pressionaram o governo para concretização do curso superior na cidade.

Outra característica considerada importante para que a cidade de Feira de Santana pudesse sediar a universidade foi sua localização privilegiada em termos de rodovia que favorece o contato entre a capital e o interior baiano, assim como a ligação entre o Centro-Sul e o

Norte-Nordeste do país. Sua localização tem atraído estudantes de regiões diversas tanto do interior baiano como de outros estados, principalmente do Nordeste.

Fontes (2016) nos revela que movimentos políticos e sociais forçaram a oferta de ensino superior em Feira de Santana que até a década de sessenta tinha como maior nível de prática educacional os cursos secundários de primeiro e segundo ciclo (considerado hoje o ensino fundamental e o ensino médio).

Destacou-se como uma das principais ações em pró da implantação do ensino superior em Feira de Santana o movimento estudantil, sensível às demandas sociais por educação. (a). Associação Feirense dos Estudantes Secundaristas (AFES) lutou por reforma e ampliação de oferta educacional e levou em 1962 a interiorização da Universidade da Bahia UBA, atual UFBA, com seminários livres de música em Feira de Santana; (b) A Associação Educacional Desembargador Filinto Bastos buscou a criação da Universidade Rual na década de 60, sem obtenção de sucesso; (c) A Fundação Simões Filhos lutou por uma faculdade de filosofia e mobilizou o campo intelectual e político de Feira de Santana a favor da dinamização das questões educacionais, notadamente o ensino superior (FONTES 2016).

Nesse momento o país atravessava um período controlado pelo regime militar, as tensões sociais e políticas acerca da educação eram diversas e os conflitos entre governo e o movimento estudantil, que lutava por diferentes pautas em pró da qualidade do ensino secundarista e superior, eram bastante acirradas.

De acordo com Fontes (2016), estas pressões levaram ao processo de interiorização do ensino superior com a criação da Faculdade Estadual de Educação de Feira de Santana (FEEFS)¹² em 1968 pelo Decreto nº 20.647 de 10 de abril 1968. A faculdade teve como primeiro curso o de letras, posteriormente, em 1970 ocorreu o crescimento dos cursos de estudos sociais e ciências.

Gizélia relata que o curso de ciência surgiu para atender a carência de profissional docente com qualificação adequada do ensino da matéria obrigatória, ciências ginasial, tanto para o primeiro grau quanto para o segundo grau da educação básica, que ganhou destaque no

¹² A FEEFS em 1976 deixa de existir se transformando na atual UEFS.

cenário de globalização e desenvolvimento econômico do país. Em muitos casos, eram assumidas por médicos, engenheiros, dentistas, agrônomos, dentre outros profissionais.

Todos os três cursos implantados na FEEFS eram destinados para a formação de professores/as do Primeiro Ciclo Secundário, hoje corresponde ao Ensino Fundamental um e dois. As primeiras aulas ocorreram no prédio do Ginásio Municipal de Feira de Santana, posteriormente se descolocou para a escola normal, hoje o Centro Universitário de Cultura e Arte – CUCA (FONTES 2016).

A Faculdade Estadual de Educação de Feira de Santana não atendeu as expectativas da sociedade. Com isso, em 1969 foi organizada, sem participação de representantes da Faculdade de Educação, a Fundação Universidade De Feira de Santana (FUFES), legalizada pelo governo através do decreto estadual nº 21.812/71. A FUFES passou a elaborar o Regimento Geral da Universidade Estadual de Feira de Santana e o desenvolvimento de todos os trâmites para encaminhamento da autorização legal de seu funcionamento (FONTES 2016).

Após muita luta e resistência, a autorização para funcionamento da UEFS foi anunciada em Feira de Santana em 30 de janeiro de 1976, conforme Ata da FUFES. Através do Parecer 26/76 do Conselho Federal de Educação (CFE), sancionado mais tarde pela presidência da República através do Decreto nº77.496, de 27 de abril de 1976; reconhecida pela Portaria Ministerial nº 874/86 de 19-12-86 e credenciada pelo Decreto Estadual nº 9.271 de 14-12-2004.

Nasceu, portanto, no Portal do Sertão a universidade, resultante das lutas sociais e da estratégia governamental em interiorizar a educação superior. A UEFS passou a desafogar a forte demanda sobre o ensino superior da capital destinada à formar professores de primeiro ciclo através de curso superior de curta duração com seguinte elenco de cursos: Licenciatura de 1º e 2º graus em Letras – Inglês/Francês; Licenciatura Plena em Ciências, com habilitação em Matemática e Biologia e em Ciências 1º grau; Licenciatura Plena em Estudos Sociais, com habilitação em Educação Moral e Cívica e em Estudos Sociais 1º grau; e mais os cursos de Enfermagem, Engenharia de Operações, Modalidade Construção Civil, Administração, Economia e Ciências Contábeis. De acordo as informações coletadas no site da Instituição.

Desde a sua fundação a UEFS existe e resiste como universidade pública possibilitando que milhares de pessoas se tornem profissionais em diversas áreas. Atualmente são oferecidos vinte oito cursos, sendo quatorze de bacharelado, onze de licenciatura e três com dupla modalidade. Os cursos são distribuídos em quatro áreas de conhecimento: tecnologia e ciências exatas, ciências humanas e filosofia, letras e artes e ciências naturais e saúde na qual está presente os cursos de bacharelado e licenciatura em biologia.

Ocupa lugar de destaque na história da UEFS e do curso de biologia da referida instituição o pioneirismo de Gizélia, a mais velha da tríade feminina que compõe esta pesquisa, foi professora de graduação de Celeste e também referência na gestão acadêmica para Cleide. A colaboradora iniciou sua experiência docente, no ensino superior, na UCSal em 1974, onde lecionou por treze anos. Primeiramente no Ciclo Básico, na formação dos/as estudantes da área da Matemática e Ciências Biológicas, depois na Habilitação em Biologia, com a disciplina Ecologia. Em 1977 se tornou professora contratada da UEFS, substituindo a irmã Gislaine Vieira que se afastou para a Pós-Graduação, e se efetivou, mediante concurso público, no ano de 1980. Mesmo pertencente a instituição a professora Gizélia realizou concurso para atender as novas regulamentações exigidas para assumir o cargo de diretoria do departamento e coordenação de colegiado do curso de biologia.

Na UEFS Gizélia Vieira, foi a primeira mulher e a primeira pessoa a coordenar o Curso de Habilitação em Biologia, a coordenar o Curso na modalidade Licenciatura e logo após no Bacharelado em Ciências Biológicas, a assumir a direção do Departamento do referido curso, a vice-presidência da Câmara de Graduação e a Pró-Reitoria de Ensino, Pesquisa e Extensão PROEX. Com atuação como secretária da Sociedade Brasileira de Botânica-SBB e ativa participação no Fórum Nacional dos Pró-Reitores de Pesquisa e Pós-Graduação das Instituições de Ensino Superior Brasileiras FOPROP, a professora Gizélia foi primordial na implantação e desenvolvimento da pós-graduação na instituição

Gizélia, esteve na UEFS desde sua fundação e apresenta informações que ajudam na compreensão sobre sua origem. De acordo com a professora, a autorização legal para o funcionamento da universidade, ocorreu mediante a vinculação do nome e do título de algumas pessoas que trabalhavam na UFBA, a exemplo de sua irmã Gislaine Vieira dos Santos, que foi convidada para preencher o quadro docente. Juntamente, com a professora Maria Cristina de Oliveira Menezes também licenciada em História Natural pela

Faculdade de Filosofia. Ambas, eram responsáveis pelas disciplinas que tratavam os conteúdos da Botânica e Zoologia.

Em meio aos relatos, aparecem outros nomes que constituíram o quadro docente da instituição, no ano de sua implantação, assim como do curso de Biologia, sendo composto majoritariamente por mulheres. O que aponta para o pioneirismo feminino na implantação da referida instituição de ensino superior e que também leva a uma reflexão sobre a relação entre o caráter pedagógico da universidade e a feminilização da profissão docente, discutido anteriormente.

De acordo com o que é encontrado nas narrativas, a UEFS e a Biologia, em seus anos iniciais, tiveram como objetivo suprimir uma necessidade pedagógica, então seu compromisso era baseado na formação de novos/as professores/as para o Ensino Básico. Neste período, as mulheres formavam a maioria do quadro docente, com ressalva para as disciplinas dos conteúdos de exatas, que eram assumidas por homens.

A presença masculina nas disciplinas relacionadas ao conteúdo da Física e da Matemática indica a constituição destes campos, nos anos iniciais da UEFS, predominantemente masculina, influenciada pela “masculinização” das exatas e pelas barreiras que dificultavam a participação feminina nestas áreas.

De acordo com informações obtidas nos dados e do parecer CFE 26/76 de 27 de janeiro de 1976, quando a UEFS foi implantada em 1976, ocorreu a plenificação do curso com a oferta da Habilitação em Biologia ou Matemática juntamente com a Licenciatura Curta ou de Primeiro Ciclo em Ciências, implantada em 1970, na FEEFS.

Os/as alunos/as que chegavam no quinto semestre da licenciatura de primeiro grau, poderiam realizar a habilitações em Física e Química também, mas a UEFS nunca implantou estes dois cursos, nessa modalidade, então só oferecia duas vertentes, Biologia e Matemática. Quem pretendia se habilitar em biologia, faziam as disciplinas desdobradas das matérias biológicas em mais três semestres, que compreendia a Biologia Geral, a Botânica, a Zoologia, a Ecologia, a Biofísica e a Bioquímica, além de alguma disciplina das Geociências e outras voltadas para a instrumentação do ensino, de natureza pedagógica.

Para que a Habilitação da Biologia fosse reconhecida pelo Ministério de Educação, foi necessário a existência de uma coordenação. Nesse contexto, iniciou o pioneirismo da

professora Gizélia no curso e na Universidade, sendo a primeira pessoa a coordenar o curso de Habilitação em Biologia e Matemática em 1978. Esse foi um período que a coordenação dos cursos não era formalizada, nem existiam documentos, ou nome no diário oficial.

Sendo assim, a colaboradora começou a pensar, juntamente com os/as professores/as, na implantação dos colegiados tanto de matemática como o de biologia, preparando as documentações exigidas e se tornou a primeira presidente do colegiado de Ciências Biológicas implantado em 1981.

O pioneirismo da professora e seus esforços contribuíram para o desenvolvimento do curso em diversos momentos, sendo ela também responsável pela implantação do Departamento de Biologia em 1982, onde foi a primeira pessoa a assumir a direção. Na época, a UEFS estava se consolidando enquanto universidade e Gizélia fez parte da comissão que escreveu e implantou os regimentos dos Departamentos, do Conselho Universitário - CONSU, do Conselho Superior de Ensino Pesquisa e Extensão - CONSEPE e do Conselho de Administração – CONSAD. Ajudou a elaborar as normas que formulou as políticas institucionais, definiu as diretrizes gerais das áreas acadêmica e discutiu, juntamente aos demais membros, sobre os assuntos referentes ao tripé, ensino, pesquisa e extensão. E também foi membro de comissão que procedeu estudos, elaborou os documentos e as proposta para o funcionamento das Câmaras de Ensino, a qual foi a primeira vice-presidente em 1984, paralelamente com a direção do departamento até 1986.

A professora Gizélia foi conquistando cada vez mais espaço na universidade e tornou-se a matriarca do curso de Biologia, sendo ela a referência para a implantação do curso de licenciatura no ano de 1986. Autorizado pela Resolução 08/86 do CONSEPE e Resolução 04/86 do CONSU e atendendo as exigências da lei 6.684, de 03 de setembro de 1979, que passou a regulamentar a profissão de biólogo/a para o ensino do segundo e do terceiro grau e para atividades de pesquisa.

Além de contribuir na construção da documentação para a aprovação da Licenciatura Plena em Biologia, a colaboradora foi a primeira pessoa que assumiu a coordenação do colegiado da nova modalidade. Com a vasta experiência, também foi indicada para presidir a comissão de implantação do Bacharelado em 1996 cujo projeto de fundação foi regulamentado em 18 de novembro de 1996, atendendo as exigências da recém elaborada

Lei de Diretrizes e Bases de Educação LDB. Assim, a UEFS se tornou a segunda universidade baiana a ofertar as duas modalidades bacharelado e licenciatura em biologia, concomitantemente.

A professora Gizélia não atuou apenas nos cargos de liderança a nível de curso. Em 1997 se tornou a primeira pessoa a liderar a Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, com importante contribuição na implantação da Especialização em Botânica em 1998 e sua conversão em mestrado no ano de 2002.

Logo que saiu do cargo de pró-reitora, Gizélia retornou a liderar o departamento e o colegiado de ensino regular e se tornou também a primeira pessoa a coordenar o colegiado de biologia no Programa Nacional de Formação de Professores da Educação Básica PAFOR, até sua aposentadoria.

A atuação da professora Gizélia nos cargos de liderança, inspirou outras mulheres que se sentiram representadas e seguiram os seus ensinamentos, como a professora Cleide Mércia que trilhou uma longa trajetória nos setores de gerência acadêmica, muito deles, ao lado da Professora Gizélia.

A colaboradora iniciou a trajetória como professora do Nível Superior na mesma Universidade que Gizélia a UCSal, assumindo algumas aulas da disciplina Hematologia, no curso de Enfermagem, a pedido da professora Lúcia Ramos em 1985. Depois ficou um período como professora substituta na UFBA, ministrando Fisiologia no lugar da professora Angélica Correa em 1986 e como bolsista da UEFS, onde logo se tornou professora efetiva, por meio de concurso público realizado em 1987.

Cleide Mércia Pereira Soares, a primeira mulher a assumir a coordenação dos Laboratórios Didáticos do curso de Biologia, também teve atuação como coordenadora no Colegiado e Departamento do curso, tanto do ensino regular, como no Programa de Formação de Professores/as e outros ambientes como a assessoria na Reitoria e Pró-Reitorias, assumindo o protagonismo em atividades como a implantação de novos currículos e modalidades do curso.

Teve início da sua gestão acadêmica na coordenação dos Laboratórios Didáticos da Biologia à menos de um ano de efetivada, indicada pelo conselho departamental. Ficou ao todo de 1987 a 1992, juntamente com a coordenação da área IV, que abrangia a zoologia e fisiologia. Antes mesmo de se afastar da coordenação dos laboratórios se

tornou a primeira vice coordenadora do colegiado, na modalidade licenciatura de 1991 a 1993, tendo a professora Gizélia como coordenadora. Se ausentou do colegiado para dirigir o departamento em 1993 e depois retornou como coordenadora em 1997, por dois mandatos, ficando até 2001.

A atuação de Cleide nos cargos de gerência do curso de biologia foi de extrema importância para seu desenvolvimento. A professora contribuiu para os processos de amadurecimento e mudança curricular, tanto na modalidade Licenciatura, quanto do Bacharelado, tendo a forte presença das professoras, Glória Maria e Gizélia Vieira na elaboração dos documentos e tramites exigidos.

Em seus mandatos no Departamento ocorreu um aligeirado crescimento do quadro docente com a oferta de novos concursos públicos com intuito de implantação da modalidade Bacharelado em 1996. O curso de Biologia passou a receber pessoas do Brasil inteiro, com o título de mestrado e doutorado.

Com a formação do quadro docente que possuía titulação a nível de mestrado e doutorado foi possível iniciar os projetos de implantação dos programas de pós-graduação. A professora Cleide em seu processo de saída do departamento, deixou aprovado quatro cursos de especialização, em Zoologia, Entomologia, e dois na Botânica. Passou a assumir o colegiado e continuou ajudando na organização curricular dos programas.

Quando estava deixando o colegiado de Biologia pela segunda vez, em 2001, foi convidada pela reitora Anaci Bispo Paim para ser sua assessora na reitoria. Em 2003 com a mudança de gestão na reitoria, Cleide passou a ser assessora na ProGrad, sendo essa a sua última participação na administração superior

Em 2008 se tornou vice-presidente da Comissão Permanente de Acesso ao Ensino Superior – COPAES e também na equipe responsável pelos processos de reingresso e transferência de curso. Foi ocupando espaços e se destacando nas atribuições que lhe eram oferecidas, fez parte do comitê de implantação e aplicação, do Programa de Formação de professores da Educação Básica PARFOR, representando a Proreitoria de Graduação ProGrad, desde sua fase inicial

No ano de 2010 se tornou vice coordenadora do PAFOR, em 2013 retornou ao colegiado de Biologia e ficou paralelamente na coordenação geral do PAFOR, por dois anos. Em 2015 se afastou da coordenação geral e passou a coordenar os dois cursos de Biologia,

tanto de oferta contínua quanto o de formação de professores até sua aposentadoria em 2017, completado três décadas de gestão na universidade.

O pioneirismo das mulheres na Biologia da UEFS também se deu na produção científica que tem como marco referencial as investigações da professora Celeste Valverde, no campo da Zoologia/Herpetologia.

Celeste possui prática docente no ensino superior, exclusivamente na UEFS, instituição em que a colaboradora foi pioneira em diversas ocasiões e se consolidou como professora, pesquisadora, gestora e divulgadora do conhecimento científico, em atividades de extensão. Celeste foi aprovada no concurso público realizado em 1980, juntamente com as professoras, Gizélia Vieira e Nora Ney, mas ficou em cadastro de reserva e só assumiu o cargo em 1982, substituindo Lúcia Menezes de Miranda Castro na disciplina de zoologia.

A colaboradora foi, pioneira na pesquisa da UEFS, implantou o primeiro laboratório de pesquisa da instituição, precursora da Herpetologia na Universidade liderou dois laboratórios, com uma vasta atuação na divulgação do conhecimento científico, foi a primeira pessoa a assumir o cargo de diretora do Museu de Zoologia.

Quando a professora iniciou suas investigações na área da Herpetologia o quadro docente era bem reduzido, não se realizava nada de pesquisa, em nenhuma área e era ofertado apenas o curso na modalidade Licenciatura curta. Em um contexto que a exigência mínima para ingressar na carreira superior era apenas a graduação, pois não era comum a formação em Pós-Graduação, principalmente na região Nordeste.

Assim, Celeste, em meio as atividades pedagógicas, passou a desenvolver o apreço pela área da Zoologia e a realizar a pesquisa intitulada de “Levantamento da Ofidiofauna na Fazenda Taboa, São Gonçalo dos Campos, BA”, no ano de 1985. Este que foi o primeiro projeto de pesquisa, na Biologia da UEFS, cujo objetivo era conhecer as espécies de serpentes que ocorriam naquela localidade.

Com o intuito de aprimorar sua pesquisa, se aproximou da professora Tânia Brazil, herpetóloga reconhecida da UFBA, cujo nome já havia se consolidado. Nessa ocasião, Tânia já possuía laboratório o Laboratório de Animais Peçonhentos LAP- UFBA e suas contribuições foram de extrema importância, pois impulsionaram às demais pesquisas, na

área dos animais portadores de peçonha. Além disso, deu suporte para a implantação do Serpentário da UEFS, em 1987, sob a coordenação da professora Celeste.

Com o tempo, o Serpentário também passou a se chamar LAP-UEFS, primeiro laboratório de pesquisa da Universidade, onde se iniciou a primeira linha de pesquisa zoológica. Que graças aos esforços da professora Celeste e sua articulação com a comunidade universitária e a população fora dela, logo foi dividido em dois ambientes. O Laboratório interno onde se realizava as pesquisas e o serpentário externo para a visitação.

Nesse tempo, Tânia, trabalhava com duas estagiárias: Luciana Lyra Casais e Silva e Rejane Maria Lira da Silva, esta última a substituiu na UFBA, e hoje é grande referência nacional na Herpetologia. Ilka Borges Biondi, atualmente coordenadora do Laboratório de Animais Peçonhentos e Hepertologia LAPH- UEFS, Rosângela Nobre da Conceição e Valdeci dos Santos, hoje são professoras na UEFS e na UNEB, foram estagiárias da professora Celeste no projeto logo no início.

De maneira colaborativa estas mulheres montaram um plano de pesquisa e lideraram os estudos dos animais peçonhentos da Bahia”, em execução através de um convênio firmado com três instituições: UEFS, UFBA e CEPLAC. E aprovação do projeto pela Fundação de Apoio à Pesquisa e à Extensão- FAPEX e o financiamento pela Fundação Banco do Brasil- FBB.

Assim surgiu o movimento de mulheres que foram pioneiras na Herpetologia baiana, sendo multiplicadoras dos conhecimentos adquiridos. Um fenômeno que consistiu no apoio entre pesquisadoras que conseguiram crescer na carreira tendo o incentivo uma das outras e liberdade para desenvolverem seus projetos.

Com a necessidade de aprimorar os conhecimentos e com as dificuldades encontradas na produção científica na universidade Celeste, ingressou no Programa de Pós-Graduação em Biologia Animal da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro –UFRRJ. Obtendo o grau de mestre em junho 1998 e em março de 2002 concluiu o doutorado no mesmo programa.

Durante o mestrado fez pesquisa que trouxe informações importantes sobre os aspectos anatômicos e histológicos das serpentes tendo como foco o aparelho reprodutor masculino de *Cascavella wagler* uma subespécie de *Crotalus durissus*. Com as

informações obtidas, ficou claro que um componente renal estaria associado ao aparelho reprodutor masculino como órgão acessório. Algo desconhecido na área e que gerou algumas apresentações em eventos, publicações em periódicos nacionais e internacionais, a exemplo da na Revista *Sitientibus* e muitas reportagens em programas de televisão.

Essa descoberta impulsionou a realização do doutorado com as novas investigações do segmento sexual do rim, tendo como grupo estudado os *Amphisbaenias*, que ao longo das experiências e muito estudo, foi adquirindo o conhecimento e a competência para trabalhar ainda melhor. Os resultados deste trabalho foram também publicados e fizeram da professora Celeste uma pesquisadora reconhecida nacionalmente no campo da Herpetologia.

Ao retornar para a UEFS, a professora Celeste montou o Laboratório de Morfologia Comparada dos Vertebrados - o LAMVER, em 2003, destinado para o desenvolvimento de atividades de pesquisa com os *Amphisbaenia*, mantidos em cativeiro. Implantando uma nova linha zoológica na UEFS, que esteve sob sua coordenação até se aposentar.

Nesse ambiente, ocorreram vários projetos, especialmente voltados para a observação em cativeiro do comportamento de distintas espécies de *Amphisbaenia* da microrregião de Feira de Santana. Os trabalhos realizados no laboratório possibilitaram um conhecimento cada vez maior e mais preciso sobre a biologia desses animais de hábitos estritamente fossoriais.

Celeste passou a ocupar outros espaços, devido ao conhecimento produzido e ao reconhecimento de seu trabalho que despertou o interesse de novas investigações por parte de estudantes que iniciavam a carreira na pesquisa.

Continuando a sua jornada, objetivando crescer dentro da Universidade Celeste Valverde fez uma parceria com a professora Dra. Míriam Camargo Guarnieri, grande herpetóloga da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, e realizou o pós-doutorado Entre 2009 e 2010.

Estudou o segmento sexual renal de *cascavella*, sob o ponto de vista da natureza química da sua secreção, isolando as enzimas envolvidas no processo reprodutivo desses animais. Foi verificado que a secreção contribuía com a viabilidade do espermatozoide por mais de seis horas, em contato com o estrato oriundo do tecido renal.

Celeste gerou novos saberes nesse campo de conhecimento e foi pioneira na UFPE o que estimulou outros trabalhos com diversos animais, realizados por estudantes de mestrado e doutorado orientados/as por Míriam Camargo.

Paralelo a pesquisa científica, Celeste foi pioneira nas atividades extensionistas. Desde quando entrou na universidade, em 1982 começou a empalhar animais, se aperfeiçoou nas técnicas de montagem de esqueleto ligamentário e taxidermia e iniciou a formação do acervo didático de zoologia da UEFS.

Além do conhecimento destinado ao aprendizado de estudantes na Universidade, desenvolveu muitos projetos de divulgação científica, tendo como objetivo a formação da comunidade estudantil, nas escolas de rede Básica, no campo da Etnozoologia. Sua principal obra realizada foi uma cartilha informativa sobre a vida do animal, intitulada: “Nem cobra, nem duas cabeças: quem eu sou?: uma abordagem sobre os *Amphisbaenia*”, com uma linguagem que atende a estudantes, professores/as e demais leitores/as.

A atuação de Celeste na UEFS abrangeu o ensino, a pesquisa e extensão e toda sua dedicação a impulsionou ser nomeada a primeira coordenadora do Museu de Zoologia da UEFS-MZFS. Esse foi um projeto de vida de Celeste dentro da universidade, que se concretizou trinta anos depois de seus primeiros acervos montados, com a participação e colaboração de alunos/as e colegas. Enquanto coordenadora do LAMVER e do MZFS, Celeste se aposentou em 2018, deixando uma história de trinta e seis anos de contribuição na UEFS e na Zoologia.

Os dados nos apresentam informações que implicam a afirmação de que as mulheres foram precursoras na construção do curso de biologia da UEFS. A atuação de Gizélia, Celeste e Cleide na universidade e a ocupação nos cargos de poder é reflexo de como as mulheres, mesmo diante das dificuldades a elas impostas, vêm conquistando espaços, antes jamais ocupados. Sobretudo, a partir dos anos oitenta, em que o movimento de mulheres no Brasil se tornou uma força política e social consolidada, com forte penetração nos espaços públicos, como em associações profissionais, partidos e sindicatos. Legitimando a mulher como sujeito social particular, cuja ideias difundiram-se no cenário social do país, em um clima receptivo das demandas de uma sociedade que se modernizava (SARTI, 1998).

A presença destas mulheres desde o nascedouro ao desenvolvimento da UEFS e do curso de Biologia é um marco importante na história feminina nessa instituição e na sociedade. Pois suas experiências, como de tantas outras mulheres, entraram em choque com o padrão tradicional, de caráter autoritário e patriarcal sobre o papel feminino. Favorecendo a criação de novas perspectivas em ser mulher, pois as colaboradoras não só saíram da esfera privada, mas, passaram a assumir cargos de liderança, e de destaque na esfera pública. E se tornaram referência para outras professoras que lhe sucederam nos cargos de liderança, no departamento, no colegiado, nos laboratórios e tantos outros espaços na UEFS.

Embora, Gizélia, Cleide e Celeste estivessem inseridas numa sociedade marcada pela matriz de poder patriarcal, que mantinha/mantém a estrutura de padrões diferenciados para homens e mulheres e que reforçava/reforça os discursos hegemônicos masculinos, estas mulheres promoveram rompimentos com esses padrões e se tornaram pioneiras na UEFS e fora dela.

Provocaram quebra no sistema de opressão que as mantinham aprisionadas a seus lares e em locais de subalternização. Seguindo um movimento de emancipação feminina compartilhado e motivado pela história de outras mulheres como Maria Augusta Generoso Estrela, a primeira mulher brasileira a possuir um diploma de ensino superior, se graduou em medicina, no ano de 1882, nos Estados Unidos. Ou Rita Lobato Velho Lopes que se tornou-se a primeira mulher a se graduar no país, na Faculdade de Medicina da Bahia em 1887 (SOUZA; ABDALA-MENDES, 2018).

Seguindo o legado de mulheres que deram importantes contribuições em suas respectivas áreas, Gizélia, Celeste e Cleide protagonizaram suas histórias dentro da UEFS. Assim, como as acadêmicas que resistiram ao contexto marcado pelo coronelismo goiano discutido por (CUNHA 2021); ou as professoras do Instituto de Matemática e Física da Universidade da Bahia (IMF/UFBA), que embora tenham sido impedidas de assumir a direção dos referidos departamentos, foram elas responsáveis pela articulação e fundação dos mesmos (MENEZES 2019).

Juntamente à essas mulheres, muitas outras, colaboraram para o desenvolvimento das instituições de ensino e pesquisa a qual estiveram presentes e constituem a máquina propulsora, que com seus legados e trajetórias, construíram caminhos possíveis para que

outras mais ocupassem os espaços públicos e o protagonismo nas esferas do saber. Mulheres que foram capazes de driblar o jogo patriarcal, questionar e resistir aos sistemas de opressão, mesmo em tempos que a elas jamais seria possível tais ousadias e que deixaram suas marcas nos espaços por onde passaram.

Muito dessas mulheres fizeram avançar a ciência e a tecnologia no Brasil e foram figuras importantes em suas respectivas áreas de atuação. As histórias de algumas delas, foram resgatadas no livro *Pioneiras Da Ciência Do Brasil*, da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência- SBPC, publicado em 2006, organizado por Hildete Pereira de Melo e Lígia M.C.S Rodrigues.

As autoras narram a vida das historiadoras Alice Piffer Canabrava e Eulália Maria Lahmeyer Lobo; das biólogas ; Bertha Lutz, Graziela Maciel Barroso, Dona Graziela, Marta Vannucci e Ruth Sonntag Nussenzweig; das agrônomas Johanna Döbereiner e Victória Rossetti; das médicas Maria Josephina Matilde Durocher, Maria José von Paumgarten e Nise Da Silveira; da química Blanka Wladislaw; da economista Maria Da Conceição De Almeida Tavares; da psicóloga Carolina Martuscelli Bori; das físicas Elisa Frota-Pessoa, Neusa Amato e Sonja Ashauer; e das Matemáticas Elza Gomide e Marília Chaves Peixoto.

São estes alguns nomes de mulheres brasileiras que assim como Gizélia, Celeste e Cleide foram/são pioneiras e modelos positivos para novas gerações, que lograram conciliar sucesso profissional com vida pessoal realizada, quebraram os estereótipos femininos, e que independentemente do caminho escolhido, conseguiram grande sucesso profissional. Mulheres que se sacrificaram e sofreram atravessamentos, ocasionados pelas diferenças de gênero para alcançarem a plenitude na carreira e merecem ser reconhecidas, com seus nomes eternizados na história da ciência e das universidades do país.

3.4 VIOLÊNCIA DE GÊNERO AO LONGO DO PROCESSO.

Tomei os discursos das professoras como centro de interesse para discutir sobre as violências de gênero vividas, assim como estas mulheres lidaram diante das

problemáticas que surgiram ao longo da carreira. Foi necessário articular relatos particulares com outras dimensões mais amplas e o entendimento de fenômenos sociais como a escolha entre o casamento, a maternidade e o cuidado com as filhas ou a progressão na carreira, as disputas entre as mulheres por espaços que lhes são restritos e tantos outros mecanismos de poder nos ambientes acadêmicos, que interferiram em suas experiências.

Para essa discussão, levo em consideração que a temática gênero possibilita variadas concepções nos mais diferentes contextos. Em razão da complexidade do assunto, exige reflexão coerente e clareza nos entendimentos e nas possíveis perspectivas encontradas na literatura. São nestas circunstâncias que apresento o conceito de gênero adotado em meus investimentos de pesquisa.

Ele é pensado como elemento construído a partir das representações sociais que originam e dão significado às relações de domínio situadas por discursos que direcionam as ações dos indivíduos. O “discurso” é colocado na noção foucaultiana, como um sistema que estrutura determinado imaginário social e refere-se a relação de poder e controle¹³. A constituição dos gêneros, neste sentido, assume categorias históricas e políticas indicando interpretações da realidade social que definem culturalmente os papéis sociais (SCOTT, 1995), (ARAÚJO, 2011) e (FOUCAULT, 2014).

O termo gênero é usado para referir estas representações simbólicas denotando relações hierárquicas entre os sexos (LONDA, 2001). Está no campo do discurso, nas relações de poder que decidem o que é socialmente “correto” do comportamento humano (LOURO, 2015; BUTLER, 2012). Ele é, portanto, reverberado por saberes respaldados pelas Ciências, Religiões, Leis, Filosofia, Ética, dentre tantas outras estruturas moralmente aceitas, que constroem os sujeitos e suas noções de “verdade” (FOUCAULT, 2014). Engendrados por um conjunto de valores morais, sociais, culturais e históricos que sofrem fortes influências dos fundamentos religiosos, patriarcais, androcêntricos e heteronormativos (ARAÚJO E CAMARGO, 2011).

Ao referir gênero e Ciência, vários são os trabalhos e pesquisadoras/es que têm provocado discussões acerca das estratégias sexistas que ainda priorizam a participação masculina

¹³ FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso. São Paulo: Edições Loyola, ed. 23, 2013. p. 74.

no fazer científico como: Londa Schiebinger, (2001 e 2008); Evelyn Fox Keller (2006), Joan Wallach Scott (1995 e 1989); Sandra Harding (1993), Iole Macedo Vanin (2015), Ângela Maria Ferreira de Lima e Souza (2014); Fabiane Ferreira da Silva (2012 e 2014), Paula Regina Costa Ribeiro (2014), Lourdes Bandeira (2008), Maria Teresa Citeli (2000), Mariana Moraes de Oliveira Sombrio (2007), Maria Margaret Lopes (2008), dentre outras. Embora, algumas delas apresentem abordagens distintas, em certos elementos, estas autoras têm proporcionado suporte que amadurece o conhecimento sobre a temática e direciona a minha linha de investigação. Ou seja, diretamente ou indiretamente, estas autoras contribuíram para o amadurecimento de minha concepção acerca da relação entre Gênero e Ciência e fundamentam este trabalho.

É percebido, a partir das leituras, que um dos maiores pilares que definem o lugar a ser assumido pelas mulheres no meio científico são os saberes construídos pela própria Ciência. Como afirma Silva e Ribeiro (2011), até início do século XX, as ciências eram consideradas culturalmente impróprias para as mulheres, sendo estas vistas como incapazes de fazê-las. Este argumento era reverberado por teorias Biomédicas que afirmavam que o potencial intelectual das mulheres era inferior ao dos homens (SCHIENBINGER, 2001).

Após muita luta e estratégias de ocupação, as mulheres passaram a fazer parte do contexto da Ciência, não mais como objeto, mas também como agente da construção de saberes. Silva e Ribeiro (2011), apresentam que embora o crescimento da presença feminina nas Ciências seja muito inferior aos homens, tanto em número quanto no avanço da carreira, evidencia-se nas últimas décadas consideráveis progressos. Pode se constatar um elevado aumento do número de mulheres nas Universidades do país como docentes e pesquisadoras, como estudantes de graduação e pós-graduação, nas áreas científicas.

Como podemos nos certificar a partir de dados oferecidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), as mulheres ocupam hoje o maior número nas salas de aula em todas as categorias de ensino como estudantes. O número de pessoas com o superior completo e com a faixa etária de 25 a 44 anos de idade em 2016 no Brasil nos leva a importantes reflexões. É constatado que o percentual de homens que completou a graduação foi de 15,6%, enquanto o de mulheres atingiu 21,5%, em um indicador de 37,9% superior ao dos homens.

Entrecruzando os dados, em consideração raça e gênero, as análises nos levam para um panorama que devemos nos atentar. As mulheres negras apresentam maior percentual que os homens negros, 10,4% e 7,0%, respectivamente, porém revela dados muito inferiores aos homens brancos que alcançam um total de 20,7%. Isso nos mostra que as mulheres brancas são as pessoas que mais têm ocupado os espaços no meio acadêmico e, portanto, é necessário refletirmos sobre a raiz desta problemática e não invisibilizar a ausência das mulheres negras nas universidades em detrimento do maior número de mulheres brancas que ocupam estes espaços.

O percentual de mulheres brancas com ensino superior completo é 23,5 mais do que o dobro do calculado para as mulheres negras 10,4, isto é, 2,3 vezes maior. Esses fatores vão interferir também no contexto das salas de aula como docentes. Por exemplo, as colaboradoras desta pesquisa, assim como as demais educadoras que protagonizaram na implantação do curso de Biologia e da UEFS, são majoritariamente brancas, o que se mantém até hoje.

Estas informações nos convidam pensar que as problemáticas de gênero discutidas nesse trabalho se referem a este grupo de mulheres e que as questões de raça devem estar presentes ao se discutir gênero, abrindo um leque de possibilidades investigativas para novos trabalhos. Além do mais, as abordagens e dados apresentados referem-se a mulheres cis gênero, o que torna as mulheres trans gênero e as suas violências sofridas não visibilizadas na análise histórica, assim como em muitas outras discussões acadêmicas e sociais que envolvem problemáticas de gênero ou gênero e raça. Algo parecido se aplica a mulheres lésbicas que ocupam os espaços acadêmicos e científicos e enfrentam outras agressões e barreiras por conta da sexualidade, que devem ser investigadas e discutidas.

Embora não tenha adotado uma abordagem interseccional para o desenvolvimento da tese, sinalizo que o olhar para as narrativas das educadoras e essa discussão sofre influência da aproximação com trabalhos como (Collins 2021). Que apresenta fortes críticas as versões oficiais da história que privilegia alguns grupos em detrimento de outros e realça determinadas experiências em decorrência da invisibilização de outras.

De acordo com essa perspectiva são valorizadas as histórias de grupos dominantes e ir de encontro com esta maneira de fazer e pensar a ciência nos coloca diante de uma

movimentação e olhar amplo para as diversas identidades que se mantem diminuídas, diante da figura universalizada no fazer científico, durante anos.

Sendo assim, manter uma busca investigativa sobre as problemáticas vividas pelas mulheres sem um olhar inteseccional, pode nos levar a uma visão parcial destes problemas, por deixar de fora questões que envolvam raça sexualidade e grupo social em que estas mulheres pertencem. Que Akotirene (2019) nos convida pensar como avenidas identitárias que se inter cruzam e coexistem e, portanto, devem consideradas.

Se tratando dos espaços ocupados pelas mulheres na docência no ensino superior, em 2016 havia no Brasil 397.611 docentes (em exercício e afastada/os), segundo dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa Educacionais do Ministério de Educação Inep/MEC. Do total, 216.484 eram homens (54,4% do total) e 181.127 eram mulheres (45,6%). O que indica, que embora as mulheres estejam ocupando o maior número nos espaços acadêmicos como estudantes, ainda lhe são negados os cargos de professoras no ensino superior, na mesma proporção. Analisando a fundo estas informações, apenas os estados Piauí, Paraíba e Bahia aparecem com número de docentes mulheres superior aos homens. A Bahia, por exemplo, apresentava 9.795 homens e 10.130 mulheres docentes (em exercício e afastada/os) em 2016. Esses dados, são alarmantes, ao atentarmos para a ocupação nos cargos de poder como líderes de Laboratórios, Grupo de Pesquisas e espaços nas Reitorias, Departamentos e Colegiados.

Apesar das problemáticas apresentadas a presença maciça das mulheres e seu desempenho no sistema de ensino brasileiro são fenômenos recentes e boas indicações de que está havendo uma reversão das desigualdades de gênero secularmente construídas. Mas, há ainda muito a se pensar, principalmente quando se trata das questões relacionando gênero e raça e as barreiras ainda enfrentadas pelas mulheres, sobretudo, as mulheres negras, ou ainda mais, as mulheres trans nos espaços de saber, que indicam vestígios de comportamentos excludentes.

Além disso, a recente introdução das mulheres no mundo do trabalho, no campo científico e acadêmico as obriga viverem o mundo androcentrado, hostil e sexista e o mundo da condição de mulher, com expectativas e resultados muito diferentes. Pois a longa exclusão legal das mulheres na esfera pública como as instituições educacionais e científicas foi escorada por um elaborado código de comportamentos e atividades, tão apropriadamente masculinos ou femininos.

Dialogando com a abordagem apresentada, Cabral (2014) afirma que a presença feminina nas Ciências e Tecnologia, tanto no campo da pesquisa como do ensino, evidencia um contexto histórico em que as mulheres foram/são controladas pelos saberes tendenciosos à luz da supremacia masculina que restringem, dificultam e direcionam suas participações.

O histórico processo de inferiorizar intelectualmente as mulheres, reflete e reproduz estereótipos de gênero e as relações de poder epistêmico que as forçam enfrentar preconceitos quanto suas escolhas e procedimentos investigativos, além de suas produções de conhecimento propriamente dito (SOUZA, 2014).

Em panorama geral, o contato com a literatura especializada em gênero e Ciência, têm levado a compreensão de que as histórias que relatam as experiências de homens e mulheres na carreira científica são bem distintas. Diferente dos homens, as mulheres foram, inicialmente, impossibilitadas de fazer Ciência; a sua inserção no âmbito científico, em seu princípio, esteve associada com a obrigatória estratégia de viver às sobras da imagem masculina, como seus maridos, filhos, até mesmo orientadores e outros colegas de trabalho; mesmo com sua emancipação, muitas mulheres foram e ainda são negadas de assumir cargos importantes em Universidades, ainda que sejam altamente capacitadas e com elevada produção intelectual. Inclusive, algumas mulheres não foram reconhecidas por suas descobertas científicas e são desconsideradas dentro dos campos de estudo, dentre tantas outras barreiras, provocadas pelo simples fato de serem do gênero feminino.

Atualmente as mulheres sofrem os vestígios da construção histórica dos papéis de gênero na Ciência o que torna muito mais difícil seguirem carreira científica numa sociedade ainda de caráter patriarcal e por ter que enfrentar obstáculos, que as colocam em uma corrida desvantajosa.

Estes efeitos podem ser observados na baixa representatividade das mulheres como pesquisadoras sênior do CNPQ ou no fato de poucas pesquisadoras serem contempladas com bolsas PQ, principalmente as mais jovens, devido à dificuldade de conciliar a maternidade com a carreira. Outra questão a ser considerada é que as mulheres não têm avançado na carreira na mesma proporção que os homens. Só para ter uma ideia, as mulheres participam mais expressivamente da carreira científica na maturidade. A

ascensão profissional pode ser observada, por exemplo, na participação em cargos administrativos ou no nível mais elevado da carreira universitária, professor/a pleno, ou na participação em comitês de assessoramento das agências de fomento, ou nos cargos das reitorias que são ocupados majoritariamente por homens (SILVA E RIBEIRO 2014).

As vidas das professoras Gizélia, Celeste e Cleide também refletem os enfrentamentos na Ciência, especificamente, em uma Universidade pública no interior da Bahia. Emergem das narrativas informações que nos permitem compreender que, assim como muitas histórias femininas de sucesso, a trajetória da tríade feminina se mostra recheada de entraves e limitações, provocadas pelas diferenças de gênero nos espaços acadêmicos e científicos.

Dos atravessamentos e dificuldades enfrentadas pelas professoras se destacam: O assédio moral e sexual, vividos em diversos momentos de suas trajetórias acadêmicas; Os conflitos entre o casamento, a maternidade e outras preocupações, tradicionalmente associadas à condição feminina, como as tarefas domésticas, e a carreira acadêmica científica; O mecanismo de invisibilização de suas carreiras; O lugar de fala e a tomada de decisões questionadas, associadas a tentativas de silenciamento e distorção de suas opiniões; A renúncia de suas vidas particulares, muitas vezes, para terem reconhecimento no espaço acadêmico; A segregação territorial, duplamente vivenciada. Além de serem deslocadas para Biologia, uma área predominante feminina, se concentraram na Herpetologia com forte participação das mulheres na Bahia, ou as atividades de gerenciamento acadêmico. Diferentemente da Ictiologia, por exemplo, que tem uma elevada participação masculina nos laboratórios e nas lideranças de pesquisa da UEFS.

Ao comparar a lista de condições de gênero vivenciadas pelas mulheres na Ciência, encontrada na literatura e apresentada na metodologia, penso que as colaboradoras tenham enfrentado quase todas elas, mas, durante as entrevistas apenas algumas foram fortemente evidenciadas. Em uma fala espontânea e segura as educadoras revelaram situações vivenciadas que, em certo ponto, elas não consideravam como uma problemática de gênero, ou passaram a identificar muito tempo depois. A fala da professora Gizélia a seguir, elucida bem esta afirmativa.

“A minha carreira foi o que decidi fazer, então não houve nenhuma interferência por eu ser mulher, nunca percebi isso, acho que tive a mesma liberdade que meus irmãos. {...} não enfrentei nada por conta do gênero, primeiro porque sempre fui briguenta pelo que

queria e acreditava, {...} mas em momento algum o fato de ser mulher me impediu de conquistar o que conquistei, meu espaço nunca foi impedido por usar saia, até porque em um dado momento a gente também passou a usar calça”.

A professora Celeste segue este mesmo pensamento. Ela, por exemplo, não identifica como um problema de gênero e ação excludente provocada pelo sexismo o fato de ter sido impedida de acessar os espaços para a produção científica na Universidade, sendo necessário relacionar-se intelectualmente com o amigo pesquisador e ao orientador, para progredir na carreira científica e ser reconhecida nacionalmente. Além disso, ganhou mais destaque em seus trabalhos de caráter extensionistas, considerados de menor prestígio na universidade, no período.

Celeste: Naquela época, a extensão era classificada como uma atividade secundária no nosso meio acadêmico, desenvolvida principalmente por professores do sexo feminino. Quando a extensão não era curricular, ouvi inúmeras vezes de colegas que o meu perfil se aproximava das práticas extensionistas.

Outra problemática que pode ser evidenciado, mais especificamente nas narrativas de Celeste e Cleide são os conflitos e disputas femininas pelo poder. As mulheres foram historicamente impedidas de ocupar espaços no ambiente público, sendo, ainda hoje, restritas as possibilidades em se tornarem líderes, o que provocou o disparo de duelos entre as mulheres para conquistarem os raros ambientes que lhe eram possíveis, na Universidade.

Cleide: Além de sofrer por ser mulher, tinha toda a questão de disputa com as outras, já que os espaços de poder ocupados por nós eram restritos, precisávamos provar constantemente a nossa competência.

O preconceito de gênero esteve presente no cotidiano das colaboradoras, na Universidade e fora dela e se revelou por diversas maneiras, como por exemplo, através de ações, atos agressivos ou palavras hostis, que reforçavam as diferenças entre homens e mulheres. Muitas vezes, as características biológicas como a instabilidade emocional, devido ao seu funcionamento hormonal ou a maternidade foram usadas para exaltar as diferenças entre homens e mulheres, relacionadas a capacidade de execução de seus trabalhos e para afirmar uma suposta superioridade intelectual e de atuação dos homens. Como por exemplo, os argumentos apresentados contra a gestão de Cleide no departamento, por

estar grávida, ou brincadeiras e piadas acerca das falas mais rígidas das professoras em reuniões, associadas ao ciclo menstrual.

Cleide: Nesse contexto a minha capacidade de gerir o departamento foi questionada e a minha gravidez apontada como doença, inclusive, ouvir da administração superior que iria entrar na direção, receber por quatro meses sem trabalhar.

Silva (2012) argumenta que os espaços acadêmicos são constituídos e atravessados por relações de poder e saber, onde as identidades e diferenças são produzidas e significadas, gerando preconceito e desigualdades de gênero. Portanto, é preciso problematizarmos, sobre como estas relações são estabelecidas e buscarmos caminhos para que possam ser reformuladas.

O dia-a-dia nas Universidades e ambientes científicos são permeados por disputas de poder e busca de oportunidades para aumentar as arenas de influência, com elaboração cada vez mais de artigos e conhecimento para alcançar os mais elevados níveis de produção. Mas, essa é uma luta desleal, levando em consideração que as mulheres entram em desvantagens nessas disputas. No caso de Gizélia, Celeste e Cleide, foram diversos os enfrentamentos que lhes causaram traumas e provocaram a morte simbólica por meio de práticas que ainda encontram suporte no preconceito, na desinformação e na mentalidade machista impressa nos valores sociais.

Dentre as cicatrizes, revisitadas e expostas em suas narrativas estão os assédios moral e sexual experienciados durante a graduação e como professoras na UEFS. Esse, sem dúvida, foi o momento em que mais necessitei acionar a empatia com as condições apresentadas pelas professoras e me coloquei no lugar de escuta de suas dores.

É um ponto de extrema sensibilidade pois represento a imagem dos agressores. Contudo, assumi o lugar de fala enquanto pesquisador, para provocar a reflexão acerca das experiências vividas por tantas mulheres e pelas professoras que permaneceram caladas, durante anos, e no momento de entrevista optaram por delatar as perversidades que as atravessaram no contexto acadêmico.

Cleide: “Durante uma entrevista para uma bolsa remunerada recebi cantadas durante o processo de seleção e não cedi aos assédios, isso contribuiu para que não fosse vitoriosa no pleito”.

Cleide: *“No início de minha carreira, logo que comecei a dar aula na UEFs, passei por um processo que não julguei como importante, exatamente pela banalização dada pela sociedade, mas hoje entendo que foi um assédio sexual que sofri e fiquei muito envergonhada”*.

Celeste: *“Já havia pegado transporte por várias vezes naquela região, então o primeiro carro que passou, eu entrei. Estava sozinha na porta da faculdade, o cara era um jovem que veio com uma conversa um tanto estranha. Fiquei só de olho para ver se desviava a rota, não sei como cheguei na rodoviária, as pernas tremiam. Nesse dia, senti medo, mas me mantive firme”*.

Cleide: *“Ele não respeitava, começou com umas coisinhas mais leves e o resto não gostaria de falar. Claro que não foi difícil descobrir meu telefone, ligava para casa constantemente, minha atendia e queria saber quem era aquele homem que me procurava com tanta frequência”*.

Cleide: *“Um dia estava na cantina, a gente foi tomar café da manhã e ele falou uma frase meio longa com tantos palavrões do sexo explícito que fiquei gelada de cima a baixo, não conseguia falar nada e nem me mexer, peguei o café e não tive condição de ir para mesa onde ele estava com os demais professores, fiquei no balcão e não olhei mais para ele”. {...} convivi com este homem por algum tempo e compartilhei os mesmos espaços*.

Cleide: *“Ele ficava me chamando para sair e tomar um vinho, não queria ser deselegante e dizia que iria com meu marido, mas ele continuou insistindo, não caracterizei o episódio como assédio de fato, mas hoje entendo sofri vários assédios e que coisas deste tipo moldaram minhas ações, tinha que estar sempre me protegendo e impedindo que acontecesse”*.

Estes são alguns exemplos de condutas abusivas, manifestadas por professores, colegas de trabalhos e outros sujeitos que causaram danos na integridade física e psíquica das colaboradoras. Mesmo quando as elas estiveram em cargo de poder institucional não foi fácil se fazer respeitar; estando sujeitas a violações, através de comportamentos, palavras, atos, gestos, piadas, grosseiras, desdém a respeito do que diziam e faziam, ou a recusa em ter o seu trabalho levado a sério.

Cleide: *“Tive descontentamento com colegas e inclusive um professor chegou para falar comigo na maior arrogância, aí vem essa coisa do assédio, do machismo, do poder dele*

sobre a mulher, porque se fosse outro homem ele não agiria com a mesma agressividade {...} pense que quase me agrediu, batia na mesa, falava alto e gritava comigo, quem estava do lado de fora achou realmente que ia me bater. Depois deste episódio ainda passou a me provocar o tempo todo, hoje entendo como assédio moral, ele me caluniava publicamente junto a outros professores e tentava me ferir emocionalmente.

Gisélia: “Sempre fui pulso forte, se não iam querer me dobrar e fazer o que queriam, com isso teve uns dois professores que foram muito rudes comigo por eu não facilitar certas coisas para eles. Alguns foram agressivos, mas nunca levei nada em consideração, eu simplesmente deletava o ocorrido, não sou de guardar mágoa de ninguém, as pessoas que guardavam de mim”.

O assédio moral, embora faça parte das relações de trabalho a muito tempo, só foi identificado, na década de noventa, como um fenômeno destrutivo do ambiente de trabalho, não só reduzindo a produtividade, mas também favorecendo o abandono, devido aos danos psicológicos que envolve. Atualmente, se compreende que no mundo do trabalho, nas Universidades e nas instituições em geral, as práticas de assédio moral são recorrentes, embora sejam estereotipadas e dificilmente denunciadas (FREITAS, 2001).

Já o assédio sexual passou a ser visto como um problema de cunho social, desde a década de sessenta, associado ao crescimento no número de mulheres no mercado de trabalho (BEZERRA; CLIPES, 2017). Se relaciona muito mais às questões de gênero e acomete, na maioria das situações, as mulheres, como consequência do desejo masculino de se fazer dominante ao corpo feminino e pelas demarcações de comportamentos distintos, pautadas pela cultura patriarcal que reafirma a desigualdade entre homens e mulheres (FREITAS 2001).

Geralmente, as práticas de assédio sexual ocorrem entre os desiguais, não pela questão de gênero masculino versus feminino, apenas, mas porque um dos elementos da relação dispõe de formas de penalizar a vítima. Por exemplo, quando uma das professoras sofreu o assédio em uma seleção de estágio, estava em disputa a relação de alguém com mais idade e que possuía a capacidade de ofertar ou negar o cargo.

Define-se essa relação por assédio vertical descendente, que é a forma mais comum e recorrente, dado ao fato do superior hierárquico agir de forma abusiva, com o intuito de coibir a sua subordinada. Embora, também exista o assédio vertical ascendente, ocorrendo

a situação inversa, ou seja, o/a assediante é hierarquicamente inferior, sendo o/a assediado/a o/a superior/a. Ou também, o assédio horizontal, exercido entre indivíduos que estão no mesmo nível hierárquico, inexistindo, dessa forma, relação de subordinação. (BEZERRA E CLIPES, 2017). O último foi experienciado por uma das colaboradoras, com um colega de trabalho, também professor na UEFS, cujo poder hierárquico na instituição, no momento da prática, era o mesmo.

Quase sempre, as relações acontecem, entre o superior e uma subordinada, entre o professor e a aluna, dentre tantas outras relações, onde o primeiro sujeito é do sexo masculino que se apropria do lugar de vulnerabilidade da vítima, seja pelo papel ocupado ou lugar que se encontra. Como no caso vivido e relatado por uma das professoras, durante o seu deslocamento da Universidade para casa.

Parte da narrativa das professoras comunga com experiências de assédio moral e sexual vivenciados por mulheres em laboratórios, salas de reunião e demais espaços, em várias esferas do fazer científico, sejam como alunas, funcionárias ou professoras e que transpassam os muros da Universidade.

Diante da condição social que as mulheres vivem, mesmo as que não tenham passado por um assédio tendem a tomar determinados posicionamentos e adotarem mecanismos para se protegerem de tal agressão, interferindo fortemente na saúde física e psíquica e no desenvolvimento pessoal, acadêmico e profissional.

Por outro lado, os agressores, nutrem de um sentimento de superioridade, devido as condições concedidas pelo patriarcado, que valorizam características no papel social dos homens como brutalidade e virilidade. Associadas com outros poderes sociais como a branquitude, a heterossexualidade, condições econômicas, cargos ocupados, dentre outros, “que lhes garantem o direito” a atitudes degradantes. E que saem impunes, devido o lugar de poder que ocupam e o silenciamento das vítimas que se calam, diante das consequências provocadas pela agressão.

Segundo Freitas (2001), o assédio é uma prática que se propaga pelo fato das vítimas não quererem e nem se sentirem confortáveis em formalizar a denúncia e não entenderem de imediato, a gravidade das ações e encararem-na de maneira superficial. Associado a inexistência de discussões e pautas que promovam o encorajamento da denúncia e a ação mais efetiva nas punições. Pois, mesmo que o assédio sexual, seja tipificado como crime,

por se tratar de uma situação íntima e constrangedora, acaba não sendo exteriorizada e, conseqüentemente, não sendo levada a público, muito menos ao judiciário (BEZERRA E CLIPES, 2017). Mas, também, pelo fato da conduta lesiva praticada ser, muitas vezes, de difícil comprovação, vez que sua ocorrência, em muitos dos casos, se dê de forma, camuflada e escusa.

O assédio torna-se possível por vários outros fatores que dificultam o processo de assimilação, denúncia, punição e conscientização desta problemática como; as desigualdades de gênero; o despreparo e burocracias alimentadas pelo machismo institucional; a ausência de definição formal por parte das instituições para a violência sexual ou estupro; a falta de ouvidorias e estudos para se alcançar o suporte necessário aos casos; o silenciamento e omissão das instituições frente a problemática; a escassez de pesquisas e informações sobre a violência de conotação sexual; o medo das vítimas frente a outras possibilidades de violência, advinda do agressor e as práticas jurídicas do enfrentamento da violência contra a mulher se mostrarem impregnadas por viés sexista, associado a cultura de impunidade da justiça brasileira. Estes, dentre outros, fatores contribuem para o cenário de situações de assédio, potencializam a ocorrência, desencorajam as vítimas às denúncias e tornam a luta contra os agressores complexa e exaustiva.

Além disso, a esfera pública também contribui para a impunidade, pois os agressores percebem com facilidade os fatores favoráveis à sua permanência no trabalho, independente dos crimes cometidos. Tornando o cenário das vítimas obscuro, associado a culpabilização e julgamentos constantes e a denúncia uma demanda psicologicamente e, por vezes, fisicamente agressiva para a pessoa violentada (FREITAS 2001).

Por estes e outros motivos, o assédio moral e sexual aconteceram com as colaboradoras e ainda ocorrem com muitas mulheres, no cotidiano acadêmico, sejam elas, professoras, alunas, técnicas, dentre outras. Como aponta pesquisa realizada pelos institutos Avon e Data Popular, 67% das estudantes de instituições de ensino superior (IES) de todo o país, entrevistadas, já enfrentaram algum tipo de violência no cotidiano acadêmico. De acordo com Maito et al (2019), foi possível identificar a evidência de violência contra mulher, cometidas no contexto das relações universitárias ocorridas nas Universidades paulistas, incluída a maior Universidade pública do país, a USP, a partir da análise dos dados apresentados pela Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI).

As mulheres, enquanto maiores vítimas do assédio, ficam suscetíveis ao cenário de desgaste psicológico em suas trajetórias acadêmicas, pois o medo, associado ao desamparo institucional, inferem contra suas garantias e de seus direitos fundamentais, ferindo de tal forma as suas dignidades, honra e moral. O que certamente influencia em suas vidas universitárias, científicas e profissionais.

A questão do assédio é sem sombra de dúvida, uma problemática que deve ser discutida nos espaços científicos e acadêmicos. Estes devem encontrar formas de incentivar os estudos sociológicos, antropológicos e de gênero que gerem discursões, trabalhos e eventos sobre a temática e construir um ambiente mais seguro para as mulheres. Como a criação de Conselho Superior de uma Ouvidoria Especializada; Instituição de núcleos de atenção psicossocial para atender as vítimas; o desenvolvimento de políticas institucionais de prevenção à violência em seus ambientes; ações educativas, como palestras e desenvolvimento de materiais contendo a legislação em vigor sobre violência sexual e que promova o debate sobre a igualdade de gênero no âmbito universitário.

Também é necessário, trazer para o rol de discussão a urgência na elaboração de políticas públicas e estratégias institucionais que combatam demais formas de violência que ferem o estado social e democrático de direito feminino e que dificultam a atuação no ambiente de trabalho, de ensino e pesquisa, nos estabelecimentos científicos e acadêmicos.

Por este caminho, buscar maneiras de suavizar as barreiras enfrentadas, a exemplo da dualidade entre a esfera pública e privada, estabelecida pela corrida para se tornarem profissionais renomadas e as preocupações, tradicionalmente associadas à condição feminina, como as tarefas domésticas, o casamento e a maternidade.

Backes, *et.al* (2016); Silva e Ribeiro (2014), argumentam que família, casamento, lar e filhos/as, são preocupações que fazem parte do histórico de mulheres profissionais independentes, que se deparam com o conflito da maternidade, da atenção e obrigação com a família, perante as exigências da vida acadêmica. Algumas deixam os seus sonhos e ideais profissionais no meio do caminho para cuidar da família, outras, abdicam em ter filhos/as para progredir na carreira, e um número considerável decide combinar as duas tarefas.

A dualidade entre trabalho, crescimento na carreira e atividades tipicamente associadas as mulheres como maternidade, o cuidado com o lar, e o casamento, atravessaram as

professoras Gizélia, Celeste e Cleide, de duas maneiras distintas. Gizélia, não se casou, nem teve filho/a, o que ela considerou ter ajudado desenvolver melhor seu trabalho na gestão acadêmica, mas por outro lado, sofreu as exigências sociais que empurram as mulheres para o matrimônio e a maternidade, por meio das cobranças da família.

Já Cleide e Celeste casaram, tiveram duas filhas, e apontaram que o casamento e a maternidade foram os maiores impedimentos de avançarem na carreira, pois iniciaram a vida profissional, paralelo a vida de mãe. Tanto Celeste quanto Cleide se desdobraram para dar conta das tarefas múltiplas, como também, conviveram com a consciência duplamente culposa por deixarem as atividades que envolviam a família por conta do trabalho e por não se dedicarem integralmente as suas atividades profissionais e o crescimento na carreira, por conta das responsabilidades tradicionalmente impostas as mulheres. Trago a seguir trechos das narrativas das professoras que reflete estas problemáticas apresentadas

Celeste: Foi árduo tentar estabelecer equilíbrio entre casa, família e minha profissão. Naquela época, geralmente, as mulheres deixavam os seus sonhos e ideais profissionais no meio do caminho {...} tive de me virar para cumprir com os cuidados das duas meninas e ir trabalhar {...} ficava na universidade de segunda a sexta, mas faltava quando precisava fazer alguma atividade associada a maternidade {...} sob o ponto de vista financeiro, assumi essas meninas desde cedo: eu que vestia, pagava escola, o ballet, não deixaram de fazer nada. Sob minha responsabilidade, ficavam as reuniões de pais nas escolas, consultas aos médicos, dentistas, me virava, mas lá estava presente {...} quando minhas filhas eram pequenas, não tinha tempo para pensar em pós-graduação, precisava cuidar delas e trabalhar. À medida que foram crescendo e ganhando maior independência, estavam iniciando a adolescência, foi quando decidi fazer o mestrado e o doutorado {...} Tatiana, a caçula, deprimiu durante a minha ausência, e senti que ela depositava em mim, a culpa neste fato. Mesmo assim, não me sinto arrependida de nada, faria tudo de novo, uma vez que a minha vida e trajetória somente poderiam ser trilhadas por mim {...} embora tivesse que deixar o marido e as duas filhas de dezesseis e doze anos, não medi esforços, pois estava completamente convencida de que tinha que fazer a pós-graduação para transformar a realidade na qual estava passando na universidade.

Cleide: Com as duas meninas as atribuições maternas duplicaram, eu quem era responsável em levar ao médico, mesmo o pai trabalhando em Salvador, levava as

meninas pela manhã, depois ia para UEFS no mesmo dia, quando não tinha condições faltava no trabalho. Na escola a mesma coisa, reunião de pais, preocupação com notas era comigo {...} para falar a verdade, passei muitos anos sem férias, até passear com as meninas era a babá que ia {...} Era doloroso ficar distante de minhas filhas e saber que era responsável pelo seu sofrimento, mas tive que fazer escolhas o tempo todo, muitas delas foram avassaladoras.

Durante a trajetória profissional e maternal, Cleide e Celeste tiveram que fazer escolhas constantemente, entre a família e a carreira. Deixaram o trabalho para resolver questões de saúde e educacionais das filhas, ou deixaram as filhas para se dedicar a reuniões de trabalho e estudos até mesmo em finais de semana. Devido à jornada de trabalho e as horas de estudo, ficaram distantes das filhas, e muitas vezes se sentiram culpadas e buscaram outras estratégias para suprir a ausência e cumprir as “obrigações maternas”.

O trabalho realizado por Silva e ribeiro (2014), com mulheres pesquisadoras revela que as entrevistadas também foram levadas a fazer escolhas em função da carreira e se sentiram culpadas por se dedicarem mais ao trabalho em detrimento dos/as filhos/as.

Por medo de fazer as filhas sofrerem ainda mais com a ausência, Celeste decidiu retardar a pós-graduação, principalmente, pelo fato de ter que se deslocar para as regiões Sul ou Sudeste do país, já que os escassos programas de pós-graduação que existiam na Bahia não eram em suas áreas de interesse. O mesmo aconteceu com a professora Cleide que temia se ausentar ainda mais da presença das filhas, já que o trabalho na gestão tomava todo seu tempo, até mesmo nos fins de semana.

Corroborando com estas informações Silva e Ribeiro (2014), apontam que as mulheres que escolhem por engravidar, tendem a se especializarem, crescerem na carreira acadêmica, elevar o nível acadêmico e produzir mais com idade elevada, após o período de criação dos/as filhos/as. Tanto que as mulheres mais jovens, em idade de procriação, são as que apresentam menor percentagem na competição, nos mais elevados níveis da produção acadêmica. Com isso, as mulheres têm sofrido com o comprometimento na oferta de bolsas e financiamentos de pesquisa pela baixa produtividade durante o período de gestação e dos cuidados com a casa e os/as filhos/as.

Assim como estas mulheres, Cleide e Celeste decidiram abdicar do crescimento da carreira para priorizar as crianças e se sentiram culpadas por não terem progredido na

pesquisa. À medida que as filhas foram crescendo e ganhando independência, tiveram maior condição para fazer a pós-graduação.

Motivada pelas objeções vividas na universidade, Celeste deixou as filhas na Bahia, por cinco anos, para cursar o mestrado e o doutorado no Rio de Janeiro, com isso, sofreu as pressões sócias e se responsabilizou pelos danos emocionais causados, principalmente, na filha mais nova. Já Cleide abdicou do sonho de se especializar em sua área de atuação e realizou o mestrado na própria UEFS, para não ficar distante da família.

As professoras dedicaram tempo para o trabalho, para a casa e a família, carregando um sentimento de culpa por trás da ascensão profissional ou do papel de uma boa dona de casa. Com isso, viveram em uma constante tensão entre as diferentes identidades onde o que era exigido por uma identidade interferia com as exigências da outra.

Cleide: *“Mesmo diante de todos meus esforços, meu marido dizia que eu me dedicava tanto a UEFS que deixava a família e a casa em segundo plano, se isso é verdade não sei, achava que não”*.

De acordo com BACKES, *et.al*, (2016), os conflitos entre o lar e o trabalho, e o sentimento de culpa que as mulheres tendem a carregar por escolher a carreira, ou filhos/as e o lar, não é o mesmo compartilhado pela maioria dos homens que, muitas vezes, se mostram ausentes, com menor responsabilização nas relações familiares ou são menos cobrados socialmente, neste aspecto.

Mesmo que as famílias modernas venham mudando sua estruturação, com relação mais igualitária, na medida que ocorre maior participação masculina no cuidado da casa e das crianças, muitas atividades domésticas e familiares, ainda têm sido de maior responsabilidade feminina (ROCHACOUTINHO, 2008; SCOTT, 2012).

Cleide: *Sempre que tinha problemas com as meninas eu quem faltava no trabalho e o pai continuava trabalhando normalmente {...} as vezes ele ia junto, mas quase sempre eu ia só.*

Celeste: *“Tive um bom marido, ele ajudava cuidar das meninas, mas a grande responsabilidade sobre a família e o lar caía sobre mim”*.

Celeste e Cleide assumiram certas demandas com as filhas que seus maridos por mais que ajudassem, não se sentiam na obrigação, nem eram cobrados. Quando ocorriam

problemas que fugiam da rotina, como uma doença repentina ou na ausência de alguém para tomar conta, elas deixaram o trabalho ou levaram as filhas para a UEFS. Ainda sob a responsabilidade das mães, ficaram, além das questões financeiras, as reuniões de pais nas escolas, consultas médicas, dentistas e muitas atribuições que são naturalizadas como atributos maternos.

Em diversos momentos, Celeste e Cleide trabalharam o mesmo e até mais que seus parceiros, mas a diferença é que a elas foi ensinado a tarefa de cuidar das filhas, dos maridos, da casa e do emprego, ao mesmo tempo e de igual maneira, o que, habitualmente, não é ensinado na mesma forma para os homens.

De acordo com Backes, *et.al* (2016), a estrutura de vida moderna faz com que meninas sejam encorajadas a ter sucesso nos estudos, se prepararem bem para um trabalho futuro e também se espera delas que se tornem boas mães, esposas e donas de casa. Muitas vezes, a visão esperada da mulher atual é a ideia naturalizada de que ela é capaz de dar conta das múltiplas tarefas.

Além disso, a profissionalização de mulheres e homens passa por discursos diferentes. Enquanto que dos homens se espera que tenham um trabalho bem-sucedido e remunerado, para sustentar a família, das mulheres, mesmo que trabalhem fora de casa e sejam economicamente independentes, é cobrado um bom casamento, que as mantenham presas ao espaço privado, as obrigações para com as atividades domésticas e o cuidado dos/as filhos/as, (silva e Ribeiro 2012).

O problema encontra forças no sistema patriarcal que apresenta estruturas rígidas, muito bem elaboradas, que ditam a maneira que meninos e meninas são construídos/as e educados/as na sociedade e pela família. Historicamente caracterizadas pelo domínio do masculino sobre o feminino e que orientam diferentes caminhos e perspectivas para os homens e para as mulheres, em relação ao trabalho, ao casamento e a família.

O histórico limitador das mulheres nos espaços públicos está atrelado e, sobretudo, ancorado na cultura hegemônica androcêntrica e nas desigualdades de gênero, que continuam as mantendo aprisionadas aos espaços privados e a naturalização do procriar/cuidar (SOUZA E SARDENBERG, 2013). Portanto, a conciliação, obrigatória, das identidades de mãe, esposa, dona de casa com trabalhadoras gera, muitas vezes,

desvantagem social, desigualdade e aumenta a vulnerabilidade feminina nos espaços públicos, que ainda se mantêm construídos por viés sexistas, que favorecem aos homens.

De acordo com Velho (2006); Silva e Ribeiro (2016), a Ciência, por exemplo, é um desses ambientes que obrigam as mulheres a construírem as suas identidades profissionais de acordo com o modelo masculino e para serem bem-sucedidas profissionalmente, necessitam, dedicar tempo integral para o trabalho e manter alta produtividade em pesquisa. Pois a lógica de uma carreira científica próspera sustenta-se no maior número de pesquisa, que gera mais publicação e conseqüentemente, mais reconhecimento e recursos. A Ciência se firma como um ambiente que valoriza as relações academicamente competitivas e características masculinas que, em certa medida, dificultam, restringem e direcionam a participação das mulheres nesse contexto.

Os membros da comunidade científica necessitam de uma expressiva produção para que possam obter respeito pelos pares e concorrer de forma “igualitária” por bolsas, projetos, posições, cargos e recursos. Só que a “igualdade” nos critérios de competitividade tornam-se desiguais, porque as mulheres que assumem o papel de professoras e pesquisadoras universitárias enfrentam barreiras sociais e históricas que ultrapassaram a desvalorização e o desestímulo perante sua competência enquanto profissional docente. Pois, as dificuldades que elas têm que vencer pelo caminho são imensas e exigem um esforço muito maior do que o despendido ao estudar, trabalhar e dedicar longas horas ao trabalho científico.

Nesse sentido, a maneira que a sociedade a própria Ciência e a Academia são organizadas interferiram diretamente vidas e escolhas de Gizélia, Celeste e Cleide e de muitas outras mulheres que decidiram seguir uma carreira acadêmica. As professoras Sentem que foram prejudicadas em suas vidas científicas e acadêmica porque não puderam se dedicar só para pesquisa e não tiveram como ir além, o quanto gostariam, pois era muita coisa e não suportavam tantas demandas e as violentações durante o processo.

Cleide: “A sociedade incumbiu a nós mulheres a obrigatoriedade de exercer mais de uma função, isso tenho desde meu pai com minha mãe, até na minha casa hoje. Embora meu marido seja uma pessoa jovem, com ideias um pouco diferenciadas de pai e o lado machista mais fraco, assumi muitas responsabilidades de esposa, dona de casa, mãe e às vezes de funcionária mesmo {...} diante das dificuldades que foram sendo colocadas em

minha trajetória, a família e a gestão na universidade passaram a ser priorizadas, não sobrando tempo e fôlego para maior dedicação à pesquisa”.

Celeste: “Passamos por alguns enfrentamentos e um deles, por exemplo, era quando íamos para o campo. Ouvíamos dos homens da comunidade, nos locais de coleta, que nós “segurávamos muito bem na cobra, e que gostávamos de pegá-la”, então a gente recebia muito estas piadinhas e afirmações pejorativas {...} recebia muitas insinuações e brincadeiras de que estava me relacionando amorosamente com alguns colegas, pois sempre andava com eles, e era muito comunicativa. Tais situações inverídicas mexem com nosso psicológico e emoções, então adquiri uma hipertensão que se manifestou no mestrado e até hoje tomo medicação {...} passei muito tempo sem ter espaço físico adequado para desenvolver minhas investigações. Permaneci em um cantinho nos laboratórios didáticos pesquisando, tentando ver as coisas e, quando chegava alguém para dar aula, saía. Assim eu fui me ajustando. Por quase cinco anos fiquei nessa situação. Trabalhando com as caixas em torno do módulo didático em um jirau e, usando as salas quando estavam disponíveis, semanalmente. Foi um momento de muita dor”.

Ainda, de acordo com as entrevistas, existiram barreiras que dificultaram o acesso a níveis de maior hierarquia e prestígio e que comprometeram a construção das suas carreiras. Por exemplo, foi questionada a capacidade de Gizélia e Cleide em gerir o departamento ou a pró-reitoria. Celeste foi apontada como incapaz de assumir a liderança no laboratório fundado por ela e também houveram objeções acerca de sua liderança no Museu de Zoologia.

Além disso, mesmo sendo pioneiras em diversas atividades na Universidade e no curso, as entrevistadas não chegaram a galgar o cargo de reitoras ou vice-reitoras, historicamente ocupados por homens, como consequência da segregação hierárquica, que tornam maiores as barreiras para que as mulheres cheguem nos mais altos níveis de poder. Durante a história da UEFS a reitoria foi liderada quase que exclusivamente pela figura masculina, sendo que apenas uma mulher alcançou o cargo de reitora.

Ou seja, mesmo que atualmente a participação feminina na Ciência seja equitativa do ponto de vista numérico a hierarquia acadêmica está ocupada, sobretudo, por homens independentemente da área do conhecimento (SILVA E RIBEIRO, 2014). Fazendo com que o número de mulheres decresça conforme aumenta os maiores níveis de gerência

acadêmica. Com isso, as mulheres têm a difícil tarefa de provar que são capazes de ocupar espaços de liderança ou cargos elevados, diretamente ligados com maiores salários e muitas delas são obrigadas a viver em um contexto sexista com um olhar masculinizado sobre o cargo.

As mulheres nos espaços de poder, muitas vezes, são conduzidas a assumir comportamentos, em certa medida, como sujeitos assexuados ou masculinizados, apresentando postura dura, séria, rígida, numa atitude paradoxal (HRYNIEWICZ E VIANNA, 2018). Ou seja, rompem com preconceitos ao ocupar cargos de maior hierarquia, porém, são obrigadas a manter posturas que tradicionalmente se espera de um/a chefe, associado a características masculinas.

Os resultados de pesquisa realizada por Hryniewicz e Vianna (2018), por exemplo, mostraram que as mulheres entrevistadas tinham uma noção mais andrógina de liderança e que elas se viam como merecedoras desse papel, apesar de sofrerem vários tipos de preconceito em suas trajetórias. A professora Gizélia também traz essa concepção sobre a liderança assumindo posturas associadas ao padrão masculinizado que historicamente moldou o papel de líder.

Para além das problemáticas apresentadas, as histórias das colaboradoras exibem uma mudança no quadro docente a partir da década de noventa. Com a necessidade de implantação do bacharelado em 1996 houve uma acelerada demanda de profissionais docentes e o curso passou a se tornar predominantemente masculino. De acordo com informações coletadas no site do departamento o quadro de professores/as e pesquisadores/as da Biologia na UEFS, atualmente, é composto por mais de 50% de homens. A Zoologia, uma das áreas que iniciou o processo de produção científica, que foi edificada só por mulheres desde a implantação da FEEFS em 1968 e se estendeu por duas décadas, hoje é 80% composta por professores e pesquisadores masculinos, que lideram as linhas de pesquisa e os laboratórios em suas diversas subáreas como a Ictiologia, a Entomologia e a Ornitologia.

Essa predominância masculina também vem ocorrendo na direção do departamento. Ao observar informações presentes no site do curso, está registrado as diretorias a partir do ano de 2002, onde dos dez mandatos, 90% foi liderado por homens. Isso implica o argumento de que vem ocorrendo um processo de invisibilização da atuação feminina que implantou e consolidou o curso, não registradas nas informações do referido site.

O mesmo ocorre nos documentos físicos. As atas de reuniões do departamento anterior ao ano de 2000 não foram encontradas, durante o processo de coleta de dados, assim como não foi possível encontrar registros sobre a liderança da professora Celeste na implantação do LAP, o que positiva a importância desta pesquisa, tendo a metodologia adotada.

Existem dois pontos a serem observados a partir dessas mudanças. A predominância feminina no curso de Biologia, ocorreu quando possuía um caráter pedagógico e era ofertada a modalidade Licenciatura, apenas. E um outro momento com o fortalecimento nas produções científicas com a oferta do Bacharelado e implantação das pós-graduações, associado com maior participação masculina. Por esse sentido, as histórias das professoras permitem construir uma ponte de ligação com o processo de exclusão das mulheres na produção científica que resultou na mudança do quadro docente.

Esse fenômeno pode ter sido motivado pela escassez de programas de pós-graduação na Bahia e na região Nordeste, no período, o que tornou a UEFS um campo acessível para as pessoas pós-graduadas de outros estados do Sul e Sudeste. E como consequência, apresentando condições de mudança mais favoráveis para os homens que passaram a migrar de outras regiões e dominar o curso, a partir de então.

Por outro lado, a falta de programa de pós-graduação na região dificultou com que as mulheres que já lecionavam na UEFS pudessem realizar o mestrado e doutorado para progredir na carreira. Como relatam as três colaboradoras, a necessidade de se deslocarem para outras regiões do país para fazer uma pós-graduação apresentou uma série de obstáculos.

Essas informações provocam a reflexão de que as entrevistadas além de terem lidado violências de gênero ao longo de suas carreiras, têm sofrido o processo de invisibilização de suas trajetórias e contribuições para o nascedouro e desenvolvimento do curso da instituição de ensino superior. Pois, suas histórias estão sendo esquecidas, além de terem muitos detalhes apagados pelos mecanismos sexistas, presentes no curso de Biologia da UEFS.

Diante destas problemáticas e de várias outras ocasionadas pelo androcentrismo, refletidos na prática acadêmica e científica que as epistemologias feministas se desenvolveram e se desenvolvem, em diversas áreas, desde meados do século XX em um

panorama de forte questionamento a Ciências e as Tecnologias modernas. Destaca-se a crítica à ideia de pretensa neutralidade, autonomia e objetividade das Ciências, fora a busca pelo reconhecimento dessas como um empreendimento social historicamente construído, passível de influências, interesses e impactos na e pela vida em sociedade (CABRAL, 2014).

O potencial questionamento do feminismo a prática sexista das Ciências tem possibilitado que estudos de gênero ganhem repercussão no cenário científico associados ao aumento da presença feminina em seu meio (FERREIRA, 2010). Estes estudos possibilitam a contextualização acerca do lugar ocupado pelas mulheres nas Ciências, apresentam a importância da presença feminina na academia e os avanços representados pelo seu pensamento e pelos resultados de suas pesquisas (FERNANDES, 2016). Além do mais, têm contribuído para reflexões acerca dos próprios pressupostos das Ciências modernas revelando que elas não são e nem nunca foram neutras do ponto de vista de gênero, classe e etnia (SILVA e RIBEIRO, 2011).

Nesta direção, diversos trabalhos como Cabral (2014), Vanin (2015), Galindo (2016), Lima e Costa (2016), defendem o rompimento com argumentos androcêntricos historicamente enraizados e agenciados nas práticas científicas. É comum nestes trabalhos retro mencionados, a exigência por maior legitimidade científica para as mulheres, questionamentos sobre os valores presentes na ideia de objetividade científica, reflexão sobre as contribuições das mulheres para o conhecimento científico e sobre a maneira que compreendem e ensinam Ciências.

O feminismo contemporâneo contribuiu e vem colaborando para transformar a posição das mulheres na Ciência, pois, nas últimas décadas, testemunhamos avanços significativos no que diz respeito à inserção e à participação das mulheres no campo científico. Atualmente, é possível perceber o número expressivo de mulheres em muitas Universidades e instituições de pesquisa (SILVA E RIBEIRO, 2014). Essa conquista do ambiente das Ciências pelas mulheres tem oportunizado novos saberes e direcionamentos ao fazer científico, contribui para uma nova leitura histórica e epistemológica do campo e tem possibilitado trabalhos como esta tese.

Tendo como prioridade o enfrentamento à violência contra mulheres nesse contexto, como estratégia de prevenção e coibição das práticas perversas que ferem a integridade

feminina. E a busca pela promoção da equidade, do respeito à dignidade humana, favorecendo a construção de um ambiente universitário, seja a UEFS ou qualquer outra instituição, combatente da violência com base no gênero.

E nesse sentido, o fortalecimento do feminismo no fazer científico é de extrema, pois se estrutura enquanto movimento acadêmico, político e social que promove fortes embates as práticas sexistas na produção e circulação do conhecimento. Pondera-se as suas contribuições na elaboração de saberes científicos, na busca de condições para atuação das mulheres como professoras e cientistas que sugere ações políticas e solicita um novo cenário para a Ciência.

CONCLUSÃO

A história de Gizélia, Celeste e Cleide revelou a potencialidade de suas trajetórias, atrelada à diversos constructos sociais. O que implica a afirmação de que ao falar de cada uma delas está subentendido um conjunto de fatores que tornaram o que elas são, enquanto professoras, biólogas, mães, esposas, mulheres, dentre tantas outras identidades compartilhadas. Mas, sobretudo, manifestou o romper do silêncio, de fatos que permaneceram ocultos, ou proporcionalmente ocultados pelo memoricídio que faz da memória feminina uma prática proibida, clandestina ou ignorada, durante o desenvolvimento da Ciência.

Essa memória inaudível, das educadoras se propagou pela oralidade, assumiu a disputa com outros discursos, que até então, tentam desqualificá-la e conquistou o espaço público, por intermédio deste trabalho doutoral. Esta tese partilha a oralidade destas mulheres, que encontrou no meu eu pesquisador o desejo em tornar-se eco de suas memórias intersubjetivas e que se relaciona com uma comunidade de narradoras para reivindicar o direito de se consolidar no fazer científico.

Nas narrativas ecoaram as vozes que projetaram a memória de três professoras pioneiras do curso de Biologia da UEFS, mas também o silêncio, acerca de um passado que permanece mudo, resultante de brancos da memória ou de esquecimentos. Motivado pela

aflição em não encontrar uma escuta, ou, ao menos, pelas dificuldades e bloqueios em se expor a mal-entendidos. Revelou-se, neste trabalho, portanto, um passado "não-dito". Parte ocasionado pelo esquecimento, mas também pelo desconforto das colaboradoras em falar de si. (Pollak 1989).

Ecoou nas narrativas das professoras suas trajetórias que falam as angustias, os fracassos os medos, a esperança, a luta, o sucesso e os objetivos alcançados. Analisar estas trajetórias permitiu a compreensão sobre as motivações e condições que as impulsionaram para a Biologia, como a necessidade de se tornarem independentes economicamente, ou até mesmo a aproximação e interesse pela natureza. Arelado ao processo de redemocratização do país e a criação de Universidades Federais em todo território brasileiro, entre as décadas de cinquenta e setenta, tornando mais viável a introdução das colaboradoras no cenário acadêmico.

A partir dos esforços investigativos foi possível compreender que a inserção das professoras na Universidade Foi influenciada, também, pela mudança no olhar sobre o papel social da mulher, que provocou rupturas com o discurso que as idealizavam apenas como boas mães e boas esposas. Fatores que as autorizaram sair de seus lares, no interior do estado, para morar e se graduar na capital baiana.

Suas histórias sobre a formação acadêmica trazem informações proeminentes acerca das mudanças e das formulações universitárias provenientes da Ditadura Militar e de como ocorreram os processos de construção do Ensino Superior, ainda em fase experimental, em especial os cursos de História Natural e Biologia, na Bahia, que se concentravam na cidade de Salvador, no período.

Nos deparamos com os processos para o nascedouro e desenvolvimento da primeira instituição superior do interior baiano, à qual as professoras Gizélia Vieira, Maria Celeste e Cleide Mércia trouxeram contribuições por diversos momentos, principalmente para o Departamento de Biologia como a implantação de modalidades, elaboração de novos currículos, instalação de laboratórios e programa de pós-graduação, dentre vários outros elementos constatados nas suas histórias *Transcridas* e que transbordam em análise.

Além disso, foi identificado que as colaboradoras, assim como muitas outras mulheres, tiveram que lidar com atravessamentos provocados pelas diferenças de gênero, como o

apagamento e a luta por não se deixar sucumbir todos os dias de suas vidas. E revelou processos de exclusão enfrentados, pelo simples fato de serem mulheres.

Provocados pelos vestígios dos anos de exclusão e de uma sociedade pautada na cultura patriarcal e sexista, que ainda causam consequências nas trajetórias femininas, geram discursos de invisibilização e o hábito danoso de festejar apenas alguns poucos nomes, escolhidos por valores sociais que abordam, na maioria dos casos, a figura masculina.

Olhar para a trajetória acadêmica e profissional das professoras Gizélia, Celeste e Cleide implicou a compreensão de que ela foi construída em um ambiente regido por valores e padrões masculinos que restringiram, dificultaram e direcionaram os seus caminhos na Ciência, no curso de Biologia e na Universidade.

Desse modo, percebemos que as colaboradoras, se defrontaram com um conjunto de barreiras para seguir a carreira acadêmica científica, como por exemplo, à dupla jornada de trabalho na universidade e em sem seus lares, à maternidade, e em tantas outras discriminações de gênero como os assédios, o silenciamento e os processos de invisibilização.

Estas foram questões que acompanharam a trajetória acadêmica e profissional das entrevistadas, as levaram fazer determinadas escolhas e exigiram muito esforço para se manterem firmes em seus ideais. E em meio as violências sofridas e as barreiras que dificultaram o desenvolvimento de suas atividades científicas e acadêmicas, lutaram para construir uma trajetória significativa na história do Cursos de Biologia da UEFS. Forçando rupturas significativas na cultura patriarcal que reafirma posturas sexistas e excludentes, na referida instituição.

De acordo com Schiebinger (2001), pequena minoria das mulheres se conforma diante das culturas dominantes, onde muitas tendem a introduzir novas questões e direções às Ciências se posicionando de maneira a criar oportunidades para remodelar as relações de gênero dentro da sala de aula, laboratório, departamento ou disciplina. Isso tem provocado mudanças no cenário científico, tornando-o um espaço atraente para as mulheres, dando-las visibilidade e exigindo melhor participação em suas produções.

Embora as mulheres tenham sido historicamente apagadas na historiografia da Ciência, elas são muitas, trouxeram e trazem contribuições relevantes para o desenvolvimento do fazer científico. O número de mulheres na Ciência atualmente é seguramente mais

expressivo e tem crescido, lutado por emancipação e por direito aos espaços públicos. O que tem contribuído para a mudança na imagem social das mulheres e na perspectiva feminina a respeito do trabalho, da vida amorosa, da família e tantas outras estruturas que constituem suas identidades.

Os estudos de gênero nas Ciências possibilitaram melhorias nesse sentido e se apresentam como estratégia necessária, sendo preciso um contínuo esforço ao embate das barreiras ainda enfrentadas pelo público feminino na carreira científica e considerar que o “processo de as trazerem para as Ciências exigiu, e vai continuar exigindo, mudanças estruturais na cultura, métodos e conteúdos científicos” (SCHIEBINGER, 2001).

Por estes e outros motivos as professoras Cleide Celeste e Gizélia encontraram um caminho, construíram a Biologia da UEFS e trouxeram contribuições para sua ampliação, ao ponto de se tornar um dos melhores cursos do país. Com isso, é importante pensarmos que mesmo diante das barreiras historicamente impostas à tríade feminina, elas contribuíram positivamente para o progresso das Ciências Biológicas e suas histórias não devem ser apagadas pelo mecanismo de silenciamento que colocam suas vidas e seus legados no esquecimento.

Nesse sentido, esta tese resgatou memórias que por equívoco ou propositalmente têm sido ocultadas na história da Biologia da UEFS, tornou públicas as trajetórias de vida que afirmam o pioneirismo feminino na história da instituição e desmistificou o discurso de uma ciência construída apenas por homens. E sobretudo, se colocou como um mecanismo de denúncia e enfrentamento aos processos sexistas dos ambientes acadêmicos e científicos, que ainda refletem os discursos hegemônicos e excludentes, pautados na supremacia masculina.

Diante do que se apresenta, defendo a necessidade em continuarmos com projetos que reforcem a equidade de gênero em todos os âmbitos da sociedade. Pois, para que haja um ambiente justo para as mulheres nas Ciências, é imprescindível que elas sejam livres dos aprisionamentos sofridos em seus lares, nas ruas, ou outros espaços da sociedade. Então, a discussão deve seguir uma direção não apenas sobre a presença ou ausência das mulheres na Ciência, mas também, acerca da construção patriarcal que fundamenta a sociedade brasileira, que determina a maneira que construímos e compreendemos as identidades femininas no contexto social e cultural de um modo geral.

Por fim, levo em conta que ao falar destas mulheres na Biologia da UEFS e os processos hegemônicos de suas exclusões é também ponderar sobre a posição que ocupo enquanto homem, que exclui e se favorece com esta prática. Por isso, a busca pela equidade de gênero não deve ser só das mulheres e passa, necessariamente, pela redefinição de conceitos já fortemente estabelecidos na sociedade sobre o que é ser homem e o que é ser mulher nas estruturas sociais e na própria Ciência.

REFERENCIAS:

- ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. Rio de Janeiro, RJ. Fundação Getúlio Vargas, ed. 3, 2013. P. 295.
- _____. **Ouvir contar: Textos em história Oral**. Rio de Janeiro, RJ. Fundação Getúlio Vargas, ed. 1, 2004. P. 210.
- ALMEIDA, Joane Soares de. Mulheres na escola: Algumas reflexões sobre o magistério feminino. **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo, SP., n. 96, p. 71-78, fev.1996.
- AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade, Feminismos Plurais**. Jandaíra, São Paulo, SP, 2019, pg. 152
- ARAÚJO, Jair Bueno. A desconstrução dos processos identitários dos gêneros sexuais em Judith Butler. **Rev. Saber Acadêmico**, Presidente Prudente, SP, n. 11, p. 33-38, 2011.
- ARAÚJO, Rubenilson Pereira.; CAMARGO, Flavio. Pereira. Discursos sobre gênero, diversidade sexual e homofobia no contexto escolar. **Rev. Escrita**, Rio de Janeiro, RJ, n. 13, p. 1-23, 2011.
- BANDEIRA, Lourdes. A contribuição da crítica feminista à ciência, **Rev. Estudos Feministas**, Florianópolis, SC, Vol. 16 n. 1, p. 207-230, 2008.
- BEZERRA, Ana Carolina; CLIPES, Marcela. O Crime de Assédio Sexual no Âmbito das Instituições de Ensino Superior. **Rev. Dimensão Acadêmica**, v.2, n.2, p. 72-91 2017.
- BRASIL. Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. **Séries históricas até 2015**: quantitativos de bolsas por sexo. Brasília, 2012. Disponível em: <<http://www.cnpq.br/series-historicas>>. Acesso em: 13 de maio de 2020.
- BRITO, Antônio Mauricio Freitas. Salvador em 1968: um breve repertório de lutas estudantis universitárias. In: ZACHARIADHES, Grimaldo. Carneiro. Ditadura militar na Bahia: novos olhares, novos objetivos, novos horizontes. **EDUFBA** vol. 1, Salvador, Ba, 2009, p. 89-114
- BRUSCHINI, Cristina; AMADO, Tina. “Estudos sobre mulher e educação”. **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo, SP, n. 64, p. 4-13, 1988.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade; Trad. Renato Aguiar. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012, P 218.

CABRAL, Carla. Giovana. O campo dos estudos feministas da ciência e da tecnologia: um olhar histórico para três décadas da produção de pós-graduação das regiões sul e sudeste. In: CONGRESSO IBER-AMERICANO DE CIÊNCIAS, TECNOLOGIA E GÊNERO. 10., 2014. Paraguai, *Anais...* Paraguai, 2014. P. 01-20.

CALDAS, Alberto Lins. Transcrição em história oral. **REV. do Núcleo de Estudos em História Oral**, São Paulo, n. 1, p. 75, 1999.

CHEMLA, Karine and KELLER Evelyn Fox. The making of scientific knowledge Cultures without Culturalism **editors Duke University Press** · Durham and London · 2017, 321p.

CITELI, Maria Teresa. Mulheres nas ciências: mapeando campos de estudo. **Rev. Cadernos Pagu**, n.15, p.39-75. 2000.

COLLINS, Patricia Hill. **Interseccionalidade**. 1 ed. São Paulo, SP : Boitempo, 2021, p 288.

COSTA, Livia Gozzer. Histórias e memórias de um tempo ainda presente: gênero, infância e muitos ideais para as órfãs do Asilo de Lourdes desde 1879 até poucos dias. Anais do II Seminário Internacional História do Tempo Presente, Florianópolis, SC. P. 1-10, 2014.

COSTA, Maria da Conceição; FELTRIN, Rebeca Buzzo. Desafios da interseccionalidade em Gênero, ciências e tecnologia. **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, v. 47, p. 01-09, 2016.

CUNHA, Geruza Tomás da. **Protagonismo feminino em terras de coronéis: mulheres em resistência** Dissertação. UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS FACULDADE DE LETRAS PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA. GOIÂNIA - GOIÁS 2021. P. 152.

DIAS, José. Alves. O golpe de 1964 e as dimensões da repressão em Vitória da Conquista. In: In: ZACHARIADHES, Grimaldo. Carneiro. Ditadura militar na Bahia: novos olhares, novos objetivos, novos horizontes. **EDUFBA** vol. 1, Salvador, Ba, 2009, p. 69-88.

ESPIÑEIRA, Maria. Victoria. A resposta da Bahia à repressão militar: a ação partidária da Ala Jovem do MDB e a militância civil do trabalho conjunto da cidade de Salvador. In: ZACHARIADHES, Grimaldo. Carneiro. Ditadura militar na Bahia: novos olhares, novos objetivos, novos horizontes. **EDUFBA** vol. 1, Salvador, Ba, 2009, p. 215-240

FERNANDES, Felipe Bruno Martins Zahidé Machado Neto: Uma pioneira dos estudos sobre a mulher na Bahia. **Rev. ACENO**, Cuiabá, MT, v.03, n.05, p. 108-124, 2016.

- FERRARI, Anderson; CASTRO, Roney **Polato** “*Nossa! eu nunca tinha parado pra pensar nisso!*” – gênero, sexualidades e formação docente. **Rev. Interfaces da Educação**, Paranaíba, MS, v.3, n.7, p.68-83, 2013.
- FERREIRA, Marieta de Moraes.; **AMADO, Janaina**. Org. Usos e abusos da história oral. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, ed. 8, 2006. P. 425
- FERREIRA, Marieta de Moraes; FERNANDES, Tania Maria.; ALBERTI, Verena. Org.. História oral desafios para o século XXI. Rio de Janeiro Fio Cruz; Fundação Getúlio Vargas, P. 204, 2000.
- FERREIRA, Márcia Ondina Vieira. O impacto dos estudos de gênero sobre a construção do pensamento social. **Rev. Educação e Linguagem**, São Paulo, SP, v.13, n.21, p. 189-207, 2010.
- FIORUCCI, Rodolfo. História oral, memória, história. **Rev. História em Reflexão**, Dourados, MS, Vol. 4 n. 8, 2010.
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I**: a vontade de saber. Trad. MARIA T. da C. Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, RJ. Paz e Terra, 2014.
- _____. A ordem do discurso. São Paulo, SP. Edições Loyola, ed. 23, 2013. p. 74.
- _____. Ética, Sexualidade, Política. **Ditos & Escritos** v. 5 ed. 2 Org. MOTA, M. B. Trad. MONTEIRO, E. e BARBOSA, I. A. D. Rio de Janeiro, Rj: Forense Universitária, P. 95. 2006.
- FREITAS, Maria Ester. ASSÉDIO MORAL E ASSÉDIO SEXUAL: faces do poder perverso nas organizaçõesv. **Rev. de Administração de Empresas**. V. 41, n. 2, p. 76-91 2001.
- GALINDO, Martha Zapata. Gender in science: the impact os equality policies in scintific instituions and practices: the case os Germany. **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, v. 47 p. 01-27, 2016.
- GIRALDELLI JR, Paulo. História da Educação. São Paulo: **Cortez**. Ed.2, 1990, p.01-34
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Trad. Laurent Léon Schaffter. São Paulo. Ed. Vértice. 1990
- HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, v.05, p.07-41, 1995.

HARDING, Sandra. A instabilidade das categorias analíticas na teoria feminista. **Rev. Estudos Feministas**, Florianópolis, SC, Vol.13 n. 1, p. 07- 31, 1993.

Lawrence Stone, PROSOPOGRAFIA, **Rev. Sociol. Polít.**, Curitiba, Pr v. 19, n. 39, p. 115-137, 2011.

HRYNIEWICZ, Lygia Gonçalves Costa; VIANNA, Maria Amorim. Mulheres em posição de liderança: obstáculos e expectativas de gênero em cargos gerenciais. **Cad. EBAPE.BR**, v. 16, n° 3, Rio de Janeiro, RJ, p 71-92, 2018.

IVO, Petroleiro. Alex de Souza. Uma “revolução” contra o comuno-peleguismo: o golpe de 1964 e o sindicalismo. In: ZACHARIADHES, Grimaldo. Carneiro. Ditadura militar na Bahia: novos olhares, novos objetivos, novos horizontes. **EDUFBA** vol. 1, Salvador, Ba, 2009, p. 53-68.

LANDES, Davi S. **Prometeu Desacorrentado**: transformação tecnológica e desenvolvimento industrial na Europa ocidental, desde 1750 até a nossa época., Nova Fronteira, Rio de Janeiro, RJ, ed.2, 2005. P 627

LIMA, Betina Stefanello; COSTA, Maria Conceição. Gênero, ciências e tecnologias: caminhos percorridos e novos desafios. **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, v.48 p.01-39, 2016.

LOPES, Maria Margaret. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.15,. 2008, p.269-281.

Louro, Guacira Lopes. Gênero, história e educação: construção e desconstrução. **Educação e Realidade**, n°20, v° 2, p.101-132, 1995.

Keller, Evelyn Fox. Qual foi o impacto do feminismo na ciência? **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, p.13-34. 2006.

KRZYNARIC, Roman. O poder da empatia: a arte de se colocar no lugar do outro para transformar o mundo; tradução Maria Luiza X. de A. Borges. **Rev. Zahar**, 1.ed. Rio de Janeiro, RJ, 2005.

KYRILLOS, Gabriela de Moraes. “O Que É Lugar De Fala?” De Djamila Ribeiro **Captura Crítica**: direito, política, atualidade. Florianópolis, v. 7, n. 1, 2018.

MAGALHÃES, Justino. Contributo para a História das Instituições Educativas – entre a memória e o arquivo. **REV. Braga**, Portugal, Universidade do Minho 1996.

NASCIMENTO, T. R. A criação das licenciaturas curtas no Brasil. **Rev. HISTEDBR On-line**. Campinas, SP n.45, p. 340 -346, 2012.

MARCÍLIO, Maria Luiza. História da escola em São Paulo e no Brasil. São Paulo, Instituto Braudel/Imprensa Oficial do Estado, 2005.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Canto de morte Kaowá: História Oral de Vida**. São Paulo: Edições Loyola, 1991.

_____ ; **Manual de História Oral**. 5ª ed. São Paulo, SP: Edições Loyola, 2005.

_____ ; RIBEIRO, Suzana Lopes Salgado. **Guia prático de história oral. Para empresas, comunidades, universidades, famílias**. São Paulo: Contexto, 2011.

_____ ; HOLANDA Fabíola. **História Oral: como fazer, como pensar**. São Paulo: Contexto, 2011.

MELNIKOFF, Ricardo André Aires; MELNIKOFF, Elaine Almeida Aires. IV CONGRESSO SERGIPANO DE HISTÓRIA & IV ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH/SE O CINQUENTENÁRIO DO GOLPE DE 64 Professora, professorinha primeira profissão que legitima a mulher do século XIX. p. 01 -13, 2014.

MELO, Iran Ferreira de. Análise do Discurso e Análise Crítica do Discurso: Desdobramentos e Intersecções. **Rev. Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Lingüística e Literatura**, Ano 05 n.11, p. 01-18, 2009.

MENEZES, Márcia Barbosa de. Protagonismo Feminino na Matemática: criação e evolução do Instituto de Matemática da Universidade Federal da Bahia. **Bolema**. Rio Claro, SP, v. 33, n. 65, p. 167-186 2019.

OSADA, Neide Mayumi; COSTA, Maria Conceição da. A construção social de gênero na Biologia: preconceitos e obstáculos na biologia molecular, **cadernos pagu**, Campinas, SP, vol. 27, 2006: pp.279-299.

PERROT, Michele. Práticas da memória feminina. **Rev. Traverses**, n. 40, p 18-27. Tradução de Batalha, Claudia Henrique de Moraes; Grossi, Miriam Pilar. **Rev. Brasileira de História**, São Paulo, SP, vol. 09, n.18, p. 09-18, 1989.

_____. Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros. São Paulo, SP. Paz e Terra, ed. 3. 2001. P. 418.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

PORTELLI, Alessandro. História Oral e Poder. **Mnemosine**, vol.6, nº2, pp. 2-13, 2010.

_____. O que faz a história oral diferente. **Projeto História**, nº 14, São Paulo, fevereiro/1997.

_____. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na história oral. **Projeto História 15. Ética e História Oral**, abril/1997a.

_____. A Filosofia e os Fatos. Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. **Tempo**, vol. 1, nº 2, 1996. PORTELLI, Alessandro.

- Introduction. In: PORTELLI, Alessandro. The death of Luigi Trastulli and other stories: form and meaning in oral history. Albany: State University of New York Press, 1991: X.
- RIBEIRO, Djamila. **O que é: lugar de fala?**. Letramento: Justificado, Belo Horizonte, MG, 2017, p.112
- ROCHA-COUTINHO, Maria. Lucia. Mulher Moderna é Assim, dá Conta de Tudo. A Díficil Arte de Equilibrar Trabalho e Família. **Edipucrs**, Porto Alegre, RS, v. 18, n. 3, P. 193-220, 2012.
- ROSENTHAL, Renata; REZENDE, Daisy de Brito. Mulheres cientistas: um estudo sobre os estereótipos de gênero das crianças acerca de cientistas. SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO Florianópolis, Sc, p 01-22- 2017.
- ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira. O direito à memória: a história oral de mulheres que lutaram contra a ditadura militar (1964 - 84). **Ver. Tempo e Argumento**, Florianópolis, SC v. 5, n.10, p. 108 – 132, 2013.
- SANTANA, Ediane. Lopes de. Campanha de desestabilização de Jango: as ‘donas’ saem às ruas! In: ZACHARIADHES, Grimaldo. Carneiro. Ditadura militar na Bahia: novos olhares, novos objetivos, novos horizontes. **EDUFBA** vol. 1, Salvador, Ba, 2009, p. 13-29.
- SARDENBERG, Cecilia Maria Bacellar. Revisitando o campo: Autocrítica de uma antropóloga feminista. Mora, Ciudad Antónoma de Buenos Aires, v.20, n. 1, agosto de 2014.
- SARTI, Cynthia Andersen. O Início do Feminismo sob a Ditadura no Brasil: O Que Ficou Escondido. **XXI CONGRESSO INTERNACIONAL DA LASA**, CHICAGO, P. 1 A 12, 1998.
- SCHIEBINGER, Londa. (1991) **O feminismo mudou a ciências?**. Trad. Raul Fiker. Bauru: EDUSC, 2001. 384 p.
- SCOTT, Ana Silva. O caleidoscópio dos arranjos familiares. In: PINSKY, Carla Bassanesi; MARIA Joana Pedro. (Orgs). Nova História das Mulheres no Brasil. **Contexto**, São Paulo, SP P. 15-42. 2012.
- SCOTT, Joan Wallach. A invisibilidade da Experiência. **Rev. Proj. História**, São Paulo SP, n 16, p. 297-325, 1998.
- _____. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, RS, v. 20 n.2, 71-99, 1995.

SHTAIR, Ann B. Cultivating Women, Cultivating Science: Flora's daughters and botany in England, 1760-1860, **New York : ACLS History E-Book Project**, 1 ed, 2005, 355 P.

_____. Gender and "Modern" Botany in Victorian England. **Osiris** ed. 12, 1997, pp.29-38.

SILVA, Fabiane Ferreira. A inserção das mulheres na ciência: narrativas de mulheres cientistas sobre a escolha profissional. **Linhas Críticas**, Brasília, DF, v. 18, n. 35, p. 171-191, 2012.

_____, Mulheres na ciência: Vozes, tempos, lugares e trajetórias. **Tese**. Universidade Federal do Rio Grande, Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde 2012, 149 p.

SILVA, Fabiane Ferreira; RIBEIRO, Paula Regina Costa. Trajetórias de mulheres na ciência: "ser cientista" e "ser mulher". **Rev. Ciênc. Educ.**, Bauru, SP, v. 20, n. 2, p. 449-466, 2014.

_____ A participação das mulheres na ciência: Problematizações sobre as diferenças de gênero. **Rev. Labrys Estudos Feministas**, Florianópolis, SC, n.10, p. 01-25, 2011.

SILVA, Kátia Elaine Vasconcelos. et. al. A representatividade das mulheres na gestão das universidades. **Rev. p2p & inovação**, Rio de Janeiro, RJ v. 5 n. 1, p.120-140, 2018.

SIMÕES, Solange de Deus. **Deus, pátria e família: as mulheres no golpe de 1964**. Vozes, Petrópolis, RJ, 1985. 180 p.

SOMBRIO, Mariana Moraes de Oliveira. Traços da Participação Feminina na Institucionalização de Práticas Científicas no Brasil: Bertha Lutz e o Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas do Brasil, 1939-1951. **Dissertação**: Universidade Estadual De Campinas Instituto De Geociências Pós-Graduação Em Política Científica E Tecnológica. 2007, P. 180

SOUZA, Ângela Maria Ferreira de Lima. Gênero e ciências, **Rev. Feminismo**, Salvador, BA, v.2 n.3 p. 79-84, 2014.

SOUZA, Leandro Corisco; DINIS, Nilson Fernandes. Discursos sobre homossexualidade e gênero na formação docente em Biologia. **Pro-Posições**, Campinas, SP, v. 21, n. 3, p. 119-134, 2010.

SOUZA, Sandra. Regina. Barbosa. Da silva. Bandeira Vermelha: aspectos da resistência armada na Bahia. In: ZACHARIADHES, GRIMALDO. CARNEIRO. Ditadura militar

na Bahia: novos olhares, novos objetivos, novos horizontes. **EDUFBA** vol. 1, Salvador, Ba, 2009, p. 127-150.

SUCUPIRA, Nelson. Sobre o exame de suficiência e formação do professor polivalente para o ciclo ginásial. **Documenta**, n. 31, p. 107-111, 1964.

VANESSA Ferreira Backes; SILVA, Fabiane Ferreira da; THOMAZ Jean Rodrigo. Mulheres Docentes no Ensino Superior: Problematizando Questões de Gênero na Universidade Federal do Pampa. **Cad. Ed. Tec. Soc., Inhumas**, v.9, n.2, p. 166-181, 2016.

VANIN, I. **As damas de branco: Médicas, odontólogas e farmacêuticas**. Curitiba, RS: Appris, 2015. 375 p.

VISCARDI, Cláudia Maria, Ribeiro e DELGADO, Lúcia de Almeida Neves. **História oral: teoria, educação e sociedade**. Juiz de Fora Ed. UFJF, 2006. P. 173.

VELHO, Léa; LEÓN Elena. A Construção social da produção científica por mulheres **Cadernos Pagu** vol.10 P. 309-344, 1998

APÊNDICES:

APÊNDICE A: HISTÓRIA TRANSCRIADA DA PROFESSORA GIZÉLIA VIEIRA DO SANTOS.

1 MINHA CABEÇA ESTÁ TÃO RUINZINHA, NÃO CONSIGO LEMBRAR DAS COISAS, MAS VOU TE CONTAR O QUE AINDA RESTA DE MEMÓRIA.

Como testemunha de muitos dos acontecimentos, e coautora de alguns deles, contar essa história tem o significado de dar volta ao passado, revivendo cada momento não só da minha passagem nesse mundo, mas das marcas que ele deixou em mim e que deixei nele. A memória não está muito boa, mas vou ligar o controle e fazer a minha vida passar na mente como novela, então vai aí, o que com um pouco de esforço, consigo lembrar.

Nasci no século passado, precisa saber minha idade? Estou perto dos oitenta e nem gosto de lembrar disso. Foi em 1942, ano em que o presidente Getúlio Vargas instituiu o Cruzeiro como moeda brasileira e aderiu a segunda guerra mundial, declarando oposição a Alemanha e Itália. Este ano foi agraciado com meu nascimento e dos músicos Caetano Veloso, Gilberto Gil e Luiz Ayrão.

Sou a segunda filha de meus pais, vim ao mundo em um pequeno distrito chamado Serraria, que faz parte do município baiano de Entre Rios. Era uma localidade pequena e bem simples, sem recursos financeiros e desenvolvimento. Com um tempo mudamos de lá e fomos para Esplanada.

Meus avós paternos eram sergipanos, então meu pai viveu muito tempo em Sergipe. Ele só veio morar na Bahia quando constituiu família e abriu um armazém padaria de onde tirava a renda familiar.

Minha mãe viveu em uma cidade daqui da Bahia que não me lembro mais o nome, não sei se Bom Concelho. Era onde meus avós maternos moravam, um sítio em uma localidade próximo a Entre Rios e Sítio do Meio, tudo na linha do trem que existia na época. Esse trem saía de Salvador e ia para Sergipe, o que contribuiu para o surgimento de várias cidadezinhas em sua proximidade.

Erámos uma família grande, com sete filhos. Eu, minha irmã mais velha, seguimos a mesma área profissional, um irmão fez Administração, outro cursou Arquitetura e a caçula, mora comigo e fez curso Técnico em Secretariado Executivo. Perdi minha irmãzinha que veio logo depois de mim, quando fez onze anos, depois um outro irmão também faleceu e ficou apenas nós cinco.

Cresci e estudei o que vocês chamam hoje de Ensino Fundamental I em Esplanada. Fiz todo curso primário e depois de um certo tempo, meu tio, irmão de minha mãe, que também era meu padrinho, me levou para morar com ele no Rio de Janeiro. Morei lá dois anos, em uma localidade chamada Ricardo de Albuquerque.

Sempre estudei em escola pública, então fiz um curso de admissão porque não passei logo no primeiro exame para entrar no Ginásio, mas logo depois fui aprovada e estudei lá no Rio de Janeiro o primeiro ano, o que chamam hoje de Ensino Fundamental II.

Depois que passei um ano estudando, retornei de férias e vi que a vida de minha irmã era mais divertida estudando interna em Salvador e passando as férias em Esplanada do que eu morando com um tio que era militar do Exército. Ele achava que tinha ido para lá estudar e deveria sair só para a escola, nada de diversão, foi aí que decidi voltar e isso gerou uma certa inimizade entre meu padrinho e meus pais, mas depois de um certo tempo fizeram as pazes.

Quando retornei, minha família mudou para Salvador para que todos os filhos pudessem estudar. Concluí o restante do ginásio no Colégio Carneiro Ribeiro que tinha na Soledade, juntamente com minha irmã, mas quando ela concluiu o ginásio foi fazer o Pedagógico ou Magistério e eu não, porque não queria ser professora primária. Fiz o Científico, no Colégio Estadual da Bahia, que chamávamos de Central. Era um dos melhores colégios da cidade, então meu padrinho, como alguns outros parentes, achava que iria fazer Medicina, mas no fundo era a vontade deles, não tinha nenhuma pretensão para isso.

Fiz o Científico, depois passei um ano me preparando para o tal curso de Medicina, mas não era o que queria, esse negócio de sangue, de doença, nunca me atraiu. Resolvi fazer História Natural, minha tendência era estudar os seres vivos, me interessava por essa área, e na verdade, um professor de Biologia que gostava muito, talvez tenha sido quem me ajudou a decidir.

Também acho que o contato com a natureza tenha me influenciado a querer estudar estas coisas. Como vivi em Esplanada, subia as árvores, ia na mangueira escolher a manga que iria merendar no dia seguinte, tinha uma vida mais ligada ao campo do que outro tipo de atividade que pudesse me levar para outro caminho.

Fora isso, sempre fui muito ruinzinha para as disciplinas da área de exatas, não entendia muito bem a Matemática, Física e Química. Gostava mesmo de estudar Biologia, por isso fiz História Natural que era mais focado nas disciplinas da Biologia Geral, Zoologia e Botânica.

Meus pais não influenciaram nem me obrigaram a nada. Eles gostavam muito de ler, mas não tinham curso superior, só o primário, então não chegou a interferir na vida de nenhum filho, cada um fez o que bem entendeu.

A minha carreira foi o que decidir fazer, não houve nenhuma interferência por eu ser mulher. Nunca percebi isso! Acho que tive a mesma liberdade que meus irmãos. Escolhi uma profissão, ser professora e seguir em frente. Não enfrentei nada por conta do gênero, primeiro porque sempre fui briguenta pelo que queria e acreditava, então fui em frente. Passei dificuldade por ter uma família com pouco recurso financeiro, mas em momento algum o fato de ser mulher me impediu de conquistar o que conquistei, meu espaço nunca foi impedido por usar saia, até porque em um dado momento a gente também passou a usar calça.

O processo do vestibular era igual para todos, uma prova escrita e oral, tinha assunto de Biologia e não me recordo dos outros conhecimentos que eram cobrados. Me lembrei agora da malandragem que fiz na de Português, é um caso interessante. Tinha uma relação de dez autores para serem sorteados e a gente tinha que escrever sobre as obras deles, como gostava muito de Graciliano Ramos, descobri qual era o número e peguei. Sempre fui uma pessoa boa para escrever, mas se fosse para memorizar ou fazer contas, eu travava.

Passei no primeiro vestibular, até porque a demanda não era como se tem hoje. Como ainda estava tudo começando não havia o problema de várias pessoas por vagas, não se tinha todos os discursos e valorização do ensino e a busca por uma formação acadêmica. Assim, as poucas pessoas que se interessavam, terminavam o científico ou o pedagógico, faziam o vestibular e geralmente passavam. Quem podia e achava necessário, fazia

cursinho para se preparar para a prova, eu não fiz porque as pessoas diziam que aluno do Central não precisava.

Fiz o vestibular na mesma época da professora Maria Glória Sampaio Gosmes que se tornou professora da Universidade Federal da Bahia - UFBA e depois foi ser nossa professora na Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS.

Conheci Glória quando estava esperando o resultado do vestibular, estávamos no banco da Universidade, que na época era a Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências – FFLC e que ficava em Nazaré, onde hoje é o Ministério Público. Descobri que ela morava perto de mim na Cidade Baixa, aí ficamos parceiras.

Minha irmã mais velha, Gislaine Vieira do Santos, também fez História Natural junto conosco. Embora não tenha sido classificada logo no início, fez tipo uma segunda chamada e entrou no mesmo ano que a gente, em 1964.

Muita gente não sabia que Gislaine era minha irmã, só quase no fim do curso que foram descobrir. Nós somos um pouco diferentes em termos de fisionomia. Certa vez, fizemos um relatório de Zoologia e a professora achou que eu tinha feito o trabalho dela porque era muito parecido e não foi, cada um fez o seu.

Passamos por momentos bem interessantes nessa nossa vida dentro da Faculdade, foi tempo da revolução e tiveram muitas ocasiões que ficávamos apreensivos com a situação. Entramos na Faculdade exatamente no ano que se instituiu o regime militar que trouxe mudanças significativas no campo educacional e científico e ocasionou a reforma do Ensino Superior de 1968. Este conjunto de mudanças foram baseadas nos princípios de racionalidade técnica, eficiência e produtividade, alterou a organização das Universidades brasileiras e apresentou diferentes propostas, em um contexto marcado pela repressão do poder centralizador e ditatorial.

Na ocasião, a educação, em geral, incorporou o processo de industrialização, a ampliação e expansão do sistema de ensino em todos os níveis, inclusive o superior e incentivou ao ingresso do capital e da tecnologia estrangeiros no Brasil. As políticas de governo, tanto no plano Federal como no Estadual, passaram a ser orientadas pela teoria do capital humano e a educação compreendida como um investimento pessoal e social para gerar desenvolvimento econômico.

Além disso, na década de sessenta, chamada de anos dourados, ocorreram fatos proeminentes no campo educacional tendo como destaque a publicação da primeira Lei de Diretrizes e Bases (LDB), e o tecnicismo como pedagogia oficial adotada nas instituições de ensino, defendida pelo Governo Federal. Isso era tudo muito novo para gente, era um clima de bastante tensão e medo, ficávamos correndo atrás das coisas para poder entender e fazer o que era proposto.

Apesar das apreensões e do temor, provocado pela situação que o país estava passando, sempre achei o curso interessante, gostava de estudar. Nessa época a gente não era politizado para discutir currículo, sobre a graduação, nem sabia que existia mestrado, doutorado, essas coisas todas. Tudo vinha de cima para baixo e os alunos não se metiam em nada.

Assim fui levando, fazia todos os trabalhos e ia amadurecendo na área a cada experiência. As coisas eram muito simples, a Faculdade abrigava os cursos de Filosofia, as Ciências, Química, Física, História Natural, História e Geografia, tumultuados no mesmo local e todos nós saímos filósofos. Fora isso, tinha o pessoal de Engenharia, Medicina, Administração e Geociência, uma área bastante nova.

Com a reforma universitária de 1968, começaram a surgir os institutos e separar cada um em seu canto, aí a Faculdade de Filosofia foi transformada no que hoje é a UFBA. Nesse contexto, os novos estatutos e regimentos reformularam o curso de História Natural, que era ofertado desde 1946, e o transformou no curso de Ciências Biológicas em 1969.

Veja só, essa é uma história interessante! Antes não tinha o curso de Biologia, mas sim, o de História Natural, ele foi criado na Universidade de São Paulo - USP em 1934 e só em 1963, na mesma Universidade, ocorreu a mudança e ele foi desmembrado nos cursos de Geologia e Ciências Biológicas. A gente aqui na Bahia demorou um pouco mais para ter essas mudanças, com o passar dos anos foram surgindo coisas novas, diversas subáreas, e essas disciplinas todas que temos hoje.

Então eu não sou formada em Biologia e embora o curso não houvesse a evolução que nos encontramos atualmente, tive professores bons. Não tinham aquela formação de mestrado e doutorado, mas eram pessoas com um conhecimento muito profundo. Lembro bem do professor Jones, ele era médico e sabia uma Zoologia como ninguém. Além dele, tinham outros professores que assistiam à aula, ajudavam na projeção das imagens e

davam as práticas, não lembro mais os nomes deles. Me recordo também de Alzira Barreto de Oliveira, que além de nossa professora, lecionou na Universidade Católica de Salvador - UCSal por muitos anos. Ela foi uma grande referência na Zoologia da Bahia.

No curso, além da Zoologia e da Botânica estudávamos Mineralogia, Petrologia e Genética. Lembro como se fosse hoje das aulas de Genética em que a professora dizia assim, parece que tem uma molécula que é a natureza do gene. Imagina, havia pouco tempo que descobriram o DNA e essas coisas ainda não tinham chegado em nossos livros.

Naquela época a gente não conhecia muito de Química, Bioquímica, de Biologia Molecular e nosso curso era muito teórico. Existiam as aulas práticas, mas eram muitos alunos tumultuados, vendo o professor abrir um peixe, uma barata, uma coisa assim.

Certa vez, eu e Glória saímos para visitar um parente de meu pai que morava no São Caetano e fomos catar plantas para aula de Sistemática e entramos na sala cheias de mato, cada uma com uma braçada. Nosso professor identificou todas as plantas e isso nos deixou entusiasmadas com a área.

Tivemos muitas coisas legais, mas também momentos que nós eramos desafiados. Uma certa vez me senti provocada! O professor de Sistemática Vegetal disse que minha prova estava toda certa, mas a colega tinha respondido muito melhor e que merecia tirar dez e ler para a sala toda. Prometi para mim mesma que a próxima seria eu quem leria e me esforcei mais que nunca e consegui fazer a melhor prova, li e tirei o dez que queria. Essas pequenas coisas que estou me esforçando para lembrar, nem sabia que existiam em minha cabeça, mas agora não se perde mais, porque vai estar registradas nessa história, que você vai escrever, não é?

Quando estávamos no segundo ano eu e Glória saímos para procurar escolas para ensinar e logo comecei a dar aula de Ciências no Colégio Circulista, que hoje é o Santuário de Irmã Dulce. Comecei a trabalhar, ainda estavam montando o Colégio e as turmas não eram separadas por nenhuma parede, ficava todo mundo em um salão imenso.

Essa história tenho que lhe contar. Certo dia, estava dando aula com um vestido e um casaco que tirei por causa do calor, só que o vestido era de alça fina que mal cobria os ombros. Passou uma freira e me chamou. Era a Irmã Dulce! Ela me reclamou e fui obrigada a colocar o casaco novamente. Veja só, sou uma pessoa que já tomou um carão de uma santa.

Fiquei quase um ano e meio nesse colégio, sai quando recebi a proposta para ensinar no Ginásio de São Bento, estava no terceiro ano da graduação e achei que era melhor. Aqueles meninos eram uma coisa séria, mas dava minhas aulas, botava para fazerem experimentos e a coisa que mais me intrigava era que faziam aquela bagunça, mas o diretor conseguia com que a turma de primeira série ficasse todo mundo em silêncio e eu não conseguia. Fiquei nesse colégio por um bom tempo até depois de formada.

Toda minha experiência na área da Biologia, no período da graduação e depois de formada, foi toda voltada para educação, naquela época não se tinha laboratórios, as iniciações científicas, nada disso. Mas também sempre gostei de ensinar, de estar na sala de aula, contribuir para o aprendizado de outras pessoas e preparar provas. Amava verificar o aprendizado do aluno e sua evolução.

Levei o curso com muito esforço, porque depois que comecei a ensinar, vivia no corre-corre e acabei tendo uma dispepsia por conta da vida agitada. Madrugava estudando, não almoçava, vivia de comer banana real, acabei gerando um desgaste muito grande, tive até que beber um pouco de álcool clorídrico porque meu sistema digestivo não sabia mais digerir os alimentos.

O médico que me consultou brigou muito comigo e exigiu que eu fosse para praia e me divertisse todos os domingos. A partir daí me senti obrigada a ter lazer, porque minha vida era estudar, preparar aula, corrigir prova e isso foi bem desagradável.

No final do curso, uma coisa gostosa que nunca vou esquecer é que fizemos uma formatura descente. Batalhamos muito para fazer e foi muito bonita. Nós fizemos missa no Mosteiro de São Bento, uma outra coisa em uma Igreja Batista no Campo Grande e uma colação de Grau na sala da Reitoria. Depois fizemos um baile no clube Português e foi uma coisa que gostei muito, concluímos com honra e com circunstância.

Durante toda a minha vida na faculdade tive uma boa relação com todos os colegas, batia papo com todo mundo, era uma turma pequena de uns doze alunos, porque algumas pessoas abandonaram o curso. Nos reuníamos de vez em quando com os professores qual sempre tive uma admiração e estima. Destes tenho o contato e um bom relacionamento até hoje com a professora de Petrologia.

Gostava de todos os professores da área de Biologia e o curioso é que me dava bem mais com os professores da Botânica do que da Zoologia, em uma relação para além da sala de

aula. Tinha só uma professora da Zoologia com que tinha muita afinidade, que foi, Alzira. Ia na casa dela, mesmo depois que acabou o curso ficamos amigas, ela era professora e colega de trabalho no Central, um dos colégios que ensinei também.

A minha formação foi uma diferença muito grande do que é hoje, nós entrávamos com uma turma desde o vestibular, fazíamos as mesmas atividades e íamos até o final, era muito mais afetiva, tanto com os colegas como com os professores. Hoje com as diversas reformas que fizeram no ensino, os alunos não fazem todas as disciplinas juntos, não se tem, necessariamente, uma turma, não existe aquela coisa de passar quatro anos com o mesmo pessoal.

Não me lembro de ter passado dificuldade durante a graduação, as coisas eram muito naturais e não se tinha as disputas políticas que se tem hoje. Nunca pensei em desistir e me tornei naturalista em 1967, se não me engano, foi esse ano que me formei. Na minha época a gente saía com uma carteira que nos dava direito a ensinar, não só as disciplinas da área Biológicas, como também das Geociências. Guardei esta carteirinha por um bom tempo e depois acho que ela sumiu.

Assim que me formei, além de ensinar no Colégio São Bento, passei também a trabalhar no Colégio Central, onde fiz o científico. Inicialmente fiquei como contratada, mas depois fiz concurso para professor do estado e como atingi uma boa classificação tive o direito de escolher onde queria ficar e acabei ficando por lá mesmo.

Foi um concurso de cem horas de atividades e vários professores que já ensinavam como contratados nas escolas públicas e privadas fizeram. Glória e minha irmã Gislaire também passaram. Todas nós fomos professoras do estado na rede básica.

Assim que passamos no concurso, fizemos um curso que nos preparou para ensinar. Foi um programa americano implantado na área da Física, Química, Biologia e Matemática que apresentava uma outra maneira de ensinar. Se não me engano o curso era do Biological Sciences Curriculum Study BSCS que foi incorporado, introduzindo conteúdos e materiais para formulação Curricular do Ensino de Ciências no Brasil.

Como fazia parte do Centro de Ensino de Ciências da Bahia - CECIBA a gente fez este curso que nos preparou para usar uma nova metodologia para o Ensino das Ciências. Era muito interessante e uma forma diferente de ensinar Biologia, só sobre problemas, onde a gente tinha que fazer um convite ao raciocínio. Durante muito tempo, quando fui

trabalhar em outros lugares, usava essa metodologia, gostava de levar o aluno a refletir e não memorizar puramente.

Assim, fui construindo uma história como educadora na capital baiana, me aprimorando e adquirindo experiência pelos lugares que frequentava. Lembro que teve um período que passei a trabalhar no colégio Antônio Vieira, fiquei em três lugares ao mesmo tempo e foi muito puxado, não tinha tempo para nada. Depois de um longo período nessa agitação toda, abdiquei do Colégio São Bento porque não tinha mais condições.

Com meu desempenho em sala de aula, fui convidada ensinar na Universidade Católica de Salvador UCSal em 1974, então acabei deixando o colégio Antônio Vieira e só sair do Central quando passei a trabalhar na UEFS em 1977 e fiquei só nas duas instituições de Ensino Superior.

1.1 A MINHA VIDA PROFISSIONAL ESTAR ATRELADA A DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA.

No meio tempo, entre a minha formação e o início da atuação profissional, estava ocorrendo o movimento para a interiorização do Ensino Superior na Bahia, que até então, era centralizado na cidade de Salvador. Ouvia os rumores sobre a possibilidade de se abrir uma faculdade em Feira de Santa ou Itabuna, as duas cidades interioranas com maior potencial econômico e populacional na época.

Lembro que neste momento da cena política nacional, devido as reformas de sessenta e oito, foram criadas as Licenciaturas De Primeiro Ciclo, ou Licenciaturas Curtas, por meio de indicação, do Conselho Federal de Educação - CFE, proposta pelo Conselheiro Newton Sucupira.

A alarmante carência de profissionais docentes com qualificação adequada forçou o surgimento das Licenciaturas Curtas em caráter experimental e emergencial tendo o currículo mínimo para formação de novos professores. Isso foi logo que conclui a graduação em história natural e gerou um cenário de alta valorização e reformulação das faculdades tendo em vista o maior número de professores à curto prazo e a gente ficou com muito ânimo, pela possibilidade de trabalhar nessas instituições.

Nesse período, a formação docente em Ciências se tornou prioritária frente às demais por causa da criação da matéria obrigatória, Ciências Ginásial, que foi designada para dar aos jovens estudantes uma primeira visão científica do mundo e de suas experiências. Na verdade, estava tudo ligado com a questão da globalização, a revolução industrial e essas coisas todas que passaram a dar mais atenção para a Ciência.

Em virtude da natureza peculiar da disciplina Ciências, Física e Biologia, à qual estava ligada a iniciação científica, poucas pessoas tinham condições de assumi-las. Por este motivo, que a maioria de nós que tínhamos formação na área, pegávamos vários colégios para ensinar. Não só eu, como Glória, Gislaine e vários outros colegas saíram dando aula em tudo que é lugar, ainda na graduação, e depois da formatura todo mundo pegou a quantidade de escolas que podia para ganhar uma grana a mais.

Quando adentrava no interior a situação era mais alarmante, quase que não tinha professor nenhum com formação na área da Ciência, e por isso, que para atender as exigências educacionais, necessitava formar mais pessoas. Nessa ocasião, foi implantada em 1968 a primeira instituição superior do interior da Bahia, a Faculdade Estadual de Educação de Feira de Santana (FEEFS), onde hoje é o Centro Universitário de Cultura e Arte – CUCA, com os cursos de Letras e Estudos Sociais. Logo após foi implantado, em 1970, a Licenciatura de Primeiro Ciclo em Ciências formando o pessoal para ensinar as disciplinas escolares Matemática e Ciências.

A minha Irmã Gislaine Vieira dos Santos, juntamente com Maria Cristina de Oliveira Menezes, ambas licenciadas em história natural pela Faculdade de Filosofia, foram convidadas para serem professoras da área da biologia composta por quatro disciplinas, biologia I, II III e V, estando os conteúdos da botânica e zoologia.

Outras professoras também foram convidadas para compor as outras áreas do curso como Naidés de Cerqueira e Silva Alves de Lima que lecionaram as três disciplinas da química; Yara Maria Cunha assumiu as disciplinas de psicologia geral, da aprendizagem e educacional e Judite Pires Torres lecionou as duas disciplinas de didática geral.

A parte da matemática era composta por cinco disciplinas de I a V lecionadas pelo professor Carloman Carlos Borges e a Física três disciplinas de I a III assumidas pelo professor Paulo Fernando Simões Lobo.

Gislaine se desbandou para Feira de Santana e fiquei dando aulas nos colégios até que também passei a lecionar no Nível Superior. Trabalhei na Católica por treze anos, de 1974 a 1987, na qual tive a oportunidade de dar aula e contribuir para a formação da professora Maria Celeste Costa Valverde que logo se tornou minha colega de trabalho. Primeiro ensinei no Ciclo Básico onde todo mundo da Matemática e Ciências Biológicas fazia e depois, quando passou a ofertar a Habilitação em Biologia, dei aula de Ecologia.

Naquela época, não havia concurso ou seleção para ser professor, tudo era na base do convite. As pessoas que se destacavam, tinham experiência ou conheciam alguém na instituição eram convidadas, quando surgia a vaga.

Quem me convidou foi meu professor de Fisiologia Humana. Ele trabalhava na Faculdade de Filosofia e também na Católica. Não me lembro o contexto no qual fui convidada, só sei que comecei dando aula na Lapa e depois o curso mudou para Federação.

Nesse meio tempo a FEEFS foi substituída pela Universidade Estadual de Feira de Santana UEFS, primeira universidade do interior da Bahia que teve o projeto de fundação articulado à lógica de expansão educacional ocorrida no Brasil, a partir do final dos anos sessenta. A nova universidade instituída em 1976 passou então a desafogar a demanda sobre o ensino superior, destinada a formar professores, antes existente apenas na capital baiana.

Para que fosse autorizada legalmente o funcionamento da UEFS, precisou do nome e do título de algumas pessoas que já trabalhavam na UFBA e minha irmã Gislaine, que lecionava na instituição, foi convidada para preencher o quadro de professores do curso de Licenciatura Curta em Ciências.

Embora o nome de Gislaine esteja nos documentos dos professores que foram aprovados para constituir a Universidade, ela não participou do processo e nem chegou a trabalhar no campus. Em 1977, logo após a implantação da UEFS, ela precisou se afastar para fazer o mestrado.

A professora Maria Cristina, coordenava a Licenciatura Curta em Ciências e me convidou para ocupar a vaga. Gislaine transformou o mestrado logo em doutorado, e assim que retornou da pós-graduação, entrou com o pedido de dedicação exclusiva na UFBA, aí acabei ficando definitivamente ensinando na UEFS, a parte da Botânica.

Lembro que logo no início de minha atuação na Universidade o primeiro reitor, Geraldo Leite que conheci muito pouco, um certo dia, invadiu a sala para me mostrar alguém, estava dando aula prática, mas não tive nenhum conhecimento dele. Acho que só foi ali para mostrar que a gente já desenvolvia um bom trabalho.

Como não era dedicação exclusiva, não precisava ir todos os dias, e também como ia para Feira de Santana durante o dia, continuei na Católica dando aula á noite nos dias de quarta e sexta. Me dividi entre as duas instituições, era quando tinha a energia da juventude, uma coluna boa e muita disposição, então me permitia.

As coisas eram até um pouco mais difícil porque não tinha ônibus para transportar os professores de Salvador para UEFS como é hoje, o corpo docente era pequeno, a gente ia no ônibus da Santana, com destino Salvador, São Paulo e tinha uma Kombi que nos transportava, pela manhã, da rodoviária de Feira de Santana até UEFS e fim da tarde nos levava de volta.

Além do quadro docente ser bem pequeno, a Universidade não tinha quase nada. Só haviam três módulos, depois de um certo tempo que foi crescendo. No primeiro, onde hoje é o curso de Biologia, tinha a Reitoria, o Administrativo, o módulo teórico MT I e o prático MPI, onde ficavam os laboratórios para aula de biologia e química e MPIO para as aulas de Física. No segundo módulo era a Gerência Acadêmica, a Biblioteca e onde acontecia o curso de letras, já no terceiro módulo não me lembro bem, mas acho que ocorriam as aulas dos outros cursos.

Quando começamos não tínhamos o problema de vaga, era uma coisa mais simples, menos sofrido do que é agora. Não tinha esse foco de que era uma Universidade pública, nem essa parte política da coisa, eu dava as minhas aulas, acreditando que estava ajudando na formação das pessoas, que iam trabalhar em suas cidades. Estava ali contribuindo para o amadurecimento da instituição que se expandia em um efeito multiplicador, era isso que pensava.

E nessa minha jornada de ir trabalhar na UEFS me aconteceu uma coisa que vou te contar, logo que cheguei, foi difícil conquistar dona Maria de Lourdes Santana, a primeira funcionária do curso que adorava Gislaine, toda vez que me via, perguntava por ela, como se tivesse dizendo assim, que dia você vai embora? Com um tempo, a gente foi se

aproximando, trabalhei com ela por décadas e tive muito contato, principalmente porque estive sempre envolvida na liderança do curso.

1.2- TUDO QUE APARECIA NA UNIVERSIDADE DIZIAM ASSIM, COLOCA GIZÉLIA, AÍ FUI ASSUMINDO VÁRIOS CARGOS DE LIDERANÇA

Quando iniciei na UEFS só existia a Licenciatura Curta, depois que passou a ser ofertada também a Habilitação. Os alunos chegavam no quinto semestre, faziam mais três e se habilitavam em uma área específica, que poderia ser Física e Química também, mas a Universidade nunca implantou, então só oferecíamos duas vertentes, Biologia e Matemática.

Na Habilitação de nossa área, existiam as disciplinas desdobradas das matérias biológicas, compreendia a biologia geral, a botânica, a zoologia, a ecologia, a biofísica e a bioquímica, além de alguma disciplina das geociências e outras voltadas para a instrumentação do ensino, de natureza pedagógica.

Maria Cristina, professora e coordenadora do curso de ciências desde sua implantação, não estava mais com aquela disposição toda e eu fui escolhida por votação para ser coordenadora em 1978. Na verdade, eram três pessoas, Maria Cristina respondia pela licenciatura curta que era a base comum para todos, eu fiquei responsável pela habilitação em biologia e tinha uma outra coordenadora que era da parte da matemática.

A coordenação dos cursos não era algo formal nesse tempo, nem existiam documentos, ou nome no diário oficial, nada disso. Com a necessidade de se reconhecer o curso, começamos a pensar na implantação dos colegiados tanto de matemática como o de biologia, aí a coisa foi se tornando mais sólida e algo mais oficial.

Assim que foi criado o colegiado do curso de biologia em 1981, fiquei como a primeira presidente. Antes a gente chamava de presidente as pessoas que tomavam conta das atribuições dos cursos, que era responsável pela preparação dos alunos e da matrícula.

Tivemos que trabalhar muito para que a habilitação em biologia fosse reconhecida e veio o pessoal de fora avaliar as condições e as exigências para ter um curso certificado. A gente tinha que ter, além do quadro profissional, um herbário, um biotério e uma biblioteca com livros bons da área de biologia.

Corremos atrás para conseguir as coisas e o mais difícil foi montar o herbário. A gente trouxe um americano que nos ajudou a implantar e hoje é respeitado, pois conseguiu repatriar muito tipo de plantas aqui do Brasil.

Foi nesse meio tempo que fiz o concurso e regularizei a minha vida na UEFS, porque até então era apenas contratada e com as mudanças de regulamentação fiz a seleção no finalzinho de 1980, passei em primeiro lugar e me efetivei, com todos os direitos. A professora Nora Ney também passou no concurso junto comigo, na segunda posição e ficou com a disciplina ciências do ambiente que eu ministrava e passei a assumir mais a ecologia. Maria Celeste, minha aluna na Católica, também foi selecionada e entrou para zoologia um tempo depois.

Esse concurso, na primeira vez que foi marcado, o motorista demorou para encontrar a casa de um dos professores da banca em Salvador aí eles chegaram muito tarde, não aceitamos fazer a prova e foi remarcado outra banca.

A avaliação exigiu apenas uma prova escrita e os títulos. Como já tinha experiências de ensino superior e um currículo mais consistente, passei em primeiro lugar. Também fiz uma boa prova escrita, caiu um assunto que gosto muito, fatores ecológicos, aí escrevi muito e a professora Cristina, que presidia a banca, reclamou bastante porque já tinha feito mais que todo mundo e ainda pedia mais folha.

Ter passado nesse concurso, de uma certa forma, ajudou com que fosse escolhida para liderar o colegiado, porque era alguém que estava assegurada na universidade e que não se afastaria por qualquer motivo. Era tudo muito novo e fui aprendendo com a experiência, e olha, vou te contar, briguei muito quando começamos viu? Porque a matrícula tinha um nível de organização que prejudicava muito o curso de ciências.

A gerência acadêmica que cuidava da matrícula e o responsável era um funcionário da UFBA que foi cedido e acabou ficando terminantemente na UEFS. Ele levou aqueles cartões perfurados de computador, para entregar os alunos, dizendo que servia para reservar as vagas, mas como éramos um curso com turmas subdivididas para aulas

práticas, assim que eu terminava de fazer a matrícula, os alunos iam pegar as vagas na gerência acadêmica e não tinha mais. Pense que os meninos voltavam tudo para o colegiado refazer e isso me irritava, porque era muito desorganizado.

Em um relatório de matrícula, fiz uma crítica tão braba que depois disso teve uma reunião e houve a mudança, permitindo com que os colegiados ficassem com as vagas e não no lugar centralizado que gerava esses problemas todos. Esse foi até um dos primeiros trabalhos que fiz e que ajudou a mudar um pouco a forma de como se fazia matrícula na universidade.

A UEFS estava se consolidando e a gente trabalhou para escrever e implantar os regimentos dos Departamentos, do Conselho Universitário - CONSU, do Conselho Superior de Ensino Pesquisa e Extensão - CONSEPE e do Conselho de Administração – CONSAD.

Ajudei bastante na redação dos documentos da UEFS, que não tinha nada, ela estava se constituindo como universidade. Participei de toda essa elaboração, ia para as discussões e me tornei a primeira diretora do Departamento de Ciências Biológica - DCBio em 1982.

Foram feitas as eleições para os diversos departamentos no mesmo momento e houveram algumas reuniões para escolhermos onde ficaria cada um. Como nossos laboratórios funcionavam no primeiro módulo, tanto o herbário como o biotério, achei por modo a biologia funcionar por ali mesmo.

Assim que nos elegemos, antes da nomeação pelo governador do estado, fizemos em Salvador, na UFBA, um curso de gestão por um bom tempo, porque era a primeira vez que todos seríamos diretores dos diversos departamentos.

Ficamos aguardando a convocação por um bom tempo, aí aconteceu uma coisa que muita gente não sabe e você vai saber agora. Um colega me disse que o motivo de sair a nomeação era porque tinha gente que não me queria como diretora porque eu era subversiva. Desde que comecei como professora na Católica, participava de tudo que era greve, não que fosse de sindicato, nada disso, mas concordava com o movimento.

Era o tempo da revolução e por esses motivos era vista como agitadora. Quando soube dessa questão, fui na casa de Maria Cristina, ver se realmente estava acontecendo o que o colega havia dito e coloquei o cargo à disposição. Não queria atrapalhar a vida de

ninguém, mas ela disse que não existia isso, aí não demorou muito, saiu a nomeação e fiquei no cargo.

Tomei posse e o departamento de biologia ficou em uma salinha no primeiro módulo onde era atualmente a sala do professor José Geraldo no MT, em frente a xerox. Fiquei como diretora por dois mandatos seguidos e muitas coisas aconteceram porque o curso ainda estava se consolidando.

No mesmo ano que entrei no departamento, passei a representa-lo nas reuniões do CONSEPE, ajudando a elaborar as normas, formulando as políticas institucionais, definindo as diretrizes gerais das áreas acadêmica e discutindo, juntamente aos demais membros, sobre os assuntos referentes ao tripé, ensino, pesquisa e extensão. A gente buscava avaliar e decidir sobre os diversos assuntos referentes ao funcionamento da UEFS, bem como conceder apoio aos reitores, na complexa tarefa de gerir a instituição.

Inicialmente o CONSEPE estava em processo de regulamentação e funcionava tudo junto. Fui membro de comissão para proceder estudos, elaborar os documentos e as propostas para o funcionamento das câmaras de ensino, de pesquisa e extensão nos anos de 1982 e 1983. Tivemos que estabelecer os seus regulamentos e quando foram implantadas em 1984, fui vice-presidente da câmara de graduação, paralelamente com a direção do departamento até 1986.

Tudo isso fez com que a universidade fosse crescendo, o curso de biologia se estruturando e eu passei a ter cada vez mais demandas, então aluguei um apartamento e fui morar em Feira de Santana. Outra coisa que provocou a minha mudança foi o fato de que uma das condições para ser diretora era morar na cidade e também tinha que ir todos os dias para o trabalho, achei mais confortável morar próximo.

Uma colega do departamento de saúde preferiu morar no hotel Feira Palace e me chamou para fazer o mesmo, mas achei melhor alugar um apartamento de uma aluna, vizinho a universidade, onde morei por muito tempo.

Passava a semana em Feira de Santana, quarta à noite retornava rapidinho para Salvador, dava aula na Católica, no outro dia de manhã já voltava para trabalhar na UEFS e na sexta ia novamente para Salvador passar o fim de semana.

Fiquei nesse vai e vem de ônibus comercial porque não tínhamos o transporte dos professores. Era muito puxado me dividir entre as duas cidades, preparar aula, corrigir prova e dirigir o curso, mas deu para sobreviver, nesse tempo eu tinha energia suficiente e a coluna aceitava que viajasse de ônibus.

Outra coisa que ajudava é que não assumia atividades domésticas, nunca gostei das tarefas de casa, eu tomava café da manhã uma laranja e uma maçã, para não ter que fazer nem limpar nada. Ia para a universidade, passava a manhã inteira lá e meio dia me mandava para o centro ou me deslocava até o shopping e almoço por lá mesmo.

No início, quando vi que estaria morando sozinha em Feira de Santana, até tentei aprender a cozinhar, mas me dava uma preguiça, aí eu fritava ovo e comia com biscoito, depois fui levando a comida meio pronta, mas no geral passei a comer fora.

Como passava os fins de semana em Salvador, trazia a roupa para a empregada lavar em casa, depois contratei uma moça que fazia faxina, outra lavava minha roupa lá no apartamento de Feira de Santana mesmo. Não tinha muito serviço doméstico não, as vezes fazia uma coisa ou outra, quando havia extrema necessidade.

Fui uma pessoa que era preguiçosa, quando via minhas cunhadas chegarem de uma praia e ter que fazer comida para criança, dar banho essas coisas todas, era uma situação que todo mundo queria, casar, ter filhos, família e cuidar de casa. Me dava um desânimo, nunca fiz questão disso, chegava era com minha cabeça zonzada de cerveja ia deitar e dormir. Me lembro uma vez que uma amiga de minha mãe que não se viam a bastante tempo me perguntou se já havia casado e respondi que não, que fiz universidade, porque tinha que casar?

Dediquei minha vida inteira ao meu trabalho, mesmo quando ia para casa ou nos finais de semana eu tinha demandas da universidade. Como estava na direção do departamento, além de participar de todos os conselhos universitários CONSU, COMSEP e CONSAD, também estava com outros diretores na linha de frente da organização de uma série de eventos.

Não tinha tempo para fazer outras coisas porque era muito processo para dar parecer e ainda tinha que ler os documentos do Ministério da Educação - MEC para ver qual era a linguagem que deveria ser utilizada. Me lembro que no início eu era ruim para escrever,

minha irmã tinha feito curso para secretariado executivo, ela me ajudou muito. Não foi fácil não, saía de Feira de Santana e ia em Salvador encontra-la, mas conseguimos.

Devido a todas essas atividades que assumia, pedi para sair do ciclo básico na Católica, deixei a fisiologia vegetal na parte da botânica da UEFS também e fiquei ensinando só ecologia nas duas instituições que era ofertada no último semestre.

Desde que entrei na habilitação que dava aula em tudo, já que o corpo docente era pequeno. Assumi a fisiologia, também lecionei a disciplina ciências do ambiente no curso de exatas que era tecnologia da construção civil e hoje é a engenharia, lembro que ao longo da minha carreira docente, fui mesclando disciplinas da botânica e da ecologia que era minha preferência, não por ser ecologista, ou estar engajada no ativismo, mas porque gostava do funcionamento da natureza, de estudar e trabalhar com meus alunos.

No final saí da área da botânica e fui locada na ecologia, então me fiz nesta área dentro da UEFS, realizava muito trabalho prático, excursão, atividade de campo. No início quando não tinha muita coisa construída no campus, tinha muito mato disponível trabalhava por lá mesmo.

Pense que eu gostava de dar aula, de preparar prova, conversar com os alunos, tanto que nunca deixei a sala de aula, com o desenvolver do curso, só reduzi a carga horária assim que assumi o departamento porque haviam diversas atribuições que a mim eram exigidas.

Durante meus dois mandatos na direção de 1982 a 1986, fui realizando o curso de ciências com habilitação em biologia por alguns semestres e depois começamos a trabalhar fervorosamente na implantação da licenciatura plena. José Maria Nunes Marques, o segundo reitor da universidade, não queria, então a gente foi amadurecendo a ideia e fazendo com que a UEFS se desenvolvesse mais, para podermos mudar o curso.

Com a implantação do departamento isso se tornou mais forte e o corpo docente composto de vinte membros, em sua maioria mulheres, juntamente comigo na direção, fizemos de tudo para a implantação e estruturação acadêmica na modalidade licenciatura.

Nossa maior briga era porque tinha muita coisa que os nossos alunos não estudavam, nem se quer viam, então não eram competitivos. Quem fazia biologia em três semestres não tinha a mínima condição de concorrer em um concurso com alguém que cursava quatro anos de biologia.

Começamos a discutir isso e identificamos de imediato que precisávamos qualificar o nosso pessoal docente para oferecermos um curso de alta qualidade. Queríamos implantar um curso em ciências biológicas, mas tinha que ter pessoal qualificado, aí fomos mobilizando os professores para fazerem as progressões na carreira e realizamos novos concursos com pessoas com pós-graduação.

Desenvolver o projeto da licenciatura, e para isso, criamos comissões como é hoje as áreas de conhecimento. Na época tinha a botânica, a biologia geral, zoologia e uma área pequena que era a ecologia, hoje com o crescimento do curso que vieram saúde e agronomia.

Cada área apresentou proposta das disciplinas que deveriam ser ofertadas por aquele grupo de professores, com ementa e em que semestre seria melhor para ser oferecida. Nesse momento, houve uma greve muito grande e aproveitamos que tínhamos tempo e acabei montando com a proposta de cada área, como seria a grade do curso de licenciatura plena.

Quando acabou a greve, aconteceram várias discussões, montamos o projeto que foi submetido às instâncias superiores em 1986 com a pretensão de formar profissionais docentes habilitados para o ensino de ciências no primeiro grau e biologia no segundo grau. O projeto previa também a formação do profissional biólogo para o ensino no terceiro grau e para atividades de pesquisa.

Primeiro o projeto passou pelo conselho do departamento e depois ao CONSEPE, sendo aprovado, foi encaminhado para o CONSU que autorizou o funcionamento da licenciatura plena em biologia no ano de 1987. A integralização curricular do curso de ciências biológica, modalidade licenciatura, foi distribuída em disciplinas nucleares, disciplina do currículo mínimo e disciplina complementares obrigatórias.

Eu já não estava mais no departamento quando foi autorizado o funcionamento do curso, mas participei de todas as suas etapas e tenho bastante orgulho por ter liderado as discussões e contribuído para mais um grande salto da biologia.

O processo de implantação da licenciatura plena em biologia foi em conjunto com a de matemática porque começamos a oferecer a licenciatura concomitante a desinstalação do curso de ciências e as habilitações. Na biologia, fizemos uma adaptação, quem ia terminando o curso antigo e quisesse, fazia a licenciatura, aproveitava algumas disciplinas

e possuíam as duas titulações. Outros foram embora porque já eram concursados e a habilitação permitia que atuassem no ensino de ciências e de biologia no ensino médio.

Essas e muitas outras coisas ajudei dentro da universidade e do curso de biologia como diretora, fui muito feliz e agradeço porque quando estava na direção comecei a conhecer o que é a universidade, o que eram os eventos, como funcionavam a reitoria, a proreitoria e todas as outras estruturas. Comecei a vivenciar a academia, a saber o que era a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoas de Nível Superior – CAPS, em uma época que quase não se tinha professores com pós-graduação.

Nessa ocasião, teve um evento que organizamos, que foi muito importante para nós porque passamos a ser conhecidos no Brasil inteiro. Os reitores das universidades Brasileiras, tinham um fórum, em diversos estados e em 1986 ocorreu na UEFS. Fui membro de comissão executiva para recepção destes reitores, e te digo que foi algo muito bom, que me ajudou a pensar a universidade para além de seus muros.

Nós realizamos também o primeiro evento de caráter científico da UEFS que foi um simpósio sobre a caatinga e sua exploração racional. Como tínhamos um bom contato com o diretor Instituto Brasileiro de Defesa Florestal – IBDF, ele nos sugeriu e ajudou a fazer esse simpósio.

Pense que foi um trabalho muito bom, mas não foi tão reconhecido por outros departamentos por conta que ainda existia um primarismo na UEFS, ela não se entendia como universidade, parecia uma escola de segundo grau. Mas no geral, foi uma realização muito boa, trouxemos muita gente qualificada de tudo que é canto do Brasil e a universidade começou a ser mais conhecida.

Foi nesse simpósio que implantei este bosque de pau brasil que existe ao lado do módulo um. O professor Josué da Silva Mello era pró-reitor acadêmico, na época que era tudo junto, não tinha criado as pró-reitorias específicas. Ele tinha ido na Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRP e conheceu uma parte onde plantavam pau brasil e eles ofereceram mil mudas para a gente.

Os alunos que plantaram, eu só plantei uma que está isolada, próximo ao Museu do Sertão, do lado direito, quando saímos da universidade. Lembro que isso foi no dia internacional do meio ambiente, em cinco de junho, mas não me lembro o ano, só sei que foi logo que assumi a direção do departamento.

Além disso, me recordo que logo depois de um tempo, fizemos outro simpósio e ajudamos no trabalho que tornou uma parte da Chapada Diamantina em reserva. São tantas coisas que foram acontecendo e eu envolvida na construção de tudo que vai surgindo assim na memória, muito legal estar revivendo tudo isso.

Teve uma outra coisa que aconteceu quando estava na direção, fizemos muito concurso já direcionando para o que queríamos desenvolver na universidade. Por exemplo, a gente fez seleção de um professor com o foco em sistemática, porque a gente precisava dar força para o Herbário. Teve muitos professores que não queriam, brigaram comigo, então coloquei minha pressão porque estava de olho em Luciano Paganute, eu sabia que tinha terminado o mestrado e ele era bom em sistemática.

Conseguir trazê-lo para UEFS e isso foi muito positivo, tanto que depois que ele entrou o herbário cresceu. Aí continuei brigando para a gente fazer o concurso com ênfase, por que se não entraria qualquer pessoa e o curso tomaria outros rumos.

Sempre fui pulso forte, se não iam querer me dobrar e fazer o que queriam, com isso teve uns dois professores que foram muito rudes comigo por eu não facilitar certas coisas para eles. Esses episódios aconteceram principalmente com os da área médica que só queria ir na UEFS fazer quase nada e se mandarem para seus consultórios e outros trabalhos. Alguns foram agressivos, mas nunca levei nada em consideração, eu simplesmente deletava o ocorrido, não sou de guardar mágoa de ninguém, as pessoas que guardavam de mim.

Acho que por causa de meu jeito briguenta os homens me respeitavam e por isso nunca sofri nada referente a assédio ou tratamento diferenciado, as coisas não me atingiam nesse ponto. Algumas mulheres sofreram assédio, mas outras não e acho que como professora tinha uma forma de proceder, de me vestir, condizente com o que me propus a fazer, por exemplo, não ia para Universidade com roupa de sedução.

Teve uma vez que chamei uma professora no colegiado, pela vestimenta, perguntei como é que ela queria que os alunos se comportassem se estava com roupas mostrando o corpo? Disse para ela se perceber, pois era uma professora que foi para dar aula, não seduzir o aluno. Então eu acho que de um lado e do outro não existe ninguém inocente.

Agora vivi em outro contexto, sou do século passado onde o convívio era diferente, a gente ia passear na rua chique e queria que os rapazes dissessem coisas para agente,

elogiasse, assobiasse, era outro tempo, outra cabeça e formação. Lança perfume era tão gostoso no pescoço, era uma outra maneira de ver as coisas, então não vivi estas coisas, não percebi ou dei importância.

Além disso, o curso de licenciatura tinha muita mulher, os homens eram poucos e a gente dominava eles direitinho, era um contexto feminino em que nós éramos a maioria e depois tem uma coisa, como as pessoas eram criadas em meu tempo para casar, para se preparar para ter filho, fazer comida e ser dona de casa, a maioria era assim, elas eram até mais machistas que os homens.

Por isso digo que independentemente de estar no cargo de liderança ou não, tinha o respeito e admiração das pessoas pela maneira que me portava, muito séria com meu trabalho e meu corpo. Sempre tratei muito bem as pessoas, só mantinha uma certa distância com algumas que eram um tanto invasivas, nunca deixei ninguém invadir minha vida, minha privacidade.

Sempre me dei bem com as pessoas que estavam comigo, mas tinham que manter meu ritmo de trabalho, primeiro porque gostava de chegar no horário e fui exigente com o tipo de atividade que exercia, gostava das coisas certas, por isso tinha gente que dizia que trabalhar comigo era castigo.

Quem não gostava de mim fingia gostar ou pelo menos respeitava porque eu sempre me fiz ouvir em todas as reuniões, tinha o pulso firme, não admitia que ninguém viesse falar nada de mim.

Quando estava implantando o departamento, só tínhamos uma secretária e precisava de mais alguém e a chefe do gabinete do reitor me mandou uma funcionária que ninguém queria porque faltava muito. Decidi ficar com ela trinta dias, se não entrasse no meu esquema devolveria, ela me disse que as pessoas acharam que estava recebendo um castigo por trabalhar comigo, mas no fundo ela passou a ser uma funcionária exemplar. Teve uma outra funcionária que foi para lá que foi como castigo e no final todas gostaram de mim e um dia conversando com essa primeira funcionária que me disse uma coisa, não me lembro como começou a conversa, mas ela disse que as pessoas afirmavam que ela não iria conseguir trabalhar comigo, mas ela respondeu que é onde se trabalha e com quem se trabalha que faz o trabalhador, comigo era excelente.

Isso aconteceu em um tempo totalmente diferente dos dias de hoje, era tudo muito precário e simples, mas que contribuiu para o desenvolvimento da universidade e para que o curso de biologia seja o que é. Digo com orgulho que faço parte da base, do alicerce que sustenta o que vocês vivem no momento presente na universidade e no curso de biologia e sou muito grata pelo reconhecimento e por minha história estar em um trabalho doutoral.

1.3 - MESMO QUANDO DECIDI ME DEDICAR A PESQUISA, FUI CONDUZIDA A LARGAR TUDO PARA GERIR A UNIVERSIDADE

Quando terminei meu segundo mandato no departamento em 1986 coloquei na cabeça que tinha que me afastar da UEFS porque se não ia ficar pensando que eu quem sabia fazer as coisas e que era dona daquilo. Pedi para me afastar de licença prêmio e deixei a universidade andar com suas próprias pernas, com auxílio de outras pessoas.

Retornei da licença e fiquei só em sala de aula, no máximo, coordenei a área III, que correspondia a ecologia e participei da comissão para verificar as necessidades didático-pedagógicas do curso de licenciatura em ciências biológicas que havíamos acabado de implantar.

Foi nessa ocasião que comecei a pensar na possibilidade de fazer mestrado, já que não estava assumindo as diversas funções e tinha a condição de me afastar para o estudo, sem prejudicar o andamento das atividades na universidade.

Via a necessidade de me aperfeiçoar, assim como muitos outros colegas estavam fazendo, e como só tinha especialização, resolvi fazer o mestrado, na cidade de Recife, em 1991. Pense aí, vinte e quatro anos depois de formada, com quase duas décadas trabalhando na universidade e ajudando a construí-la, me desbandei para estudar em outro estado.

Com isso, tive que me ausentar das duas instituições que lecionava. Na UEFS pedi licença com vencimento, já que ia fazer pós-graduação e só tinha uma turma de ecologia, já a

Católica zerou meu contracheque por ter me afastado, fiquei muito zangada e não voltei a dar aula lá.

Eu era secretária da Sociedade Brasileira de Botânica- SBB da regional que envolve Bahia, Espírito Santo e Minas Gerais. Nesses encontros regionais conheci Sônia Barreto Pereira, professora da Rural de Pernambuco, que trabalhava com algas e ficamos bem próximas. Como sempre achei que na Bahia não havia ninguém que trabalhasse nessa área, resolvi fazer um estudo com as algas do recife da Ilha de Itaparica, sob a orientação de Sônia.

Uma colega da UFBA também foi fazer mestrado, só que ela trabalhava com vegetal superior. Como fomos juntas, decidimos dividir moradia porque, de uma certa forma, diminuiria as despesas e teria alguém conhecida, caso precisasse de alguma coisa.

Queria morar perto da universidade, mas ela me convenceu que deveríamos ficar próximo da praia porque no fim de semana a gente tinha que curtir e relaxar. Fomos morar em Candeia, na orla de Recife, que era muito distante da universidade, mas próximo de onde morava minha orientadora. Tinha uma certa vantagem porque ficava mais fácil me encontrar com ela.

Depois me desentendi com essa colega e fui morar com um casal de Maceió, que resolveram ir embora e acabei me mudando para casa de uma viúva que era vizinha. Fiquei com essa senhora por um tempo, só que ela morava de aluguel e o dono pediu o apartamento e eu fui morar na casa de um professor da UEFS que era Pernambucano e tinha uma casa em Paulista, Olinda. Era muito distante da Universidade, como ia de carro gastei muita gasolina, mas valeu a pena.

Esse período de mestrado, quando estava em Recife foi muito difícil, vinha de dois em dois meses fazer a coleta na Bahia e nesse momento minha mãe teve um câncer agressivo que durou um mês entre o diagnóstico e o falecimento. Essa é uma fase terrível de minha vida e estar muito confuso em minha cabeça, fiquei com raiva do mundo, mas aconteceu e tive que enfrentar praticamente sozinha, isolada de toda a família.

Mesmo com todas as dificuldades, fiz as disciplinas no primeiro ano, cumpri todos os créditos e construí o projeto de pesquisa com a colaboração de um professor que lecionava ecologia da UFBA, por bastante tempo. Ele era americano e tinha um certo vínculo com

a Universidade de Cornell nos EUA, então trabalhamos em cima de um projeto de ecologia de comunidade desenvolvido lá.

Eu fazia coleta de dois em dois meses para ver a distribuição das algas, em alguns pontos de uma poça que tinha no recife de Itaparica, na localidade de Coroa, por coincidência onde nós temos casa hoje. No início meu pai ia comigo de ferre e me ajudava, porque dava muito trabalho.

Consegui mapear a distribuição dos organismos estudados em seis pontos da poça, depois fiz a análise com todos os dados. Lembro que embora fosse uma poça bem grande, os resultados eram muito parecidos, sempre 0.1 em quase tudo.

Como trabalhei com tudo que era tipo de algas, fui fazer estágio de quatro meses em São Paulo, com a professora Noemi, que era especialista em algas calcárias. Minha irmã fazia doutorado na USP, foi fácil conseguir estagiar lá, ela fez a ponte.

Esse estágio foi no instituto de botânica da Secretaria de Agricultura de São Paulo, fiquei na casa de uma amiga no centro da cidade na Bela vista. Pegava metrô e ônibus para ir para o instituto e no fim de semana ia para casa de outra amiga que morava em Itaipava. Como era mestrandia e não tinha muito dinheiro, claro, saltava na praça da Sé, ia andando para casa dela sem problema algum, naquele tempo era confiável andar em São Paulo.

Quando terminei os créditos, junto com esse estágio, passei para o período de análise dos dados e escrever a dissertação. Aí veja o que aconteceu! A diretora do departamento de biologia, professora Yvone Cerqueira e a professora Cleide Mércia Soares da Silva Pereira, me ligaram, pedindo quase que suplicando, para que voltasse e assumisse a coordenadora do colegiado.

Isso porque a comissão do MEC vinha fazer a visita de reconhecimento do curso de licenciatura e achavam que eu era a pessoa para estar na frente, que conhecia o curso, o currículo e trabalhei na implantação. Idiotamente aceitei e atrasei a entrega da minha dissertação, pois tive que me dedicar também as diversas reuniões e produção de documentos que eram exigidos para que o curso fosse reconhecido.

Só para você ver que nem com o afastamento da pós-graduação tive distante das atribuições que a UEFS me demandava e ninguém foi capaz de largar seus estudos para assumir estas responsabilidades, mas hoje são eles os reconhecidos.

Quando estava para terminar e fazer a defesa, liguei desesperada para minha orientadora, avisando que não estava conseguindo cumprir os prazos e morrendo de medo de perder no mestrado. Como ela era coordenadora do programa e também ia viajar para assistir à copa de não sei o que na Espanha, me sugeriu que pedisse adiamento.

Ganhei mais tempo para continuar escrevendo a dissertação que faltavam alguns reajustes e me dedicar para a estruturação de um novo colegiado, demandado pela inauguração do curso de licenciatura que precisava ser reconhecido.

Acabei ficando só na dissertação porque quando voltei continuei assumindo tantos cargos e por isso que digo que fui idiota, assumi colegiado e uma série de coisas e me perdi, ao invés de me dedicar e continuar os estudos, nem publiquei meu trabalho. No curso de biologia a minha produção de pesquisa zerou, fiquei na burocracia acadêmica, aí eu terminei tendo uma dissertação de prateleira.

Hoje vejo que existe uma valorização de quem fez pesquisa, seguiu carreira acadêmica, mas não se reconhece que antes de não ter nada, tiveram pessoas que abriram mão da vida para construir a universidade, fazendo a parte administrativa. O curso de biologia é o que é não só por causa das pesquisas, mas de pessoas como eu que deve sim ser valorizadas e por isso estou muito feliz em fazer parte desta pesquisa.

Deixei de fazer o que queria, por conta que a universidade é muito pesada nessa parte de administração acadêmica, tive que participar de tudo que é reunião, conselhos e tomava meu muito tempo. Deveria ter continuado, feito doutorado, entrado na pesquisa, mas eu fui arrastada para uma série de gestões no colegiado, um tempo na pró-reitoria e no departamento.

Mas também não fiquei frustrada por não ter seguido na pesquisa, eu não sou uma pessoa que lamenta por não conseguir algo devido a questões circunstanciais, não vou chorando pelo leite derramado, importante é que me envolvi e fiz da melhor forma possível o que gostava.

Me tornei mais uma vez a primeira coordenadora, agora do curso de licenciatura e a minha vice foi a professora Cleide Mércia Soares da Silva Pereira. Para te falar a verdade, fui a primeira em quase tudo na universidade, só não fui a primeira reitora porque não tive condições.

Nesse mandato trabalhamos muito com as documentações, já no segundo, Cleide Mércia deixou de ser minha vice e foi dirigir o departamento. Para mim foi ótimo porque continuamos trabalhando juntas e liderávamos o curso nas duas esferas, colegial e departamental.

Passamos a ter mais demandas de professores, a fazer muitos concursos, nos articulando, com muito diálogo. Ficávamos na organização de espaço, divulgação dos concursos, conseguir vagas com a pró reitoria de graduação que dependia do estado para admitir o aumento do pessoal.

Inclusive, para implantar as disciplinas do curso que foram aprovadas, tinha que trabalhar com necessidade de vagas. Todo aumento do corpo docente, enquanto fui diretora estava na organização, ficávamos responsáveis pelas bancas, embora sempre dei muita autonomia para as áreas de conhecimento, de escolher os pontos e os membros, nunca interfeiri. A equipe que decidia tudo com muita responsabilidade, confiava no bom trabalho dos professores.

Com o aumento da oferta de disciplinas e professores na casa, a gente passou a ter condições de suportar a demanda de alunos que era cada vez maior. Eu quem ficava responsável para pensar uma maneira adequada e eficaz para a realização das matrículas que era um trabalho muito grande.

A chegada de novos professores exigiu cada vez mais espaço para que pudéssemos realizar os nossos trabalhos. Paralelo a isso, a universidade construiu o quarto módulo, o administrativo, o financeiro da universidade e a reitoria que funcionavam no módulo um mudaram para os espaços que são hoje e nós tomamos todo módulo. O pessoal da exatas tinha uma raiva da biologia, diziam que a gente tinha um latifúndio, mas não foi fácil conquistar tudo isso, graças a competência e horas de dedicação que ultrapassavam nossa carga de trabalho. Biologia conquistou o que se tem com muita competência e quem não tem competência não se estabelece.

Além disso tinha umas coisas bem interessantes que a gente fazia na UEFS como o Encontro de Biologia EncoBio. Quando Cleide estava no departamento e eu estava no colegiado chamei alguns alunos para conversar e eles estavam com a mesma proposta de fazer uma semana de biologia. Depois da segunda edição, vimos que uma semana era coisa pequena, muito sem importância para a gente conseguir financiamento, então

mudamos para Encontro de Biologia e em uma reunião do departamento propus a sigla EncoBio. Isso nem ficou registrado porque não sei o motivo o livro de ata sumiu.

Foram encontros muito bons, a gente se envolvia com os estudantes e isso ajudava na formação deles. Com um tempo, passamos a realizar também o EncoBio júnior, vinha os alunos das escolas e a gente fazia tudo bem organizado e isso me dava um orgulho muito grande dos biólogos que estávamos formando.

Me envolvi tanto com os projetos de desenvolvimento e amadurecimento do curso de biologia que não me sobrou tempo para dedicar a pesquisa, mas não me arrependo de nada que porque tenho a plena convicção que os bons profissionais que ocupam os melhores cargos hoje, passarem por nós.

1.3.1- Passei A Ocupar Espaço Na Pro Reitoria Depois Retornei Para O Colegiado Até Me Aposentar.

A universidade, inicialmente, só tinha uma pró-reitoria com tudo junto, quando estava no processo de desmembrar em quatro, participei deste momento em 1995, na condição de secretária especial e presidente da câmara de pós-graduação. Foram vários relatórios, elaboração de documentos, além das reuniões de CONSEPE, CONSAD, CONSU para segregar a pró reitoria em pesquisa e pós-graduação, administração, graduação e de extensão.

Nesse momento a biologia estava querendo implantar o bacharelado porque a licenciatura já estava acontecendo por algum tempo e eu sempre avisava para pisar o pé no freio e primeiro qualificar o nosso pessoal. Ficava muito preocupada de como a gente ia orientar os alunos no bacharelado nas monografias, aí fui articulando o pessoal para que saíssem para fazer a pós-graduação.

Por causa de minha resistência em não concordar, de início, com a oferta do bacharelado, um colega disse que não tinha capacidade para gerir e como estávamos para escolher as lideranças das pró-reitorias, afirmou com bom tom que não poderia ser pró-reitora porque

eu era incompetente, que seria um fracasso e me disse foi coisa. Não briguei com ele e sabia que no fundo muita gente queria que eu ficasse no colegiado para organizar o projeto de curso do bacharelado. Nessa ocasião, o professor Luciano entrou em minha defesa e apresentou muitos argumentos que me tornava habilitada para ocupar o cargo.

Com um tempo fomos ajustando as coisas e em 1996 fui presidente da comissão de implantação do bacharelado, todo mundo achava que deveria estar na frente por causa da experiência que fui adquirindo ao longo da minha jornada na universidade, então tudo era eu. Assim fui organizando todos os trâmites como foi feito para a licenciatura, montamos um currículo e cada área de conhecimento apresentavam as propostas de quais disciplinas deveriam ser oferecidas, em que semestre e o que era pré-requisito. Inicialmente foi aprovado no conselho do departamento, depois no COMSEP e na câmara de graduação, passando para o CONSU que como instância superior autorizou o funcionamento da nova modalidade.

O projeto de implantação do bacharelado foi regulamentado em 18 de novembro de 1996, atendendo as exigências da recém elaborada Lei de Diretrizes e Bases de Educação LDB e a UEFS se tornou a segunda universidade baiana a ofertar as duas modalidades bacharelado e licenciatura em biologia concomitantemente.

A partir de então passamos a fazer mais concursos com intuito de trazer profissionais qualificados para lecionar nas novas disciplinas que iam sendo ofertadas a cada semestre e por fim, conseguimos o reconhecimento pelo MEC.

Ao mesmo tempo que estava nesse processo de implantação do bacharelado participava dos trâmites para separação das pró-reitorias, em 1997 conseguimos e queríamos que Luciano Paganute fosse pró-reitor, mas ele não quis porque ia sair para fazer doutorado, aí me indicaram para ser a primeira pró-reitora de pesquisa e pós-graduação. Então veja, quando a universidade não tinha mestres e doutores, as pessoas saíam para se especializarem, se tornarem pesquisadores fortes e eu ficava segurando a peteca.

Quando entramos nas pró-reitorias, um amigo me pediu para falar com o pró-reitor da UFBA e pegar algumas dicas e orientações porque a gente não entendia nada, como funcionava, quantos funcionários tinham que ter e todas as demandas que a função exigia. Ele me recebeu muito bem, conversamos e sempre que precisava de ajuda tinha dois amigos da UFBA para consultar.

Passei, também, a ter contato com outras pessoas que já tinham experiência ao participar do Fórum Nacional dos Pró-Reitores de Pesquisa e Pós-graduação das Instituições de Ensino Superior Brasileiras FOPROP. Os fóruns eram anuais, subdivididos por região e nós do Nordeste começamos a lutar junto as agências de fomento para termos um projeto Nordeste de pesquisa e pós-graduação para podermos qualificar melhor os nossos professores em mestrado e doutorado.

Essa experiência, como todas as outras que iniciei na UEFS foi um grande desafio. Quando fui diretora nunca tinha sido nada parecido, assumi a coordenação do colegiado não sabia nada fui aprendendo com o tempo, agora acho que na pró-reitoria o projeto nordeste de pesquisa e pós-graduação, quando a gente conseguiu implantar a pós-graduação, dá apoio para a pesquisa e botar o pessoal para se qualificar foi melhor coisa que fiz. Gostei muito de fazer, participar de todos os encontros de reitores, discutir programas de bolsas e iniciação a pesquisa, brigar por isso foi muito bom.

Cada projeto teve sua importância em dado momento, mas esse me deu uma satisfação muito grande porque acho que foi um desafio maior, acredito que cheguei no auge de minha carreira pelo desafio de montar tudo sem ser alguém da área de pesquisa. Passei a lidar com pró-reitores e pesquisadores do Brasil inteiro, sem ter um trabalho publicado, ou alguma pesquisa em andamento, sem ter nada, eu posso considerar o trabalho maior que realizei dentro da universidade.

Nesse contexto, além de qualificar nosso pessoal, a universidade passou a oferecer concurso para mestre e doutor que lhe permitiu concretizar a atuação na produção de conhecimento e o fortalecimento dos grupos e linhas de pesquisa. Decorrente deste processo, passou a ser inserido os laboratórios exclusivos para pesquisa com vista a atender aos diversos grupos em fase de consolidação. Sendo o Laboratório de Animais Peçonhentos-LAP o primeiro a ser implantado, sob a direção da professora Maria Celeste Costa Valverde.

Foi a partir daí que entendemos que poderíamos criar os cursos de especialização em botânica e zoologia, assumindo o pioneirismo, nesse sentido, dentro da universidade. Já outros departamentos não deram importância e só criticavam, mas nós da biologia conseguimos, inclusive trouxemos uma reunião do FOPROP para Feira de Santana.

Tivemos muito apoio, bolsas de pesquisa e a especialização em botânica implantada em 1998 foi logo convertida em mestrado no ano de 2000. Depois veio o de saúde coletiva que passou muitos anos com conceito muito baixo porque na área da saúde o professor ia dar aula e depois atender seus interesses particulares, dedicação exclusiva ocorria mais na biologia, por isso fomos crescendo e nos tornando tão fortes na pesquisa.

Nossos maiores investimentos foram destinados ao herbário, por conta disso e porque tínhamos disciplina de sistemática, começamos a trabalhar encima de pesquisa na área. A professora Katia Nogueira Borges ajudou a implantar, mas foi embora para Universidade Estadual da Bahia- UNEB, o professor Luciano Paganute e outros que foram entrando por concurso ajudaram na transformação do herbário em uma instituição relevante, de peso. Inclusive fez convenio com o herbário de Royal Botanic Gardens (de kew, Inglaterra) onde Luciano fez estágio juntamente com Tenildes, funcionária do laboratório.

Nesse período, a professora Ana Maria Juliete, grande referência da botânica nacional, estava se aposentando na Universidade de São Paulo USP, fez concurso, veio trabalhar conosco e com nisso a botânica foi crescendo. Ana Maria ajudou, implementou, deu muita força para o herbário e a botânica foi ocupando espaço, primeiro foi formada a turma de mestrado e logo que os alunos foram concluindo, abriu o doutorado com conceito cinco na Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoas do Ensino Superior- CAPES. Já a parte da zoologia retardou um pouco, mais tarde foi entrando pessoas e trabalharam para implantar a pós-graduação em nível de mestrado.

Além de reunir forças no desenvolvimento da pós-graduação nós tínhamos que implantar e dar consistência a iniciação científica para chegarmos a um patamar de alto escalão na produtividade acadêmica. Para isso, passamos a realizar anualmente os projetos de pesquisa e a inserir os alunos, claro que o departamento de biologia foi muito mais ativo nisso, mas com um tempo outros foram chegando.

Para nos ajudar ainda mais, a professora Glória foi ser coordenadora na pró-reitoria de pesquisa e pós-graduação, isso contribuiu para dar mais folego e autonomia para a biologia, levar muita gente boa do CNPQ e da CAPES para dar palestra na UEFS e realizar uma série de eventos interessantes, como a reunião especial da SBPC. Lembro que a gente não tinha um auditório bom para realizar a reunião, então conversando com

a reitora Anaci Bispo Paim, tivemos a ideia de fazer um galpão, que hoje se encontram os bancos e a livraria da universidade.

Tem muita coisa que ajudei a idealizar e desenvolver na biologia, mas também a nível de universidade e que as pessoas não fazem ideia que teve a minha participação. A gente assumiu o pioneirismo na construção da UEFS, depois com um tempo que foi surgindo um mundaréu de professores de outros estados e foram ocupando espaço, principalmente na pesquisa e nos cargos de gestão.

Assim que Anaci saiu da reitoria deixei de ser pró-reitora e retornei para o colegiado em 2002, foi quando os primeiros alunos do bacharelado estavam começando a concluir o curso e eu tinha que montar as bancas de defesa de monografia e apoiá-los na realização de estágio.

Esse meu retorno para o colegiado também coincidiu com a proposta do governo de realizar a formação de professores do ensino médio que não tinha graduação, aí nós fizemos uma proposta de curso de biologia, mas teve também na área de geografia, história e matemática.

Eram em torno de uns quarenta alunos, eles tinham aula das dezenove horas às vinte e duas horas, com algumas aulas práticas durante o dia. Era muito cansativo para esse pessoal, iam para a universidade e voltavam para suas cidades todos os dias porque não se afastaram de sala de aula para realizar os estudos.

Eu coordenei três turmas e lembro que nós da biologia, tínhamos dinheiro para biblioteca e para laboratório. Uma funcionária do colegiado que era muito boa, ela era estudante de economia e sabia muito de informática, me ajudou em todo o processo garimpando os livros, para que pudéssemos comprar todos novos e atualizados. Fomos o único curso que fez a biblioteca, teve departamento que usou dinheiro para comprar livro para o professor, nós usamos para comprar para os alunos. A prioridade do uso deste material era os alunos do curso de formação de professores, mas quando não estava usando liberava para os estudantes de oferta continua.

Isso foi uma coisa que tenho orgulho de ter deixado no colegiado, mas depois que entrou um professor como pró-reitor de graduação não deu apoio nenhum e tirou dinheiro nosso que era para comprar mais materiais de estudo. Houve um momento que ele fez pressão para os livros irem para a biblioteca central e os alunos de enfermagem pudessem pegar,

Imagine se eu ia deixar um aluno de biologia precisando dos livros e estar emprestado para alguém de outra área, eu bati o pé firme e não deixei ir, eles que se virassem e lutassem.

Essa experiência com o curso de formação de professores nos fez pensar que poderíamos oferecer aula para o curso de oferta contínua no noturno. Começamos a articular com o pessoal do departamento, Cleide Mércia também estava envolvida com a gente, mas o projeto não foi a diante porque os professores não quiseram dar aula à noite e fiquei muito aborrecida.

Outro aborrecimento que passei foi quando quis colocar o nome de Dona Lurdes nos módulos novos de laboratório, aí uma professora fez um escândalo e terminou não deu certo. Queria dar o nome de uma pessoa que batalhou desde a faculdade, matava e morria pelos laboratórios e vem uma professora que entrou depois para jogar água na fervura das coisas. Depois disso não me envolvi em nada mais não, no final só vim para UEFS no dia de minha aula, não participei mais de reunião de conselho do departamento.

Cuidei da biologia e dos alunos com toda a minha garra, embora não seja reconhecida, sei que dediquei todo meu tempo para que o curso se desenvolvesse, mesmo quando chegou o tempo para me aposentar saiu a proposta para que ficasse mais cinco anos. Eu fiquei e quando foi próximo dos setenta anos se eu não me aposentasse e esperasse pela compulsória, perderia financeiramente, então tirei licença Premium e entrei com o pedido de aposentadoria.

Quando me aposentei, não sei o ano, só lembro que foi na véspera de meu aniversário e que a diretora do departamento resolveu fazer uma homenagem aos aposentados, eu Nora Ney, Graça e o professor Gonsalves. Teve uma professora que me disse para não ir nessa reunião porque tinham professores que achavam que não tinha feito nada na UEFS e que não merecia essa homenagem.

Embora nem todo mundo me desse o devido valor, tiveram algumas pessoas que reconheceram muito meu trabalho, no tempo que estive na direção do departamento, do colegiado e na pró-reitoria falavam de mim com respeito e isso era o que queria.

Me considero uma pessoa vitoriosa por chegar onde cheguei e na medida do possível e de minha competência contribuí e tenho meu lugar na história da universidade desde seu

início. Sou e me sinto realizada, pois construir um edifício a partir de gravetos em todas as áreas que andei deixei minha marca.

APÊNDICE B: HISTÓRIA *TRANSCRIADA* DA PROFESSORA MARIA CELESTE COSTA VALVERDE

1-“DEUS SABE O QUANTO TRABALHEI E LUTEI PARA MANTER MEUS SENTIMENTOS E SONHOS...VENCI ”!

Antes de uma estrela brilhar, é preciso que ela nasça e se desenvolva. Nesse sentido, considero que existe um caminho muito importante que foi me guiando, desde meu nascimento até me constituir professora, bióloga e cientista, nada foi por acaso! Vou te contar essa parte da História de minha vida e sinto-me feliz pela oportunidade.

Irei completar sessenta e seis anos, em quatro de novembro deste ano e ainda guardo na memória afetiva, vestígios do que mamãe dizia sobre meu nascimento. Ela nos contava que eu, minha irmã Maria de Fátima Santos Costa, dois anos mais velha, assim como meu irmão Milton Brandão Costa Filho, dez anos mais novo, nascemos em casa, com auxílio da parteira Consuelo. Lembro que Feira de Santana, naquela época era, praticamente, um “curral iluminado”, só tinha um hospital e era comum as crianças nascerem em casa.

Sou originária de uma família de classe média, vivi em um ambiente acolhedor, junto ao casarão de meu avô paterno, e na pia batismal deram-me o nome de Maria Celeste Santos Costa, por acreditarem ser este mais um presente do céu. Na época de meu nascimento, meu avô paterno tinha muitas terras, e apesar de não ser um homem rico, possuía prestígio pois, tornou-se posteriormente delegado de polícia e grande representante comercial.

Minha mãe, Regina Santos Costa, apesar de não concluir os estudos, depois de cuidar dos filhos se tornou funcionária na Biblioteca Municipal. Ela cumpriu o papel de mãe e doméstica, que naquela época era o de criar os filhos, todavia, sempre demonstrou um certo conhecimento voltado para as artes, tanto que conheceu meu pai em uma peça de teatro.

Meu pai, Milton Brandão Costa, morreu há trinta e seis anos e sinto muito a sua falta. Apesar de ter deixado os estudos no quarto ano primário, gostava de ler e era um excelente orador. Não teve formação escolar, não alisou nenhum banco de universidade, mas se tornou meu grande mestre de vida, cuja sabedoria dele era uma coisa que vinha de dentro, nasceu com isso. Ele foi comerciante e o braço direito de meu avô Gilberto Costa por

trinta anos, na *Interbrasil*, primeira empresa de transporte de carga do Sul e Sudeste para a Bahia.

Papai tinha a ideia que para ter um filho de destaque, este teria de ser médico ou advogado, só que meu irmão nunca se importou com os estudos, minha irmã mais velha casou cedo e seguiu o caminho do marido comerciante. Com isso, me tornei a sua grande esperança.

Tinha a vontade de contribuir dentro da minha cidade, Feira de Santana, produzir alguma coisa no campo sócio-educacional, mas não havia despertado o interesse pela Medicina, nem mesmo Biologia, inicialmente. Devido à ação caridosa, herdada dos ensinamentos religiosos que tive, gostava de oferecer condições melhores para a população carente e isso fez com que as pessoas em minha volta, inclusive a família, argumentassem que eu poderia seguir carreira nesta área, com isso, passei pelo desejo, a priori, de estudar assistência social.

As moças da época faziam magistério ou pedagógico para serem professoras do primário, mas eu não tinha vocação alguma para tais costumes: que eram se casar e se tornar professora primária. Não me alinhava com esse modelo de casamento, com a obrigatoriedade de ter um marido para fazer comidinha e cuidar de uma casa, indo um pouco além de meu tempo, nesse sentido. Queria ser independente, ter meu dinheiro e para mim é um orgulho, porque fui de encontro as regras que determinavam que as mulheres de minha época deveriam seguir os mesmos destinos.

Fiz o científico no Colégio Santo Antônio, pois pretendia realizar vestibular e ingressar em uma universidade. Os meninos demonstravam maiores pretensões para a Medicina, o Direito, a e Engenharia, já as meninas por terem dificuldades nas áreas de ciências exatas, apresentavam maiores preferências pelas ciências humanas, a exemplo das minhas amigas inseparáveis Maria de La Salette de Oliveira e Elizabete Santana Borges que fizeram assistência social. Neste contexto, fui crescendo e vendo que não era exatamente esse ofício que almejava, mas uma outra coisa que me colocasse junto à vida, garantisse uma carreira que me desse independência e sustento.

Meus pais deixaram-me a escolha livre por qual profissão seguir, o que me garantiu grande tranquilidade. Decidi não fazer nada da área de humanas e como detestava Matemática e Física, optei por cursar Biologia, pois encontrava maior facilidade em observar os fenômenos da natureza. Como não poderia perder o vestibular, porque era um

esforço muito grande que meus pais estavam fazendo para me deslocar para a capital, prestei a seleção para algo que tinha afinidade e aptidão. Talvez em meu inconsciente, tenha feito isso para agradar meu pai, não fiz Medicina, mas me mantive na área de saúde, na área biológica.

Como não havia universidade em minha cidade e a Faculdade Estadual de Educação de Feira de Santana (FEEFS) implantada em 1968 só oferecia a Licenciatura de 1º ciclo ou Licenciatura curta, fui para Salvador. Fiz o vestibular na Universidade Federal da Bahia (UFBA), mas não tive pontos suficientes para ser aprovada em Ciências Biológicas, porém, passei na Universidade Católica de Salvador (UCSAL), no referido curso.

Pretendia ingressar em uma universidade pública, pois meu pai não era um homem rico, e dessa forma eu achava que as despesas não ficariam muito pesadas para ele. Como passei na Católica, que é uma universidade particular, e, para não perder essa oportunidade, havia um programa de bolsas de estudo para estudantes chamado de crédito educativo, no qual fui contemplada. Além disso, meu pai conseguiu, por duas vezes, bolsas com pessoas influentes da nossa cidade.

E assim, me mudei para Salvador juntamente com Salete, minha amiga e colega no científico, que no mesmo ano que eu, ingressou no meio acadêmico, na capital. Fomos morar na pensão de Dona Judite, era como se fosse um pensionado no Largo Dois de Julho, nunca me esqueço, só tinha um quarto alugado para nós duas e o outro para dois irmãos que também eram de Feira de Santana.

Naquela época, era muito mais complicado uma moça interiorana sair de casa para tentar a vida em outra cidade, mas minha mãe sempre me incentivou, meu pai confiava em mim e me dava todo apoio. Embora fosse uma garota do interior, nunca me proibiram de nada, pois sabiam que estava num pensionato, com uma senhora e uma amiga já conhecida da família.

O curso de Ciências Biológicas era noturno, então, pela manhã, ficava em casa estudando e quando eram lá para as três/quatro horas me arrumava e pegava um ônibus para ir para a faculdade. O primeiro semestre, que eles chamavam de curso básico, era na Joana Angélica e, a partir do segundo período, fomos para o campus da Federação.

O curso da Católica era muito bom por conta dos professores que também lecionavam na Federal. Guardo na lembrança os seguintes: Kleide Mendes Lopes Ramos, médica

geneticista conceituada; a Professora Alzira Barreto de Oliveira, referência da zoologia na Bahia; Letícia Farias Scott, que era o grande nome da botânica, juntamente com o Padre Pereira, que trabalhavam nas duas instituições.

Como não tínhamos laboratórios, pois a UCSAL estava iniciando o curso de Ciências Biológicas, eu pedia estágio voluntário para os professores que trabalhavam na Federal, buscando conhecer de forma contínua os princípios, métodos e técnicas da pesquisa biológica. As oportunidades de estágios remunerados, e de programas de iniciação científica e/ou extensão, eram escassos, especialmente nas universidades particulares.

Com o tempo, fazendo as disciplinas, e frequentando os laboratórios, fui me apaixonando pelo curso. Inicialmente não pensava, “vou ser bióloga”, pois não tinha essa vocação desde cedo.

Além das professoras citadas, tive o prazer de ter Lúcia Menezes de Miranda Castro, que hoje é uma grande amiga, lecionando a disciplina Zoologia, e Gizélia Vieira dos Santos, na Biologia Geral, no início do curso, e Ecologia no final. Ambas foram minhas professoras, depois, nos tornamos colegas de trabalho por muito tempo na UEFS, isso para mim era um orgulho muito grande.

Além dos professores, carrego na lembrança algumas pessoas de minha turma, interioranas como eu, a exemplo de Ana (De Jequié) e Aparecida (De Itaji), com as quais vivi momentos incríveis e prazerosos. Um dia, fomos estudar Anatomia, e os livros estavam editados em Espanhol, pois não se encontravam em Língua Portuguesa como hoje. Cida se dizia a intérprete, e com isso, a gente fazia as pesquisas e ela lia porque dominava mais o referido idioma. Me lembro que uma certa vez fizemos um trabalho sobre musculatura abdominal torácica. Cida “pegava na língua”, e então traduziu que o musculo diafragma tinha um “soprano”, ao invés de só plano e colocamos errado no trabalho, que o diafragma era um soprano. Ao recebermos o trabalho corrigido pelo professor, fomos abordadas sobre o equívoco, e isso ficou na História. Até hoje quando a gente toca no assunto, damos muitas risadas.

No segundo ano de faculdade, a irmã de uma colega estava precisando de professora para dar aula em uma escolinha de bairro, até a quarta série, no fim de linha de IAPI, lá em Salvador. Resolvi ir para poder ganhar um dinheirinho. Nessa época, havia me mudado para o Rio Vermelho, morando agora com outra amiga, hoje comadre, Elizabeth Borges,

pegava o ônibus no largo da Mariquita, descia na Sete Portas e ia para escola. Assumi com êxito a classe das crianças menores no infantil, e a diretora da escola não queria mais que eu saísse. Jamais imaginei que seria uma boa professora primária, mas o carinho e cuidado com as pessoas me ajudaram nesse papel.

Quando estava no último ano da graduação casei e tudo mudou na minha vida. Acho engraçado, que só assumi matrimônio porque me apaixonei por um jovem que apareceu em minha vida chamado Luiz Antônio de Carvalho Valverde. Ele era paulista, foi criado no Rio de Janeiro e chegou aqui em Feira de Santana com catorze anos. Além de encantador, tinha outra visão de mundo e isso me fez mudar de ideia em relação ao casamento.

Quando fui para Salvador já namorava Valverde e ingressamos na universidade juntos. Ele fazia o curso de Composição e Regência na UFBA. Nos encontrávamos por lá durante o dia. Era quando eu aproveitava para conhecer os laboratórios da referida instituição, e manter os contatos com profissionais da área biológica que pudessem ajudar em minha formação. Nos finais de semana retornávamos para Feira de Santana, onde juntos passávamos as férias.

Me casei em dezembro e, no último ano de faculdade, permanecemos em Feira de Santana, porque eu já trabalhava no Colégio Santo Antônio, e Valverde não queria fixar residência em Salvador. Ele tinha muita vontade de concluir a sua graduação como compositor e pianista, porém, me disse, quando a gente se casou, que tinha que ganhar dinheiro, abandonando o curso. Continuou tocando piano e ensinou por muito tempo no seminário de música do Centro Universitário de Cultura e Arte - CUCA. Posteriormente, ele trabalhou como corretor, e resolveu estudar na UEFS em dois cursos: Letras com Inglês e Letras com Francês. Tornou-se professor do Estado, fez mestrado, doutorado e se tornou professor da UNEB. Após longo tempo, lecionou na UEFS.

Quando retornei para Feira de Santana, o Colégio Santo Antônio, que atendia a classe média alta, me chamou para ser professora de Ciências. Eu era muito jovem! Sempre digo que ser professor / mestre é algo que está no genoma, em seu DNA. Não adianta você ser um mero passador de conhecimento, mas nunca vai ser um mestre se não tiver um olhar de transformação, de acolhimento e inclusão social. Ser verdadeiramente educador não é coisa simples, nem é para qualquer um que queira ensinar.

Naquela época, o Frei Salomão, responsável pelo citado colégio, era uma pessoa muito querida, e já me conhecia, pois, estudei três anos de científico na instituição, e corria a fama de que eu era uma aluna muito boa. Com isso, me convidaram para ser professora de Ciências, me ofereceram todas as condições para ensinar e aceitei ficar. Tinha me casado recentemente, e precisava ajudar meu marido nas despesas da casa.

Foi uma experiência maravilhosa trabalhar no colégio que estudei, onde firmei a minha identidade de educadora. Organizei Feiras de Ciências, mostrei o que tinha de melhor na época em relação ao conhecimento, me dediquei e, mais uma vez, tive sucesso com os alunos. A direção do colégio gostou tanto do meu trabalho, que me chamou para substituir a professora de Biologia, que precisou sair de licença maternidade. E assim fui ficando...

Nunca esqueço que os alunos adoravam as aulas de Biologia e eu gostava de preparar tudo direitinho para eles/as. Naquela época, o livro que adotavam na escola era o BSCS, três volumes verdes e azuis. Com compromisso, competência técnica e habilidade de professora que estabelece com os alunos um diálogo, nunca tive indisciplinas ou problemas de relacionamento, pois as coisas fluíam muito bem. Lhe digo, não dou conta do número de ex-alunos/as que encontro e dizem que não esquecem de minhas aulas de Biologia. Muitos são médicos, arquitetos, engenheiros, inclusive a minha ginecologista foi minha aluna. Isso para mim é maravilhoso!

Com meu retorno para Feira de Santana, tive que passar o último ano de Faculdade viajando, pois dava aula pela manhã. Às quinze horas da tarde, pegava o ônibus para Salvador e por volta das dezoito horas, estava na faculdade na Federação. Quando eram vinte duas horas e quarenta, retornava para Feira de Santana no último ônibus da empresa Camuruji e, meu marido me pegava na rodoviária. Na faculdade, os/as professores/as terminavam as suas aulas às vinte duas horas, mas, às vezes, se estendiam um pouco. Assim, de taxi, chegaria a tempo de pegar o referido ônibus, caso contrário, se perdesse esse, esperava para pegar um daqueles que ia para Vitória da Conquista passando por Feira e chegava bem mais tarde.

Os professores ficavam admirados/as porque muitos alunos da capital perdiam as aulas, e eu estava lá todos os dias me arriscando nas estradas. Embora naquela época não tivesse a violência urbana que tem hoje, pegava taxi sozinha tarde da noite e ia para a rodoviária. Fui uma mulher corajosa e enfrentei a realidade para alcançar meus objetivos, queria ser

independente financeiramente, não pretendia somente cuidar da casa, aquilo não me satisfazia, então lutei para terminar a faculdade e ter uma profissão.

Nesse último ano, uma única vez me senti ameaçada: foi em um taxi quando me dirigia para a rodoviária de Salvador. Já havia pegado transporte por várias vezes naquela região, então o primeiro carro que passou, eu entrei. Estava sozinha na porta da faculdade, o cara era um jovem que veio com uma conversa um tanto estranha. Fiquei só de olho para ver se desviava a rota, não sei como cheguei na rodoviária, as pernas tremiam. Nesse dia, senti medo, mas me mantive firme. Foi assim que, entre alegrias e lutas, superando todas as dificuldades, no ano de 1977, conclui a graduação.

Engravidei depois que me formei e continuei trabalhando grávida no colégio Santo Antônio até o nascimento de minha primeira filha, Tércia Costa Valverde, nascida em 1979. Iniciei a vida profissional paralela à maternidade. Duas atividades que exigiram muito de mim e, para manter o equilíbrio, tive que me desdobrar. Durante os quatro meses da licença maternidade fiquei em casa amamentando, até que chegou a hora de voltar. A filha pequena ficava sob os cuidados da minha mãe e, aos poucos, coloquei-a na creche.

Conciliei maternidade, trabalho e estudo para concurso. A minha salvação é que Valverde era um pai presente, dentro das condições dele, me ajudou muito no processo e mamãe tomou conta de Tércia por quatro anos enquanto eu ia trabalhar, posso dizer que fui uma professora privilegiada, nesse aspecto de auxílio familiar.

Em 1980 fiz concurso do estado, fui aprovada e passei a ensinar pela tarde no Colégio Estadual Professora Celita França da Silva, que ficava nas dependências do Departamento de Estradas e Rodagens da Bahia – DERBA. Complementava a carga horária à noite no Colégio Augustinho Froes da Mota, cuja metodologia era o antigo supletivo.

Em meio a todas essas ocupações docentes, que se sucediam com tal rapidez, também ensinei Biologia em um curso pré-vestibular, sem perder de vista o meu objetivo principal: ingressar na Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS. Queria contribuir na formação de novos profissionais e colaborar para o desenvolvimento da cidade em que nasci e onde havia construído a minha História de vida.

Devido à minha jornada de trabalho e às horas de estudo, ficava muito tempo distante de minha primeira filha, e tinha de me desdobrar para cumprir minhas obrigações de mãe. Foi quando veio a aprovação para lecionar na UEFS e as coisas mudaram um pouco.

Aquela garota interiorana cheia de sonhos que brincava, pegava picula em frente à casa, e comia quitutes regionais feitos pelas barraqueiras na feira livre, se tornou uma mulher em busca de seus objetivos.

1.1-MINHA VIDA NA UEFS FOI ACONTECENDO AO ACASO, AS OPORTUNIDADES APARECIAM E ME AGARRAVA À ELAS

Quando comecei a trabalhar na UEFS, dentro do Departamento de Ciências Biológicas-DCBio- me relacionava com “o bicho homem” no que se refere ao processo educativo, e não tinha a ideia de ser zoóloga, de gostar especialmente das serpentes e me tornar uma herpetóloga. As mudanças foram surgindo pela necessidade e pelos caminhos trilhados na universidade, visando a adequação da Pesquisa, da Extensão, e do Ensino, no campo da Zoologia. Fui a segunda professora desse campo de conhecimento no DCBio / UEFS.

Em 1980, o antigo curso de Licenciatura Curta em Ciências, oferecido inicialmente pela FEEFS e dado continuidade na UEFS, já havia sido convertido em Licenciatura Única em Ciências com Habilitação em Biologia, objetivando suprir a carência de profissionais na rede pública de ensino. Com isso, houve a necessidade de realização de concurso para preencher as vagas das novas disciplinas ofertadas.

A minha vontade de participar dos processos acadêmicos aumentava, fixando-se na memória e no coração, não medi esforços para realizar este sonho, então dediquei horas de minha vida estudando e me preparando para a dura jornada de trabalho como docente e mãe.

Antes não existiam concursos para uma área e disciplina específica. Como estava iniciando o curso, as vagas foram ofertadas para professor que atuasse nas Ciências Biológicas. Com isso, fui aprovada juntamente com Gizélia Vieira dos Santos que já era professora da casa, mas que tinha apenas a certificação do MEC para ensinar, ela ficou em primeiro lugar, assumindo a área da Ecologia e Nora Ney, aprovada em segundo lugar, assumiu a Botânica. Como fiquei na terceira colocação, só fui chamada em 1982 para assumir a Zoologia porque Lúcia Menezes, a única docente responsável pelo

conhecimento animal, vinha apresentando problemas de saúde e dificuldade para lecionar.

Foi assim que ingressei na UEFS, experimentando o que mais desejava naquele momento. Quando fui aprovada para lecionar no nível superior, só tinha a graduação, quase ninguém havia feito mestrado e/ou doutorado, porque eram muito escassas as pós-graduações, aqui na nossa região. Nesta ocasião, era então diretora do Departamento de Ciências Biológicas-DCBio, a Prof^a. Gizélia Vieira dos Santos e, o Magnífico Reitor era o Prof. José Maria Nunes Marques, homem sereno e de muitos méritos acadêmicos.

No cargo de professora auxiliar do DCBio, assumi as disciplinas Zoologia Geral e Zoologia dos Vertebrados. Lucia Menezes, que devotava a mim grande afeição desde quando foi minha professora da graduação, me ajudou a habitar neste novo ambiente. Pouco a pouco fui me familiarizando com os animais, definindo-me naturalmente pelos vertebrados que se tornaram objetos de minhas investigações e motivo de reconhecimento e satisfação profissional, especialmente com estudos relacionados ao grupo Reptilia.

As pesquisas na área não existiam, somente eu e Lúcia éramos responsáveis pelo acervo didático. Sentíamos necessidade de que, como professoras do ensino superior, e responsáveis pela formação dos alunos, deveríamos cumprir com um dos principais papéis da universidade que era o de produzir conhecimento.

Em meio a tudo isso, engravidei da segunda filha, Tatiana Costa Valverde, que praticamente foi criada na UEFS. Um ano depois que iniciei a trabalhar ela nasceu, em 1983. Tive de me virar para cumprir com os cuidados das duas meninas e ir trabalhar.

Pude criar as duas filhas trabalhando, porque contei com uma estrutura boa que me permitiu sair: tinha uma casa confortável, um marido que ficava com as meninas, e funcionária que também cuidava das crianças e das tarefas da casa. O horário no trabalho era flexível, embora fosse dedicação exclusiva, ficava na universidade de segunda a sexta, mas faltava quando precisava fazer alguma atividade associada a maternidade.

Sob o ponto de vista financeiro, assumi essas meninas desde cedo: eu que vestia, pagava escola, o *ballet*, não deixaram de fazer nada. Sob minha responsabilidade, ficavam as reuniões de pais nas escolas, consultas aos médicos, dentistas, me virava, mas lá estava presente. Religiosamente ia para a universidade, em muitas ocasiões levei as meninas, mas a família era tão importante quanto o meu trabalho. Meu marido me apoiou bastante,

ele sabia da importância das tarefas diárias, e isso me ajudou, dando-nos tranquilidade. Desde o início, segui meu caminho, me sinto totalmente realizada e agradecida, porque não foi fácil, mas conseguimos vencer.

Após o nascimento de Tati, fui morar com a família, durante cinco anos, em um sítio localizado na Fazenda Taboa, em São Gonçalo dos Campos, cidade vizinha à Feira de Santana. Essa residência era visitada por Deise Vasques Martins, professora da UFBA e muito amiga minha, para realizar as coletas de algas, já que o local de suas investigações era próximo de onde eu morava.

Como lá apareciam algumas serpentes, Deise praticamente me intimou a coletar estes animais, e começar a fazer uma coleção da região. Fui procurar a professora Tânia Brazil, herpetóloga reconhecida da UFBA, para fazer um trabalho em conjunto, já que na UEFS não tinha ninguém pesquisando na área.

Não sabia como fazer isso, achava tudo aquilo muito difícil, não possuía formação para pesquisadora, nem domínio teórico e prático sobre o assunto. Mas ela me incentivou muito a começar, ir coletando e assim fui fazendo um material de referência e me aprofundando em assuntos específicos abordados em livros / trabalhos de Paulo Emílio Vanzolini e Thales de Lema, dois grandes herpetólogos que foram as minhas referências iniciais.

Comecei a ver que era possível pesquisar as serpentes, fiz uma campanha onde morava, lá na roça, solicitando a colaboração dos moradores locais, que me entregassem os animais coletados. Então orientei os agricultores, deixei com eles vidros com álcool e formol, e expliquei a importância desse trabalho para a universidade. Assim foi iniciado o processo de coleta das serpentes, na região da fazenda Taboa.

Com o material coletado, e conservado no álcool, era necessário agora classificar as espécies. Como me formei em Licenciatura, em um curso noturno e não tínhamos grande desenvolvimento de pesquisa, então comecei a classificar o material “no erro e acerto”: passei por dificuldades por não ter formação técnica em sistemática e / ou taxinomia, métodos corretos para saber como identificar com precisão os seres vivos de uma coleção.

A pesquisa era totalmente diferente da sala de aula que nunca tive dificuldade: o falar, o expressar, isso me parece que nasceu comigo, pois sempre fui muito bem aceita pelo alunado, com minha forma de colocar o conhecimento. Uma comunicadora muito boa!

Fui uma professora no sentido de formar cidadãos, freiriana, e tinha em mim o objetivo de transformar as pessoas dentro de suas realidades. Pegar uma serpente, identificar quais métodos utilizar para determinadas investigações, diferencia muito da ação docente, mas como sempre fui insistente, procurei profissionais específicos nessa área, que pudessem me ajudar.

Paralelo a isso, comecei na sala 19, no próprio corredor do laboratório didático, a empalhar bichos, a montar esqueletos. Me deslocava para a UFBA para contactar colegas, fazia diversos minicursos nos congressos nacionais e comecei a me aperfeiçoar nestas técnicas de montagem de esqueleto ligamentário e taxidermia. No decorrer dos semestres, oferecia estágio aos alunos que se sentissem aptos para o referido trabalho e comecei a formar o Museu Didático de zoologia da UEFS. Dizia para Lúcia que era o embrião do nosso museuzinho.

Meu pai, ainda era vivo, quando me via correndo atrás de animais, buscando entender aquela dedicação toda, me dizia que escolhi ser doutora de bicho, mas na verdade ele queria que eu fosse “doutora de gente”. Para ele, isso tinha uma importância muito grande e achava que todo aquele estudo, toda aquela dedicação que ele e mamãe tinham devotado, deveriam ter resultado em uma filha médica, mas ficava feliz porque estava me tornando uma professora cientista.

As condições para a pesquisa no Departamento de Ciências Biológicas eram incipientes em todas as áreas. Carecia de espaço físico, equipamentos adequados, recursos humanos de toda ordem, além de apoio financeiro institucional para o desenvolvimento de grandes projetos. Impulsionada pelos desafios e ousado espírito investigativo, comecei em 1985, mesmo sem recursos técnicos, a desenvolver a pesquisa intitulada “Levantamento da Ofidiofauna na Fazenda Taboa, São Gonçalo dos Campos, BA”, com o objetivo de conhecer as espécies de serpentes que ocorriam naquela localidade, conforme já relatado.

Assim, desenvolvi este que foi o primeiro projeto de pesquisa, na área de Zoologia da UEFS. O contato diário no campo onde eu morava facilitou a pesquisa com a natureza, que me conduziu a realização de coletas importantes naquela região, dando início aos primeiros registros de diferentes espécies de serpentes.

Todo o material recolhido encontra-se hoje catalogado e incorporado às coleções, didática e científica, do Departamento de Ciências Biológicas da UEFS e serviu de base para o

levantamento da ofidiofauna da Microrregião de Feira de Santana e posterior apresentação dos resultados em congressos.

Reconhecendo a importância da pesquisa que vinha desenvolvendo de forma pioneira no curso de Biologia, estudantes me procuraram visando obter orientação e incorporação às atividades em desenvolvimento. Não tardei a saciar a sede da juventude no campo da Ciência e imediatamente formei uma equipe com jovens estudantes da época. Nessa ocasião, Ilka Borges Biondi era minha aluna e se tornou estagiária do projeto; Rosângela Nobre da Conceição e Valdeci dos Santos começaram a ver algo que fosse uma luz na Zoologia para pesquisa e também se engajaram no trabalho. Todo esse meu esforço gerou frutos, pois estas que um dia foram minhas estagiárias são hoje professoras na UEFS, na UNEB e escolas da cidade, sendo multiplicadoras dos conhecimentos adquiridos.

Quando tudo isso foi amadurecendo, comecei a me animar com a situação, recorri muito a Tania Brazil, referência na UFBA como professora de animais peçonhentos, cujo nome já havia se consolidado nesta área do conhecimento. Ela já possuía um laboratório específico, criava serpentes, aranhas e escorpiões em cativeiro, conhecia muita gente e trabalhava com duas estagiárias: Luciana Lyra Casais e Silva e Rejane Maria Lira da Silva, esta última, a substituiu na UFBA, e hoje é grande referência nacional na Herpetologia.

Tânia Brazil me deu todo o apoio para conhecer as primeiras serpentes. A trouxe para fazer curso de formação para os nossos alunos e dar aulas para começarmos a implantação dos estudos na UEFS, com base no que ela já fazia na UFBA.

A coisa foi tomando corpo, fui me tornando mais conhecedora, trabalhava, juntava os espécimes, mas não tínhamos um espaço físico para desenvolver as pesquisas. Na época, era Ivone Matos de Cerqueira a diretora do departamento, então fui a ela e disse, que iria utilizar uma sala no módulo didático como serpentário. Ela questionou, porque íamos criar serpentes perigosas, venenosas, dentro do módulo, mas conseguimos convencê-la até porque, Tânia Brazil já fazia isso na UFBA, há anos. Havia uma responsabilidade muito grande, a gente tinha receio de ocorrer a fuga de algum animal, mas estávamos conscientes e conseguimos, em uma sala de aula adaptada, montar o primeiro serpentário e criar serpentes em cativeiro.

Foi assim que, em 1987, sob minha coordenação, implantamos o primeiro serpentiário da UEFS e iniciamos em condições muito precárias, no Módulo Prático - MT 18, a primeira linha de pesquisa zoológica da UEFS. Com o tempo, o serpentiário passou a se chamar Laboratório de Animais Peçonhentos - LAP e, sem dúvida, o pequeno projeto que desenvolvi com as serpentes da Fazenda Taboa e o contato com Tânia foram de extrema importância, pois me impulsionaram às demais pesquisas, na área dos animais portadores de peçonha.

O marco referencial da pesquisa animal do Departamento de Ciências Biológicas foi comigo, com os animais peçonhentos, depois chegaram outros professores do sul e sudeste, com diferentes linhas, e, dessa forma, a Zoologia se multiplicou. Lembro que foi uma loucura: no início éramos só professoras mulheres e eu sei muito bem como seguramos essa peteca.

Logo que implantamos o LAP, recebi do eminente Professor Orlando Bastos de Menezes a preciosa colaboração, traduzida em seu acervo pessoal de obras raras. Ao tomar conhecimento das minhas pesquisas herpetológicas, não mediu esforços em contribuir com o meu trabalho, ofertando-me, em 1988, 54 livros de imensurável valor científico. Daquele total oferecido, 34 obras foram escritas pelo seu irmão Afrânio do Amaral, grande pesquisador brasileiro na área da Herpetologia que estudou, em especial, a ofiologia sul-americana e dirigiu o Instituto Butantã por mais de vinte anos.

Com a proporção que o laboratório vinha tomando, a nossa integração a outras equipes de pesquisa foi se tornando necessária, em virtude da inclusão de novos grupos de animais, como aranhas e escorpiões, que também passaram a ser estudados. Para este fim, convidei o professor Carlos Costa Bichara Filho, que tinha chegado na instituição, para se responsabilizar pelas pesquisas em aracnologia, juntamente com a então estagiária Valdeci dos Santos. Assim, me dediquei às serpentes com as alunas Ilka e Rosângela.

Incorajada pelos esforços de dar continuidade, relevância e maior visibilidade às nossas pesquisas, que já vinham assinalando rápido progresso local, firmei parceria com a Prof^a. Tânia Brazil. Ficamos sabendo que Antônio Jorge Argolo, funcionário há bastante tempo no Centro de Pesquisa da Lavoura Cacaueira- CEPLAC- tinha uma coleção de animais peçonhentos maravilhosa e o convidamos para realizar um projeto conjunto.

Passamos a nos reunir para montar um plano de pesquisa para algumas regiões da Bahia. Após muito trabalho e grande expectativa, elaboramos um grande projeto intitulado “Estudo dos Animais Peçonhentos da Bahia”, sugerido por Tânia Brazil. A pesquisa foi posta em execução através de um convênio firmado com as três Instituições: UEFS, UFBA e CEPLAC, visando a colaboração recíproca.

No período que iniciamos o projeto aqui em Feira e em Salvador, eram duas equipes formadas só por mulheres. Nós fomos pioneiras na Zoologia baiana, verdadeiras matrizes que fizeram escola dentro da área, só que a visibilidade não era a das maiores, mas no geral, era confortável ver aquele universo feminino crescendo na pesquisa.

Passamos por alguns enfrentamentos e um deles, por exemplo, era quando íamos para o campo. Ouvíamos dos homens da comunidade, nos locais de coleta, que nós “segurávamos muito bem na cobra, e que gostávamos de pegá-la”, então a gente recebia muito estas piadinhas e afirmações pejorativas. Eu não tinha muita habilidade com as mãos para pegar as cobras, mas Rejane Lira e Ilka Biondi manipulavam muito bem os espécimes do ponto de vista técnico. Por ser a serpente um bicho muito perigoso, os moradores locais achavam que não saberíamos manipulá-las. Quando Antônio Argolo estava com a gente não ouvíamos nada. A impressão que dava era que tal tarefa somente poderia ser realizada por homem e a sua figura masculina amenizava o grupo e justificava a relação de masculinidade no meio daquela mulherada.

Enfrentamos as problemáticas com muito esforço, trabalho e conseguimos em 1990, a aprovação do projeto pela Fundação de Apoio à Pesquisa e à Extensão- FAPEX e o financiamento pela Fundação Banco do Brasil- FBB. Isso provocou mudanças significativas nas nossas pesquisas, tornou sólidos os estudos e possibilitou maior independência de ações nas regiões de abrangência das três equipes envolvidas. O financiamento incrementou de forma considerável as atividades e aquisição de novos equipamentos e a melhoria das condições físicas para atender as tarefas específicas dos laboratórios LAP/UEFS, LAP/UFBA e LAP/CEPLAC.

Nossas condições eram incipientes quando iniciamos, não tínhamos muitas coisas, tivemos que montar em cada universidade, um centro de apoio, para extração de veneno, estudo e manejo dos espécimes e a construção de um serpentário externo. A gente adquiriu muito material e equipamento de apoio para pesquisa, como: bomba à vácuo, refrigeradores, caixas de manutenção, dentre outros.

Particpei de minicursos no Instituto Butantã com professores de referência, não perdia um congresso com grandes nomes que foram pioneiros na Herpetologia no Brasil. Como na UEFS tudo era novo, corria atrás para aprimorar minhas práticas e com isso conheci muita gente e fiz amigos. Uma maravilha!

Durante estes eventos, fizemos importantes contatos com pesquisadores/as da área, em especial com Pedro Antônio Federsoni Júnior e Guisepe Puerto, do Instituto Butantã, em São Paulo e Aníbal Melgarejo Gimenez, do Instituto Vital Brasil, no Rio de Janeiro, que colaboraram com a equipe em diversos momentos.

As passagens para nossa formação estavam cotadas no projeto e tínhamos que conhecer os três institutos oficiais que trabalhavam com animais peçonhentos no Brasil. O Butantã em São Paulo, Ezequiel Dias, em Belo Horizonte e, o Vital Brasil, no Rio de Janeiro. Estes eram lugares de referência que nos aproximamos, recebíamos orientações e consultorias.

Aníbal Melgarejo Gimenez, excelente herpetólogo uruguaio, juntamente com Pedro Antônio Federsoni Júnior, se tornaram grandes amigos e consultores do projeto, a quem tínhamos que levar os relatórios para serem avaliados. Essa foi uma época muito boa, de grande aprendizado.

Os benefícios prestados, principalmente às comunidades de Salvador, Feira de Santana e Itabuna, no decorrer deste trabalho, foram verificados através de constantes visitas aos serpentários locais, solicitação de treinamentos, demonstração de material e entrevistas nos diversos meios de comunicação, como: rádio, jornais e televisão. Nós também fazíamos muitas palestras em cidades circunvizinhas, a convite da Polícia Federal, das escolas, dos Bombeiros, dos médicos, dos enfermeiros, e dos demais seguimentos da sociedade.

Todos os esforços empreendidos, por certo, abriram novas perspectivas de trabalho no campo da pesquisa científica nas três instituições, deixando um grande acervo constituído de diferentes espécies de aranhas, escorpiões e serpentes do estado da Bahia, sendo estes utilizados até hoje no campo científico e pedagógico. Assim, fui estabelecendo maiores contatos na Herpetologia e me tornei, também, conhecida na área.

1.1.1-Durante A Trajetória, Surgiram Barreiras Que Me Fizeram Mudar O Percurso

Com o passar do tempo deixei de morar na roça e me mudei para Feira de Santana. O projeto já estava bem avançado, com subprojetos destinados também ao estudo das aranhas e escorpiões.

Fomos realizando nosso trabalho e criando os animais em cativeiro dentro do laboratório, levando-nos a necessidade de ampliar as condições adequadas para o estudo. Então pedi na Reitoria um terreno, para fazermos outro laboratório mais afastado, atendendo, ao mesmo tempo, ao apelo da comunidade que temia possíveis riscos.

Consegui o espaço físico junto a Universidade, mas não tínhamos recursos para a sua construção. Assim, fui ao prefeito de Feira de Santana, o Sr. Colbert Martins e pedi apoio. Arranjei dinheiro, através da SURFEIRA- órgão da Prefeitura, para construir o serpentário externo e realizar um sonho que era colocar as serpentes para visitaçã das comunidades acadêmica e escolar, bem como da população em geral.

O serpentário externo foi construído onde hoje é o prédio do mestrado de Letras, anexo do módulo II. Era uma área murada, enorme, com quatro viveiros telados para a exposição dos animais. O serpentário foi nomeado Professor Orlando Bastos de Menezes, em sua homenagem. No dia da inauguração, o Professor Pedro Antônio Federsoni, do Instituto Butantã proferiu a palestra de inauguração, registrando momentos felizes e significativos para o DCBio- UEFS, e para toda a equipe envolvida com a formação de todos.

Na época, o professor Federsoni desenvolvia um projeto cujo *slogan* era: “na natureza não existem vilões”. Estendemos essa ideia para a UFBA / UEFS / CEPLAC, conscientizando a população de que a peçonha é apenas um mecanismo evolutivo de defesa das serpentes. Assim, fizemos um trabalho que envolvia a educação ambiental no serpentário externo, explicando que o animal não era malévol, tínhamos que entender o ambiente dele, quais situações corríamos riscos e quais não devíamos temer.

Logo que o serpentário externo foi inaugurado, o biotério deixou de funcionar por conta de não termos mais o professor Orlando Bastos de Menezes para tomar conta, pois ele já

estava aposentado da UFBA e se aposentou também na UEFS. Fui vários dias na Reitoria para transformar aquele espaço desativado no serpentário interno e a gente se mudar para lá.

Depois de muita insistência e algumas reformas no novo ambiente, conseguimos sair do MT 18. Mudamos para um espaço bem mais amplo, onde colocamos todo o material de pesquisa e as serpentes mais perigosas, como: cascavéis, jararacas, cobras coral; e deixamos as jiboias e salamantas no serpentário externo para visitação.

Lutei para conseguirmos tudo que tínhamos, e dediquei muitas horas de minha vida dentro e fora da universidade, mas, com o passar do tempo, tive de me afastar do laboratório uma vez que tudo já estava encaminhado. Nesse meio tempo, novos professores chegaram e vieram algumas mudanças no LAP. Escrevi uma carta declarando que não seria mais coordenadora do LAP e entreguei à Direção do departamento este documento, oficializando a minha saída mesmo sabendo que estaria perdendo o espaço conquistado. Deixei a responsabilidade de geri-lo nas mãos dos novos colegas. Entendi que ali não era mais meu local, pois o meu movimento como profissional não estava mais alinhado com as posturas atuais.

Foi um período triste, pois tinha dedicação exclusiva, e os espaços físicos eram limitados para as aulas. Me vendo passar por toda esta situação, Maria de Lourdes Santana, funcionária desde o período da FEEFS e responsável pelos laboratórios didáticos, me ajudou verificando qual sala do didático estava sem aula agendada e abria para mim, e quando estavam todas ocupadas, ficava esperando algum professor sair. Fiquei assim por um bom período e, não vou esquecer jamais que a amiga Lourdes, juntamente com Dimaél de Oliveira Almeida, também funcionária dos laboratórios, montaram um cantinho dentro da sala delas para que eu não ficasse no corredor esperando algum professor sair para continuar meus trabalhos.

Isso me comovia, mas, superei as dificuldades e comecei a fazer um projeto com serpentes que não foi aprovado na reunião de área, tendo a justificativa de que estava fazendo trabalho paralelo. Fiquei completamente arrasada por não poder mais realizar pesquisa nessa área que fundei na UEFS.

Em meio a esta crise, o Prof. Dr. José Duarte de Barros Filho, conhecido herpetólogo da Universidade Federal do Rio de Janeiro / UFRJ, e muito meu amigo, me incentivou a

trabalhar com ele, pesquisando um outro grupo animal. Duarte, além de estudar as serpentes, era especialista em *Amphisbaenia*, grupo que ele mais gostava e o qual me fez um convite visando uma parceria nessa área. Não conhecia muito a história natural do animal, não identificava, não sabia quase nada, e então aceitei a parceria, com força e determinação, iniciei do zero as pesquisas do novo grupo. Comecei a coletar os *amphisbenídeos* que surgiam no campus da UEFS e a fazer o mesmo trabalho que Duarte fazia no Rio de Janeiro, investigando o comportamento do bicho em cativeiro.

Recebi todo o apoio e colaboração. Acendeu em mim, uma luz no fim do túnel, no sentido emocional e no campo da pesquisa. Duarte me orientou como deveria fazer, me encaminhou artigos que eram essenciais para iniciar o estudo que resultou, em 1994, no projeto intitulado, de nossa autoria: “Levantamento dos *Amphisbaenia*, *Reptilia*, da microrregião de Feira de Santana, estado da Bahia, Brasil”.

Continuei sem ter um espaço físico adequado para desenvolver minhas investigações. Permaneci em um cantinho nos laboratórios didáticos pesquisando, tentando ver as coisas e, quando chegava alguém para dar aula, saía. Assim eu fui me ajustando...

Também não tinha um lugar onde colocar os *Amphisbaenia* capturados para estudo. Foi quando Dimael fez um jirau atrás do laboratório didático onde colocávamos as caixas de manutenção dos animais, conforme Duarte tinha me orientado. Ela quem tomava conta dos bichos, enchia estas caixas de terra a céu aberto, botava os animais e íamos observando. Às vezes sacrificava para poder analisar os aspectos da anatomia, mas geralmente abria os que já vinham mortos.

O pessoal do campus matava muito os *Amphisbaenia* achando que era cobra de duas cabeças, então comecei a fazer campanha com os jardineiros e com as pessoas em geral, para quando achassem, levassem para mim. Muitas vezes estava em sala de aula ou fora por algum motivo, o pessoal sabia que o ponto de referência era o didático e entregava a Dona Lourdes ou a Dimael.

Por quase cinco anos fiquei nessa situação. Trabalhando com as caixas em torno do módulo didático em um jirau e, usando as salas quando estavam disponíveis, semanalmente. Foi um momento de muita dor, mas meu amor a profissão e o apoio da minha família me fizeram continuar, pois, sabiam que eu era uma professora amada e acolhida por meus alunos e minhas alunas, que me colocaram para a frente.

Busquei uma saída que pudesse colaborar com o meu crescimento profissional. Depois de dezessete anos de formada, me organizei para fazer o mestrado. Quando minhas filhas eram pequenas, não tinha tempo para pensar em pós-graduação, precisava cuidar delas e trabalhar. À medida que foram crescendo e ganhando maior independência, estavam iniciando a adolescência, foi quando decidi fazer o mestrado e o doutorado.

De maneira alguma me arrependo de ter feito a pós-graduação tardiamente, pois estava dando tempo de criar minha família. No momento crucial, achei que era a hora de investir em minha carreira, e segui meu caminho. Nada do que vivenciei no campo profissional me frustrou como pesquisadora e educadora, uma vez que a vida toma outros caminhos e de repente o meu era esse. Experimentei outros espaços, conheci novas pessoas, trilhei rumos diferentes e acredito que o mestrado, doutorado e, posteriormente, o pós-doutorado, foram motivados por toda a dor que senti no passado, mas que hoje restam apenas cicatrizes.

1.2- A DOR ME FEZ DOUTORA

A vida me conduziu ao Rio de Janeiro, na Baixada Fluminense, em uma cidade chamada Seropédica, para fazer o mestrado, na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro-UFRRJ. Lembro que entre os meses de maio e junho de 1995, descobri o professor Paulo Oldemar Scherer, que atuava na Medicina Veterinária e na Biologia, trabalhando com anatomia de serpentes. Enviei uma carta falando de meu projeto e das pesquisas que tinha realizado. De imediato, ele aceitou me orientar e assinou a carta oficializando o meu pedido. Certa vez, em conversa, o professor Paulo falou que aceitou trabalhar comigo sem me conhecer porque sabia que eu não era nenhuma criança que estava indo para lá aborrecê-lo, já era uma mulher com mais de quarenta anos, casada e com filhas, e que não deixaria sua família se não fosse para levar a sério a pesquisa.

Quando fui para o Rio de Janeiro, de início, pensávamos que poderíamos ir juntos: eu, marido e filhas, já que os meus sogros moravam lá. Percebemos que não daria para viver com o orçamento que tínhamos, pois, a nossa qualidade de vida iria cair muito. Não

valeria a pena se desfazer de tudo, por um período muito curto. Assim, Valverde me incentivou para que fosse sozinha porque tinha o pai e a mãe dele para me apoiarem por lá. Ele ficou com as meninas na Bahia, e eu fui sem pensar duas vezes: o marido estava em casa, as filhas já estavam grandinhas, e minha mãe estava sempre presente. Apoiada pela família, decidi que era meu momento!

De lá, ligava praticamente todos os dias para casa, geralmente a noite, o marido me tranquilizava, dizia que estava tomando conta direitinho das filhas, me deixava confiante de que as coisas estavam bem. Tatiana tinha uma carência muito grande de me ouvir, então a gente se falava sempre. Sofri muito, mas não recuei de jeito nenhum. Foi árduo tentar estabelecer equilíbrio entre casa, família e minha profissão. Naquela época, geralmente, as mulheres deixavam os seus sonhos e ideais profissionais no meio do caminho.

Segui em frente e não foi tão fácil tomar estas decisões significativas para a minha carreira, e conseqüentemente, para toda a família, teve um preço a pagar: Tatiana, a caçula, deprimiu durante a minha ausência, e senti que ela depositava em mim, a culpa neste fato. Mesmo assim, não me sinto arrependida de nada, faria tudo de novo, uma vez que a minha vida e trajetória somente poderiam ser trilhadas por mim.

Embora tivesse que deixar o marido e as duas filhas de dezesseis e doze anos, não medi esforços, pois estava completamente convencida de que tinha que fazer a pós-graduação para transformar a realidade na qual estava passando na universidade. Não poderia ter investido tanto nas minhas pesquisas herpetológicas e ficar impossibilitada de concorrer a um outro laboratório ou ser obrigada a fazer uma outra coisa distante da linha que sempre estudei.

Desse modo, fiz a seleção em setembro. Em dezembro, já estava morando no Rio de Janeiro, sem conhecer absolutamente ninguém, na UFRRJ, até mesmo o meu orientador, o conheci no dia da seleção. Em março de 1996, ingressei no Programa de Pós-Graduação em Biologia Animal da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro -UFRRJ, sob a orientação do Prof. Dr. Paulo Oldemar Scherer e coorientação da Prof^ª. Dra. Nadja Lima Pinheiro.

Meu trabalho era formado por duas equipes, em que o orientador era veterinário, anatomista de serpentes e, a coorientadora bióloga, da histologia de répteis. O anatômico

era no andar de baixo e o histológico no andar de cima. Não esqueço que um professor na banca da defesa disse que um dos méritos meus foi unir pessoas de diversas áreas, tais como: Anatomia e Histologia, dentre outras.

Foi uma vivência muito desafiadora, saí sozinha, deixando minha família para morar em um local totalmente novo. A UFRRJ é a coisa mais linda do mundo, mas fica localizada numa beira da estrada que era a antiga Rio - São Paulo, em uma cidade que foi crescendo dentro do clima da própria formação da universidade e da Empresa Brasileira de Pesquisa e Agropecuária, a EMBRAPA.

Para mim foi uma surpresa muito grande, porque pensei que Seropédica fosse mais perto da casa de meus sogros, mas era muito distante. Tive de morar no alojamento de pós-graduação, pois ficar sozinha na cidade era perigoso. No alojamento, um casarão abandonado, do outro lado da universidade, estaria juntamente com colegas, que faziam pós-graduação, oriundos de todo o Brasil, e até mesmo fora dele.

Era um loteamento bem rural, com bastante vegetação, feito para os antigos funcionários e professores da EMBRAPA. Havia várias casas, uma igrejinha, bar, tudo ali ao redor e, foi lá que fiquei, pois não tinha bolsa de estudos.

Foi uma experiência maravilhosa, sob o ponto de vista humano, pois uma mulher de quarenta e um anos, que tinha uma casa com tudo seu, de repente entrar naqueles corredores antigos, com quarto frio, compartilhado com mais três moças, não correspondia, até então, à minha realidade. Era um total de oito quartos com parede no meio, duas camas de cada lado, tanto a cozinha como o banheiro eram cômodos coletivos no fim do corredor. Chorei muito, principalmente no começo, mas consegui me estabilizar porque nada disso se comparava com as dificuldades que vinha passando na UEFS. Nesse local também fui feliz, fiz grandes amizades que mantenho até hoje, e sinto saudades dos papos e horas eternas de conversas sobre assuntos diversos, em que ouvi lindas histórias de vida.

No alojamento, tinha um quarto de cabeceira, muito cobiçado por não precisar dividir com ninguém. Era isolado, pequeno e ocupado por uma moça que, após concluir o seu curso, foi ser freira. Por ser mais velha, “a mãezona” daquele pessoal, todo mundo concordou que ficasse com esse quarto, que por cinco anos, chorei, rezei, escrevi e

consegui produzir muito. Foi um paraíso para mim, fora o fato das pessoas passarem na janela à noite, o que me provocava bastante medo, em meio àquela escuridão.

Neste universo acadêmico, segui os trâmites da pós-graduação. No primeiro ano, fiz as disciplinas obrigatórias e comecei a pesquisa. Como não sentia segurança em fazer com os *Amphisbaenia*, porque meus estudos com esse grupo ainda eram muito insipientes, dediquei a estudar os aspectos anatômicos e histológicos de serpente, antigos objetos de estudo.

Meu objetivo de investigação foi o aparelho reprodutor masculino de *cascavella wagneri*, uma subespécie de *Crotalus durissus*, genericamente chamado de cascavel. Na verdade, só existe uma espécie de cascavel no Brasil e a *cascavella* é considerada uma subespécie geográfica que ocorre aqui na Bahia. Não quis de jeito algum trabalhar com animais de lá do Rio de Janeiro. Toda a minha trajetória e conhecimento com as serpentes estavam aqui, então montei o projeto, segui com essa ideia firme e meu orientador aceitou.

Fiquei sabendo que existia uma forma de transportar os animais através do Correio Aéreo Nacional – CAN. Eles faziam este tipo de transporte destinado a pesquisa. De imediato, entrei em contato com o comandante daqui de Feira de Santana. Valverde foi lá conversar e eles disseram que tinha realmente como fazer, tudo na legalidade.

Fiquei animada, mandei fazer umas caixas de transporte modelo Butantã, entreguei aos amigos fazendeiros que enchiam de cascavéis e levavam para minha casa em Feira de Santana. As serpentes ficavam em segurança. Clodoaldo Moraes, professor do Departamento de Letras da UEFS, amigo sincero e fiel colaborador nas pesquisas herpetológicas me ajudou muito, alimentando e cuidando das serpentes, porque o correio nacional, às vezes, levava até dois meses para enviar a remessa.

As serpentes foram enviadas ao estado do Rio de Janeiro com êxito, graças à atenção indispensável do comandante do 35º Batalhão de Infantaria do exército, em parceria com a direção do CAN. Consegui levar 47 serpentes pelo correio e meu marido levou 11 animais de carro, computando um total de 58 espécimes, onde coletei todo o material para o estudo, como: testículos, epidídimo e hemipênis.

Tinha curiosidade de saber como eram as estruturas anatômicas e histológicas destes órgãos. Usava toda uma técnica metodológica, contando as escamas, localizando e

identificando cada órgão, trabalhando na anatomia, depois levava o material para produzir lâminas na histologia, e verificar a natureza e a constituição dos tecidos.

Foi um trabalho interessante, existiam na literatura algumas informações, mas não tanto o quanto cheguei a ver e analisar, sobre essa espécie. Vinha observando desde meus estudos no LAP que o aparelho reprodutor dos Squamata, popularmente conhecido como “Escamados”, e que agrupam Serpentes, Lagartos e *Amphisbaenia*, apresenta uma estrutura no rim, denominada de segmento sexual renal. Este órgão acessório é uma porção que fica localizada no rim, na parte final do tubo coletor, bastante evidente no grupo estudado, em minhas investigações durante o mestrado.

Quis acrescentar o segmento sexual renal nos estudos, mas meu orientador achou que seria muita coisa, e pediu que deixasse essa parte para o doutorado, caso fosse fazer. Também fui vendo outros aspectos como parasitas que apareceram no material, ficando para posteriores trabalhos.

A descrição anatômica e histológica dos componentes do aparelho reprodutor masculino me rendeu várias lâminas e, para isso, contei com o apoio de técnicos da histologia. Tive que aprender colorações e análises de estruturas microscópicas, constituindo-se em um trabalho árduo. Sequer havia visto na minha graduação!

Sempre digo que o grande aprendizado para mim foi o mestrado. Passei a comparar o que existia na literatura nacional e internacional para não repetir pesquisas. À medida que fui tendo contato com as referências bibliográficas e conversas com outros herpetólogos, me senti mais tranquila no trabalho. As orientações também foram essenciais.

Foi difícil dominar técnicas histológicas, e, com o tempo, segui tentando cortar lâminas. Nesse aspecto, senti dificuldade com o evoluir da pesquisa, pois coletar as serpentes e analisá-las anatomicamente não era tão complicado. Mas não recuei, em momento algum, das dificuldades que surgiram em minha vida, nessa cidade distante.

Uma das maiores amizades foi com Deise Barros. Estávamos sempre juntas, ela tinha feito a graduação na Rural e estava fazendo disciplina como aluna especial para o mestrado, queria trabalhar com serpentes e com o meu orientador. Ela era carioca e também morava no alojamento, então a gente lia muita coisa, passamos horas e horas de trabalho no laboratório, contando escama por escama, bicho por bicho, medindo, localizando e descrevendo os órgãos. Passávamos de segunda à sexta na universidade,

almoçávamos por lá mesmo, por conta da carga pesada das disciplinas, além das atividades no laboratório.

Em alguns fins de semana, eu ia ao Méier ver meus sogros, na zona norte da cidade do Rio de Janeiro. Conversávamos muito, às vezes íamos no Norte Shopping, que era perto, e assim fui amenizando a angústia de estar longe de casa. A rotina de trabalho muito grande me fazia pensar em uma coisa: queria terminar tudo e retornar para casa!

Com o tempo deixei de ir para casa de meu sogro com tanta frequência, porque começou a ficar complicado, era perigoso e ele me botava medo. Tinha que atravessar toda a universidade em um espaço com muito mato até o ponto de ônibus e depois andar até o alojamento. Ele ficava com receio, a região não era boa, e como tinha uma igreja dentro da área do alojamento, passei a frequentá-la e ir à missa. A proteção divina era o que me segurava naquele local para concluir o que fui fazer, com tanto amor.

Mergulhei de cabeça em minha pesquisa e não poderia vacilar de jeito nenhum. Naquela solidão familiar, concluía no menor tempo possível, as tarefas acadêmicas. Levei seis meses nessa rotina até junho, quando entrei de férias, retornei para a Bahia, e passei o São João com minha família. Mas, imediatamente, voltei para o Rio para continuar os estudos.

Em dezembro, retornei novamente para Feira e, nesse meio tempo, tive que fazer uma cirurgia de um mioma agravado devido a muita emoção sentida, que causava sangramento. Meu ginecologista imediatamente me chamou atenção, disse que não estava certo ficar sozinha naquelas condições, longe de minha família. Caso se agravasse para um processo hemorrágico, não teria como resolver. Medrosa como sempre, me submeti a cirurgia e, com menos de dois meses, já estava no Rio de Janeiro para dar prosseguimento aos trabalhos. A coisa não foi fácil, para uma mulher de quarenta e poucos anos, cujo corpo começa a dar sinais de envelhecimento e mazelas.

Retornando para a Rural recém-operada, um grande acontecimento: o telhado do alojamento quase caiu na nossa cabeça! Representantes da reitoria se posicionaram dizendo que cada qual que ali estivesse alojado, procurasse como resolver a situação, de forma individual. Sabe que fiz? Formei uma equipe, fui ao reitor e reuni todos os pró-reitores de pesquisa e disse: “Olha, sou mãe de família, professora e colega de vocês, me respeitem, quando vim para cá, soube que teria um alojamento e não tenho para onde ir, ou vocês me levam para casa de vocês ou resolvam o problema agora”. Sabe o que

fizeram? Colocaram a gente no hotel do campus destinado aos professores convidados, por quinze dias, enquanto resolviam o problema do alojamento. Naquela época, Celestinha ficou conhecida por lá, pela coragem de enfrentar os representantes da administração superior, de forma tão eficaz.

Passei por muito sufoco naquele alojamento. Em certa ocasião, aconteceu um tiroteio ferrenho, morrendo pessoas em uma chacina, em um bar próximo. Em outro momento, vi namorado de colega sendo preso por envolvimento com drogas, sendo um universo de coisas nunca vivenciadas por mim.

Na Rural, onde havia muitos alunos nordestinos, algumas piadas eram muito ruins em relação aos mesmos. Ficavam brincando comigo, me perguntando se, às vezes, eu também comia lagartos. Além disso, recebia muitas insinuações e brincadeiras de que estava me relacionando amorosamente com alguns colegas, pois sempre andava com eles, e era muito comunicativa. Tais situações inverídicas mexem com nosso psicológico e emoções, então adquiri uma hipertensão que se manifestou no mestrado e até hoje tomo medicação. As condições adversas encontradas lá não me impediram de realizar meu sonho, e fui superando, cotidianamente, as atribulações.

O segundo ano de mestrado, foi o mais difícil. Além de passar por todas essas coisas, não retornei à Feira de Santana, precisava adiantar a pesquisa, mas a família se fez presente para me dar apoio. Valverde e as meninas foram me visitar, coincidindo com a data de aniversário de minha sogra. Posteriormente, foram somente na defesa.

Por isso digo que o mestrado foi o momento mais complicado da minha carreira científica, mas também foi o trabalho que mais gostei de fazer. Era apaixonada pelo aparelho reprodutor de *cascavella*, ficava encantada com a estrutura anatômica e como isso contribui para a manutenção da espécie. Passei horas estudando o hemipênis com seus arranjos de espinhos, ganchos ou cálices que ajudam a ancorar o macho na cloaca da fêmea. Me senti muito realizada conhecendo a estrutura tecidual do epidídimo do testículo, vendo como as coisas funcionavam, anatomicamente e histologicamente.

No início das pesquisas, não conhecia a respeito de como manter animais vivos em cativeiro, principalmente no que diz respeito à alimentação. Por desconhecer que o grau de estresse da serpente cativa é muito grande, às vezes, elas não conseguiam se alimentar,

sendo até mesmo atacadas e roídas pelos ratos e camundongos, que colocávamos nas caixas de manutenção.

Mas ao longo das experiências e muito estudo, fui adquirindo o conhecimento e a competência para trabalhar ainda melhor com esses animais e em junho 1998, obtive o grau de Mestre, com a dissertação intitulada “Aspectos Morfológicos do Aparelho Reprodutor Masculino de *Crotalus durissus cascavella wagler* 1824 (SERPENTES, VIPERIDAE)”. Os resultados deste trabalho foram também publicados na Revista *Sitentibus*.

A defesa foi tranquila, pois estava preparada para o que sabia. Assim que defendi, meu orientador, juntamente com a coorientadora, me incentivaram a fazer a seleção para o doutorado, uma vez que faltavam poucas disciplinas para completar a grade curricular. Aceitei a sugestão deles e fiz a seleção do doutorado.

Defendi minha dissertação em dois anos e logo emendei com o doutorado no ano seguinte. Mesmo com as questões familiares segui em frente, nem as filhas, nem o marido me impediram, muito pelo contrário, me influenciaram a completar o processo. Passei mais seis meses cumprindo os créditos e o tempo restante para pesquisar, me mantive em um translado entre Feira de Santana e o Rio de Janeiro.

Em 1999, ingressei no curso de doutorado, animada em pesquisar os *Amphisbaenia* e com a segmento sexual do rim que era uma estrutura pouco conhecida pelos/as herpetólogos(as). Este é um órgão acessório ao aparelho reprodutor masculino, análogo a vesícula seminal dos mamíferos, ou seja, ao receber hormônios testiculares, secreta uma substância que dá sustentação e motilidade aos espermatozoides.

Esses animais têm uma fertilização retardada. Pouco se sabia, naquela época, se era a secreção dentro do trato reprodutivo da fêmea que sustentava, neste local, os espermatozoides viáveis por muito tempo, provocando uma fecundação tardia. Tudo isso era para mim uma novidade, contudo me dediquei apenas aos aspectos anatômicos e histológicos do rim desses animais.

Tive o apoio do meu amigo e colaborador José Duarte de Barros Filho, especialista na questão dos *Amphisbaenia*. Ele morava em Petrópolis e trabalhava na Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. Às vezes combinávamos de nos encontrar e discutir algumas questões da tese, que me deixavam bastante segura do que estava fazendo.

Fiz o doutorado com menor preocupação porque não estava tão neófito na questão. Já havia cumprido a metade das disciplinas, faltavam apenas as obrigatórias do curso de doutorado, e a pesquisa a ser desenvolvida. Mantive meu quarto no alojamento, a estrutura ficou a mesma em relação a orientação e fiquei mais tempo com minha família.

No doutorado, só foi mais trabalhoso porque fiz lâminas histológicas que não tinha tanto domínio, mas contei com a colaboração de outras pessoas e da técnica da Fiocruz na Bahia. Processava o material fixado, fazia as lâminas em Salvador e, periodicamente, ia para o Rio de Janeiro fazer as leituras e discutir com os orientadores os resultados obtidos para ver se estava no caminho certo.

Na confecção das lâminas, achei fácil a parte de produção do material, mas nas interpretações contei com a ajuda da minha coorientadora, e fomos construindo juntas as informações. Tive, também, a colaboração de vários histologistas que me ajudaram a interpretar os dados histológicos porque a histologia é complexa, e eu não poderia correr o risco de errar.

Como fiz um estudo relacionado ao processo de reprodução, retirava todo o aparelho reprodutor e os rins porque o segmento sexual é um componente renal. Observei a condição de maturação dos testículos e analisei como se comportava o segmento sexual durante o ciclo secretor e, para isso, precisei coletar animais em diversas fases de maturação.

Também processei os ovários e os rins das fêmeas para comparação com o que havia visto na literatura. Embora as fêmeas tenham o segmento sexual, elas não produzem a secreção, pois não sofrem a influência dos hormônios testiculares, como ocorre nos machos. Constatei que, em determinado período de maturação testicular, como se comportava o segmento sexual e comprovei que, no decorrer da espermatogênese, por influência dos hormônios androgênicos, a secreção era produzida no segmento renal.

No momento em que o macho libera os espermatozoides na cloaca, a secreção vai junto e age como meio mecânico no trato da fêmea. Foi verificado, em outras pesquisas, que pela natureza glicoproteica e de outros componentes bioquímicos, tal secreção dá, além de motilidade, sustentação aos espermatozoides por muito mais tempo que em outros animais. Os Squamata, serpentes, lagartos e anfisbenídeos podem levar mais de seis meses sem manter a cópula e as fêmeas parirem ou colocarem ovos. No doutorado, eu

juntamente com o meu orientador, comprovamos o fato. Ao massagearmos uma fêmea de *Amphisbaena alba*, que estava em cativeiro há quase um ano, encontramos na secreção que saiu da cloaca dois espermatozoides.

É sabido que no trato da fêmea tem várias outras estruturas que levam a contorção do útero como se fosse um receptáculo seminal, e permitem que as células gaméticas do macho fiquem lá dentro e as evidências levam a compreensão de que a natureza da constituição bioquímica da secreção é o meio de sustentação destes espermatozoides.

Trabalhei com três espécies: *Amphisbaena vermicularis*, a maior e mais abundante na região de Feira de Santana- Bahia; *Amphisbaena alba*, que também é bem frequente nesta região; e *Leposternon polystegum*, animais mais adaptados a solos mais compactos.

Tinha alguns exemplares e comecei a buscar informação. Na época, estavam agrupados em gêneros diferentes, hoje me parece que estão todos no mesmo gênero. Mudanças sistemáticas ocorrem sempre, contudo as estruturas anatômicas do sistema reprodutor permanecem iguais.

Foi um estudo muito interessante, fechei um ciclo secretor com algumas fases de maturação testicular. À medida que cortava o testículo, verificava a condição de seu epitélio e, ao mesmo tempo, como se encontravam as células do segmento sexual, durante o ciclo secretor. Me lembro que, no decorrer do mestrado, verifiquei em uma cascavel que estava no auge da espermiogênese, grânulos volumosos em grande quantidade no rim. Tal descoberta serviu de base para os posteriores estudos do doutorado.

À medida que o ciclo secretor desencadeava nos testículos, as espermátides estavam quase se transformando em espermatozoides dentro do tubo. Isso mostrava que os espermatozoides ficavam sincronizados com a secreção renal para que pudessem se unir no hemipênis. Este é o órgão copulador dos machos, com sulco espermático e ornamentações na base. Com as informações obtidas, ficou claro que um componente renal estaria associado ao aparelho reprodutor masculino como órgão acessório.

Em março de 2002, defendi a tese intitulada “Estudo Morfológico do segmento sexual do rim de três espécies de Amphisbaenidae, com ênfase em *Amphisbaena vermicularis*, *Amphisbaena alba* e *Leposternon polystegum*”. Na defesa, a minha família atrasou por conta do voo, e quando eu ia começar a apresentação, eles entraram na sala. Foi uma emoção coletiva, pois eles estavam sempre presentes, nestas minhas jornadas!

Terminei o mestrado e doutorado em cinco anos. Durante este período, fiz grandes amizades, agreguei pessoas e também colaborei com os meus orientadores. O professor Paulo Scherer dizia que eu orientava mais ele do que o contrário pois, cada artigo que obtinha, levava uma cópia para ele. Sempre falo que, ao retornar ao Rio de Janeiro, irei visitar a Rural! Foram momentos inesquecíveis!

Me movimentar no mundo da maneira autêntica “Celeste de ser”, me ajudou a construir uma História bonita de luta e sucesso. Toda a situação vivida do afastamento do LAP, dos quase cinco anos de pesquisa e trabalho sem local apropriado e das implicações que isto levou para a minha vida profissional, me motivou a progredir no cenário científico. Eu era mãe, mulher, poderia me acomodar, mas encontrei na dor a motivação para vencer e me tornar doutora.

1.2.1- Como Doutora Minha História Tomou Outro Rumo

Assim que voltei para a UEFS, as pessoas me incentivaram a retornar ao LAP, mas eu segui um caminho diferente. Meu retorno coincidiu com a inauguração de um novo prédio destinado aos laboratórios de pesquisa que chamamos de LaBio. Não chegou para mim nem sequer o convite para ocupar alguma destas salas. A luta pelo espaço físico na UEFS era grande.

Naquela época, quem estava na direção do departamento era o professor Francisco de Assis Ribeiro dos Santos, carinhosamente chamado de Chico. Fui até ele e coloquei a minha situação: deveria continuar minhas pesquisas e precisava de um local para estudar e manter a criação dos animais em cativeiro, que até então continuavam em espaços inadequados.

Como Chico estava transferindo para o prédio novo o Laboratório de Micromorfologia Vegetal- LAMIV, que coordenava, solicitei a sala que ele ocupava, com o referido laboratório. Estava uma disputa ferrenha, pois a universidade sempre teve dificuldade com espaço físico, mas por fim, verificando a importância de meu trabalho, concedeu a minha ocupação. Sou grata por este fato, até hoje!

Montei o Laboratório de Morfologia Comparada dos Vertebrados - o LAMVER, em fevereiro de 2003, na sala 13 do MT, destinado para o desenvolvimento de atividades de pesquisa com os *Amphisbaenia*, mantidos em cativeiro. Implantei uma nova linha zoológica na UEFS, que esteve sob minha coordenação até me aposentar. Com isso, retornei às atividades de professora de dedicação exclusiva, com meu espaço físico destinado à pesquisa, orientações, recepção de público estudantil e atividades de extensão, com diversos estagiários. Assim, o meu coração voltou a pulsar, no campus da UEFS!

No LAMVER, havia estagiários e estagiárias de vários cursos. Trabalhávamos em colaboração e independência. Sem mim, tudo corria bem. Todos tinham acesso aos materiais e era responsável pelo que acontecia ali dentro. Sempre estabeleci com eles uma relação dialógica e amorosa.

Nesse pequeno espaço, ocorreram vários projetos, especialmente voltados para a observação em cativeiro do comportamento de distintas espécies de *Amphisbaenia* da microrregião de Feira de Santana. Os trabalhos realizados no laboratório possibilitaram um conhecimento cada vez maior e mais preciso sobre a biologia desses animais de hábitos estritamente fossoriais. Esse fato dificultava as observações no campo e também as coletas desses inofensivos répteis.

Além do conhecimento destinado ao aprendizado de estudantes na universidade, desenvolvemos muitos projetos de divulgação científica, tendo como objetivo a formação da comunidade estudantil, a exemplo das atividades com as escolas da rede básica de ensino e as variadas reportagens de jornal, destinadas a todos os seguimentos da sociedade local.

Logo que montei o LAMVER, a universidade me cedeu um funcionário que me ajudava a tomar conta dos animais: Sr. Domingos Evangelista da Paixão, que foi um grande colaborador e ficou comigo até se aposentar. Ele foi treinado para cuidar dos *Amphisbaenia*. Chegamos a criar trinta e oito animais, sendo que um viveu por quatorze anos, no cativeiro. Seus cuidados com os mesmos eram impecáveis. As caixas viviam limpas, os animais bem alimentados, e não havia mal cheiro na sala. Quem lá entrava, ficava encantado de ver como mantínhamos aqueles animais no laboratório. Tivemos o prazer de acompanhar a postura e a eclosão de um ovo da espécie *A. vermicularis*, fato inédito, na época.

Quando o Sr. Domingos se aposentou, não conseguia dar conta de manter os *Amphisbaenia*. Os trabalhos diários de limpar e alimentar estes animais, me sobrecarregavam, em virtude das atividades docentes, tais como: ministrar aulas e orientar os alunos. Precisava de alguém para realizar as tarefas que ele fazia. Os alunos treinados ajudavam, mas possuíam outras atividades discentes. Dessa forma, fui à direção do DCBio, que não apresentou solução. Andei buscando um funcionário, em outros setores administrativos, na esperança de solucionar o problema, que era por demais específico.

Sem solução do problema, não nos restou outra saída senão a possibilidade de soltar os bichos, e assim o fizemos. Aos poucos, Sr. Domingos foi levando os animais para a natureza, e observando como os mesmos se comportavam. A liberdade dos animais foi um sucesso, contudo, muitos anos de pesquisa na universidade foram abruptamente encerrados, pois o comportamento animal deixou de ser observado.

Mesmo com todas as dificuldades, não me deixei vencer. Continuei trilhando a minha jornada, objetivando crescer dentro da universidade. Entre 2009 e 2010, fiz uma parceria com a professora Dra. Míriam Camargo Guarnieri, grande herpetóloga da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, com quem realizei o pós-doutorado.

Foi um sufoco conseguir me afastar da UEFS. Em reunião departamental, um professor, em desacordo com os demais colegas, pediu vista ao processo de minha liberação. Sem entender o motivo, sofri durante quinze dias, até chegar uma nova reunião, para a decisão do Conselho. Felizmente, o colega foi vencido pela maioria dos votos, e então pude obter a liberação para a realização do pós-doc. Fato este, que entreguei ao universo!

A realização do pós-doutorado representou uma experiência extraordinária. Com quase trinta anos de universidade e mais de cinco décadas de existência, me aventurei em ir para outro estado, para trilhar novos caminhos. Havia escutado muito sobre Míriam Guarnieri. Soube que ela trabalhava com a parte enzimática da peçonha de serpentes, com novas tecnologias desconhecidas para mim, e então me animei em contactá-la.

Nesse meio tempo, alguns estudantes oriundos da UFPE vieram para um congresso na UEFS, e fizeram um minicurso comigo. Conversamos sobre a minha intenção de ir a Recife, fato que culminou em minha ida. Lá, propus que estudássemos o segmento sexual

renal de *cascavella*, sob o ponto de vista da natureza química da sua secreção. Ela desconhecia o assunto, e acabou se interessando pela pesquisa.

Miriam achou a proposta do trabalho muito boa e queria ir mais adiante. Além de examinar a viabilidade da secreção sobre os espermatozoides dentro do trato das serpentes e ampliar para o grupo dos *Amphisbaenia*, ela sugeriu isolar as enzimas que compunham a secreção envolvidas no processo reprodutivo desses animais.

Fiquei apreensiva porque não entendia sobre bioquímica, mas ela me incentivou e sugeriu que pesquisássemos juntas. Meu trabalho foi levar o material, a literatura e todo meu conhecimento sobre a estrutura. Ela foi me ensinando passo a passo os procedimentos que tinha que fazer. Também tive o apoio de outros profissionais, que por lá estavam.

E assim fui aprendendo, tinham estagiários dela que estavam avançados com os processos e me ajudaram também. Havia procedimentos que não sabia fazer, pois tinha que extrair as proteínas do segmento sexual, e dominar aparelhos que não faziam parte do meu cotidiano na UEFS.

Permaneci em Recife um ano, levei os *Amphisbaenia* para proceder com o trabalho porque precisava de animal vivo para tirar a secreção e analisá-la. Valverde levou uma remessa e, um colega nosso levou outra para fazer o sacrifício por lá.

Na UFPE, havia um protocolo em que o sacrifício do animal teria de ser por eutanásia e só poderia ser realizado pelo pessoal de veterinária, que seguia rigorosamente a conduta vigente na universidade.

Eram três laboratórios envolvidos: algumas vezes tive de viajar porque um deles se situava em outra unidade da UFPE, em Vitória de Santo Antão, cidade no interior de Pernambuco, próximo a Recife. Lá, os equipamentos eram de primeira linha para realização da cromatografia eletrônica e vários outros experimentos. Substâncias muito caras, aparelhagens de ponta, coisa que não tinha na UEFS, pois eles estavam investindo em novas tecnologias.

Quando fomos testar a influência da secreção do segmento sexual na viabilidade dos espermatozoides, tornou-se tarefa difícil conseguir tirar os mesmos dos *Amphisbaenia*, até conseguimos, mas o material foi insuficiente. Saímos atrás de espermatozoide de peixe, cavalo, e de vários outros animais, sem obter resultados. Conseguimos comprar

sêmen de boi nas casas veterinárias e verificamos que a secreção contribuía com a viabilidade do espermatozoide por mais de seis horas, em contato com o estrato oriundo do tecido renal. Observamos que realmente havia algo naquela secreção que dava sustentação aos espermatozoides, deixando-os viáveis por mais tempo do que no controle.

Sabíamos pela literatura que havia uma substância denominada espermatesina, que desempenhava esse papel, em galo e em outras aves. Contudo, esse fato não tinha sido testado em laboratório com reptéis, como *Amphisbaenia*.

Em um ano, retornei para a UEFS. Míriam continuou com as pesquisas relacionadas às proteínas do segmento sexual renal de *Amphisbaena alba*, e *Caudisona durissa* associadas à fertilização. Apresentei lá o relatório técnico no final da pesquisa, e recebi o título de pós-doutorado. Mais uma conquista, em busca de conhecimento!

Paralelamente a este trabalho, minha orientadora começou a fazer esta mesma pesquisa com diversos animais, orientando outros alunos. Em conversa, ela me disse que eu tinha sido pioneira na UFPE, nesse campo do conhecimento. Ela acreditava que tinha alguma proteína que pudesse ajudar na infertilidade humana.

Quando voltei para UEFS, procurei apoio para dar continuidade com a pesquisa da parte proteica da secreção que estudei no pós-doutorado, mas constatamos que era uma pesquisa que precisava de muito investimento. E fomos deixando o tempo passar...

Por esse e outros motivos, poderia ter produzido muito mais. Tenho alguns trabalhos publicados que foram realizados em parceria com Duarte, outros que foram apresentados em eventos e três publicações internacionais. Entendo que a universidade apresentava seus problemas financeiros, de equipamentos e estrutura. Eu tive minhas limitações e não havia um grande número de colegas na área da Herpetologia para trabalhar comigo. Iniciei tudo sozinha. Além disso, reconstruir novos espaços e equipes requer investimentos nos novos grupos de animais, como no caso dos *Amphisbaenia*.

Sempre orientei os alunos que me procuraram, desde que a temática a ser desenvolvida fosse do meu domínio. Sinto que poderia ter tido mais trabalhos publicados, contudo desde quando aqui cheguei, me dediquei à Extensão, pelo cunho social que ela representa, no meio acadêmico. No laboratório, as portas estavam abertas para as pessoas que me procurassem, pois, para mim, o ser humano estava à frente de qualquer pesquisa que eu fizesse. Era o meu interesse que o conhecimento científico não fosse algo fechado, entre

os pares, e a relação de forma amorosa e dialógica com o alunado, me afastou um pouco da frieza com que a academia se comportava, quiçá ainda hoje...

No geral, me sinto realizada, pois dentro de mim não tinha nenhuma ambição de fazer ciência pura, para somente enriquecer o meu currículo. Colocar o guarda pó e achar que sou superior às outras pessoas, isso nunca foi de minha natureza. Acredito ter sido essencialmente educadora, movida pelo processo de disseminar o conhecimento científico e colaborar na formação humana e ética daqueles sob a minha responsabilidade. Acho que cheguei lá!

1.3- O CONHECIMENTO SÓ É VÁLIDO SE FOR PARA TODOS

A criação do Museu de Zoologia de Feira de Santana - MZFS, com a divisão de educação e a divulgação científica aberta ao público, foram para mim muito mais interessantes do que a pesquisa, pois lidavam diretamente com os seres humanos. As atividades de extensão relacionadas com o compartilhamento do conhecimento, e os possíveis diálogos entre os sujeitos, na formação de pessoas, apontavam caminhos mais enriquecedores e prazerosos.

Estive envolvida com atividades extensionistas desde quando entrei na universidade, em 1982, até meus últimos dias. Paralelo com a pesquisa e sala de aula, sempre me envolvi com a comunidade estudantil, dentro e fora da UEFS. Logo que cheguei na Universidade, participei do projeto de extensão multidepartamental, “Conhecer, Analisar e Transformar o Ensino na Região Rural – CAT”, na condição de professora responsável pela área das Ciências Biológicas, ficando por muitos anos, pelo importante trabalho que fazíamos nas escolas envolvidas neste projeto, em diversos municípios limítrofes a Feira de Santana. Constituíamos um grupo de professoras de vários campos do saber, em que divulgávamos o conhecimento científico para aquelas pessoas que não tinham acesso.

No início da carreira, pensei em preparar material para exposições didáticas, porque uma coisa que me incomodava era não ter material e local disponíveis, que servissem de referência para os diversos segmentos da sociedade local, que nos procuravam, a saber:

alunos, professores, curiosos, populares e interessados em conhecimento zoológico. Para eles, era uma decepção, pois a UEFS era a sede do conhecimento, no município. Dessa forma, em conversa com a professora Lúcia Menezes, começamos a montar o acervo didático e sonhávamos com a concretização de um grande museu, que recebesse o público em geral.

Assim, organizamos uma pequena coleção com os animais em álcool. Posteriormente, aprendi a fazer taxidermia, a montar esqueletos ligamentários e fui envolvendo os alunos nas aulas práticas, aproveitando todo o material também utilizado em outras disciplinas. Então, fomos criando um ambiente museológico, bem como a nossa coleção de referência, destinada à exposição para as escolas e a comunidade em geral. Estava aí iniciado o embrião da Divisão de Educação, Acervo Didático e Divulgação, do atual Museu de Zoologia – DEADD / MZFS.

Quando fui ao Butantan, em visita técnica, fiquei encantada com o museu e, principalmente, com a parte de osteologia. Então comecei a produzir peças ósseas, a exemplo de crânios e pós-crânios, nas minhas aulas, ainda com muita dificuldade e aprimorando com a prática. Buscava carcaça de animais nos centros de triagem, criados em cativeiro, sacrificados em outras aulas do curso. Por vezes, o animal estava incompleto, faltando osso, mas não me importava porque era didático. As informações contidas nas peças eram suficientes para que todos tivessem acesso a aquele conhecimento.

Após dez anos trabalhando com esse objetivo, fizemos uma grande exposição com um número significativo de visitantes. Fiquei muito feliz com tudo isso e, cada vez mais, me encantava com o trabalho. Além da pesquisa básica, no LAMVER, procurei estabelecer relação entre o conhecimento produzido e o ensino e a extensão. Desenvolvi ações de caráter didático, que contemplavam uma melhor formação não só dos estudantes do curso de Biologia, mas de outras áreas.

Passei a me envolver mais na extensão, na divulgação científica, me aproximei da etnozootologia, incentivada pelo professor Eraldo Medeiros, investigando o homem e sua relação / percepção dos animais, em especial dos *Amphisbaenia*. Isso para mim foi muito confortável, porque entendia a ciência como algo dialógico, acessível a todos e cujo papel social transformador alinhava com o meu perfil profissional e educacional.

As coleções osteológicas das diversas espécies de vertebrados, constituídas por esqueletos completos ou parciais, destinavam-se para empréstimo, consultas e doações às escolas. Com o auxílio de diversos estagiários talentosos e dedicados, criei terrários com réplicas de animais em gesso, mostrando ambientes em que os mesmos viviam. Desenvolvi muitas atividades para os alunos trabalharem em sala de aula na rede básica, porque não tínhamos apenas o curso de bacharelado, mas também de licenciatura, onde os discentes me procuravam para serem orientados, bem como utilizarem o acervo para os seus estágios.

Orientei muitos trabalhos sobre a percepção de professores e alunos das escolas acerca dos *Amphisbaenia* em comparação com os livros didáticos. Dentro do projeto que realizava no LAMVER, intitulado “Os *Amphisbaenia* no Estado da Bahia”, existiam vários outros subprojetos de extensão por mim orientados. Com isso, fiz muitas palestras e explicações tanto no contexto científico quanto no escolar, treinamento para a própria comunidade e para o pessoal de jardinagem da UEFS.

Desmitificar que os *Amphisbaenia*, popularmente conhecidos como “cobra de duas cabeças”, não são serpentes, não nos causam perigo, não possuem peçonha, nem têm duas cabeças, foi muito significativo para conscientizar a população e, como resultado deste trabalho de preservação desse pequeno grupo de répteis, desenvolvi uma cartilha informativa sobre a vida do animal, intitulada: “Nem cobra, nem duas cabeças: quem eu sou?: uma abordagem sobre os *Amphisbaenia*”, com uma linguagem que atende a estudantes, professores/as e demais leitores/as.

Confeccionamos a cartilha porque não existiam nos livros de ciências disponíveis na rede pública que a gente analisou, informações corretas sobre os *Amphisbaenia*. Os textos analisados possuíam informações equivocadas e insuficientes. Em acréscimo, verificamos que muitos professores desconheciam este grupo e o conhecimento que os alunos tinham era de origem familiar, através da comunicação oral com os pais e avós, principalmente agricultores. Daí a necessidade em produzirmos um material de apoio para os profissionais educacionais trabalharem estes conceitos, nas escolas.

Tal cartilha foi escrita por mim e ilustrada por Daniel de Jesus Ferreira, um aluno do curso de Desenho, que trabalhava com histórias em quadrinhos. Doamos a cartilha para as bibliotecas de algumas escolas, ofertamos a professores das redes estadual e municipal de

Feira de Santana, disponibilizamos para o Brasil inteiro na Internet. Os exemplares se encontram à venda, na livraria da UEFS.

Com o professor Eraldo Medeiros, contribuí com a construção de uma pequena coleção de animais peçonhentos em uma escola na Serra da Jiboia, em Santa Teresinha, e desenvolvi ações educativas que visavam estimular a preservação desses animais. Foi muito interessante essa parte de educação ambiental, de observação, conservação e preservação desenvolvida pelo grupo.

Nesse meio tempo, colaborei no Programa Interdisciplinar de Popularização da Ciência, no Observatório Astronômico Antares e, no Museu Antares de Ciência e Tecnologia, montando um espaço de exposição permanente, denominado “Espaço natureza”, cujo acervo era constituído de animais empalhados, esqueletos e réplicas de diversas espécies zoológicas. Desenvolvi por lá vários subprojetos de extensão com bolsistas.

Naquela época, a extensão era classificada como uma atividade secundária no nosso meio acadêmico, desenvolvida principalmente por professores do sexo feminino. Quando a extensão não era curricular, ouvi inúmeras vezes de colegas que o meu perfil se aproximava das práticas extensionistas. Hoje, os valores mudaram dentro da academia, e a extensão ocupou um papel protagonista junto aos educadores. Sobre isso, eu nunca tive dúvida! Defendia uma universidade onde ensino, pesquisa e extensão tivessem a mesma importância, pois as práticas educativas se completam e sempre acreditei que a pesquisa não pode estar desvinculada do existir. Ser mestre em sala de aula é também estar a serviço da sociedade local / regional.

Com o passar do tempo, e a obrigatoriedade da extensão no currículo, houve uma busca maior dos docentes por essa atividade, que sempre foi a minha preferência. Reitero que a prática científica hermética limita a divulgação do conhecimento para toda a sociedade. Perceber que eu podia auxiliar na ampliação e divulgação do saber para o ensino da zoologia, e que podia levar a informação para a comunidade que não tinha acesso à universidade, achava isso muito gratificante.

Me aposentei em plena atividade, apesar dos meus limites, aptidões e preferências. Toda a minha vida, transitei entre o ensino, a pesquisa e a extensão. Durante minha trajetória na universidade, desde as atividades com as serpentes na década de oitenta até a minha saída como coordenadora do Museu de Zoologia- MZFS, em 2018, dei muitas entrevistas

na TV local e nos programas de rádio. Cada trabalho realizado, a imprensa tomava conhecimento e se interessavam em reportar. Carinhosamente, ainda sou conhecida nesse meio como “a professora Celeste”. Nesse sentido, participei de uma edição do programa global “É o Bicho”, com outros colegas da UEFS. A temática abordada versou sobre a etnozootologia, e a minha fala se deu com o grupo de répteis *Amphisbaenia*, popularmente conhecidos como “cobras de duas cabeças”.

Hoje entendo que meus desejos da juventude se concretizaram. Terminei lidando com o ser humano, com o conhecimento, com a melhoria na vida das pessoas e da minha cidade, construí minha trajetória acadêmica transformando outras mentes, através das minhas condutas éticas e morais. Fiz ciência, ensinei, divulguei e transformei a vida daqueles que cruzaram o meu caminho. De uma coisa me orgulho: em momento algum violei os meus princípios!

1.4 - NA UNIVERSIDADE TINHA UM SONHO: REALIZEI

O Museu de Zoologia da UEFS existe desde 2005 com as coleções científicas. Com a DEADD / MZFS, em 2012, suas portas foram abertas para ações educativas e extensionistas, admitindo a interação com o público. Esse foi um projeto de vida dentro da universidade: começou em 1982 e se concretizou trinta anos depois com a participação e colaboração dos colegas. Vejo que todo aquele material que produzi em sala de aula, que fui guardando em meu laboratório impulsionou a sua consolidação.

A chegada de mais colegas na Zoologia contribuiu para que ganhássemos forças e garantiu a construção de um grande projeto, cujo objetivo era concentrar todas as coleções científicas em apenas um espaço. Havia uma ideia de que o prédio do Museu pudesse apenas abarcar o material científico destinados às pesquisas, isolando-o do público em geral. Como eu achava que a Ciência, apesar dos seus rigores, deve ser acessível a todos, logo batalhei para a inclusão de um espaço onde os conhecimentos ali produzidos fossem transmitidos a toda a comunidade estudantil, bem como ao público em geral. Museu deve ter as suas portas abertas!

Sugeri que tivéssemos, então, uma divisão de educação, uma coleção didática para a recepção ao público e foi muito difícil para convencer os colegas de que não poderíamos isolar nossos laboratórios, até porque a universidade é pública e não deveria ficar de portas fechadas. Se não houvesse uma ligação da sociedade com a universidade, principalmente com as escolas, não iria cumprir com o seu papel de museu. Sempre acreditei que a formação científica deve fazer parte da educação global do indivíduo, desde a sua infância.

Com muita garra, lutei para implantar a parte educacional do Museu. Este espaço se tornou a principal ponte entre a universidade, a sociedade e as escolas. Fui questionada, inúmeras vezes, devido às minhas convicções. Tenho certeza, entretanto, que a minha luta para que a UEFS tivesse um local educativo não foi em vão. Os frutos desse trabalho são vistos, na atualidade, e reconhecidos por toda a sociedade.

As dificuldades não só permearam o campo ideológico. Na ocasião de inauguração do prédio, tínhamos um projeto de colocar na sua entrada algumas lixeiras temáticas, com réplicas de animais que estão na linha de extinção, cuja proposta de educação ambiental para as escolas infantis era recepcionar o público de modo lúdico e educativo. Então procurei o setor administrativo responsável pela compra, que sem fazer rodeios, me disse não existir recursos naquele momento. Não me dei por vencida, e, após dois anos, conseguimos que a compra fosse realizada. Quem hoje vai ao Museu, também admira a originalidade das lixeiras!

Foi difícil inaugurar o Museu. O prédio estava pronto, fechado por muito tempo e os professores não tinham acesso. Como não sou de ficar parada, fui atrás dos responsáveis pelas chaves das respectivas salas, e, juntamente com um grupo de colegas, assumimos aquele local, nas condições que se encontravam, mesmo porque os espaços físicos no DCBio estavam cada vez mais escassos, bem como não aceitávamos o descaso com o dinheiro público. Vários colegas reconheceram o meu empenho. Assim que entramos, tivemos que fazer reformas, pois além das rachaduras, havia outros problemas devido ao desgaste natural do prédio, que ficou sem uso.

Uma vez acomodados no prédio, precisávamos fazer o estatuto e escolher a coordenação por eleição direta. Fui eleita a primeira coordenadora do Museu. Isso foi um acréscimo na minha História, pois, como professora já tinha sido homenageada inúmeras vezes. Esse foi um aspecto importante na minha carreira, e hoje me sinto realizada. Como cientista e

educadora, ver meu nome cravado na parede do Museu me trouxe uma imensa realização, sinto que toda a minha luta foi recompensada. Me dediquei muito às práticas educativas, e não deixei de apoiar e incentivar outras iniciativas alinhadas ao processo de formação científica dos indivíduos.

Durante a minha permanência na universidade, fui gestora do LAP, coordenadora da Área IV (Zoologia) por diversas vezes, implantei e coordenei o Laboratório de Morfologia Comparada dos Vertebrados - LAMVER e me tornei a primeira coordenadora do Museu de Zoologia com muito orgulho, amor e satisfação. Sempre contei com o auxílio de equipes muito boas. No museu, formamos um grupo com pessoas preparadas e comprometidas com a educação. A contratação da Museóloga Hozana de Barros Castro foi bastante significativa para nós, uma vez que tínhamos de conhecer não só o saber específico zoológico, mas o papel e as funções de um museu universitário, a sua legalização e proteção do acervo, bem como dos visitantes. Assim, ela se associou à DEADD – Divisão de Educação, Acervo Didático e Divulgação e, juntamente com Maria da Conceição Borges Gomes e Lyokelly Pinho Araújo, biólogas do museu e professoras da rede básica, tornaram-se responsáveis pela parte de recepção do público. Além disso, o colega Teo Veiga de Oliveira agregou os seus conhecimentos paleontológicos, constituindo-se o nosso braço direito, nas exposições permanentes. O espaço didático começou a ter o formato de coleções depois que Teo foi trabalhar conosco. Ele fazia modelagem de ossos e entendia muito bem a História evolutiva do planeta terra. Como é um especialista em fósseis, recebi todo o apoio para montar a exposição, resultando num trabalho belíssimo.

Como passei a ocupar uma sala no Museu, transportei os materiais produzidos no LAMVER, para constituir o acervo da Divisão de Educação, Acervo Didático e Divulgação- DEADD, espaço representado por duas salas: uma de exposição temporária e a outra permanente, aberta ao público para visitação. O projeto denominado “Educação não-formal no Museu de Zoologia da UEFS: divulgação e popularização do conhecimento científico zoológico”, iniciou as atividades educativas do DEADD, e, posteriormente foi transformado pela PROEX em um programa extensionista, conforme Resolução CONSEPE 072/2014. Sucesso total para a melhoria da qualidade do conhecimento zoológico, acessível a todos!

Tal programa se mantém por tempo indeterminado e reúne projetos tais como: “A inserção da educação não-formal no museu de zoologia da Universidade Estadual de Feira de Santana”; “Confecções de réplicas de material osteológico recente e fóssil para exposição no museu de zoologia da Universidade Estadual de Feira de Santana”; “O museu vai à escola: uma experiência de educação não-formal no município de Feira de Santana/BA”; e “A popularização da ciência na escola básica: ações didático-pedagógicas da UEFS nos espaços museais”.

No decorrer do tempo, foram asseguradas ações educativas permanentes nas dependências do museu e promovidas políticas de comunicação e relação dialógica entre o público e o espaço museal. Objetivamos a formação do espírito científico de estudantes e professores colaboradores, além de ofertarmos estágios para alunos do ensino médio e da graduação. As atividades ocorriam permanentemente tendo como interesse a disseminação do conhecimento científico zoológico e a melhoria do ensino no município de Feira de Santana e região.

Para desenvolver os trabalhos, seguimos as referências e leituras de Marta Marandino, muito conhecida na área da Educação não-formal, em museus. Essa forma de aprendizagem é pautada na troca de experiências sem as preocupações de cumprimento curricular ou a realização de avaliações, mas se constitui em uma orientação lógica com informação, em que o conhecimento é compartilhado e possível para todos. Eis aí o papel social do museu!

Recebíamos alunos/as das escolas feirenses e das cidades circunvizinhas, mediante agendamento prévio, e fazíamos questionários para que a garotada depois coletasse informações que tivessem uma relação com o que viam nas escolas com a educação formal. Tínhamos bolsistas da PROEX, para alunos de Biologia, a maioria de Licenciatura, que desenvolviam os projetos e ajudavam na divulgação junto as escolas. Lyokelly Pinho e Maria da Conceição, professoras do Estado e biólogas do Museu, eram responsáveis pela divulgação das ações praticadas e recepção do público estudantil.

Além da visitação do espaço, oferecíamos oficinas tanto para os alunos da rede básica quanto para os professores. O projeto intitulado “O museu vai à escola” participava das Feiras de Ciências das diversas instituições do ensino básico, ocasiões em que levávamos o nosso acervo didático, para as exposições. Nessas atividades, tínhamos sempre o apoio

dos alunos do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência - PIBID - que atrelavam suas ações ao projeto.

E assim, nestas atividades museais, fechei o ciclo na UEFS: me aposentei! Fico feliz em encerrar minha estadia na instituição fazendo o que acreditava, promover ações educativas de caráter coletivo a favor de uma universidade reconhecida como espaço onde o conhecimento científico zoológico produzido pode ser levado para todas as pessoas.

Durante todo este tempo em que estive em sala de aula, procurei uma linguagem capaz de transformar o conhecimento científico, acadêmico curricular, que é obrigatório das disciplinas, em algo que fosse mais compreensível e prazeroso. Foram várias estratégias que pudessem trazer uma formação melhor para os alunos, que transformassem aqueles/as jovens nos campos científico e humano.

A relação afetiva com os alunos era motivo de muitos julgamentos por colegas que adotavam uma postura mais fria e distante. Tratava todo mundo por igual, e, apesar das titulações acadêmicas (Mestrado, Doutorado e Pós-Doutorado), gostava mesmo era de ser chamada de “pró”. As minhas aulas transcorriam com muita tranquilidade e sinceridade. Nunca tive problemas de avaliações, de não cumprir o conteúdo, era sempre dentro de uma programação atendendo ao currículo. Sem ser autoritária, conseguia tudo, uma vez que acreditava em uma relação dialógica e amorosa, entre professor / aluno. Não faltavam palavras de incentivo para eles!

Dei aula na graduação durante toda minha estadia na universidade e no curso de especialização em Zoologia, ao longo dos anos. Construí uma relação de amizade, sem distância e conflitos de superioridade, com entrosamento entre uma pessoa mais experiente com o aprendiz. A minha docência humana e dialógica fez com que as inúmeras homenagens pudessem acontecer com frequência, durante toda a minha vida acadêmica. Essa é para mim uma parte do meu currículo da qual muito me orgulho!

Olhava para a docência como instrumento de transformação de minha realidade interiorana, baiana, feirense e, vejo hoje muitos alunos, desde os mais antigos aos mais recentes, que me consideram um exemplo de profissional, que se inspiram em minhas práticas. Desde o início não perdi o meu objetivo: servir as pessoas da minha terra e colaborar na formação dos discentes.

Em 2017, enquanto coordenadora do MZFS, dei entrada na minha aposentadoria e, em 2018, me aposentei. Cumpri todas as tarefas, fiz o que deveria ser feito e, quando tive de sair, ninguém acreditou. Estava ministrando aula prática no laboratório a manhã inteira, quando minha filha me ligou dizendo que eu era a mais nova aposentada da UEFS. Compartilhei a notícia com os/as alunos/as, que sentiram muito.

Como já me encontrava na Universidade, e à tarde, teria reunião do Conselho Departamental, resolvi ficar para me despedir dos meus colegas. Depois de trinta e seis anos colaborando na construção do curso de Ciências Biológicas, e sendo a segunda professora de Zoologia do DCBio, senti que a minha voz jamais poderia ser calada nesse momento tão importante de minha História: fiz uma homenagem para mim mesma, no *outdoor* da entrada da Universidade, com registros das principais experiências e amigos/as que muito significaram para minha jornada naquela instituição.

Olhando para minha trajetória como docente, sinto que cumpri minha missão, soube honrar meu nome até o fim. Não desviei de minha conduta e dentro das adversidades, elevei o espírito, construí um caminho e segui em frente. Tudo que vivi foi uma luta que me trouxe até onde cheguei.

Com garra e determinação, conquistei o meu espaço e, fui mais longe, possibilitando que outras mulheres, professoras e cientistas pudessem seguir o meu exemplo, de luta e oportunidade, para viverem melhor e mais livres. Na condição de interiorana, criada para casar, ter filhos, contribuí para mudar essa mentalidade reducionista em relação à figura da mulher, na minha região.

Durante todo esse tempo, não deixei de ser uma mulher de fé, de ir à missa, procurar uma igreja para me dar um suporte espiritual. Não vejo o universo só pelo ponto de vista científico, material. Reconheço a Ciência, cujo método é desvelar a natureza, mas acredito que exista uma subjetividade divina, que não é visível nem testável, contudo, sentida! No meu entendimento, matéria e espírito se complementam!

A caminhada se tornou mais leve porque recebi o apoio de um grande companheiro. Meu marido, Luiz Valverde, também se tornou professor do Estado, lecionou na Universidade Estadual da Bahia – UNEB, foi transferido para ensinar no mestrado da UEFS e, se aposentou na mesma época que eu. Me ajudou muito, pois entendia minhas necessidades profissionais e acadêmicas, por viver nesse meio. Ele sabia que minha trajetória era

importante e me incentivou em todos os momentos. Passamos por muitas situações, nos amamos e nos respeitamos, fatores importantes para estarmos unidos, até hoje.

Sou realizada com minha profissão e minha família. Tércia é pós-doutora e professora na UEFS, no curso de Letras; Tatiana se formou também em Letras e é escritora, com quatro livros publicados. Hoje sou muito feliz por saber que fui bem-sucedida como mulher, cientista, professora e mãe. Assim, com ética, autenticidade e perseverança, lutei muito e venci!

APÊNDICE C: HISTÓRIA TRANSCRIADA DA PROFESSORA CLEIDE MÉRCIA SOARES DA SILVA PEREIRA.

1- É MUITA HISTÓRIA QUE TENHO PARA CONTAR, VOU TE REVELANDO O QUE VEM NA MEMÓRIA

Sou a primeira filha de meus pais, baiana de nascimento, cheguei ao mundo em Vitória da Conquista, terceira maior cidade do Estado da Bahia, no dia vinte e oito de julho de mil novecentos e cinquenta e sete. Ano marcado pelo lançamento ao espaço do primeiro satélite artificial da terra pela União Soviética e quando se iniciava a construção de Brasília, nova Capital Federal do Brasil.

Quando estava para completar dois anos de idade a minha mãe Valdecir Soares da Silva teve varíola. Associado com a hemorragia pós-parto do meu segundo irmão não resistiu e chegou a falecer. Não tenho nenhuma lembrança dela e o pouco que sei sobre sua história é que tem origem em uma família simples.

Meu pai, Rogaciano Nascimento da Silva, também de família humilde, não concluiu nem o segundo grau, trabalhava fazendo joias e só mudou de profissão após o casamento. Para ele deveria ter condição de ser o provedor da casa, o que não seria possível sendo ourives. Foi auxiliar um dentista da cidade que garantia salário fixo, como antigamente havia dentista de formação prática, logo montou seu próprio consultório e trabalha até hoje com oitenta e sete anos. Ele teve mais dois filhos com minha mãe biológica, Claudio Robério Soares da Silva e Luiz Washington Soares da Silva que morreu com vinte oitos dias após o nascimento.

O meu primeiro ano de vida foi em Vitória da Conquista, depois mudamos para Iguaiá, também um município baiano onde meus dois irmãos nasceram e minha mãe faleceu. Posteriormente mudamos para Teófilo Otoni, Minas Gerais e só retornei para Bahia na época da graduação.

Painho casou novamente com outra mulher que consta em meu Registro de Nascimento e foi minha mãe a vida toda, o nome dela é Neusa Freitas Schettini, ela estudou até a oitava série em um convento e assim que saiu se casou e teve minha irmã Márcia Consuelo Schettini da Silva, que chamo carinhosamente de Marcinha.

Mainha, além de ser dona de casa, costurava e bordava a máquina. Ela me ensinou a costurar, alinhar, pregar botão, fazer bainha e a cozinhar, me preparando para ser dona de casa. Quando tinha catorze anos se separou de meu pai, voltou para Salvador onde a família toda morava e levou Marcinha, isso afetou minha vida e me emociono até hoje, é brincadeira que ainda choro ao lembrar deste episódio...

Como as moças de minha geração eram conduzidas para casar e cuidar da casa, passei, ainda na adolescência a fazer tarefas domésticas. Bordava pano de prato, fazia tricô, aqueles conjuntinhos de recém-nascido, hoje não sei nem pegar nas agulhas, perdi por completo a habilidade, era uma coisa que não gostava. Nós mulheres passamos a vida toda tendo que lutar contra uma imposição que nos é dada, tive que correr atrás de uma profissão, estudar para poder diluir um pouco isso, carreguei um fardo muito grande para assumir a dupla jornada de trabalho e alcançar uma parcial liberdade.

Meu pai até hoje acha que mulher nasceu para cuidar da casa e não gostava que minha mãe costurava e bordava para ganhar o dinheiro dela, também não queria que eu trabalhasse. Sua vontade era que casasse e fosse mãe, apenas! Dei um grande salto nessa libertação, mas ainda assim tenho este resquício muito forte dentro de mim, hora ou outra estou lá assumindo a postura de ser esta mulher que cuida da casa, da família e da profissão.

Fui entender mais tarde que minha mãe me ensinou e me educou para ser dona de casa e para painho isso era maravilhoso. Quando fazia comida, ele convidava os amigos para almoçar e eu ia para a cozinha. Mainha era um pouco mista nesta questão, me lembro que as vezes, meu irmão mais novo queria mandar em mim e Marcinha, mas ela não permitia e naquele momento, ainda menina, passei a entender que homem não mandava em tudo, né? Isso pode parecer que não tem nada a ver com minha profissão, mas tem sim, acredito que desde este período fui sendo construída para traçar um histórico de liderança nos espaços por onde passei.

Agora não sei se minha postura como líder foi uma questão de personalidade ou foi algo socialmente construído. Desde pequena fui dominante dentro de casa e por isso meu apelido era onça, por ser a braba! Quando não conseguia na afetividade, na paciência, conseguia falando alto e brigando. Aprendi que, às vezes, precisava ser valente para alcançar o que queria e a meiguice, a passividade, nem sempre levava a alcançar meus objetivos. Levei isso para minha vida!

Ao mesmo tempo que fui direcionada para uma vida doméstica, minha mãe também me estimulava a estudar para me dar bem na vida, ter uma profissão e uma vida menos difícil, mas nunca imaginamos que iria fazer Biologia, na verdade, nem sabíamos que existia essa profissão.

Hoje compreendo que tive, desde cedo, uma certa tendência a seguir essa área, sempre fui muito curiosa em relação a natureza, aos animais e as plantas. Vivia perguntando porque as folhas tinham formatos diferentes, acompanhava o caminhar das formigas até o formigueiro e colocava fogo. Queria ver o que ia acontecer! Via os tatuíras em minha residência, queria derrubar para pegar e olhar. Também me questionava porque as borboletas e os pássaros tinham cores e tamanhos diferentes, adorava tudo isso.

Minha casa era muito grande, com um quintal cercado de madeira e arame farpado, onde minha mãe fazia horta e plantava flores. Lá havia o pé de abiu, uma fruta deliciosa, o abacateiro, o pé de mamão e umbu, onde fazíamos gangorra e estava sempre em contato com a natureza. Lembro que cortava as frutas em todos os planos e ficava admirada que elas nasciam completas e só cresciam, até fiz um curso sobre isso em Educação Ambiental depois de um tempo.

Meu olhar investigativo era aguçado, tendo maiores preferências pelas disciplinas Matemática e Ciências no Ensino Fundamental. Quando fui para o Ensino Médio não tive Biologia, Física e Química, fiz Técnico em Contabilidade à noite porque queria sair de casa e o curso me dava condição de arranjar um trabalho, tanto que comecei a trabalhar no próprio colégio antes de me formar.

Como fui reprovada dois anos, por conta das brigas e separação de meus pais, quando terminei o Ensino Médio estava com vinte anos e decidi que iria morar em Salvador. Não quis mais ficar morando com meu pai. Morria de saudade de minha mãe e Marcinha porque painho me impediu de visitá-las por vários anos e como já era de maior, ele não tinha mais como me impedir. Por coincidência, recebemos a visita de uma prima, Maria Ferreira Saraiva de Girolamo, que fazia Universidade em Salvador, ela convenceu painho de que deveria morar com ela e estudar também.

Morei com Maria por seis meses no bairro Luiz Anselmo e fiz cursinho pré-vestibular no Nobel que ficava na Vitória. Só foi nesse período que passei a ter aula de Biologia, Física e Química. Pense que adorava e me dava bem com as três! Logo, com um tempo, minha

prima se mudou para Itabuna aí fui morar em um pensionato de moças, próximo do cursinho, depois disso fui para o Canela dividir apartamento com outras pessoas.

Passou pela minha cabeça fazer Odontologia para dar apoio moral e orgulho a meu pai, também era encantada com a profissão. Frequentava o consultório, pegava as próteses e brincava como se fosse a boca de um paciente, utilizava os mesmos instrumentos que painho manuseava nos procedimentos. Minha mãe também queria que fizesse Odontologia, já painho comprava livros, estudava muito e me mostrava como se tratava as partes do dente, mas não exigiu qual profissão deveria seguir.

O único ultimato de painho era que passasse em uma universidade pública, pelo fato de ser muito boa e também porque ele me mandou procurar o melhor cursinho que tivesse em Salvador, teria a obrigação de passar no vestibular. Ele disse que não iria pagar Universidade particular para mim.

Fiquei o ano inteiro com medo de não ser aprovada em Odontologia, porque tive pouco tempo de estudo da Química, Física e Biologia. Foi aí que pensei, como meu pai só iria me manter em Salvador se passasse no vestibular, decidi fazer Biologia, era mais garantido a aprovação. Com isso me aprofundaria mais na área e depois tentaria para Odontologia novamente.

Assim que começaram as aulas me mudei para o Canela, ia até a Universidade andando e como era de interior, andar para mim não foi problema. Depois de um tempo fui morar com minha mãe, na casa de minha vó, no Porto da Barra, ficamos lá até que conseguimos alugar um cantinho só para mim, minha mãe e Marcinha, em Nazaré.

Logo no primeiro semestre tivemos greve de estudantes que fechou a Universidade. Não tive uma formação política na minha vida familiar, nem no colégio, mas me agreguei com muita facilidade ao movimento, entrei nessa revirada volta, ia para as ruas com a estudantada. Estávamos atravessando o período da ditadura.

Quando a profissão de biólogo foi reconhecida por lei, era estudante e participei desta luta. No dia que o processo ia ser julgado, nós fizemos uma campanha nacional onde cada biólogo e estudante de Biologia enviaram um telegrama para os deputados da câmara e os senadores. Em três de setembro de 1979 a profissão que investiga a vida passou a ter respaldo legal, com a sanção de Lei Federal nº 6.684, depois disso já houveram algumas mudanças, mas tive participação nessa primeira fase.

Fizemos muita manifestação no Campo Grande. Como o movimento era muito forte, a Polícia Militar colocava cordas atravessadas para a gente cair. Sempre gostei de esporte, resolvi saltar a corda, tropecei e caí, o medo subiu para a cabeça, achei que iam me pegar, mas consegui levantar e dei outra carreira. Muita gente foi pega, teve amigos meus que pularam de viaduto, era uma loucura.

Com toda articulação dos estudantes, o semestre acabou sendo cancelado porque praticamente não tivemos aula por vários meses. No ano seguinte renovei a matrícula do curso de Biologia no segundo semestre, mas continuei no cursinho porque ainda pretendia fazer o vestibular para Odontologia, então abandonei várias disciplinas. Fiquei nessa vida entre a Universidade e o Cursinho até que 1981 entrei para valer na Biologia e decidi que iria seguir a profissão. O que me motivou a permanecer no curso foi que passei a ter aulas com professores e professoras que eram da área da biologia e aí que me apaixonei de um jeito que não quis mais saber de outra coisa.

Tinha a impressão que seria cientista, fiz Biologia com essa intenção. Quando os professores estavam retornando do mestrado e doutorado com aquela empolgação, foi fazendo com que gostasse mais. Ficava encantada quando falavam da pesquisa que desenvolveram, como tinham os passos, que na verdade era a metodologia, e chegavam em uma resposta. Isso foi o ponto chave que me fez tomar a Biologia como parte de minha vida.

Optei pelo bacharelado, pois queria fazer pesquisa, tinha este perfil e não queria ser professora, mas me colocaram para licenciatura e disseram que poderia fazer e se não quisesse dar aula poderia ser pesquisadora ou técnica. Com um tempo fui me encantando com o ato de ensinar e vendo que poderia ser uma boa profissional em sala de aula. Lembro que declarei que seria professora quando fui para prova final de uma das Zoologias, em que era exigido da gente que soubesse os nomes dos animais até a espécie. Acabei perdendo. Nessa situação falei que este erro não iria cometer com meus alunos, nada contra ao Ensino Médio, mas já pensava em ensinar em Universidade.

O Instituto de Biologia estava capacitando o quadro docente, com isso os professores em todas as áreas, Genética, Botânica, Zoologia e Ecologia estavam se afastando para as pós-graduação. Só para você ter uma ideia, quatro das cinco Botânicas foram ofertadas pela mesma professora porque os outros estavam afastados. Embora tenha sido a melhor aluna

nesta área, me apaixonei mesmo pelas Zoologias e Ecologia, quando chegou na Fisiologia, em meu último ano, foi que descobri o que queria e passei a fazer pesquisa.

Ai que digo onde está a minha fragilidade na produção do conhecimento, não definia do que gostava, sem pensar que os professores que estavam chegando do doutorado e desenvolvendo pesquisa só queriam pessoas que eram nota máxima, SS e fui uma aluna mediana MS. Passei o curso praticamente todo sem fazer iniciação científica, até porque os espaços científicos não eram para todo mundo, o acesso era difícil, tinham poucas vagas, então nem me submetia aos processos porque quando via a concorrência sabia que não seria selecionada.

Eu não era a aluna excelente que queriam como estagiária. Quando não gostava do professor eu deixava de ir para as aulas, achava que estava perdendo tempo. Para me formar, cursei várias disciplinas extras no último semestre, quando fiz a Fisiologia Animal I com a professora Maria da Glória Sampaio Gomes, a quem tenho uma admiração muito grande e chamo carinhosamente de Glorinha. Além de ter uma excelente professora, a Fisiologia tem relação com Zoologia, Biofísica, Bioquímica e hoje com a Biologia Celular que não tinha em minha época. Me apaixonei tanto que peguei a Fisiologia Humana como aluna especial depois de formada e segui essa área como professora até me aposentar.

Fui conversar com Glorinha, ela não tinha vaga de estágio, mas fiquei como estagiária voluntária no mesmo laboratório com a professora de Fisiologia II, Gislaine Vieira dos Santos. Também fazia parte da equipe a docente Angélica Maria Araújo Correa, o laboratório era liderado só por mulheres, na verdade a maioria da minha turma era de garotas e nós tínhamos mais professoras também, os homens eram bem poucos, então digo que a Biologia na Bahia teve um pioneirismo feminino.

Minha parte no trabalho era estudar o teor de cálcio no tegumento do Camarão Amazônico, um tecido muito duro, com isso, os cortes não saíam muito bons. Como Glorinha, Gislaine e Angélica fizeram o mestrado e doutorado na Universidade de São Paulo – USP e tinham bastante aproximação com a instituição, conseguiram um estágio lá de um mês. Fui com elas e estagiei no Laboratório de Histologia, aprendi como amaciar o tegumento e fazer cortes perfeitos, voltei satisfeita, minhas lâminas saíam maravilhosas. As professoras se encantaram comigo por dominar a técnica que facilitou muito nosso trabalho. Me formei e continuei estagiando, queria muito me especializar na relação

planta animal, mas o único professor que trabalhava nesse sentido se limitava a Sistemática e não queria.

Os estágios externos também eram muito difíceis, teve uma certa vez que tentei na Empresa Baiana de Água e Saneamento - EMBASA, era bastante cobiçado porque pagava bolsa e oferecia oportunidade de aprender bastante coisa, por ser uma área ampla. Não consegui porque recebia cantadas durante o processo de seleção e não cedi aos assédios, isso contribuiu para que não fosse vitoriosa no pleito e depois fiquei sabendo de algumas coisas.

Estagiei um ano e meio no laboratório técnico da polícia civil, porque minha mãe trabalhava no Instituto Médico Legal Nina Rodrigues e conseguiu para mim. Lá passei por diversos laboratórios, foi um período de muito aprendizado e ganhava um salário mínimo como bolsa. Para mim foi muito bom.

Depois que completei este estágio, fui indicada para trabalhar no Instituto de Hematologia da Bahia, que pertencia a Hélio Ramos, professor de medicina na UFBA. Fiquei responsável pela sorologia, foi na época em que a AIDS começou, todo dia fazia os testes nas amostras de sagues que eram doados nos Hospitais Português e Espanhol. Essa foi uma grande experiência, mais evoluída e de maior responsabilidade, comecei estagiando no último ano de faculdade e quando me graduei assinaram minha carteira.

Fiz o meu primeiro vestibular na Universidade Federal da Bahia – UFBA em 1979 e obtive êxito. Na época o resultado era divulgado nas rádios, TV local e nos jornais impressos. Me lembro que minha mãe ficou com rádio ligado o dia todo, entrei no quarto e me tranquei com medo de ser reprovada. Quando saiu meu nome, minha mãe batia na porta do quarto e gritava que a filha dela seria Bióloga, que tinha passado na UFBA, foi um dos dias mais felizes. Ela ligava para todo mundo.

A doutora Lúcia Ramos, esposa de Hélio, de vez em quando me pedia para substituí-la e dar aulas de Hematologia no curso de enfermagem da Universidade Católica de Salvador - UCSal. Ensinei lá uns seis meses, eram aulas práticas, inicialmente, depois peguei algumas teóricas, essa foi minha primeira experiência docente no nível superior e me ajudou muito.

Com todas as adversidades que vivi na Universidade, consegui concluir em 1985, levei seis anos para me formar, tive muita dificuldade nos termos biológicos e na linguagem.

Eram nomes muito difíceis para quem não tinha estudado na formação inicial. E a dificuldade maior foi na Fisiologia, pois não tinham muitos livros nacionais sobre a disciplina, me obrigando a enveredar para o espanhol e estudar com o dicionário do lado.

Nessa jornada na UFBA fui contemporânea de várias pessoas que depois se tornaram colegas de trabalho na UEFS, como Luciano Paganucci de Queiroz e Francisco de Assis Ribeiro dos Santos, ambos entraram no curso antes de mim. Já Dalva Nazaré Ornelas França e Carlos Costa Bichara Filho, fizeram aula comigo, eram da mesma turma. Toda experiência adquirida ao logo de minha graduação me conduziram a oportunidade de me tornar professora universitária e colega de trabalho dessas pessoas.

1.1- FOI DIFÍCIL CONCILIAR FAMÍLIA, TRABALHO E CARREIRA ACADÊMICA, TIVE QUE FAZER ESCOLHAS

Quando me formei, continuei estagiando com as meninas da fisiologia e elas me falaram de uma vaga temporária que ia surgir na Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS, achavam que era uma boa tentar essa seleção, já que tinha a veia voltada para a pesquisa e que levava jeito para ensinar. Concorri com mais sete pessoas, na prova didática e entrevista. Fui aprovada e tive a oportunidade de ser professora bolsista em 1986. Poucos meses depois fui convidada para dar aula na UFBA também, substituindo Angélica Correa que se afastou por licença maternidade e surgiu aí a possibilidade de me efetivar só que seria para atuar na zoologia. Não aceitei porque não tinha interesse pela área.

Na primeira aula que dei na UEFS minha mão gelava, eram pessoas mais velhas e a maioria professores do estado que possuíam outras graduações e estavam fazendo Licenciatura em Biologia para conseguir progressão na carreira. Gizélia Vieira do Santos era a diretora do Departamento e eu só a conhecia de vista pois ela é irmã da minha eterna orientadora, Gislaine Vieira. Meu contato com ela na universidade foi um tanto inusitado! Terminei minha primeira aula faltando quinze minutos e Gizélia me chamou a atenção,

pense na situação, me deu um frio na barriga, daí fui conhecendo bem a professora e gestora que me ensinou muita coisa e a quem sou bastante grata.

No início de minha carreira, logo que comecei a dar aula na UEFS, passei por um processo que não julguei como importante, exatamente pela banalização dada pela sociedade, mas hoje entendo que foi um assédio sexual que sofri e fiquei muito envergonhada.

Tinha um colega, ele era um senhor forte, imponente, brincalhão e sisudo ao mesmo tempo, é daqueles homens que sabe inibir a outra pessoa quando está com a fala em um debate, minha questão não é essa, só para você entender como ele era.

Em um certo tempo começou a me paquerar em forma de brincadeiras, quando ia para o ônibus que transportava os professores para Salvador, sentava a meu lado, dizia que ficava observando como era minha respiração, vendo como meus seios se comportavam, sempre me afastava e dizia que era noiva. Ele não respeitava, começou com umas coisinhas mais leves e o resto não gostaria de falar. Claro que não foi difícil descobrir meu telefone, ligava para casa constantemente, mainha atendia e queria saber quem era aquele homem que me procurava com tanta frequência.

Um dia estava na cantina, a gente foi tomar café da manhã e ele falou uma frase meio longa com tantos palavrões do sexo explícito que fiquei gelada de cima a baixo, não conseguia falar nada e nem me mexer, peguei o café e não tive condição de ir para mesa onde ele estava com os demais professores, fiquei no balcão e não olhei mais para ele.

São estas coisas que somos obrigadas a passar, que modelam nosso percurso, muitas vezes de maneira tão sutil que para outras pessoas parecem inexistentes. Isso não chegou a me deixar marcas profundas, mas me fez distanciar dele, a partir daquele dia passei a só o cumprimentar por educação.

Convivi com este homem por algum tempo e compartilhei os mesmos espaços porque logo que acabou meu período como professora bolsista em 1987, surgiu o concurso para a área da fisiologia e fui aprovada, então continuei sendo colega de profissão dele.

Foram só duas candidatas que concorreram a vaga, nesse período estava morando na casa de minha avó. Ela determinava que precisaria ser dona de casa e fazer as tarefas domésticas antes de estudar, era uma dificuldade muito grande auxiliar as duas coisas.

Como namorava com José Pereira Filho, mainha deixou que estudasse na casa dele, assim tive mais tempo e tranquilidade, não fazia outra coisa, só estudava.

Não tinha todos os livros de fisiologia para me preparar, pedi emprestado às professoras da UFBA, foi uma luta danada, emagreci bastante nesse processo, mas valeu a pena. Quando saiu o resultado mainha chorou feito criança, minhas professoras ficaram felizes e realizadas com meu sucesso e lembro que muita gente me perguntava quem havia me colocado lá dentro, mas não conhecia ninguém, entrei pelos meus esforços e isso é maravilhoso.

Para você ter ideia de como era o departamento de biologia, tínhamos só uma sala de pesquisa que estava se iniciando, o LAP, coordenado pela professora Celeste Costa Valverde. Além disso, possuíamos um herbário, o biotério administrado pelo professor Orlando Bastos de Meneses e o resto eram salas para aulas teóricas e laboratórios práticos. Todas as áreas de conhecimento e a secretaria do departamento se localizavam onde hoje é o colegiado, o que agora é a sala da bioética era a reprografia da universidade e a direção é onde sempre foi. Nesse período, parte da administração da universidade e a biblioteca central eram no módulo um, tomado pelo curso de biologia atualmente.

Não só os espaços eram bem reduzidos, as condições para fazer pesquisa também eram bastante precárias, mas comecei um trabalho com minhas antigas professoras e então colegas de profissão. Foi um projeto que envolvia o departamento de biologia e o de tecnologia em uma parceria entre o Departamento Nacional de Obras Contra as Secas – DNOCS, a UEFS e a UFBA na liderança.

Ficava dois dias na UEFS dando aula e três na UFBA fazendo a pesquisa, na parte laboratorial, tentando descobrir os motivos que levaram a falta de crescimento do camarão de Itiuba. Participava do estudo sobre o desenvolvimento biológico destes animais e da educação ambiental com os pescadores do açude Jacurici. Foi maravilhoso, aprendi muita coisa tanto em termos teóricos como práticos, principalmente um conhecimento que não estão nos livros, mas no discurso de quem trabalhava com os camarões no dia-a-dia.

Com esse projeto conseguimos comprar equipamentos para cada instituição e chegar a algumas hipóteses, mas depois a UEFS não pode manter o carro e o trabalho não teve como continuar. Me distanciei da atuação na pesquisa e do laboratório de fisiologia na UFBA, passando a assumir funções dentro da instituição que lecionava.

Como vinha me destacando dentro da universidade, tive vários estímulos para sair e fazer a pós-graduação, para você ter ideia, até o diretor do departamento me chamou na sala da diretoria e me falou que deveria me afastar para complementar minha formação. Ele dizia que tinha jeito para gestão, deveria escolher uma boa universidade e dedicar como fiz para o concurso.

Mas a coisa não é tão simples, vou te falar das minhas dificuldades e porque não fiz logo a carreira acadêmica, nesse sentido. Pensava na possibilidade de fazer a pós-graduação, mas só tinha o que queria na USP e não enfrentei porque cidade grande me apavorava e morria de medo de metrô. Além disso, estava a algum tempo namorando Pereira e queria oficializar matrimônio, muita gente achava que deveria deixar casamento para depois, inclusive o diretor do departamento me disse, uma certa vez, para não casar.

Imagine, naquela época eram quatro anos de mestrado e quatro de doutorado e ainda a prorrogação de um ano nos dois cursos, não tinha condição de esperar este tempo todo. Minhas professoras orientadoras da UFBA também me deram esse conselho, elas queriam que entrasse na pós-graduação logo que me formei porque era solteira, não tinha filhos e diziam que isso atrapalhava muito.

Não segui o conselho delas, até porque Glorinha era casada, fez mestrado com uma filha e terminou o doutorado parindo outro filho, Gislaine era noiva e Angélica casada. Não quis mesmo passar dez anos esperando para casar, elas fizeram assim, decidi que faria na mesma condição, mas acabou não rolou, a vida me obrigou a fazer escolhas.

Me casei em dezembro de 1988 e meu plano com Pereira era ficar cinco anos sem ter filho para poder arrumar nossas vidas, só que acabei engravidando de minha primeira filha, antes de um ano de casada ela nasceu. Imagine, uma professora de fisiologia que conhece muito bem esse ciclo, como todo processo funciona, fico pensando o que foi que aconteceu para que engravidasse, tinha tomado todas as providências. Só sei que em 1989 chegou minha filhinha, Ane Sarita Silva Pereira para mudar meus planos, tudo muda na vida de uma mulher depois que chagam os filhos.

Morava em salvador, trabalhei até a véspera do parto nesse sobe e desce entre cidades, depois de parida fiquei em licença maternidade por quatro meses. Quando fez um mês que Ane nasceu, arrumei uma babá maravilhosa, Maria do Socorro, e aí vou te falar uma coisa que hoje acho até graça. Ela estava com a bebê chamando de filha, isso me deu um

nervoso, para você ver como a gente é construída para assumir a maternidade compulsiva, depois pensei bem e entendi que não havia problema algum.

Maria era muito simpática, zelosa em tudo e cozinhava muito bem, passou a tomar quase toda a responsabilidade da casa e de minha filha no período que ia trabalhar, de segunda à sexta. Saía 5:30 e só chegava 20:10. Quando estava na UEFS me preocupava só com o trabalho, porque sabia que minha casa estava em boas mãos e que qualquer coisa Pereira estaria em Salvador, só em caso de doença que fosse mais grave não tinha outro jeito, deixava de trabalhar.

Ane cobrava demais minha atenção, quando ela fez oito meses se intensificou porque passei a ficar mais tempo longe de casa. Decidi que não sairia para outro estado por conta do mestrado, mas que faria o curso de Especialização em Metodologia Ensino Superior Pesquisa Aplicada Saúde na UEFS mesmo. Como a universidade só havia essa especialização, resolvi fazer e lhe digo uma coisa, a gente faz licenciatura que não prepara para ser professor em nível superior, por isso fiz este curso, e também porque tinha acréscimo no salário.

As aulas eram ofertadas a cada quinze dias o final de semana inteiro, sexta-feira à tarde, sábado o dia todo e domingo pela manhã, com isso dormia dois dias fora de casa. O contato com Ane diminuiu, sofria por ela e entedia quando a resposta era demonstrada em forma de rebeldia. Em uma certa vez, me encheu de tapas no rosto, me bateu nos dois lados, deixei e a enchi de beijos, sabia que estava reclamando pela falta que sentia de mim.

Era doloroso ficar distante de Ane e saber que era responsável pelo seu sofrimento, mas tive que fazer escolhas o tempo todo, muitas delas foram avassaladoras. Estava na especialização para me aperfeiçoar como profissional, melhorar meu salário e para dar mais conforto para minha filha.

Ane buscou uma estratégia para ter a minha atenção, quando entrou para escola só fazia as tarefas comigo, assim que chegava em casa à noite ela já estava na mesa com o caderno aberto no lugar que tinha que fazer a atividade escolar. Ela era extremamente determinada em minha cobrança, embora fosse cansativo, entedia que precisava de mim.

Como sempre fui muito focada no trabalho, lembro que das poucas vezes que precisei me ausentar, uma delas foi quando Ane teve princípio de pneumonia que descobri muito

encima da hora. Ela vinha gripada, o pediatra pediu o raio x com urgência, só que ele não analisou, a assistente que viu o exame e disse que era só uma virose, que estava tudo bem com minha filha.

Ane não melhorou e continuou com um ciclo de febre todos os dias no mesmo horário, até esse momento continuei indo todos os dias para a UEFS, teve uma noite quando cheguei em casa, ela estava um fiasco, foi quando determinei que não iria para universidade.

Levei minha filha para o melhor pediatra que tinha em Salvador, ele falou que ela iria morrer porque não é todo médico que consegue enxergar a pneumonia intersticial, o problema inflamatório estava entre os espaços dos tecidos. Aí não aguentei, chorei muito e não tem como não chorar agora tendo que reviver tudo isso através das lembranças.

Em 1993 minha segunda filha, Claudia Lysle Silva Pereira, nasceu sem ser planejada como a primeira, Maria assumiu a responsabilidade de cuidar dela também, para falar a verdade, passei muitos anos sem férias, até passear com as meninas era a babá que ia. Ela que levava para o ballet, saía para parque, quando estavam maiorzinhas ia com elas para shows, não canso de dizer que Maria foi muito importante nas nossas vidas e minha salvação, trabalhou comigo durante quatorze anos e meio, não sei o que faria sem essa ajuda.

Com as duas meninas as atribuições maternas duplicaram, eu quem era responsável em levar ao médico, mesmo o pai trabalhando em Salvador, levava as meninas pela manhã, depois ia para UEFS no mesmo dia, quando não tinha condições faltava no trabalho. Na escola a mesma coisa, reunião de pais, preocupação com notas era comigo, as vezes Pereira ia junto, mas quase sempre eu ia só.

Claudinha também teve um problema de saúde que a gente não diagnosticava e fui obrigada a me afastar mais uma vez do trabalho, por isso que digo que carreguei grandes responsabilidades na criação das filhas. Ela estava tendo febres altas, constantes, teve um momento que me desesperei porque em um minuto chegou a quarenta e dois graus de febre e o remédio não estava conseguido baixar a temperatura.

Nesse período estava como diretora do departamento, faltei sete dias e o professor José Bichara, que era meu vice, tomou conta das minhas atividades, tudo que dependia só de

mim a gente resolvia por telefone ou acertava com a secretária porque os processos não podiam parar.

Sempre que tinha problemas com as meninas eu quem faltava no trabalho e o pai continuava trabalhando normalmente, então isso aí já traz para nós mulheres esta responsabilidade, porque você é mãe cuida melhor, essa ideia a gente tem construído socialmente. Tinha auxiliar para as atividades domésticas, mas eu quem era responsável pela criação das filhas e organização do lar.

Mesmo diante de todos meus esforços, meu marido dizia que eu me dedicava tanto a UEFS que deixava a família e a casa em segundo plano, se isso é verdade não sei, achava que não. Como ele trabalhava no Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial SENAI em Salvador e tínhamos casa lá, passei mais de dez anos trabalhando todos os dias em outra cidade e isso, de uma certa forma, tomava muito meu tempo. Mas eu dava meu jeito, me desdobrava para cumprir minhas obrigações de mãe e esposa, além de pensar em pesquisa, lecionar e gerir espaços na universidade.

De outro lado sofria as exigências da administração superior da UEFS, pois na resolução diz que os professores para exercerem cargos comissionados ou eletivos deveriam residir preferencialmente em Feira de Santana, com isso, era sempre estimulada a mudar, mas como não era obrigatório e por conta da família, não mudava.

Depois de dezessete anos de vínculo no SENAI, Pereira foi demitido. A empresa fez três engenharias de pessoal e na terceira rodada ele saiu, foi aí que falei, já que não estava mais no trabalho, não tinha nada que nos impedissem de morar em Feira de Santana e foi o que fizemos.

Quando mudamos em 1998, as coisas melhoraram um pouco, senti que havia menos cobrança por parte das meninas, passava mais tempo em casa, sem pensar que tinha condição de estar mais presente nas atividades delas. Por outro lado, Pereira ficou desempregado e após algum tempo foi chamado para trabalhar na prefeitura de Juazeiro, foram quatro anos vindo a cada quinze dias para casa. Por mais que ele fosse menos ocupado das responsabilidades na criação das meninas tinha ao menos a atenção de pai, nesse período para mim foi muito mais difícil, porque ele não estava era de jeito nenhum.

Embora houvessem as cobranças, Pereira nunca interferiu em nada do meu trabalho, nem na maneira que assistia as meninas para suprir minha ausência, até porque fui muito

autônoma, nunca permiti que ninguém intervisse em minha vida. Por mais que tenha o maior afeto por meu marido, ele não tem nenhum domínio sobre mim, o que quero fazer, faço como e quando quero. Ele diz que sou teimosa, digo que sou determinada e autônoma, isso tenho desde pequena e acredito que foi de onde tirei as forças para construir minha trajetória.

Sou uma mulher, mãe, professora e gestora realizada, passei por problemas, tive que fazer escolhas, abdiquei de um lado para ganhar de outro e assim construí uma história bonita de sucesso, tenho duas filhas lindas, uma formada em direito e outra concluindo medicina e conquistei tudo que foi possível na universidade.

1.2- COM RELAÇÃO A LIDERANÇA, ACREDITO QUE TENHO UMA GRANDE HISTÓRIA

Logo que entrei na universidade me tornei coordenadora dos laboratórios práticos da biologia, isso à menos de um ano de efetivada, achava que tinham pessoas muito mais preparadas, mas, como fui indicada pelo conselho departamental, não podia rejeitar. Entrei com o pedido de dedicação exclusiva orientado pelo diretor do departamento Joaquim Pondé Filho, que havia acabado de se eleger, substituindo a professora Gizélia Vieira, a autorização saiu muito rápido por conta do posto que assumia.

Uma das minhas primeiras atribuições foi a mudança do layout do ambiente, também tirei o que era inflamável para diminuir risco de acidente. Alguns professores não gostaram, foi meu primeiro embate como líder, mas depois se acostumaram com minha liderança, porque buscava saber quais eram as dificuldades de cada professor e lutava por tudo que era necessário para terem melhores condições.

Não era um trabalho gratificado, porque quem me nomeou foi Joaquim e como diretor não tinha o poder de indicar cargos remunerados, quando ele se tornou vice-reitor, passei a receber por este serviço. Continuei exercendo a mesma função só que mudou o nome de coordenadora para subgerente, fiquei ao todo de 1987 a 1992, mas só fui remunerada nos últimos anos.

Nesse período havia acabado de implantar o projeto para a licenciatura plena em ciências biológicas, assim foi aos poucos findando a licenciatura curta com habilitação em biologia e matemática até concluir a última turma. Com o novo curso foi instalado um pró-colegiado de duração de dois anos, necessário para seu reconhecimento pelo Ministério da Educação –MEC, naquela época ainda não era o Conselho Estadual de Educação da Bahia – CEE/BA que fazia isso, mudou depois.

A diretora do departamento, Iraci Gomes Bonfim, sucessora de Joaquim filho, havia conversado com vários colegas e sugeriram que eu assumisse a coordenação do colegiado, já que tinha experiência como subgerente dos laboratórios e era a então coordenadora da área IV, que abrangia a zoologia e fisiologia. Me senti completamente insegura, tinha que fazer todo projeto do curso para poder encaminhar para Brasília e era muito nova na universidade.

Diante de minha insegurança, convenci Iraci e demais colegas que a pessoa mais indicada para assumir o cargo, naquele momento, era Gizélia Vieira. Ela foi a primeira diretora do departamento, a primeira coordenadora da licenciatura em ciências com habilitação em biologia e matemática, foi protagonista na implantação da licenciatura plena, achava que ela tinha mais capacidade, de verdade, para contribuir com essa etapa de reconhecimento do novo curso que estava em andamento.

O grande impasse era que Gizélia estava afastada para o mestrado, tinha voltado, mas não havia entregue a dissertação, no fim fomos convencidas dela ficar como coordenadora e eu como vice de 1991 a 1993. Gizélia continuou fazendo a dissertação, aparecia em caso de extrema necessidade, quando tinha reunião, por exemplo, e fui assumindo as atribuições exigidas, escrevendo os processos sob sua orientação por um tempo, depois ela assumiu definitivamente a coordenação no assento e na atuação.

Falando nessa experiência, tive uma grande decepção, quando chegou a portaria da eleição só aparecia quem era a coordenadora, não falava da vice, tanto que nem coloquei no currículo. Fiquei numa tristeza tão grande, a gente trabalhava juntas, discutia as propostas, a chapa foi escrita completa com as pessoas envolvidas, mas a portaria não saiu meu nome. Depois fui entender que em tudo na universidade vice é eventual substituto, na ausência do titular, não é obrigatório participar efetivamente, mas me envolvi em tudo.

Nessa primeira atuação no colegiado foi muito desgastante, fiquei paralelamente com a subgerência dos laboratórios e na coordenação de área. Era tudo muito novo, não sabia direito como as coisas funcionavam, mas fui me envolvendo e passando a entender melhor como a universidade se organizava para além da sala de aula e dos laboratórios prático. Algo bastante positivo com essa experiência para mim e para o curso é que com a implantação da licenciatura nos aproximamos de outros departamentos e corpos docentes que antes a gente não lidava.

Me ausentei do colegiado em 1993 para dirigir o departamento e depois retornei como coordenadora em 1997, por dois mandatos, ficando até 2001. Essa segunda vivência foi bem diferente, já havia adquirido maturidade para assumir a coordenação e gerir no nome e na atuação.

Quando estava na coordenação, ficava na universidade o mês de janeiro todo, porque tinha muita demanda da matrícula, e orientação aos alunos, quando estava no departamento tinha a questão de orçamento e aquisição. Como estive muito tempo nestes dois espaços, não tirei férias por um longo período.

Não queria e achava que não deveria deixar o secretário sozinho, responsável por tudo, também não era justo deixar o vice, que dava mais aula que eu o ano inteiro, assumir essa responsabilidade. Teve até um certo período em que vendia dez dias das férias, muita gente fazia isso, mas depois se mandavam e eu continuava em plena atividade o mês todo. Naquele momento a gente entedia que férias era coletiva, de um tempo para cá mudou e ficou muito claro que a gente pode sair em qualquer época do ano, isso facilita a vida de quem está no colegiado ou na direção.

Não saberia responder se é melhor ser coordenadora do colegiado ou diretora do departamento, são dois mundos completamente diferentes. O departamento é responsável por um corpo docente que vem atender as necessidades do curso, providenciar meios que os professores desenvolvam seus projetos de pesquisa e extensão e condições de ensino na sala de aula.

No colegiado se tem de tudo, é de responsabilidade da coordenação pensar e fazer acontecer o currículo e pedir ao departamento as condições de oferta para que fosse atendido dentro da sua integridade. Além disso, no colegiado tinha uma preocupação

particularmente de proteger o professor em relação a carga horária mínima de aula mensal, que deveria ser de acordo ao seu regime de trabalho.

A delicadeza na coordenação do colegiado é que tive que trabalhar com duas categorias, discente e docente. Embora não fosse fiscal, o regimento determina que o colegiado tem a função de fiscalizar, acompanhar, o andamento do aluno no curso e até mesmo denunciar a falta de empenho de determinados colegas para a direção do departamento.

Enfrentei alguns problemas em relação a isso, professor que faltava muito e não justificava e que não dava a aula na carga horária correta. Os alunos encaminhavam informações oficiais do que estava acontecendo para o colegiado, deveria fazer meramente uma correspondência e entregar na direção, mas achava que tinha que conversar diretamente com quem estava sendo acusado, identificar se precisava de algum tipo de ajuda e tentar resolver.

Foi aí que pensei em implantar um sistema de avaliação de curso começando pelo corpo docente, mas que não divulgava, quando o resultado era muito bom parabenizava pessoalmente e quando era muito ruim chamava e mostrava como os alunos tinham avaliado, tudo de forma muito discreta.

Em relação a isso, tive descontentamento com colegas e inclusive um professor chegou para falar comigo na maior arrogância, aí vem essa coisa do assédio, do machismo, do poder dele sobre a mulher, porque se fosse outro homem ele não agiria com a mesma agressividade. Pense que quase me agrediu, batia na mesa, falava alto e gritava comigo, quem estava do lado de fora achou realmente que ia me bater, isso porque ele, por várias vezes, não foi bem avaliado referente a suas aulas e postura. Depois deste episódio ainda passou a me provocar o tempo todo, hoje entendo como assédio moral, ele me caluniava publicamente junto a outros professores e tentava me ferir emocionalmente.

Não gostava de viver estes conflitos gerados pelo cargo que ocupava, também não achava agradável organizar a matrícula para que funcionasse como foi planejada, atendendo todos os critérios e prioridades. Isso não sabia fazer bem, bagunçava minha cabeça.

Por outro lado, adorava atender os estudantes, ter contato com eles, conversar entender suas demandas, era uma coisa que dava prazer. Outra coisa que lidei que era bastante confortável foi a mudança de currículo e pensar estratégias que dessem opções variadas para uma melhor formação na área de atuação dos biólogos.

A primeira experiência de mudança curricular que vivenciei estava na direção, as decisões foram coletivas, mas as pessoas que mais participavam era eu, na posição de diretora, Glória, dando maior apoio, e Gizélia, como responsável do curso comandava as discussões. A gente não tinha hora de descanso, quando não estávamos na UEFS, nos reuníamos em casa para organizar tudo, era bastante complicado porque querendo ou não envolve disputas e ideologias que se manifestam durante o processo, mas posso lhe dizer que foi um momento muito confortante, aprendi muito.

A gente estava em momento de discussão nacional do aluno ter condição de fazer o currículo que gostaria, com isso surgiu a ideia de ser currículo por ênfase. Por mais que a gente tivesse discussão mais ampla que envolvia área de conhecimento e a coordenação, nossas discussões eram todas muito encaixadas para o bem comum. Buscávamos amenizar as disputas porque quando estávamos discutindo currículo sempre tinha aquela relação de poder para fazer valer vários interesses e nem sempre ganha a priorização da formação, mas também a preocupação com espaço e a manutenção de certos conhecimentos.

Quando mudamos o currículo pela segunda vez já estava na coordenação e comandi todo o processo. A comissão foi muito generosa com o corpo discente, formado por trabalhadores, na sua maioria professores da rede básica, e por este motivo não conseguiam se manter regular no curso. Foi exatamente quando o bacharelado foi aprovado, então pensamos em um currículo com tronco comum entre bacharelado e licenciatura e posterior especificações. A desativação das disciplinas antigas levou dois semestres pensando exatamente no pessoal que era dessemestralizado, para que tivessem mais uma chance de fazê-las.

Esse processo de ativação de um currículo e cancelamento de outro exigiu muita atenção, porque tinha que trabalhar quase que mensalmente o fluxograma do corpo discente, adequando as resoluções às demandas curriculares. Isso é contínuo, toda vez que mexíamos com o currículo tínhamos que regulamentá-lo e, às vezes, alguma coisa passava despercebida e a gente tinha que acompanhar essa regulamentação e ir modificando.

Com a oferta do bacharelado e licenciatura, lutei para que os alunos tivessem a opção de fazer a transferência imediatamente de uma modalidade para outra, sem esperar concluir uma determinada carga horária. Enquanto coordenadora do colegiado também criamos

uma atividade que foi o reingresso do aluno que terminava a licenciatura, ele poderia reingressar para a universidade sem vestibular para fazer o bacharelado e vice-versa.

A gente tinha que fazer valência de disciplina para que seguissem no fluxo normal, o que já tinham cursado eram liberados, mas as novas disciplinas que incluímos teriam que cursar. Lembro que uma dessas disciplinas que colocamos com este novo currículo foi Introdução à Filosofia, que a partir daí passou a fazer parte do colegiado de biologia e a gente agregou novas pessoas ao curso.

Esse currículo da especialização levou um tempão, terminou por exigência do Conselho Estadual de Educação - CEEB. Por mais que pudéssemos mudar o currículo quando quiséssemos, não poderíamos ficar sem alterar por muito tempo, porque o conselho pede que se mude, inclusive a carga horária. Entrou um integrador que, para mim, não foi muito bom, mas não participei dele, estava ausente da coordenação e da direção.

Toda essa trajetória na gestão me aproximei de pessoas muito calorosas que tenho amizade até hoje. Quando me despedi do colegiado, assim como da direção do departamento, coloquei que a instituição continuará, outras pessoas viram, até porque nós somos naturalmente substituíveis em nossas funções e assim como a universidade meus amigos e minhas amigas também permaneceram, tenho eles até hoje guardados com muito carinho.

Os esforços que dediquei esse tempo, ao curso de biologia, tanto no colegiado quanto no departamento me fez ganhar destaque na universidade, por onde passava as pessoas me conhecia e reconhecia o trabalho desenvolvido, com isso fui convidada a fazer parte da administração superior como assessora. Diferente dos cargos anteriores, assessoria é um cargo de confiança e não eletivo, então não precisei passar por processo de votação e tudo mais.

1.2.1- “Há De Se Cuidar Do Broto Para Que A Vida Nos Dê Flores E Fruto”.

Em 1993, quando saí a primeira vez do colegiado, concorri as eleições para a direção do departamento, tendo o professor José Bichara como vice. Iraci Bonfim ocupava o cargo de diretora no período e como era ligada ao reitor, representava a reitoria e colocou sua recondução do mandato.

A eleição foi muito disputada, até então só tivemos um diretor, o resto tudo foi mulher e nós tínhamos que nos esforçar muito para atender as exigências determinadas pelo cargo de liderança. Além de sofrer por ser mulher, tinha toda a questão de disputa com as outras, já que os espaços de poder ocupados por nós eram restritos, precisávamos provar constantemente a nossa competência.

Foi muita discussão, mas não participei do debate, porque estava grávida da segunda filha, e as exigências da gestação me impediram. Nesse contexto a minha capacidade de gerir o departamento foi questionada e a minha gravidez apontada como doença, inclusive, ouvir da administração superior que iria entrar na direção, receber por quatro meses sem trabalhar. Na verdade, a Universidade fez uma pressão para que voltasse antes de terminar a minha licença, mas não aceitei em hipótese alguma. Por isso que digo que foi duplamente cansativo, por ser mulher, mais uma grávida enfrentando todos os tipos de preconceitos.

Como não pude comparecer ao debate, fiz meu depoimento por escrito, desde aquele momento usei uma canção de Milton Nascimento e que, posteriormente, tomei para toda minha trajetória: *“há de se cuidar do broto para que a vida nos dê flores e fruto”*. Essa frase me acompanhou em diversos momentos na universidade, em algumas ocasiões o broto foi o departamento e o colegiado de biologia, em outros, foi o corpo de professores e funcionários e, o mais especial de todos, entendia esse broto como os alunos. A depender da situação fazia essa colocação pensando nisso, ou você cuida de algo enquanto é pequeno ou então aquilo está completamente comprometido, pode até ter flores e frutos, mas não tão bonitas e saborosos.

Uma vez me perguntaram porque cuidava tanto dos alunos e respondi com este verso. Olhava para aquela garotada como parte de uma geração que iria construir a biologia por vários outros lugares e que faria jus ao diploma e a profissão que escolheram se fosse bem instruída.

Essa minha postura de cuidar e me dedicar em tudo que faço, sem dúvida, me fez ganhar as eleições nas três categorias, estudante, funcionário e por uma pessoa de diferença no

corpo de professores. Lembro que a noite teve a comemoração, não fui, tive um sangramento, a placenta estava fora de lugar, consequência do esforço excessivo e das questões emocionais.

Eu deveria assumir o cargo só quando retornasse as atividades, havíamos passado por uma greve e estávamos nas férias, mas a atual diretora, por não ter sido eleita, não aceitou ficar. A gente fez a eleição e precisava ser homologada pelo conselho do departamento para que pudesse assumir a função e não sei o que aconteceu que não tivemos condições de realizá-la e o cargo ficou em vacância. Segundo o regimento da universidade quem assumiria era o decano, a pessoa mais antiga no curso, que não aceitou, com isso, assumi um pequeno período de três meses como *pro tempore* para depois ser nomeada pela portaria, os dois anos certinhos.

Passando esse primeiro mandato, me reconduzir com Yara Crepaldi e venci novamente. Findando os dois mandatos consecutivos, continuei como *pro tempore*, tendo que de trinta em trinta dias renovar a portaria de nomeação, fiquei diretora, se não tiver enganada, quatro anos e sete meses, porque ninguém queria assumir a posição. Estávamos atravessando um período em que muita gente havia saído para fazer suas pós-graduações e eu não poderia ter três gestões seguidas.

Durante esse tempo todo foi muito custoso adquirir a confiança dos setores, sobretudo, os superiores, mas consegui de maneira estratégica alcançar tudo que planejava e não tive problema de relacionamento.

A primeira coisa que fiz parece não ter grande importância, mas tem a ver com as relações interpessoais, algo que me preocupava durante as minhas atividades como gestora. Achava que o departamento era muito fechado para sua própria comunidade, então mudei seu layout, em uma área ficaram os papeis e documentos que nem todo mundo poderiam ter acesso e montei uma salinha de espera para que pudesse conversar com as pessoas. Queria que tivessem acesso rápido a mim para dialogar, sempre foi esse o meu perfil de liderança, estava diariamente à disposição para ouvir a comunidade tanto de professores, funcionários e alunos fora dos conselhos, e isso resultou em um crescimento do curso.

Também busquei harmonizar os espaços, trazer cores, plantas vivas e não artificiais. Nosso departamento era branco, mas a gente deixou verde na parte interna, porque era a

cor de nossa profissão, a parte externa não mexemos porque a administração superior tinha isso bem definido, a fachada não poderia ser mudada.

Depois que a gente alterou layout da secretária, todos os outros departamentos fizeram a mesma coisa, então acho que nossa gestão serviu de inspiração para muita gente. Outra coisa, quando assumi a direção, antes de falar com os professores e alunos, fiz uma reunião com todos os funcionários, fazendo questão que todos participassem, pois entendia a importância destes profissionais para o funcionamento do curso.

Tive o mesmo cuidado com o jardineiro, as meninas da limpeza, os técnicos dos laboratórios e com nossos professores que eram doutores, para mim não tinha essa de classe social e de cargos na universidade, procurei atender todo mundo dentro das minhas responsabilidades para que exercessem bem seu papel.

Durante minha gestão fiz o que pude para que todo mundo trabalhasse de maneira confortável e uma das primeiras coisas que me preocupei foi adequar as especializações dos professores com a disciplina. No início os concursos não eram para uma área específica, como é hoje, e muitos de nós atuávamos em uma área, mas estávamos nos especializando em outra. Isso foi um grande passo que melhorou muito o curso em si, porque os docentes passaram a ensinar aquilo que pesquisavam, tinham domínio e de uma certa forma conduziram os alunos para sua área de estudo.

Conversando com o pessoal, percebi que existia um desejo muito grande pela implantação de uma pós-graduação, lutei para conquistámos, só que nosso grande impasse era que tínhamos pouca gente com titulação, ninguém com doutorado e só quatro mestras. Também fomos discutindo a possibilidade de instaurarmos o bacharelado, pensando no processo de auxiliar o corpo docente a terem experiência nas orientações de monografias. Paralelo a tudo isso, enfrentávamos o problema de espaços que eram muito poucos e pequenos para a realização das atividades que almejávamos.

Entendia que precisava encontrar estratégias para ampliar nosso espaço físico e trabalhar a proposta da especialização e do bacharelado para depois vir o mestrado e doutorado. Quando vi que o prédio da reitoria foi construído e que iriam liberar o módulo teórico, MT 2, onde funcionava, solicitei que fosse cedido para o curso de biologia, porque tínhamos professores para implantarem seus laboratórios, inclusive o colegiado funcionava lá. Fomos ampliando e ocupando o território de tal maneira que o

departamento de letras começou a reivindicar o local que jugaram ser destinados para suas atividades, mas só saímos depois que a universidade construiu o nosso prédio destinado para os laboratórios. Destes prédios anexos que ficam atrás de cada módulo o nosso foi o primeiro a ser construído.

Passamos também a facilitar a saída de quem pretendia se pós-graduar e fazer concurso, exigindo a formação mínima mestrado e doutorado. Como a universidade estava em formação, eram os quadros que tinham mais vagas e a gente aproveitou isso. Para ganhar tempo corremos atrás de professores visitantes que já tinha título de doutor e uma linha de pesquisa definida para auxiliar na elaboração e implantação de laboratório em nossa universidade. Foi assim que trouxe Glorinha, ela veio tirar a minha licença maternidade quando Claudinha nasceu e para mim foi um ganho muito grande, quão intensamente cresci a tendo ao meu lado. Nesse meio tempo ela se aposentou na UFBA e conseguimos abrir vaga para que fosse efetivada na UEFS.

Erámos muito dependentes de Salvador, tudo que a gente precisava estava entorno da UFBA, e da UCSAL, exclusivamente, então mudamos isso e passamos a mandar nossos editais de concurso para todas as universidades do Brasil que tinham pós-graduação na área do concurso. Fazia os cartazes e colocava os valores de salário base, os adicionais, referentes ao título, os estímulos e salubridade que era garantida na época, enfim, todos os benefícios que a gente tinha.

A partir de então, passamos a receber pessoas do Brasil inteiro, lembro que só não havia muita gente do Centro Oeste, depois até do Rio Grande do Sul apareceu. Esse foi um período que o curso de biologia passou a ser povoado por um maior número de homens, até então a grande maioria do corpo docente era de mulheres.

Destas vindas de pessoas de outros estados, tivemos o prazer de receber Ana Maria Juliete, nome internacional na Botânica que saiu da Universidade de São Paulo -USP e veio para UEFS, foi quando a botânica estava pensando no projeto para implantar mestrado e Ana Maria contribuiu muito. Conseguiram aprovar o programa de pós-graduação o que facilitou implantar o mestrado e logo depois o doutorado, porque não precisou aprovar outro projeto.

O primeiro mestrado na universidade foi o de saúde coletiva e se matem até hoje com esse nível de formação, a botânica foi aprovada logo depois e cresceu de maneira absurda, tanto que não demorou muito, passou a oferecer o primeiro doutorado da UEFES.

Como a gente começou a receber professores com doutorado, a reitoria se articulava para mantê-los, então quando a gente encaminhava algum pedido sempre atendiam, principalmente relacionado a espaço e novos concursos. Para você ter ideia, nós eramos em torno de trinta professores quando assumi o departamento, ao sair da direção deixei mais de sessenta, com isso a gente mexeu com o resto da universidade, todo mundo falava que o departamento de ciências biológicas estava crescendo, começaram a despertar e adotar nossas táticas.

Digo com todo orgulho do mundo que sou uma das responsáveis pelo crescimento do curso de biologia da UEFES, que a gestão participativa, minha insistência e dedicação em conseguir as coisas contribuíram muito. Eu visitava todos os espaços e diariamente passava no colegiado para falar com Gizélia, que assumia a coordenação, a gente se articulava e corria atrás das coisas até conseguir. Fazia a fundamentação nas solicitações e Glória me ajudava, ela dava uma olhada e trabalhava onde era necessário, sempre pedi ajuda as pessoas, porque gostava de trabalhar no coletivo. Eu tive duas melhores assessoras na gestão, começou com Gizélia e depois Glorinha e as duas juntas formaram os pilares para minha atuação como gestora.

Diziam as boas e más línguas, que os outros departamentos tinham ciúmes do de biologia, porque conseguíamos tudo, mas a nossa vantagem era que não enviava a solicitação protocolada, solicitava uma audiência e ia pessoalmente levar, fazia uma gestão de presença física. Além disso, fui a diretora que mais participava de todos os eventos oficiais e formais da universidade, prestigiava todo momento e sinceramente não fazia isso para aparecer, mas para aprender.

Não me limitava em solicitar as coisas apenas à administração superior, quando não podia atender meus pedidos, partia para outras instâncias, acho importante dizer isso, você pode achar que não, mas como mulher as coisas eram muito mais complicadas e enfrentei tudo com garra.

Lembro que estávamos em uma época difícil, a universidade ainda se estruturando, com pouco recurso, teve um momento que não conseguia o que queria na reitoria, fui ao

secretário de administração do estado. Disse que era diretora departamental na UEFS, queria conhecer o almoxarifado geral do estado e ver o que poderia ser tirado de lá para ser doado. Isso virou um sucesso na Universidade, porque entrou um caminhão velho lotado de arquivo, cadeiras, mesas, estantes e sofás, consegui até um jipe que precisávamos para viagens de campo.

O reitor ficou maluco quando soube disso e fez uma reunião com os diretores e falou claramente que a partir daquele momento, qualquer pedido para fora da UEFS tinha que ter o aval dele. Só sei que mobiliei o departamento de ciências biológicas com o que não tinha, porque aquilo que competia ao departamento achava que quem tinha que fazer era eu e não esperar pela reitoria.

Quando a gente fez a primeira semana de biologia, me reuni com o colegiado e o diretório acadêmico para fazermos um trabalho grande, queria muito que o evento acontecesse, fui atrás de patrocínio e não levei carta de reitor, foi outra desobediência civil que fiz. Vi na TV que a Fundação Bradesco estava apoiando projetos e eventos na área da biodiversidade, corri atrás, entreguei uma cartinha ao subtendente responsável e ele me pediu que fizesse o orçamento para que pudesse me ajudar de alguma maneira. Ninguém acreditava na possibilidade do Bradesco me mandar dinheiro para a realização do evento, mas consegui tudo que foi solicitado, por coincidência o responsável em liberar a verba era ex-aluno da primeira turma de administração da UEFS.

Peguei um cheque que estava nominal da universidade e o reitor tinha que endossar, o pró-reitor de administração perguntou se ele era louco de assinar um cheque naquele valor e deixar na mão de uma professora, ou seja, mais uma forma de preconceito se revelando de maneira sutil.

Por isso busquei conhecer cada norma da UEFS para não ser freada por ninguém, fazia o que era de direito, tenho até hoje algumas delas em minha cabeça, conhecia muito o regimento, era meu livro de cabeceira de mesa de trabalho. Tudo que ia fazer olhava antes nos documentos para saber o terreno que estava pisando e o que poderia exigir. Aquilo que limitava algumas ações, apresentava, juntamente com outras pessoas, uma proposta de alteração para que melhor se adequasse ao princípio da equidade e igualdade que orientava nossas posições.

Pensando nas normas e regimento, me lembrei de um episódio bem interessante, quando Claudia Sepulveda chegou no departamento de biologia, eu estava como diretora, ela disse a mim que queria ser professora e apareceu a oportunidade no departamento de educação, mas o fato dela ser bacharel poderia gerar dificuldade.

Como conhecia muito bem as normas, indiquei que pegasse uma disciplina “Técnica e Instrumentação I e II em Ciências e Biologia”, que a gente tinha e isso ajudou com que a inscrição dela fosse aceita. Ela pode fazer o concurso e sou extremamente grata pela presença dela na universidade, acho que modificou o formato de formar professores em ciências biológicas.

Como diretora de departamento era indicado, obrigatoriamente, a participar de certas comissões, em especial, de implantação de novos cursos. Se o curso tinha a ver com a oferta de disciplina dos departamentos, os diretores faziam parte daquela comissão, por isso, participei das comissões de implantação dos cursos de Educação Física, Medicina e de Farmácia. Eu defendi muito que o curso de medicina fosse implantado, mas foi uma tremenda resistência na universidade.

Tem uma outra coisa que considero importante, a UEFS fez um concurso público para funcionário e tinha vagas para Biólogos, mas muitos alunos não haviam se formado e fizeram para nível médio e passaram para trabalhar como técnicos em setores diversos. Quando colaram grau pedi remoção para os laboratórios, continuaram recebendo como técnico, mas pelo menos estavam atuando na área de formação. Depois, fizeram outro concurso para biólogo, concluíram mestrado e doutorado na área que atuam.

Estive sempre buscando o melhor para a universidade e para o curso de biologia, alcançar o que é hoje e o que mais me orgulha é que a gente construiu tudo no diálogo com todas as categorias, em um clima amistoso entre as áreas. Nessa época não tínhamos restaurante, tomávamos café e almoçávamos no mesmo ambiente, discutíamos as propostas em uma gestão coletiva e desenvolvíamos projetos interdisciplinares que deram bastante resultado.

Com todos os nossos esforços, conseguimos uma autonomia tão grande que não precisávamos mais de recurso da universidade, o que a gente precisava era só do espaço físico, os equipamentos e tudo mais o corpo docente conseguia através de projetos

apresentados aos órgãos de fomento e foi assim que a biologia se tornou uns dos maiores cursos da UEFS.

Em meu último mandato, tive aproximação mais efetiva com a administração superior na pessoa da reitora Anaci Bispo Paim, ela conseguiu nacionalizar o nome da UEFS por onde passou e a biologia contribuiu muito para isso. A universidade cresceu muito na gestão dela, em todos os sentidos: espaço, número do quadro docente, produção de conhecimento, pós-graduações e implantação de laboratórios. Nessa época o envolvimento da universidade com a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência - SBPC - ajudou muito nesse sentido, vieram na universidade, conheceram o que tínhamos e isso nos deu muitos direcionamentos.

Logo depois sair da direção departamento, deixei aprovado quatro cursos de especialização, em Zoologia, Entomologia, e dois na Botânica. Não foi fácil aprovar as quatro especializações, Gizélia era pró-reitora de pesquisa e a oposição maior vinha dela, achava que não teriam candidatos suficientes para ocupar as vagas. Bati o pé e briguei, nós tínhamos professores preparados, capacitados e ex-alunos que gostavam destas quatro áreas, a gente tinha que aproveitar esse momento. Quando passou a serem ofertados, já não estava mais no departamento, mas foi um sucesso, recordo que o pessoal que fez as especializações em Botânica aproveitou os créditos no mestrado, que logo foi autorizado.

Estes foram uns dos melhores momentos da minha vida na universidade e fiquei muito feliz por ser substituída por Eneida de Moraes Marcílio Cerqueira, ela foi minha professora da Graduação na UFBA e tenho uma admiração enorme por ela, fiquei muito orgulhosa por tê-la como minha substituta, sabia que o bom trabalho que vinha desenvolvendo teria continuidade.

A gente foi um embrião para a UEFS chegar onde chegou, tivemos momentos de glória, de muitos resultados positivos, mas nem tudo foi fácil, passei por alguns apuros, tive dificuldades e que enfrentar coisas desagradáveis. Em nenhum momento recuei, segui em frente e lutei até o fim.

1.2.1.1- Por Tudo Que Passei Na Vida, Me Tornei Corajosa E Enfrentei Os Problemas Com Sabedoria

Todo mundo da direção dos departamentos e da coordenação dos colegiados faz parte do Conselho Superior de Ensino Pesquisa e Extensão - CONSEPE, quando fui para a primeira reunião, um colega olhou para mim e disse de maneira desafiadora que quanto maior a vitória, mais ainda deveria ser a responsabilidade, como se eu não fosse capaz. Essas palavras ficaram em minha cabeça, tinha acabado de assumir a direção e este professor não sabe o quanto me ajudou dizendo aquilo, trabalhei dobrado, me dediquei as atribuições, não faltava uma reunião se quer, nunca deixei que minha competência fosse questionada.

Passei por alguns momentos difíceis que exigiram muito de mim, logo que me tornei diretora abri mão da subgerência dos laboratórios e um professor, indicado pela reitoria, passou a exercer a função, ele foi candidato a vice-diretor na chapa que concorri e ficava no setor falando muito mal de mim, vários funcionários e alunos vinham me comunicar. Não pensei duas vezes, fiz um encaminhamento para a reitoria e pedi exoneração dele do cargo, poderia recuar por estar diante da administração superior, sabia das consequências que iria enfrentar, mas me mantive firme em minhas decisões.

Outra situação inusitada que tive que me indispor com a admiração superior foi quando ocorreu um concurso e uma das candidatas, que assumia um cargo comissionado de peso na universidade, estava pescando na prova escrita. A presidente da banca verificou que estava verdadeiramente pescando e pegou no flagra, esse foi um momento que sofri como diretora, sabendo de quem era a candidata teria problemas, mas tivemos que eliminar do concurso.

A candidata entrou com recurso e foi pior para ela, porque ficou escancarado, saiu do departamento e passou para o conselho departamental, todo mundo do curso teve conhecimento, depois foi para o CONSEPE, com isso vasou para toda universidade, no final se encaminhou para o Conselho Superior – CONSU, que tem representação da sociedade local. Não dormia direito com essa situação, nem apetite tinha, porque temia qualquer retaliação tanto na universidade como em Feira de Santana, até pensei em perder a vida.

Passei por tanta coisa que você não faz ideia, todo mundo chega lá, ver a universidade crescendo, toda organizada, mas não entende o que vivemos, e por mais que digam o contrário, para nós mulheres, cada problema desse que enfrentamos é pior, porque as nossas decisões têm que ser muito certas para não sermos apontadas como incompetentes. Carregamos um fardo pesado por sermos inferiorizadas e com isso nos cobramos o tempo todo de que não podemos errar de maneira alguma.

Lembro que selecionamos uma professora substituta para a disciplina genética e toda semana chegava processo no colegiado e Gizélia entregava a mim no departamento. Os alunos começaram a trazer vários problemas, como diretora passei a fiscalizar e constatei que ela faltava muito e demonstrava insegurança durante as aulas. Tomei uma decisão difícil, mas tinha que apresentar uma solução, levei um encaminhamento deixando a professora a disposição da reitoria porque na sala de aula ela não poderia ficar. Ela foi demitida, denunciou a universidade e o curso de biologia, fui para delegacia com Gizélia e a UEFS teve que pagar pelo processo.

Tem outra situação envolvendo o corpo docente que gostaria de relatar. De início tinha todo mundo como colegas e amigos, mas essa situação mudou, porque quando o professor faltava e eu carimbava "aula a repor", no livro de registro. Tinha gente que ficava com muita raiva de mim, entediam isso como uma punição. Uma professora, certa vez, registrou a aula oito dias antes, bati o carimbo encima da assinatura dela e escrevi "registro anulado", fiz uma correspondência avisando que não era permitido. Pense que ela chegou chateada, me falando um monte de desaforo, porém ouvi na maior paciência, pois é uma coisa que tenho mesmo.

O desafio maior que enfrentei foi com indisciplina de professor, porque é colega, tinha que conversar para que mudassem de atitude, isso era muito desagradável, também precisava saber trabalhar com essa questão para não os deixar fragilizados junto aos alunos. Não gostava de fazer parte de comissão disciplinar para nenhum tipo de indisciplina, seja professor, aluno ou funcionário, fiz umas duas vezes e disse que não queria mais. Julgar e penalizar alguém era muita responsabilidade, às vezes a subjetividade não permite enxergar as razões que levavam as pessoas terem aquela atitude.

Como assumia outras funções, além departamento, também tive encontros nesses outros espaços. Lembro quando houve a implantação do curso de Farmácia, a professora

coordenadora era do departamento de saúde e foi minha orientadora no estágio na polícia técnica. Eu tinha alterado recentemente o currículo de biologia, então ela solicitou o projeto do curso para servir como exemplo e auxiliar nas decisões, quando viu a parte de biologia humana com ênfase em análises clínicas, reclamou demais. Ela achou que a gente não poderia de jeito algum fazer aquilo, que era ilegal, me desmoralizou na frente de todo mundo, eu que nunca fui de levar desaforo para casa, mas também nunca fui estúpida, mostrei que ela estava enganada de maneira elegante.

Foi uma luta, porque o pessoal de farmácia não aceitava que a gente atuasse na área de análises clínicas, mas a autorização foi dada pela câmara de deputados, que determinava isso. Inclusive dentro da universidade, quem coordenava os laboratórios de análises clínicas era um biólogo e até hoje funciona dentro do departamento de ciências biológicas.

Referente aos atritos com outros cursos, lembro que biologia foi muito destrutado, no início, e muitas vezes tive que brigar para que ocupasse seu espaço. O pessoal usava biologia para fazer de escada e chegar na odontologia, porque era o curso mais elitizado na área de saúde, a gente não tinha medicina ainda. Teve um semestre que odontologia liberou vinte e duas vagas e os nossos alunos estavam pedindo para serem transferidos. Na reunião desfizeram tanto da biologia, que deveria fechar, porque o pessoal não queria ficar e eu como a diretora defendia com toda garra.

Isso me fez lembrar um outro fato nesse sentido. Recebi um processo de incentivo de projeto de pesquisa de uma professora que, por acaso, era diretora de outro departamento e ela tinha acabado de chegar do doutorado na Universidade Estadual de Campinas - Unicamp. No dia que apresentei o parecer, fiz um louvor especial, porque era um departamento que tradicionalmente não desenvolvia pesquisa, ela achou que estava humilhando o departamento dela e evidenciando o nosso, porque só se falava que a biologia era quem pesquisava na universidade. Fiquei surpresa com a autora do processo que chamou minha atenção, pois demorei de dar meu parecer, ela me esculhambou e disse para a reitora “se ela quisesse segurar os doutores, que não enviasse seus projetos para pessoas iguais a mim, que tinha uma titulação inferior”. Eu me encolhi na cadeira e um professor de metodologia disse que “não precisava ficar acanhada”, porque havia feito um parecer correto.

Também fui muito questionada quanto a minha produção intelectual, quando o pessoal da SBPC veio na universidade, por exemplo, tive aproximação com um professor que

perguntava quantos trabalhos produzia no ano. Eu não tinha publicação de artigos e livros, mas se ele quisesse mostraria a minha produção como gestora do departamento. Na estrutura de trabalho que temos na universidade, faria uma coisa ou outra, a administração era muito centrada em torno de minha pessoa e isso me prejudicou, então enfrentei também essa problemática.

Teve uma certa vez que ocorreu o evento da SBPC na universidade e fiquei na coordenação da infraestrutura. Por causa da minha função, conversava muito com um senhor que era fornecedor de materiais eletrônicos, como esses projetores que usamos para dar aula. Ele ficava me chamando para sair e tomar um vinho, não queria ser deselegante e dizia que iria com meu marido, mas ele continuou insistindo, não caracterizei o episódio como assédio de fato, mas hoje entendo sofri vários assédios e que coisas deste tipo moldaram minhas ações, tinha que estar sempre me protegendo e impedindo que acontecesse.

Como diretora, tive que lidar com estas questões e outras que considero mais delicadas. Nem todas pretendo explicitar aqui, algumas envolvem pessoas muito próximas, que passaram por problemas, principalmente outras mulheres companheiras que não suportaram as demandas que a profissão e a produção científica exigem, então existe muito mais coisas da minha trajetória e do que tive que lidar que não estará nesse texto.

1.2.2- Não Me Limitei Em Assumir Cargos De Gestão No Âmbito Do Curso De Biologia, Fui Além

Quando estava deixando o colegiado de biologia pela segunda vez, em 2001, a reitora Anaci Bispo Paim me convidou para trabalhar com ela e disse que recebeu pedidos de diversos setores que me queriam na equipe. Todas as pró-reitorias solicitaram que fosse assessora, em especial a de graduação – ProGrad.

Fui assessorar a reitora, inicialmente, e isso me trouxe alguns benefícios, malefícios também, porque os colegas que divergiam politicamente da reitoria mudaram comigo, eram elegantes no cumprimento, mas sentia falta no campo afetivo. A disputa política na

universidade era muito forte e a depender de minhas aproximações com determinados grupos, recebia embates de pessoas contrárias. Apesar disso, busquei transitar em ambos os lados e ser diplomática, foi uma tarefa perigosa e desafiante.

Gizélia era pró-reitora de pesquisa e ela me apontava como uma pessoa ideal para ensinar como implantar um currículo novo, especialmente quando estivessem passando pelo reconhecimento, então a professora Anaci me atribuiu essa função. Fui desenvolvendo bem o meu trabalho e passei a ser convidada para estar nos momentos de construção da universidade e isso abriu mais um leque no envolvimento por toda instituição.

Meu nome chegou a ser citado para pró-reitora administrativa, só que acharam que era um cargo difícil, envolve um bloco de leis que não dominava, embora achasse que poderia dar conta. Também foi cogitado a possibilidade de assumir a chefia de gabinete, cheguei a receber felicitações de várias pessoas que me queriam no cargo, mas foi uma coisa que não rolou. Depois fiquei sabendo que os funcionários fizeram uma reunião com Anaci e, juntamente com o sindicato, reivindicaram maior valorização do corpo técnico, pediram que a nossa melhor funcionária fosse a chefe de gabinete. Até então só professores haviam assumido esta atividade.

Em 2003 mudou a gestão na reitoria, assumindo o professor José Onofre Gujão da Cunha e passei a ser assessora na ProGrad. Essa foi minha última participação na administração superior e não desenvolvi bem, porque me era imposto limites. Então, comecei a me sentir um pouco sem autonomia, tudo que pensava em fazer e propor não me competia.

Embora fosse um cargo comissionado, não recebia nenhuma gratificação, porque completei mais que dez anos na gestão, no âmbito do curso de ciências biológicas. Com isso, tive o direito a estabilidade econômica, recebendo permanentemente o maior valor salarial, que foi como diretora de departamento.

As pessoas que ocupam o cargo na direção do departamento, reitor e vice-reitor, têm o mesmo salário. Esses recebem um pouco mais que os coordenadores de colegiado e assessores de qualquer nível nos cargos de reitoria, que também recebem salário equivalente. Legalmente isso não pode ser alterado, porque é uma regulamentação a nível federal e equipara os salários de governador, deputados e assessores em nível de estado.

Estando no cargo de assessora, passei a ser membro dos conselhos superiores e receber muitos processos, de toda natureza que possa imaginar, para ser relatora: produção

científica, disciplinar, denúncia de professor, revisão de prova ou resultado final de aluno. Os mais complicados mandavam para mim, porque achavam que estudava e levantava direito as questões favoráveis e contra.

Estávamos em uma época que se tornou comum a anulação de concurso público para professor e era uma vergonha quando isso acontecia, porque a universidade perdia a credibilidade. Recebi um processo para avaliar, exatamente com esse caráter, isso me deixou tensa.

O candidato fez a defesa bem elaborada com auxílio de um advogado, só pensava na diretora do departamento que era minha amiga, olhava para o processo e via que o candidato tinha razão. Quando chegou na véspera da reunião, não tinha mais como adiar a resposta que seria favorável, olhei mais uma vez no regimento com todo cuidado e constatei que o prazo para pedir anulação estava excedido e indeferi. Isso foi um alívio tão grande.

Os colegas reconheciam minha atuação nesses processos, pois sabiam que meus pareceres não tinham influência política e me dedicava muito para ser o mais transparente possível, com isso, meu nome foi se propagando na universidade.

Além destas atribuições assumi algumas funções por estar em determinados cargos na universidade. Quem é assessor direto da ProGrad, por exemplo, se torna obrigatoriamente vice-presidente da Comissão Permanente de Acesso ao Ensino Superior - COPAES. Quando fui vice-presidente desse órgão, não era assessora número um, mas fui ocupando espaços e me destacando nas atribuições que me eram oferecidas.

Na COPAES, os cargos eram preenchidos por assento obrigatório, mas tinham outros por representatividade de ensino, pesquisa e extensão, comumente composto por representantes de vários departamentos. Recebíamos um pró-labore pelo trabalho que fazíamos no vestibular e com isso, muita gente queria fazer parte e ganhar um dinheiro extra. Desenvolvíamos uma atividade que era alto sustentável, todo recurso vindo das inscrições aplicávamos no próprio vestibular, então tinha esse colabore para quem era da COPAES e para o pessoal que fazia parte da coordenação e fiscal do vestibular.

Trabalhávamos o ano inteiro em função da realização das provas, fazíamos quase tudo, só não elaborávamos as questões do processo seletivo. Evoluímos tanto que passamos a ser responsáveis pela realização de vários concursos de alguns órgãos públicos e chegou

o momento em que tomamos cursos de como elaborar provas. Isso foi muito bom porque comecei a pensar como era complexo uma avaliação para medir a capacidade de alguém e passei a tomar mais cuidado, a seguir técnicas e conhecimento teórico para elaboração das minhas questões na disciplina de fisiologia.

Como assessora, fiquei também na equipe responsável pelos processos de reingresso e transferência de curso. Teve um período que tivemos evasão muito grande de alunos por causa das greves e pelo crescimento das faculdades particulares na cidade de Feira de Santana. A gente teve a ideia de realizar a integração, algo próximo do que já fazíamos no colegiado de biologia. Liberávamos 5 % das vagas totais por vestibular para estudantes que haviam abandonado, dando uma segunda chance de retorno sem submeter a outro vestibular. Elaboramos uma resolução, e avaliávamos o candidato pôr desempenho do histórico escolar.

Esse foi um trabalho árduo, mas muito gratificante porque estávamos trazendo nossos alunos de volta. Sempre fui favorável a facilitar o retorno do aluno para universidade, porque era um percentual grande de pessoas carentes, socialmente excluídas, que por inúmeros motivos precisavam abandonar os estudos.

Na minha última assessoria, a universidade implantou um convênio com os municípios circunvizinhos, o PROFORMA, Programa Especial de Formação para Professores, que não tinham graduação na disciplina em que atuavam.

Depois que a reitora Anaci Paim deixou o cargo e se tornou secretária de educação do estado, ampliou esse programa a nível estadual, o dividindo em polos. Assim, cada universidade ficou responsável em capacitar professores das cidades próximas e oferecer formação adequada.

No período do governador Jaques Wagner, o programa passou a ser oferecido em nível nacional, envolvendo as três entidades, municipal, estadual, federal e mudando o nome para PAFOR.

Estive envolvida desde sua fase inicial, fiz parte do comitê de sua implantação e aplicação, representando a ProGrad. O pró-reitor de graduação era o presidente deste comitê, mas nem sempre podia estar presente nas reuniões, então assumi essa responsabilidade e participei dos momentos de discussão.

No princípio, o departamento de educação, que organizava quase tudo, na pessoa da coordenadora Lurdinha Cerqueira, mudou para nível estadual o programa e ficou mais amplo e diversificado, onde outros departamentos passaram a coordenar seus respectivos cursos.

A coordenação do curso especial de formação de professores, de cada área, era a mesma do colegiado de oferta contínua. Isso facilitava, pois já tinha a experiência, infraestrutura, um secretário que dominava toda dinâmica para manutenção da rotina das atividades e envoltura com o corpo docente e discente.

Fiquei envolvida com esse programa por um tempo, depois me afastei para fazer o mestrado em 2008 e continuei frequentando quando necessitavam de minha colaboração. Em 2007, quando sai da última assessoria, mudou a gestão na reitoria e fui a única a ficar, o pró-reitor me convidou para ajudar, tanto no curso de formação de professores, como na COPAES. Ajudei na fase de transição, porque não tinham conhecimento de como as coisas processavam, mas logo pedi para sair por questões pessoais e também porque quis me dedicar exclusivamente aos estudos na pós-graduação.

No final do mestrado, havia ocorrido algumas alterações na coordenação geral do programa de formação e o professor André Luiz Brito Nascimento estava sozinho como coordenador e me chamou para ficar na vice coordenação em 2010.

Eu era ótima para fazer resoluções e pensar melhorarias para o curso, fiquei responsável para elaborar e renovar as normas diante das demandas, fazer agenda, reuniões periódicas com os coordenadores dos cursos. Ficava mais em uma supervisão e dificilmente lidava com o corpo discente.

Às vezes me perguntavam porque apoiava este programa que era tão criticado internamente, por ter a carga horária menor que a do curso de oferta contínua. Primeiro, entendia que estávamos lidando com professores que já atuavam, tinham toda uma experiência prática e outra razão era que estávamos melhorando a qualidade do ensino para os estudantes da escola pública.

Só para você ter ideia, vou te contar um episódio que lembrei agora. Teve um dia dos professores, eu estava na coordenação geral, fui na sala do curso de biologia dar uma palavrinha com os alunos. Sempre que conto esta história me emociono, e de fato já estou emocionada agora. Tivemos um depoimento muito forte de uma aluna e professora, ela

muitas vezes se deparava com assuntos que não entendia absolutamente nada, não tinha condições de dar aquela aula e ficava buscando no livro algo que compreendia. Fiquei arrepiada quando ela falou isso.

Imagine o sistema em que as pessoas são submetidas a trabalhar? Quando faltava professor para dar aula de uma determinada disciplina, ela que iria, porque não tinha formação específica, era colocada para tapar os buracos, assim como várias outras pessoas que frequentavam o curso.

Diante destas e outras situações, lutei muito para que meus colegas me ajudassem formar estes sujeitos e consegui levar muitos professores da biologia para trabalhar comigo. De qualquer forma, era um programa que me encantava e percebia que com o passar do tempo esses professores apresentavam autonomia e, para mim, não tinha coisa melhor do que ouvir que estavam melhores depois do curso.

Nesse programa, quem perdia em alguma disciplina não voltava mais, só se tivesse outra oferta do mesmo curso, ou poderia mudar para outra área que estivesse sendo ofertada concomitantemente, embora ninguém quisesse, porque era diferente da disciplina que lecionava na escola. Me doía quando alguém tinha que sair, porque perdeu em alguma disciplina, então usei os mesmos critérios da reintegração para que o aluno pudesse retomar às atividades. Algumas pessoas tiveram outra oportunidade para concluir o curso, isso me deixava bastante feliz.

Em 2013 retornei ao colegiado de biologia e fiquei paralelamente na coordenação geral do PAFOR, por dois anos. Foi quando me afastei da coordenação geral em 2015 e passei a coordenar os dois cursos de biologia, tanto de oferta contínua quanto o de formação de professores.

Como tinha alunos de toda a Bahia, o curso passou a ser ofertado com um regime de datas, uma semana por mês na cidade de Lençóis. Era um trabalho exaustivo, chegava fisicamente cansada, mas adorava, minha cabeça ficava no maior descanso do mundo. Para mim foi realmente um presente.

Nós tivemos cinco turmas de biologia, Gizélia Vieira foi coordenadora das duas primeiras; a terceira foi Claudia Elena; Lia Fonseca Miranda a quarta e a quinta turma, única ofertada em Lençóis, foi coordenada por mim. Quando chegava na escola onde era

ofertado o curso, tinha o nome da UEFS com letras garrafais no muro, o maior orgulho daquele povo era dizer que ali tinha universidade.

Não terminei a coordenação do curso, porque em 2017 findei a minha estadia na universidade. Me aposentei! Estava perto de concluir o programa e foi para mim um choque muito grande me afastar, tinha sido informada que continuaria, mas assim que saiu minha aposentadoria fui comunicada pela coordenadora geral que não poderia mais continuar, inclusive recebi a notícia vindo de Lençóis.

Faltava só um mês para terminar o curso, fiz o projeto de reconhecimento, terminei o relatório até onde fiquei. Foi uma experiência transformadora em minha carreira e deixou marcas em mim, sinto saudades eternas dos bons momentos de felicidade onde oportunidades foram dadas aqueles professores para se tornarem melhores profissionais. No fim, fui patrona da turma e a minha foto foi posta no convite. Quando o abri desabei, me deixando extremamente emocionada.

Engajada com esse programa, completei meus trinta anos de trajetória na UEFS e durante todo esse tempo as pessoas me viram como uma líder, acho que tenho um pouco esse perfil, desde a minha vida familiar. Sempre gostei de assumir os cargos de gestão, tenho facilidade de agregar pessoas para trabalharem conjuntamente, mas as vezes isso foi ruim, porque era excluída, afim de não ocupar determinados espaços, mas se deixassem ocuparia.

Tenho a consciência que passei por situações penosas, mas, mesmo diante de toda dificuldade, sei o quanto foi importante ter construído essa trajetória para inspirar e abrir caminhos para outras mulheres. Quanto mais a gente vem conquistando espaço, vai se tornando possível para outras galgarem este lugar, porque servimos de exemplo do que fazer e do que não deve ser feito para mudar a nossa situação.

Lembro que a única mulher que me serviu de modelo na atividade de liderar foi minha mãe, talvez por não ter grandes referências femininas que tenham preenchido este lugar. No trabalho tive Gizélia Vieira como diretora, ver a imagem de uma mulher naquele lugar, me fez acreditar que seria possível estar ali também.

Mas não se engane, estar no poder nos torna ainda mais vulneráveis a preconceitos e críticas, por isso enfrentei tudo com muita força e determinação. Acho que consegui, pois assumi um tipo de liderança que preza o diálogo, todo mundo me achava política no lidar

com os problemas complexos e acredito que fui uma boa líder. Seguiu as normas e os estatutos, além dos processos éticos e morais.

Minha liderança foi comparada com outros gestores, em especial quando estava próximo de eleição para o departamento e colegiado, a gente sempre conversava sobre as gestões e as minhas sempre foram apontadas como uma das melhores. Ouço isso até hoje.

Coloquei uma sensibilidade diferente no cargo, levei beleza e leveza para um espaço que antes não via. Sempre falei baixo, como era muito séria e dura, nem precisa aumentar a voz, mas tiveram algumas ocasiões extremas em que falei mais alto para ser ouvida.

Tiveram alguns momentos, não só no departamento, como fora do curso, em que pessoas não aceitaram a minha liderança, inclusive quando fui convidada para ser assessora da ProGrad. Mas no geral, fui autônoma para tomar decisões, defendi meu ponto de vista e dividi responsabilidades com minha equipe.

Enquanto líder considero que a minha maior contribuição foi para que a universidade crescesse e chegasse onde chegou. Sempre fui pela coletividade, em nenhum momento fui monocrática, consegui chegar onde cheguei conquistando o que acreditava ser melhor para todos, por um percurso democrático e dialógico.

Tiveram funções e cargos que assumi paralelamente. Inicialmente por essa coisa da habilidade para exercer cargos de chefia e, também, porque tive a dificuldade de sair para fazer carreira acadêmica. Encontrei nos cargos de gestão um outro caminho, uma outra via a ser seguida. Além de gostar muito, as duas coisas coincidiram.

Vivia dentro da universidade, arrumei tempo para me dedicar só a isso, desta maneira, ganhei muita experiência e minha visão de mundo ampliou bastante. Conheci cada parte da UEFS, exatamente como funcionava nos campos acadêmicos, legais e não legais também. Via como estas coisas aconteciam, mas sempre me mantive dentro dos princípios morais e no que acreditava.

Com toda essa minha desenvoltura, comecei a ser vista como um perigo, em relação a liderança, e algumas pessoas me viam, inclusive, como uma possível candidata a reitoria. Quando ia em grandes eventos de comissões, lidava com alunos que me faziam bilhetes de agradecimento e diziam que seria uma ótima reitora. Quando entrava nos espaços, as pessoas me cumprimentavam e falavam a mesma coisa. O pessoal da pró-reitoria

comentava que eu ia longe, já que sabia me articular muito bem e interagir com diversos grupos, sem pensar que os argumentos que colocava não tinha como dizer não.

Houve um pequeno movimento para que eu fosse reitora e as coisas começaram a dificultar para mim, pois passaram a me ver como uma possível oponente, até porque já tinha um nome feito e era realmente possível transpor este espaço.

No fundo não almejava essa posição, porque acho que para ocupar um espaço desse teria que ter no mínimo uma visão de mundo muito rica, ser naturalmente uma pessoa com muita sabedoria e não me via nesse nível. Realmente não estava nesse patamar e não me sinto uma pessoa intelectual até hoje.

Se eu realmente quisesse teria me esforçado e me tornaria doutora e isso me garantia concorrer ao cargo com todo direito e dever, como não fiz, não poderia ser. Qualquer universidade é assim, é uma história habitual, todo reitor tem que ser doutor, pois que é um cargo de fim de carreira, então o caminho natural era chegar no título máximo.

Na UEFS não tinha essa exigência regulamentada, não era exigido, inicialmente, o título de doutoramento para assumir a reitoria, mas era necessário ter a classe de titular que poderia ocorrer por progressão interna na universidade. Consegui fazer isso de auxiliar para assistente, mas depois a gente mudou o plano de cargo e salário, aprovando à nova lei do magistério superior, onde a progressão interna deixou de existir. Com isso, conservou as duas coisas, teria que ser das últimas duas classes, titular ou pleno, e ter o título de mestrado e doutorado para ser reitor.

Muita gente falava, vá fazer seu doutorado, você precisa ser reitora desta universidade, o que não me faltou foi estímulo, mas realmente deixei de lado, não quis e terminei me aposentando por alguns motivos.

A universidade é um lugar sagrado, onde se empodera a juventude, favorece a formação crítica, o mundo da verdade está ali, mas vi as pessoas fazendo tantas coisas ruins. A gente deixou de ser uma coletividade para ser individualista e isso cada dia que passa estar piorando, também teve todas as ameaças dos governos federal e estadual que, de uma certa forma, me motivaram solicitar a aposentadoria.

Saí satisfeita da história que construí e carrego comigo um pensamento: “Tem gente que diz que o poder embrutece e torna as pessoas burras”; mas tenho que dizer que o poder

me fez muito bem, fui muito feliz por tudo que conquistei. Só tive que me esforçar o triplo por causa das dificuldades historicamente impostas.

1.3- TIVE FRAGILIDADE NA PRODUÇÃO CIENTÍFICA E NÃO SOU ESSA MULHER COM VÁRIAS PUBLICAÇÕES

Diante das dificuldades que foram sendo colocadas em minha trajetória, a família e a gestão na universidade passaram a ser priorizadas, não sobrando tempo e fôlego para maior dedicação à pesquisa. Como fui avisada, casamento e maternidade atrapalham a vida das mulheres que pretendem seguir carreira acadêmica, já que os filhos exigem muito de nós.

Embora tivesse uma babá muito boa, não tive coragem de me afastar das minhas filhas e deixá-las só, na responsabilidade dela e do pai. Também morria de medo de levá-las comigo e não dar conta de ser mãe e estudar, achava que sofreriam mais que eu por ter uma mãe assim. Temos um histórico que mostra a realidade de muita gente que entra em depressão, vi isso na universidade com minhas colegas, de até ser cortada do mestrado porque surtou durante o processo. Tinha receio disso acontecer comigo.

A sociedade incumbiu a nós mulheres a obrigatoriedade de exercer mais de uma função, isso tenho desde meu pai com minha mãe, até na minha casa hoje. Embora meu marido seja uma pessoa jovem, com ideias um pouco diferenciadas de pai e o lado machista mais fraco, assumi muitas responsabilidades de esposa, dona de casa, mãe e às vezes de funcionária mesmo.

Além disso, tinha que pensar no meu trabalho como gestora e professora, pois nunca me afastei da sala de aula. Tinha direito a redução da carga horária e em algumas ocasiões poderia me ausentar completamente, mas nunca quis, assumi o tempo todo as atividades práticas da disciplina e Glória ficava com a teoria. Quando ocorria reunião ou precisava viajar, ela trabalhava a minha parte, depois o Professor Carlos Augusto Lucas Brandão entrou no curso, quando Glorinha se aposentou, e passou a desenvolver esse mesmo papel.

Só para você ter uma ideia, na minha última função no colegiado dos dois cursos, tanto o de oferta contínua quanto o de formação de professores, cheguei a ter dezesseis horas de sala de aula. Só tinha eu e Brandão responsáveis pela fisiologia, então tive que assumir uma carga horária alta, acho que ele só não daria conta.

Quis continuar lecionando, entretanto isso permitia aproximação com os estudantes. Não queria ficar distante deles e também não escutava o que achavam de bom e de ruim dentro do departamento, com isso ganhava tempo e já corria para ver como a gente poderia trabalhar melhor os problemas.

Quando a pré-matrícula e a matrícula eram presenciais, chamava os quatrocentos estudantes pelo nome, conhecia todos eles. Só perdi esta capacidade quando saí da gestão a nível do curso de ciências biológicas, fui ser assessora na reitoria e passei a ter contato só com pessoal da disciplina que ministrava.

Com a tripla jornada, mal tinha tempo para mim, no máximo ia no salão arrumar o cabelo e fazer unha, fora isso não tinha mais nada, assumindo múltiplas tarefas que exigiam mais que esforço físico, mexiam com meu psicológico.

Nós mulheres somos cobradas, vigiadas e precisamos dar o nosso melhor a todo momento e, diante de tudo que nos é colocado, temos que fazer escolhas e abrir mão de algumas coisas. Sendo mulher, professora e pesquisadora assumimos papéis a depender das nossas prioridades, em detrimento das exigências institucionais e sociais. Algumas, inclusive, abre mão de ser mãe, de cuidar da casa e prioriza a carreira profissional.

A maneira que a sociedade, a própria ciência e a academia são organizadas interferiram diretamente em minha vida e escolhas, muitas vezes não foi perceptível, exatamente porque temos a responsabilidade por uma imposição social. Esta estrutura me prejudicou, porque não pude me dedicar só aos estudos.

No meu caso em especial, foi colocada uma barreira em relação à pesquisa, não tive como ir além, era muita coisa e não suportaria tantas demandas. Além disso, não fui adiante porque tive fragilidade na minha formação de iniciação científica. Depois na UEFS, não tínhamos esse histórico ou uma política de desenvolvimento institucional que fizesse com que tivéssemos uma carreira acadêmica para a produção de ciência, isso foi melhorando com o tempo.

Era raro uma mulher de um tempo atrás com um nível de publicação elevado, hoje isso é um pouco diferente, o fato de serem professoras de pós-graduação é que tem facilitado este processo de publicação de forma mais contínua.

Além das questões que me impendiam de sair para fazer o mestrado, não posso deixar de admitir que era recompensada financeiramente assumindo os cargos de gestão, o estímulo salarial não era um motivo que me impulsionava a fazer a pós-graduação. Também tinha isso a ser pensado.

Hoje me arrependo de não ter dado um jeito, talvez levasse as meninas, porque ia provavelmente com bolsa, tinha meu salário e Pereira poderia ficar sozinho, mas fiz a opção de não me afastar delas. Passei doze anos distante de minhas filhas de segunda a sexta, ia todos os dias para a UEFS, inclusive quando tinha greve porque estava sempre em função de algum nível de gestão e não poderia fechar o ambiente.

Apesar da dificuldade em sair, olhava os editais, via muita coisa voltada para farmacologia, bioquímica, imunologia, mas não queria. Só depois de muito tempo que descobri a pós-graduação em fisiologia animal comparada, quando a gente fez o concurso e o professor Brandão passou, vi que ele era pós-graduado nessa área específica, no Rio Grande do Sul. Desejei muito, mas não fui.

Resolvi fazer algo na própria UEFS. Antes do mestrado, fiz mais uma especialização na área de educação ambiental para a sustentabilidade, como já era especialista, vários colegas me questionaram porque ia fazer uma segunda especialização. Não fiz para ter um título, na verdade queria mesmo era me educar na questão ambiental, me achava falha em algumas coisas, quis me aperfeiçoar como pessoa e professora.

Isso foi em 2001, quando me afastei do colegiado e assumi a assessoria da reitora Anaci Paim. De uma certa forma, tive mais tempo para me dedicar a esse estudo, como coordenadora seria bem mais difícil.

Minha pesquisa foi com os pescadores em Itiuba, voltada para a pesca do camarão e fui orientada pelo querido professor José Geraldo, a quem tenho uma admiração profunda e grande amizade, sempre o chamo de meu mestre. Foi um trabalho gostoso com pessoas humildes, a maioria analfabeta, mas de uma sabedoria que ultrapassava muito a minha.

O camarão veio naturalmente da água do rio que deu origem ao açude, era enorme, os pescadores diziam que de tão grande que vinha até pitu. Com o passar do tempo esse camarão passou a chegar na fase adulta pequeno e isso fazia com que perdesse o interesse comercial.

Nossa causa foi estudar, com os pescadores, o impacto no crescimento deste animal naquela localidade e chegamos à conclusão que teve uma pesca excessiva, acarretando um estresse nos camarões e como consequência, ocasionou a maturação ainda pequenos. Mesmo com agravamento do problema, os pescadores encontraram estratégias e passaram a comercializar o produto salgado ou defumado, mantendo a pesca contínua e impossibilitando reverter a situação.

A minha metodologia foi entrevista semiestruturada, trabalhei com quase todos os pescadores que foram aparecendo, só dei fim a amostra quando comecei a obter as mesmas respostas. Ao fazer o cruzamento entre o que eles tinham de conhecimento e suas práticas com o que estava registrado na literatura, chegamos à raiz do problema.

Foi cogitado que o peixe tilápia, posteriormente introduzido no ambiente, fosse o possível responsável pela redução do crescimento dos espécimes, mas constatamos que ele tinha habito alimentar que não interferia no nicho do camarão.

Depois desta especialização, coloquei na cabeça que iria fazer o mestrado, as minhas filhas estavam maiores, poderia se virar sem mim, mas vou te falar, a pesquisa em fisiologia animal é muito difícil no Nordeste e não queria ir para muito longe. Passei a ver possibilidade de fazer outra coisa dentro da própria UEFS já que havia começado a se desenvolver na oferta de pós-graduação.

A gente tinha o mestrado em saúde coletiva, do departamento de saúde, em botânica e zoologia, que eram dentro da biologia, mas não me encantava por estes cursos. Com um tempo surgiu o mestrado em engenharia civil e ambiental, como tinha interesse pela educação e uma paixão pela Equipe de Educação Ambiental- EEA, da universidade, vi que poderia seguir nessa área, já que não conseguia progredir na fisiologia.

Escolhi a ênfase da engenharia ambiental e quero lhe falar de uma grande frustração que passei. Durante o processo, a minha inscrição foi indeferida por falta de documentação e não pude fazer a seleção. Isso foi em 2007, estava assessora da ProGrad e o reitor que também era professor no curso de engenharia ficou muito chateado porque não apresentei

o histórico escolar da graduação, só o diploma. Isso acarretou um impacto na universidade tão grande que você nem imagina, porque meus ex-alunos passaram e eu não.

Nesta ocasião enfrentei uma questão familiar, minha mãe estava com uma doença neurodegenerativa, Esclerose Lateral, e havia atingido uma situação bastante difícil. Foi um turbilhão de sensação que passei, para sair deste mal-estar demorou tempo, mas tive que ser firme e superar.

Em 2008 tentei a seleção novamente e passei, para mim esse foi um momento de grande felicidade. Não só estava na pós-graduação, mas na própria universidade, sendo aluna de professores que eram companheiros de trabalhos, colega de meu pró-reitor, e de onze ex-alunos regressos do curso de biologia que passaram junto comigo. Um outro grande prazer oriundo desta experiência foi ser orientada por minha colega, Sandra Furian, do departamento de tecnologia e que era da equipe de educação ambiental.

Logo que passei no mestrado, pedi afastamento de qualquer atividade para me dedicar só aos estudos. Normalmente, quando a gente faz pós-graduação na mesma universidade, não tem afastamento, pois a legislação apresenta uma quilometragem entre o local de trabalho e onde você vai estudar. Mas também era exigido que dedicasse exclusivamente ao mestrado, como entedia bem as normas que rege a universidade, usei esse argumento e consegui o afastamento do trabalho.

Isso me ajudou muito, tendo que dedicar mais aos cuidados com minha mãe, seu caso não tinha cura, nem remédio e com isso seu estado de saúde só piorava. Quando chegou no segundo ano do mestrado, ela passou a depender ainda mais de mim, fiquei dividida entre escrever a dissertação e cuidar dela.

Na pesquisa, fiz um projeto para a própria universidade, embora tivéssemos a equipe de educacional ambiental e os trabalhos com resíduos sólidos gerados fossem desde 1990, não tínhamos uma política institucional. Com isso, a minha dissertação foi nessa vertente e propor uma política de gestão de resíduos sólidos para ambientes universitários com enfoque na UEFS.

Fomos a primeira universidade pública no Brasil a trabalhar dentro do próprio campus, não só com a reciclagem do papel, mas de tudo que era gerado na forma de resíduo sólido, com o cunho da reutilização. Busquei com minha dissertação a transversalidade da educação ambiental nesse processo, então desenvolvi uma proposta de política com um

modelo sistemático, envolvendo todas as categorias, perpassando pelo ensino, extensão e pesquisa, tendo como público os alunos, professores e funcionários.

Realizei entrevista semi-estruturada com as três categorias. Escolhi os funcionários da reitoria, onde capitei informações de duas amostras: do corpo técnico, que eram permanentes, e do corpo docente, que assumia cargos eletivo e eram flutuantes. Então, levavam informações para seus departamentos, frequentemente suas salas de aula. Com os estudantes, escolhi os que estavam envolvidos com o movimento estudantil, porque era outro veículo que perpassava por todos os espaços.

Criou-se um caminho espontâneo, quando se convenciam que precisavam mudar em relação a geração de resíduos sólidos, passavam a ter compreensão e uma atitude de amadurecimento para não os produzir de forma inconsciente e abusiva. Com isso, fui construindo uma política que pudesse ajudar a melhorar a dinâmica da geração dos resíduos e que levasse ao entendimento das consequências de não se pensar essa produção exacerbada.

Cheguei à conclusão de que, apesar da gente ser a primeira universidade que pensou sobre a problemática, não fomos a diante, em um dado momento nos perdemos, parecia que nunca tínhamos atuado e pensado nessa questão. Chamava atenção ao fato que o público que ia se renovando constantemente, com a chegada de novos alunos, professores e funcionários, não eram educados para um comportamento consciente do trabalho com os resíduos sólidos. Mesmo tendo os nossos condicionadores, tanto por cor e adesivo, que identificava o que deveria acomodar naquele espaço, não adiantava porque era totalmente desobedecido.

Uma coisa que talvez tenha colaborado para o avanço disso é que só foi pensado ações para a parte externa da universidade, não existia nada a respeito nas salas de aula, nos ambientes de pesquisa e outros espaços acadêmicos. No final defini as atribuições como cada setor poderia contribuir para o fortalecimento de uma política eficaz e que envolvesse toda a comunidade.

Quando terminei o mestrado, não continuei a produção de pesquisa, nem artigo publique com os resultados da dissertação e o doutorado não foi possível realizar. Estava quase no fim de minha carreira na universidade e acabei retornando para o que desenvolvi a vida toda até me aposentar, os cargos de função.

A minha vida na universidade não foi planejada, tudo meu foi acontecendo, pois era algo que achava que deveria contribuir ou porque era completamente novo e um desafio, então eu ia e fazia. Nunca tive nenhuma interferência de ninguém que dissesse, você vai fazer tal projeto para dar tal resultado, acho que todo mundo respeitava a minha autonomia de pensamento. Sei que foram dias longos e difíceis, me estressei, briguei, mas me pergunto se teve alguém mais feliz que eu na UEFS. Fiz de tudo e cada ação valeu muito a pena e vivi uma história bonita de ser contada.